



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

GRACIELLI FABRES DE ARAÚJO

**A VARIAÇÃO LEXICAL PARA *MENSTRUAÇÃO* E *ENTRAR NA MENOPAUSA*
NOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DA REGIÃO NORDESTE DO
BRASIL**

**SALVADOR/BA
2023**

GRACIELLI FABRES DE ARAÚJO

**A VARIÇÃO LEXICAL PARA *MENSTRUÇÃO* E *ENTRAR NA MENOPAUSA*
NOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DA REGIÃO NORDESTE DO
BRASIL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Língua e Cultura.
Orientadora: Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim

**SALVADOR/BA
2023**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Fabres, Gracielli

A variação lexical para menstruação e entrar na
menopausa nos dados do Projeto Atlas Linguístico da
Região Nordeste do Brasil / Gracielli Fabres. --
Salvador, 2023.
308 f.

Orientador: Prof. Dra. Marcela Moura Torres Paim.
Tese (Doutorado - Pós Graduação em Língua e Cultura) -
- Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal
da Bahia - UFBA, 2023.

1. Dialetoлогия. 2. Lexicologia. 3. Fraseologia.
4. Projeto ALiB. 5. Brasil. I. Paim, Prof. Dra.
Marcela Moura Torres. II. Título.

GRACIELLI FABRES DE ARAUJO

**A VARIAÇÃO LEXICAL PARA *MENSTRUÇÃO* E *ENTRAR NA MENOPAUSA*
NOS DADOS DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DA REGIÃO NORDESTE DO
BRASIL**

A Banca Examinadora abaixo-assinada, aprova a Tese apresentada como parte para requisitos para obtenção do título de Doutora em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Área de Concentração: Sociolinguística e Dialetologia.

Aprovada em: 05 de julho de 2023

Banca examinadora

Profa. Dra. Laura Camila Braz de Almeida – examinadora externa – UFS

Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida – examinadora externa – UEFS

Prof. Dr. Gredson dos Santos – examinador interno – UFBA

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim – examinadora interna – UFBA

Profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro – examinadora interna – UFBA

AGRADECIMENTOS

Agradecer, em primeiro momento, a DEUS por tudo, mas tudo mesmo. Pela força que Ele me deu nas minhas orações, nos meus pedidos. Pela mão que sempre me foi erguida. Obrigada, Senhor.

À minha orientadora Marcela Paim por todo apoio, acolhimento e pela calorosa orientação. Agradecimento por todo processo.

Ao Projeto ALiB, espaço que me trouxe tantas alegrias, conhecimentos, crescimento na caminhada acadêmica. Obrigada ao ALiB por realizar meu sonho.

Em especial à professora Suzana Cardoso, eterna com as contribuições. Ela se foi, porém deixa seu legado em cada linha da escrita na tese. Deixa sua maneira de viver como exemplo para todos nós.

À professora Jacyra Mota por toda colaboração e ajuda. Pelo carinho jamais esquecido na sala do Projeto, em um dos seus almoços, com todas suas orientações.

À eterna professora Ana Regina Teles que muito me fez falta com as cartas linguísticas, porém seu carinho e ajuda ficaram no meu coração.

À professora Silvana Ribeiro que teve uma grande contribuição para o andamento e a conclusão da tese. Eterno agradecimento por estar na minha banca de qualificação e na defesa. Agradecimento carinhoso.

À professora Norma Lucia Fernandes de Almeida por todo aprendizado durante muito tempo da minha vida. Tê-la comigo, neste momento, é glorioso tanto na qualificação como na defesa. Obrigada por tudo, pró Norma.

À professora Laura Camila Braz pelo carinho de estar na minha banca.

Ao professor Gredson dos Santos pela participação neste momento especial.

Ao meu eterno companheiro Henrique Tosta por todas as manhãs, tardes, noites com seu apoio incondicional. Sem você, tudo seria mais difícil.

À minha mãe Dinalva Fabres. Esta vitória é a prova de que Deus existe.

*Seja realista
Acredite em milagres
Guimarães Rosa*

RESUMO

A pesquisa fundamenta-se na Dialectologia e na Geolinguística Pluridimensional, com o objetivo de investigar, sob a perspectiva da variação diatópica, a realidade linguística nas 78 localidades da Região Nordeste do Brasil de acordo com os dados delimitados pelo Projeto ALiB referentes à área temática *ciclos da vida*. A tese se mostra de natureza descritiva-interpretativa, definindo o estudo a partir da pesquisa fomentada por duas questões 121 e 122 do Questionário Semântico Lexical *ciclos da vida* do Projeto ALiB: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?” e “Numa certa idade acaba a/o _____ (Cf. item 121). Quando isso acontece se diz que a mulher _____.” A partir dessas duas perguntas, são coletados registros para compor um acervo lexical das variantes relacionadas à *menstruação* e *entrar na menopausa*. Além disso, a pesquisa inclui a análise de dicionários como *Moraes Silva* (1789), *Houaiss* (2009) e *Aulete* (2014), a fim de explorar as unidades lexicais descritas na amostra. O *corpus* da pesquisa é referente ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil, tendo um total de 348 inquéritos linguísticos. Os informantes fazem parte de duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), sendo de ambos os sexos e tendo dois graus de escolaridade (fundamental incompleto e universitário completo), no interior e nas capitais, para a produção da pesquisa. A escolha pela área geográfica se dá pela Região Nordeste do Brasil, tendo um total de nove Estados estudados e composto por 78 localidades. Os resultados obtidos são apresentados em tabelas, gráficos e também nas cartas linguísticas, revelando a variação geográfica das unidades lexicais mais produtivas relacionadas às duas questões abordadas. O método cartográfico estabelecido pela Geolinguística é empregado para otimizar a visualização e a interpretação dos dados. A pesquisa destaca, de maneira relevante, as variantes encontradas na Região Nordeste, incluindo unidades como *menstruação*, *boi*, *regra*, *bode*, *estar de boi*, *estar menstruada*, *estar de bode*, *menopausa*, *amarrar o facão*, *virar homem*.

Palavras-Chave: Dialectologia; Lexicologia; Fraseologia; Projeto ALiB; Brasil.

RESUMEN

La investigación se fundamenta en la Dialectología y la Geolingüística Pluridimensional, con el objetivo de investigar, desde la perspectiva de la variación diatópica, la realidad lingüística en las 78 localidades de la Región Nordeste de Brasil de acuerdo con los datos delimitados por el Proyecto ALiB en relación a la temática de los *ciclos de vida*. La tesis se presenta como de naturaleza descriptiva-interpretativa, definiendo el estudio a partir de la investigación impulsada por dos preguntas, 121 y 122, del Cuestionario Semántico Lexical de los *ciclos de vida* del Proyecto ALiB: *Las mujeres pierden sangre todos los meses. ¿Cómo se llama eso?* y *A cierta edad, termina la/o _____* (Cf. ítem 121). *Cuando esto ocurre, se dice que la mujer _____*. A partir de estas dos preguntas, se recopilan registros para componer un acervo léxico de las variantes relacionadas con la menstruación y la entrada en la menopausia. Además, la investigación incluye el análisis de diccionarios como *Moraes Silva (1789)*, *Houaiss (2009)* y *Aulete (2014)*, con el fin de explorar las unidades lexicales descritas en la muestra. El *corpus* de la investigación se refiere al Proyecto Atlas Lingüístico de Brasil, que consta de un total de 348 encuestas lingüísticas. Los informantes pertenecen a dos grupos de edad (18 a 30 años y 50 a 65 años), son de ambos sexos y tienen dos niveles de educación (incompleta la educación básica y educación universitaria completa), tanto en áreas del interior como en las capitales, para la producción de la investigación. La elección del área geográfica se centra en la Región Nordeste de Brasil, que incluye un total de nueve Estados estudiados y está compuesta por 78 localidades. Los resultados obtenidos se presentan en tablas, gráficos y también en mapas lingüísticos, mostrando la variación geográfica de las unidades lexicales más productivas relacionadas con las dos cuestiones abordadas. El método cartográfico establecido por la Geolingüística se emplea para optimizar la visualización e interpretación de los datos. La investigación destaca de manera relevante las variantes encontradas en la Región Nordeste, incluyendo unidades, como *menstruação, boi, regra, bode, estar de boi, estar menstruada, estar de bode, menopausa, amarrar o facão, virar homem*.

Palabras-Clave: Dialectología; Lexicología; Fraseología; Proyecto ALiB; Brasil.

LISTA DE CARTAS

| | | |
|-----------|--|-----|
| Carta I | Questão 121: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? | 215 |
| Carta II | Questão 121 Fraseologismo: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? | 222 |
| Carta III | Questão 122: Numa certa idade acaba a/o_____. (cf. item 121). Quando isso acontece se diz que a mulher_____. | 248 |

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-----------|---|-----|
| Figura 1 | Fases da Dialetologia no Brasil, conforme Teles (2018) | 46 |
| Figura 2 | Carta V Carta Brasil Rede de Pontos | 83 |
| Figura 3 | Carta VII Carta do Atlas Linguístico do Brasil – Rede de Pontos do Nordeste | 103 |
| Figura 4 | Mapa Juazeiro-BA | 105 |
| Figura 5 | Mapa Jeremoabo-BA | 105 |
| Figura 6 | Mapa Euclides da Cunha-BA | 106 |
| Figura 7 | Mapa Barra-BA | 106 |
| Figura 8 | Mapa Irecê-BA | 107 |
| Figura 9 | Mapa Jacobina-BA | 107 |
| Figura 10 | Mapa Barreiras-BA | 108 |
| Figura 11 | Mapa Alagoinhas-BA | 108 |
| Figura 12 | Mapa Seabra-BA | 109 |
| Figura 13 | Mapa Itaberaba-BA | 109 |
| Figura 14 | Mapa Santo Amaro-BA | 110 |
| Figura 15 | Mapa Santana-BA | 110 |
| Figura 16 | Mapa Salvador-BA | 111 |
| Figura 17 | Mapa Valença-BA | 111 |
| Figura 18 | Mapa Jequié-BA | 112 |
| Figura 19 | Mapa Caetité-BA | 112 |
| Figura 20 | Mapa Carinhanha-BA | 113 |
| Figura 21 | Mapa Vitória da Conquista-BA | 113 |
| Figura 22 | Mapa Ilhéus-BA | 114 |
| Figura 23 | Mapa Itapetinga-BA | 114 |

| | | |
|-----------|-----------------------------|-----|
| Figura 24 | Mapa Santa Cruz Cabralia-BA | 115 |
| Figura 25 | Mapa Caravelas-BA | 115 |
| Figura 26 | Mapa Propriá-SE | 116 |
| Figura 27 | Mapa Aracaju-SE | 117 |
| Figura 28 | Mapa Estância-SE | 117 |
| Figura 29 | Mapa União dos Palmares-AL | 119 |
| Figura 30 | Mapa Arapiraca-AL | 120 |
| Figura 31 | Mapa Maceió-AL | 121 |
| Figura 32 | Mapa Exu-PE | 122 |
| Figura 33 | Mapa Salgueiro-PE | 122 |
| Figura 34 | Mapa Limoeiro-PE | 123 |
| Figura 35 | Mapa Olinda-PE | 123 |
| Figura 36 | Mapa Afrânio-PE | 124 |
| Figura 37 | Mapa Cabrobó-PE | 124 |
| Figura 38 | Mapa Arcoverde-PE | 125 |
| Figura 39 | Mapa Caruaru-PE | 125 |
| Figura 40 | Mapa Recife-PE | 126 |
| Figura 41 | Mapa Floresta-PE | 126 |
| Figura 42 | Mapa Garanhuns-PE | 127 |
| Figura 43 | Mapa Petrolina-PE | 127 |
| Figura 44 | Mapa Cuité-PB | 129 |
| Figura 45 | Mapa Cajazeiras-PB | 129 |
| Figura 46 | Mapa Itaporanga-PB | 130 |
| Figura 47 | Mapa Patos-PB | 130 |

| | | |
|-----------|---------------------------|-----|
| Figura 48 | Mapa Campina Grande-PB | 131 |
| Figura 49 | Mapa João Pessoa-PB | 131 |
| Figura 50 | Mapa Mossoró-RN | 133 |
| Figura 51 | Mapa Angicos-RN | 134 |
| Figura 52 | Mapa Natal-RN | 134 |
| Figura 53 | Mapa Pau dos Ferros-RN | 134 |
| Figura 54 | Mapa Caicó-RN | 135 |
| Figura 55 | Mapa Camocim-CE | 136 |
| Figura 56 | Mapa Sobral-CE | 137 |
| Figura 57 | Mapa Fortaleza-CE | 137 |
| Figura 58 | Mapa Ipu-CE | 138 |
| Figura 59 | Mapa Canindé-CE | 138 |
| Figura 60 | Mapa Crateús-CE | 139 |
| Figura 61 | Mapa Quixeramobim-CE | 139 |
| Figura 62 | Mapa Russas-CE | 139 |
| Figura 63 | Mapa Limoeiro do Norte-CE | 140 |
| Figura 64 | Mapa Tauá-CE | 140 |
| Figura 65 | Mapa Iguatu-CE | 141 |
| Figura 66 | Mapa Crato-CE | 141 |
| Figura 67 | Mapa Teresina-PI | 142 |
| Figura 68 | Mapa Piripiri-PI | 143 |
| Figura 69 | Mapa Picos-PI | 143 |
| Figura 70 | Mapa Canto do Buriti-PI | 144 |
| Figura 71 | Mapa Corrente-PI | 144 |

| | | |
|-----------|----------------------------|-----|
| Figura 72 | Mapa Turiaçu-MA | 145 |
| Figura 73 | Mapa São Luís-MA | 146 |
| Figura 74 | Mapa Brejo-MA | 146 |
| Figura 75 | Mapa Bacabal-MA | 147 |
| Figura 76 | Mapa Imperatriz-MA | 147 |
| Figura 77 | Mapa Tuntum-MA | 148 |
| Figura 78 | Mapa São João dos Patos-MA | 148 |
| Figura 79 | Mapa Balsas-MA | 149 |
| Figura 80 | Mapa Alto Parnaíba-MA | 149 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|------------|--|-----|
| Gráfico 1 | Variações das estruturas monolexicais para o evento da perda de <i>sangue que as mulheres perdem todos os meses</i> | 183 |
| Gráfico 2 | Percentual dos fraseologismos para o evento da perda de <i>sangue que as mulheres perdem todos os meses</i> | 196 |
| Gráfico 3 | Distribuição percentual das estruturas monolexicais mais produtivas da questão 121 – variável sexo | 206 |
| Gráfico 4 | Distribuição percentual dos fraseologismos mais produtivos da questão 121 - variável sexo | 207 |
| Gráfico 5 | Distribuição percentual das estruturas monolexicais mais produtivas da questão 121 – variável faixa etária | 209 |
| Gráfico 6 | Distribuição percentual dos fraseologismos mais produtivos da questão 121- variável faixa etária | 209 |
| Gráfico 7 | Distribuição percentual das estruturas monolexicais mais produtivas da questão 121 - variável escolaridade | 210 |
| Gráfico 8 | Distribuição percentual dos fraseologismos mais produtivos da questão - 121 variável escolaridade | 211 |
| Gráfico 9 | Ocorrências das estruturas monolexicais para o evento da perda de <i>sangue que as mulheres perdem todos os meses</i> - as localidades | 213 |
| Gráfico 10 | Percentual dos fraseologismos para o evento da perda de <i>sangue que as mulheres perdem todos os meses</i> – as localidades | 220 |
| Gráfico 11 | Percentual dos fraseologismos para designar a fase que se caracteriza pelo final da menstruação <i>numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher _____</i> | 232 |
| Gráfico 12 | Distribuição percentual da estrutura monolexical mais produtiva da questão 122 - variável sexo | 237 |
| Gráfico 13 | Distribuição percentual dos fraseologismos mais produtivos da questão 122- variável sexo | 238 |
| Gráfico 14 | Distribuição percentual da estrutura monolexical mais produtiva da questão 122 - variável faixa etária | 238 |
| Gráfico 15 | Distribuição percentual dos fraseologismos mais produtivos da questão 122- variável faixa etária | 239 |
| Gráfico 16 | Distribuição percentual da estrutura monolexical mais produtiva da questão 122 - variável escolaridade | 240 |
| Gráfico 17 | Distribuição percentual dos fraseologismos mais produtivos da questão 122 - variável escolaridade | 240 |
| Gráfico 18 | Percentual dos fraseologismos com localidades | 246 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|-----------|---|-----|
| Quadro 1 | Cronologia dos trabalhos dialetológicos no século XVIII | 35 |
| Quadro 2 | As três etapas do método da Geolinguística no Brasil | 41 |
| Quadro 3 | Definição fraseologia dicionário eletrônico Houaiss (2009) | 69 |
| Quadro 4 | Definição fraseologia dicionário eletrônico Aurélio (1999) | 70 |
| Quadro 5 | Definição fraseologia Real Academia | 70 |
| Quadro 6 | Perfil dos informantes do Projeto ALiB | 84 |
| Quadro 7 | QSL - Áreas Semânticas | 87 |
| Quadro 8 | Comentários sobre as questões 121 e 122 | 90 |
| Quadro 9 | A estrutura monolexical <i>menstruação</i> em diferentes épocas de acordo com Coutinho (1996) | 94 |
| Quadro 10 | Rede de Pontos da Região Nordeste - ALiB | 98 |
| Quadro 11 | Rede de Pontos do Estado da Bahia - ALiB | 105 |
| Quadro 12 | Rede de Pontos do Estado de Sergipe - ALiB | 116 |
| Quadro 13 | Rede de Pontos do Estado de Alagoas - ALiB | 119 |
| Quadro 14 | Rede de Pontos do Estado de Pernambuco - ALiB | 122 |
| Quadro 15 | Rede de Pontos do Estado da Paraíba - ALiB | 129 |
| Quadro 16 | Rede de Pontos do Estado do Rio Grande do Norte - ALiB | 133 |
| Quadro 17 | Rede de Pontos do Estado do Ceará - ALiB | 136 |
| Quadro 18 | Rede de Pontos do Estado do Piauí - ALiB | 142 |
| Quadro 19 | Rede de Pontos do Estado do Maranhão - ALiB | 145 |
| Quadro 20 | Denominações para o evento da perda de <i>sangue que as mulheres perdem todos os meses</i> nos dicionários (Aulete (2011), Houaiss (2009) e Moraes Silva (1789) | 167 |
| Quadro 21 | Unidades lexicais para o evento da perda de <i>sangue que as mulheres perdem todos os meses</i> - agrupamento | 172 |
| Quadro 22 | Abonações para o evento da perda de <i>sangue que as mulheres perdem todos os meses</i> : <i>Bode</i> | 172 |

| | | |
|-----------|--|-----|
| Quadro 23 | Abonações para o evento da perda de <i>sangue que as mulheres perdem todos os meses: Boi</i> | 173 |
| Quadro 24 | Abonações para o evento da perda de <i>sangue que as mulheres perdem todos os meses: Pacote</i> | 176 |
| Quadro 25 | Abonações para o evento da perda de <i>sangue que as mulheres perdem todos os meses: Regras</i> | 177 |
| Quadro 26 | Abonações para o evento da perda de <i>sangue que as mulheres perdem todos os meses: Menstruação</i> | 179 |
| Quadro 27 | Agrupamento lexical - fraseologismos (<i>menstruação</i>) | 181 |
| Quadro 28 | Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades da Bahia | 216 |
| Quadro 29 | Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades do Sergipe | 216 |
| Quadro 30 | Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades de Alagoas | 216 |
| Quadro 31 | Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades de Pernambuco | 216 |
| Quadro 32 | Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades da Paraíba | 217 |
| Quadro 33 | Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades do Rio Grande do Norte | 217 |
| Quadro 34 | Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades do Ceará | 217 |
| Quadro 35 | Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades do Piauí | 218 |
| Quadro 36 | Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades do Maranhão | 218 |
| Quadro 37 | Fraseologismos questão 121 nas cidades da Bahia | 223 |
| Quadro 38 | Fraseologismos questão 121 nas cidades de Sergipe | 223 |
| Quadro 39 | Fraseologismos questão 121 nas cidades de Alagoas | 223 |
| Quadro 40 | Fraseologismos questão 121 nas cidades de Pernambuco | 224 |
| Quadro 41 | Fraseologismos questão 121 nas cidades da Paraíba | 224 |
| Quadro 42 | Fraseologismos questão 121 nas cidades do Rio Grande do Norte | 224 |
| Quadro 43 | Fraseologismos questão 121 nas cidades do Ceará | 224 |
| Quadro 44 | Fraseologismos questão 121 nas cidades do Piauí | 225 |
| Quadro 45 | Fraseologismos questão 121 nas cidades do Maranhão | 225 |
| Quadro 46 | Variações da estrutura monolexical para o conceito de <i>menopausa</i> em <i>Aulete(2014)</i> , <i>Houaiss(2009)</i> e <i>Moraes</i> | 225 |

| | | |
|-----------|--|-----|
| Quadro 47 | Estrutura monolexical questão 122 nas cidades da Bahia | 242 |
| Quadro 48 | Estrutura monolexical questão 122 nas cidades do Sergipe | 243 |
| Quadro 49 | Estrutura monolexical questão 122 nas cidades de Alagoas | 243 |
| Quadro 50 | Estrutura monolexical questão 122 nas cidades de Pernambuco | 243 |
| Quadro 51 | Estrutura monolexical questão 122 nas cidades da Paraíba | 243 |
| Quadro 52 | Estrutura monolexical questão 122 nas cidades do Rio Grande do Norte | 244 |
| Quadro 53 | Estrutura monolexical questão 122 nas cidades do Ceará | 244 |
| Quadro 54 | Estrutura monolexical questão 122 nas cidades do Piauí | 244 |
| Quadro 55 | Estrutura monolexical questão 122 nas cidades do Maranhão | 244 |
| Quadro 56 | Fraseologismos questão 122 nas cidades da Bahia | 249 |
| Quadro 57 | Fraseologismos questão 122 nas cidades de Sergipe | 249 |
| Quadro 58 | Fraseologismos questão 122 nas cidades de Alagoas | 249 |
| Quadro 59 | Fraseologismos questão 122 nas cidades de Pernambuco | 250 |
| Quadro 60 | Fraseologismos questão 122 nas cidades da Paraíba | 250 |
| Quadro 61 | Fraseologismos questão 122 nas cidades do Rio Grande do Norte | 250 |
| Quadro 62 | Fraseologismos questão 122 nas cidades do Ceará | 250 |
| Quadro 63 | Fraseologismos questão 122 nas cidades do Piauí | 251 |
| Quadro 64 | Fraseologismos questão 122 nas cidades do Maranhão | 251 |

LISTA DE TABELAS

| | | |
|----------|---|-----|
| Tabela 1 | Ocorrências das estruturas monolexicais para o evento da perda de <i>sangue que as mulheres perdem todos os meses</i> | 182 |
| Tabela 2 | Ocorrências dos fraseologismos para o evento da perda de <i>sangue que as mulheres perdem todos os meses</i> | 195 |
| Tabela 3 | Percentual das estruturas monolexicais para o evento da perda de <i>sangue que as mulheres perdem todos os meses</i> - as localidades | 212 |
| Tabela 4 | Percentual dos fraseologismos para o evento da perda de <i>sangue que as mulheres perdem todos os meses</i> - as localidades | 218 |
| Tabela 5 | Ocorrências da estrutura monolexical para designar a fase que caracteriza pelo final da menstruação <i>numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher</i> | 227 |
| Tabela 6 | Ocorrências dos fraseologismos para designar a fase que caracteriza pelo final da menstruação <i>numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher</i> | 232 |
| Tabela 7 | Percentual da estrutura monolexical para designar a fase que se caracteriza pelo final da menstruação para <i>numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher</i> _____as - localidades | 242 |
| Tabela 8 | Percentual dos fraseologismos para designar a fase que se caracteriza pelo final da menstruação <i>numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher</i> _____as - localidades | 245 |

LISTA DE SIGLAS

ALiB - Atlas Linguístico do Brasil

UFBA - Universidade Federal da Bahia

BA - Bahia

SE - Sergipe

AL - Alagoas

PE - Pernambuco

PB - Paraíba

RN - Rio Grande do Norte

CE - Ceará

PI - Piauí

MA - Maranhão

ERA - Dicionário da Real Academia Española

QSL - Questionário Semântico Lexical

QFF - Questionário Fonético Fonológico

QMS - Questionário Morfossintático

PM - Perguntas Metalinguísticas

TDS - Textos de Discursos Semidirigidos

NEIM - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher

REDOR - Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero

IFF - Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 23 |
| 2 | PRESSUPOSTOS TEÓRICOS | 29 |
| 2.1 | DIALETOLOGIA | 29 |
| 2.1.1 | Dialetologia e seu percurso | 36 |
| 2.2 | A DIALETOLOGIA E SEU MÉTODO POR EXCELÊNCIA: A GEOLINGUÍSTICA | 38 |
| 2.2.1 | Estudos Dialetológicos no Brasil | 43 |
| 2.3 | LÉXICO E CULTURA | 47 |
| 2.3.1 | Lexicologia | 50 |
| 2.3.2 | O Contexto das palavras | 55 |
| 2.3.2.1 | Categorização e Estruturação lexical | 56 |
| 2.3.2.2 | Lexia | 57 |
| 2.3.2.3 | Lexema | 58 |
| 2.3.2.4 | Conceitos básicos: vocábulos, léxicos e palavras | 59 |
| 2.3.3 | Fraseologia | 61 |
| 2.3.3.1 | A fraseologia e as intenções de independência | 62 |
| 2.3.3.2 | Fraseologismos: frequência, institucionalização, estabilidade, idiomaticidade, variação. | 63 |
| 2.3.3.3 | O contexto da polilexicalidade | 66 |
| 3 | METODOLOGIA | 77 |
| 3.1 | PROJETO ALIB – O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL | 77 |
| 3.1.1 | Breve Histórico | 79 |
| 3.1.2 | Objetivos | 79 |
| 3.1.3 | Características gerais – metodologia | 81 |
| 3.1.3.1 | Rede de pontos | 82 |

| | | |
|---------|--|-----|
| 3.1.3.2 | Os informantes | 84 |
| 3.1.3.3 | O Questionário Linguístico | 84 |
| 3.2 | O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA | 88 |
| 3.2.1 | QSL – área semântica ciclos da vida | 89 |
| 3.2.2 | A vida no QSL – <i>ciclos da vida</i> | 93 |
| 3.2.3 | Rede de Pontos e área geográfica | 98 |
| 3.2.4 | Os informantes | 150 |
| 3.2.5 | Tratamento dos dados | 150 |
| 3.2.5.1 | Audição e Transcrição dos inquéritos | 150 |
| 3.2.5.2 | Levantamento e organização dos dados | 151 |
| 3.2.5.3 | Pesquisa em dicionários | 152 |
| 3.2.5.4 | Classificação estatística | 153 |
| 3.2.5.5 | Listagem dos fraseologismos dos <i>ciclos da vida</i> | 154 |
| 3.2.5.6 | Tabu linguístico dos <i>ciclos da vida</i> | 155 |
| 3.2.5.7 | Distribuição das variantes sociais dos <i>ciclos da vida</i> | 155 |
| 3.2.5.8 | Cartografia dos dados | 156 |
| 4 | ANÁLISE DE DADOS | 158 |
| 4.1 | MENSTRUACÃO E MENOPAUSA | 158 |
| 4.1.1 | A pesquisa lexicográfica da questão 121 | 166 |
| 4.1.2 | A descrição dos dados da questão 121 | 171 |
| 4.1.3 | Listagem dos Fraseologismos da questão 121 | 184 |
| 4.1.4 | Tabu linguístico da questão 121 | 196 |
| 4.1.5 | Variáveis sociais da questão 121 | 206 |
| 4.1.6 | Cartografia dos dados da questão 121 | 212 |

| | | |
|---------------|---|------------|
| 4.1.7 | A pesquisa lexicográfica da questão 122 | 226 |
| 4.1.8 | A descrição dos dados da questão 122 | 226 |
| 4.1.9 | Listagem dos Fraseologismos da questão 122 | 227 |
| 4.1.10 | Tabu linguístico da questão 122 | 233 |
| 4.1.11 | Variáveis sociais da questão 122 | 237 |
| 4.1.12 | Cartografia dos dados da questão 122 | 241 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 253 |
| | REFERÊNCIAS | 258 |
| | ANEXO | 267 |



1 INTRODUÇÃO

A primeira motivação que se dá para a construção da tese é bastante pessoal. A vontade de estar na UFBA, estudando e construindo esta pesquisa, teve um sentido muito especial no caminho profissional. Com os diversos encontros na instituição UFBA, houve muito aprendizado acerca da Lexicologia e da Fraseologia, dando a certeza da escolha do tema. Fazer parte do Projeto ALiB é uma grande honra e uma grande realização na minha formação profissional, principalmente no percurso com tantas situações que aconteceram juntamente com a pandemia do coronavírus, com início em 2020.

Antes de abordar os passos realizados neste trabalho, é importante enfatizar a relevância da língua como elemento central de toda a pesquisa baseada, nos conhecimentos adquiridos através de leituras e influências pessoais, especialmente no que diz respeito aos dialetos e às unidades lexicais: estruturas monolexicais e estruturas polilexicais, ou seja, fraseologismos.

A língua desempenha um papel fundamental ao longo deste estudo, servindo como alicerce para compreender e explorar as diferentes formas de expressões presentes nas diversas localidades analisadas. Os dialetos regionais, em particular, oferecem uma riqueza de variações linguísticas que contribuem significativamente para o inventário lexical realizado.

Ao mencionar a relação entre língua e contextos socioculturais, é praticamente impossível dissociá-los dos informantes que compõem o *corpus* do Projeto ALiB. Ao longo do trabalho, fica evidente que esses informantes - cuja identidade é protegida com total sigilo, como exigido pela pesquisa - carregam consigo uma história de vida. Nesse contexto, eles se tornam uma janela para compreender as diversas culturas presentes no Brasil, região após região, em conjunto com os fatos linguísticos.

Vale ressaltar a presença da diversidade linguística que se manifesta nas falas de cada informante, o que traz benefícios significativos para o reconhecimento da não discriminação linguística e para a apreciação da variedade de sotaques. Entende-se que estudar os dialetos é muito mais do que apenas entender uma forma de falar em um determinado território. Envolve a compreensão das diferentes formas de cultura e sociedade, possibilitando uma análise abrangente das variações espaciais presentes na linguagem dos indivíduos.

Os dialetos não apenas enriquecem o trabalho com suas unidades lexicais, mas também despertam a imaginação e a sensação de “viajar mentalmente” em cada sotaque, palavra, definição de lugar que permeia o *corpus*, sendo fornecidas a partir das informações dadas pelos informantes. Aborda-se, também, sobre a Lexicologia, segundo Biderman (2001), e a Fraseologia, com a proposta segundo Paim, Sfar, Mejri (2018). Os autores proporcionam valiosas contribuições e fundamentos que enriquecem a pesquisa, apresentando ideias que são abordadas ao longo do texto, especialmente em relação às estruturas monolexicais e às estruturas polilexicais.

Vale destacar, assim, duas ciências - Lexicologia e Fraseologia, segundo Bally (1909) e Corpas Pastor (2017) - independentes que, com a Dialetologia (CARDOSO, 2010), estão de mãos dadas para o reconhecimento de espaços geográficos na pesquisa com a Região Nordeste do Brasil. Decide-se estudar o QSL - Questionário Semântico Lexical *ciclos da vida*. Não apenas formando o interesse de conhecer as questões 121 e 122 que fazem parte dos questionários, mas sim o entendimento social que traz o papel da mulher como ponto importante e suas relações com o dia a dia.

Os conhecimentos acerca da área médica são fundamentais para a contemplação de informações que acrescentam ao trabalho. Ao abordar questões relacionadas aos *ciclos da vida*, é essencial explorar os aspectos da saúde, trazendo à tona as diferentes variantes utilizadas para se referir à *menstruação* e à *menopausa*. Nesse sentido, percebe-se a interação entre a ciência dialetológica e a medicina, que estabelece vínculos e inter-relações entre os aspectos dialetais presentes nesse campo. O objeto de estudo que se passa pela *menstruação* e pela *menopausa* evidenciam consigo, nitidamente, os *tabus*. Os *tabus linguísticos* estão presentes e, ainda, são pouco estudados. A pesquisa faz um papel de análise, respeitando as bases culturais que estão, intrinsecamente, correlacionadas com o tema tabuístico.

A metodologia utilizada é a descritiva-interpretativa, com base quali-quantitativa (RIBEIRO, 2012). No processo metodológico, houve o cuidado com o trabalho de audição dos inquiridos. Mesmo sem o laboratório, pode-se aprofundar o estudo com o total apoio da equipe do Projeto ALiB, o que permite chegar às conclusões. Trabalhar com o Nordeste envolve a importância de levar mais ideias sobre uma região tão rica que, por vezes, é diminuída pela falta de conhecimento. No contexto atual, em 2023, é relevante reconhecer o papel fundamental desempenhado pelas mulheres na sociedade, cujas lutas estão se tornando cada vez mais significantes.

Dessa forma, formula-se a seguinte pergunta: (i) é possível encontrar uma concentração de unidades lexicais em uma região específica, sujeito a análise sob a perspectiva da variação diatópica de acordo com as estruturas monolexicais e as estruturas polilexicais a partir da questão 121 e 122 do QSL – Semântico Lexical *ciclos da vida*?

O trabalho tem como objetivo geral investigar, sob a perspectiva da variação diatópica, a realidade linguística nas 78 localidades da Região Nordeste do Brasil de acordo, com os dados delimitados pelo Projeto ALiB, referentes, à área temática *ciclos da vida*. Além disso, aborda-se os objetivos específicos que constituem parte integrante deste trabalho, a saber:

- (i) Registrar as unidades lexicais adquiridas por meio da aplicação das questões 121 e 122 do Questionário Semântico Lexical do Projeto ALiB;
- (ii) Verificar como as unidades lexicais identificadas na pesquisa estão registradas em dicionários de língua portuguesa;
- (iii) Explorar as variações sociais – sexo, faixa etária e escolaridade –, quando visíveis, presentes nos dados da pesquisa com o *corpus* do Projeto ALiB;
- (iv) Descrever as diferenças espaciais encontradas nas cartas linguísticas, de acordo com áreas geográficas pesquisadas no *corpus* do Projeto ALiB;
- (v) Avaliar as prováveis razões por trás das unidades lexicais identificadas no *corpus* analisado.

Acredita-se que a hipótese inicial de fixidez nas unidades lexicais é sustentada pela evidência nos dados do Projeto ALiB, fornecendo elementos importantes sobre a variação lexical nos dados geolinguísticos das pessoas nascidas nas cidades na Região Nordeste do Brasil. Com isso, a tese divide-se em cinco seções e subseções:

A seção 1 é a Introdução que contextualiza o tema objeto da pesquisa. A seção 2 aborda os Pressupostos Teóricos tendo a Dialectologia, Lexicologia e Fraseologia como caminho teórico que a tese percorre, para fundamentar as ideias e as análises. Nesse percurso, é essencial entender a visão de autores como Sausurre (2006 [1916]), Labov (2008 [1972]), Chambers e Trudgill (1980) e Cardoso (2010). Também demonstra a Dialectologia e seu método de excelência: a Geolinguística.

Nesta etapa, a tese aborda o reconhecimento da análise dos dialetos, mostrando a consolidação do método no século XIX. É indispensável destacar o

conhecimento adquirido sobre as variedades regionais, pois isso desempenha um papel importante na tese, especialmente nas escolhas da rede de pontos do Projeto ALiB, que está configurada de acordo com a distribuição de 78 localidades na Região Nordeste do Brasil.

No decorrer da seção, aborda-se a questão do Léxico e da Cultura, que oferece uma oportunidade relevante para a discussão desse tema. Nesse contexto, é importante explorar a relação entre o léxico de uma língua e a cultura associada a ela. A Lexicologia é mencionada de acordo com o cunho social, ou seja, estudar léxico é, sim, estudar as possibilidades de conhecer a base social, histórica e cultural de um povo.

Ao referir-se ao contexto das palavras, aborda-se a categorização lexical, a análise da palavra e a estruturação de formação do léxico, englobando um conjunto de elementos que ressalta a importância da Lexicologia no estudo de conceitos básicos, como os vocábulos, léxicos e as palavras.

A Fraseologia é vista como disciplina independente, sendo uma ciência que instiga cada vez mais o interesse dos linguistas, principalmente pelo fato dos elementos fraseológicos estarem presentes na fala e na competência comunicativa dos falantes. Corpas Pastor (1996), por exemplo, muda a Fraseologia de dependente da Lexicologia para uma disciplina independente.

Nessa perspectiva, os fraseologismos são percebidos nos contextos de frequência, institucionalização, estabilidade, idiomaticidade e variação. Constatam-se a abordagem da polilexicalidade dos fraseologismos, orientando-se pela colaboração da Dialetoлогия e da Lexicologia, juntamente com o *corpus* do Projeto ALiB.

A seção 3 define a Metodologia do trabalho, que tem como objetivo descrever o andamento os passos dados para a pesquisa. Segue-se o caminho da escolha dos informantes, das localidades para o estudo, as questões do questionário e as bases para análise de dados. A metodologia circunscreve-se na base qualiquantitativa.

A seção também destaca a relevância sobre a Projeto ALiB na pesquisa. Com o *corpus* do Projeto, observa-se a força da Língua Portuguesa para diversos entendimentos acerca de base histórica, como as influências. Pode-se, assim, documentar os registros encontrados na fala dos informantes, mostrando a diversidade linguística.

A seção continua com o breve histórico do Projeto ALiB - UFBA, os objetivos do Projeto, corroborando efetivamente para o andamento da tese e, as características

gerais da metodologia, fundamentadas em Cardoso (2010) e Ribeiro (2012). Aborda-se a rede de pontos escolhida para compor o trabalho, seguindo com a Região Nordeste do Brasil – as cidades do interior e suas capitais, contabilizando nove Estados; descreve os informantes e define o questionário linguístico utilizado.

O *Corpus* da pesquisa pertence ao Questionário Semântico Lexical, referente a *ciclos da vida*, coletado em 78 localidades da Região Nordeste para o andamento do trabalho. Dessa forma, entende-se o QSL *ciclos da vida* a partir das questões 121 e 122 que demonstram fases da mulher, a saber, o ciclo menstrual. Mostra-se a rede de pontos específica para o estudo com a Região Nordeste, que aborda a área geográfica, um pouco da sócio-história de cada cidade, os Estados nordestinos e os informantes.

O tratamento dos dados mostra as etapas para obtenção dos resultados, como o trabalho de audição, a transcrição e a formação do *corpus* a partir do QSL 121 e 122 – *ciclos da vida*. A partir disso, tem-se a pesquisa feita com os dicionários escolhidos para o trabalho, *Moraes Silva* (1789), *Houaiss* (2009) e *Aulete* (2014), contendo a classificação estatística, a listagem dos fraseologismos, o *tabu linguístico*, a distribuição das variáveis sociais e a cartografia dos dados.

A seção 4 dedica-se ao reconhecimento da análise de dados com as perguntas da questão 121 e 122 do QSL – *ciclos da vida*, que foram encontradas as estruturas monolexicais e as estruturas polilexicais, sendo os fraseologismos na tese. As unidades lexicais sinalizadas fazem parte das variantes utilizadas para designar os referentes de *menstruação e menopausa*, com resultados de dados linguísticos, estatísticos, estruturais e sociais, pois a pesquisa envolve as contribuições sobre essas etapas da vida da mulher, contendo aporte científico e de cunho social.

A pesquisa lexicográfica é registrada de acordo com as questões 121 e 122, dando referência à descrição dos dados da pesquisa. A listagem dos fraseologismos é feita de acordo com a metodologia de Paim, Sfar, Mejri (2018) e a contribuição lexicográfica de Costa (2018), que circunscreve-se, esclarecendo um pouco sobre o *tabu linguístico*, a definição das variáveis sociais encontradas na pesquisa e abarca a cartografia dos dados. E, por fim, a seção 5, as considerações finais, com as conclusões relevantes dos dados da pesquisa, seguida das referências e anexos.



Faça por você e pra você

Gracielli Fabres

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, disserta-se sobre as fundamentações teóricas que servem de base para o presente trabalho. Inicialmente, apresentam-se o conceito de Dialetologia, seu percurso, seu método por excelência, bem como reflexões sobre os estudos dialetológicos no Brasil. Em seguida, abordam-se aspectos teóricos concernentes ao Léxico e Cultura, à Lexicologia e à Fraseologia.¹

2.1 DIALETOLOGIA

A Dialetologia é uma área de estudos linguísticos que se dedica à investigação da diversidade linguística, com foco na língua falada. Dessa forma, ela descreve os usos linguísticos a partir dos diferentes modos de uma mesma unidade lexical, tendo em consideração o contexto geográfico em que a variação linguística se manifesta, a saber: *estar de boi ou estar de bode* para mencionar *menstruação*, assim como *amarrar o facão, virar homem* para se referir à *menopausa*.

Assim como a Sociolinguística, seu objetivo principal é compreender as variações linguísticas presentes nas diferentes regiões e grupos sociais. Para Cardoso (2016, p. 13), o estudo dialetológico “Define-se como ramo da Linguística que se ocupa da identificação e descrição dos diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados.”

Nesse contexto, na Dialetologia, alguns conceitos desempenham um papel fundamental. Não se trata apenas da definição de dialetos, mas também da compreensão dos termos relacionados, como língua, fala e isoglossas. Nos estudos dentro do campo da Dialetologia, enfatiza-se a importância de dominar conceitos básicos no âmbito da Linguística.

Ao estudar a Dialetologia, compreende-se os conceitos fundamentais que a sustentam, tais como língua, fala, dialeto e isoglossas. Esses elementos estão interligados, formando a base essencial da disciplina. Sabe-se da importância, ao perceber esses pontos, visto que os mesmos desempenham um papel com relevância na pesquisa e na construção teórica do tema.

¹ As imagens utilizadas em cada seção, da tese, foram retiradas do programa de busca por imagem de acordo com tema. Neste caso, o tema buscado foi: mulheres, menstruação, vida.

A visão de autores, como: Chambers e Trudgill (1994), Ferreira e Cardoso (1994), Mota e Cardoso (2006), Saussure (2006 [1916]), Labov (2008 [1972]) e Cardoso (2010) estabelecem a língua não apenas como um instrumento social, mas uma integração entre o sujeito e o indivíduo, dando um caráter ativo. A língua, como um instrumento social, reflete grupos sociais, definindo-se como heterogênea.

É compreendida como um conjunto de variedades, sendo objeto de estudo de disciplinas como a Dialectologia e a Sociolinguística. Conforme Ferreira e Cardoso (1994, p.11) mencionam, falar de língua “é operar uma abstração e uma generalização consideráveis uma vez que sob essa denominação de língua há uma gama de variações, consequência direta da diversidade dos seus usuários”.

Para Saussure (2006 [1916], p. 33), a língua é o “produto social depositado no cérebro de cada um, isto é, a língua. Mas tal produto difere de acordo com os grupos linguísticos: o que nos é dado são as línguas.” A língua é, portanto, uma instituição social e específica. Para Labov (2008, [1972]), o que garante o funcionamento de uma determinada língua é a sua heterogeneidade, sendo este um aspecto inerente à língua. A mesma é entendida como um sistema.

Além disso, para esse contexto do estudo, Saussure (2006 [1916]) distingue a fala da língua. A fala é entendida como uma análise individual, podendo variar de acordo com cada sujeito de fala. Já a língua é a compreensão a partir das estruturas e padrões linguísticos presentes em todas as línguas humanas.

Com isso, Saussure (2006 [1916]) reconhece a fala como “um ato individual de vontade e de inteligência”. “[...] É o lado executivo [da linguagem] fica, pois, fora de causa, porque a execução não é jamais o fato da massa; ela é individual e o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos de fala.” [...]. “A Língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação.” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 21-22).

Ao estudar sobre a Dialectologia e os dialetos, aprende-se que é fundamental adquirir conhecimento sobre os três tipos de diferenças internas que são denominadas de forma geral como diatópicas, diastráticas e diafásicas. As diatópicas equivalem ao espaço geográfico; as diastráticas equivalem aos contrastes ou semelhanças linguísticas sócio-culturais presentes em uma comunidade e as diafásicas equivalem ao ato de fala, tendo modalidade expressiva e de estilos distintos. Se junta, também, a predominância da análise de faixa etária, foco da variação diageracional.

Ferreira e Cardoso (1994) definem as três diferenças que correspondem a três tipos de subsistemas: sintópicos, sinstráticos e sinfásicos. Sintópicos são identificados como dialetos, por exemplo, entendem-se os dialetos: nordestinos, o dialeto dos Açores, o dialeto de Fortaleza. Sinstráticos são os de âmbito social, por exemplo, a linguagem culta, a da classe média, a popular. Sinfásicos fazem um enlace ao estilo da língua, envolvendo o formal e o informal.

É comprovado que os falantes de uma língua têm características linguísticas diferentes de acordo com a região que o indivíduo reside. O entorno das diferenças sociais e a diversidade da comunicação deixa com evidência “a complexidade de um sistema linguístico e toda a variação nela contida. Desse modo, chegar-se-á mais pelo conceito de dialeto, um subsistema inserido nesse sistema abstrato que é a própria língua.” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.12).

Com a evolução da prática metodológica - com os atlas linguísticos - é possível apresentar, de uma forma mais clara, os dados linguísticos em uma determinada área geográfica, concluindo dados verídicos de um fenômeno. Para com isso, traçar isoglossas, possibilitando uma investigação mais assertiva e, também, a formulação de hipóteses acerca de cada realidade do espaço geográfico.

Mediante o exposto, Chambers e Trudgill (1980) definem isoglossas como uma linha desenhada em um determinado espaço, determinada região, tendo como objetivo separar duas áreas, comprovando as frequências do uso ou das variantes linguísticas. Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p.12-13), isoglossa pode ser definida como “uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas.”

As conhecidas isoglossas são definidas por duas maneiras:

- (i) Tipo de fenômeno.
- (ii) Natureza dos fatos linguísticos.

Os tipos de isoglossas relacionadas ao tipo de fenômenos são: isoglossas diatópicas (contraste e semelhança no espaço geográfico); isoglossas diastráticas (diferenças e semelhanças na base sociocultural); isoglossas diafásicas (diferença de estilo). As relacionadas à natureza dos fatos linguísticos são: isoléxicas (lexicais); isófonas (fônicas); isossintagmáticas (sintáticas). (FERREIRA; CARDOSO, 1994)

A definição de dialeto adquire uma abrangência quando se leva em consideração as isoglossas. Ao explorar esse aspecto, compreende-se a diversidade e a complexidade das variações linguísticas. Um grupo de isoglossas em uma comunidade linguística específica contribui para uma certa homogeneidade. Portanto, o conhecimento dessas relações entre dialeto e isoglossas é fundamental para uma compreensão mais completa. Ferreira e Cardoso (1994, p. 16) definem que a “essa relativa homogeneidade, demonstrada pelo conjunto das isoglossas, leva ao entendimento de que não existem limites rígidos entre as línguas, uma vez que toda língua histórica é constituída por um conjunto de dialetos”.

Nesse contexto, é preciso destacar que, ao final do século XIX, os princípios metodológicos se cristalizaram na abordagem da Dialectologia Tradicional ou Monodimensional. Seu propósito era a descrição e análise dos dialetos, com foco na variação geográfica – uma combinação do espaço geográfico com as variações linguísticas. O uso do falar regional, marcado por particularidades específicas de cada região, enraizadas nas práticas linguísticas dos diferentes grupos culturais, contribui de forma coerente para o entendimento do conceito de dialeto.

Cardoso (2016, p.16) menciona que

Essa diversidade de usos concretizada, harmonicamente, em grupos de falantes, configura os diferentes dialetos de que se reveste uma determinada língua. Os dialetos se distribuem geograficamente, assinalando as diferenças espaciais que podem ser detectadas, constituindo, assim, a diatopia da língua. O dialeto gaúcho, o dialeto sergipano, o dialeto amazonense são, entre outras, maneiras de identificar os traços que marcam o uso da língua portuguesa em cada uma dessas áreas. (CARDOSO, 2016, p.16).

É notável, por vezes, a complexidade que a Linguística encontra ao tentar delinear a definição de dialetos no contexto da língua. Isso ocorre devido à necessidade de considerar tanto elementos linguísticos quanto extralinguísticos. No entanto, existe um consenso geral de que os dialetos refletem influências extralinguísticas e apresentam uma ampla diversidade interna dentro da língua. Nessa circunstância, a pesquisa desempenha um papel relevante ao estabelecer uma relação entre dialetos e isoglossas, ou seja, as principais abordagens que fundamentam a construção deste estudo.

As concepções, na pesquisa, mencionadas sobre a língua, a fala, o dialeto, as isoglossas mostram, portanto, uma face de interdependência, reconhecendo que os estudos linguísticos necessitam das complementações desses elementos uns com os

outros. Estudar a língua envolve a compreensão da fala, levando em consideração o reconhecimento individual e os fenômenos linguísticos gerados pelos falantes em seu contexto comunicativo.

Acrescenta-se, nesse momento, ao trabalho, concepções de estudos sobre a Dialetoologia. Inicia-se pelo entendimento de Coseriu (1982, p.30), mencionando que a Dialetoologia tinha um determinado ponto de estudo, comparando-se ao estudo da Sociolinguística.

A diatopia, diastratia e diafásia, não consideradas como tais pela linguística estrutural, constituem, por outro lado, o objeto próprio da dialetoologia, da "sociolinguística" e da "estilística idiomática". E em relação a essa realidade, a linguística estrutural, de um lado, e a dialetoologia, a sociolinguística e a estilística idiomática, de outro, são disciplinas complementares. (CORSERIU, 1982, p. 30)²

Nessa perspectiva, Silva-Corvalán (1988, p. 8)³ aborda que “A dialetoologia é uma disciplina com larga tradição, com metodologia estabelecida e uma rica e valiosa literatura. É indiscutível que a dialetoologia trouxe contribuição de importância à sociolinguística e à linguística geral”.

Seguindo com a proposta de reconhecimento sobre a Dialetoologia, Câmara Jr. (1994, p. 94 - 95) considera que é “o estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços linguísticos dos dialetos”. Vale ressaltar que o autor apresenta dois pontos para o estudo da Dialetoologia: a geografia linguística e a descrição dos falares. A primeira se consolida com os atlas linguísticos, a partir dos estudos sobre a distribuição geográfica. Já o segundo, concentra-se nos estudos de uma região, compondo gramáticas e glossários, contendo traços de lugares específicos.

Para Chambers e Trudgill (1994, p. 19)⁴, “a Dialetoologia, como é óbvio, é o estudo do dialeto e dos dialetos”. Para os autores a proposta de Cardoso e Ferreira (1994) consolida “que à dialetoologia interessa não apenas a variedade rural, mas também a urbana, podendo-se, então, falar em uma dialetoologia rural e de uma dialetoologia urbana.” (FERREIRA, CARDOSO, 1994, p. 17)

² La diatopía, diastratía y diafásia, no consideradas como tales por la linguística estructural, constituyen, en cambio, el objeto propio de la dialectología, la “sociolinguística”, y la “estilística idiomática”. Y, con respecto a la realidad de éstas, la linguística estructural, por un lado, y la dialectología, la sociolinguística y la linguística idiomática por el otro, son disciplinas complementarias.

³ “La dialetoología es un tema con una larga tradición, con una metodología bien establecida, y una literatura rica y valiosa. Es indiscutible que la dialectología interpuso importante contribución a la linguística general y la sociolinguística.”

⁴ “La Dialetoología, es como obvio, es el estudio del dialecto y de los dialectos.”

Dessa forma, entende-se que a Dialetoologia é a ciência que reconhece, desde cedo, a heterogeneidade da língua, estudando os traços linguísticos, investigando as variações de um determinado linguajar, tanto no nível geográfico, quanto no nível social. Assim, pela abordagem de língua, na Dialetoologia, como recorda Peixoto (2007)

A dialetoologia, por seu caráter descritivo, tem na modalidade falada da língua o seu objeto de pesquisa e na busca de elucidação da variação geográfica e social, a que a fala está sujeita, o norte para os seus estudos, o que evidencia o caráter imprevisível, dinâmico e ilimitado dos caminhos que pretende trilhar (PEIXOTO, 2007, p.37).

Já em 2010, Cardoso afirma que a Dialetoologia é “Um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.” (CARDOSO, 2010, p.15). A autora também destaca que “a Dialetoologia tem, assim, duas diretrizes, dois caminhos, no exame do fenômeno linguístico, que se identificam nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico”. (CARDOSO, 2010, p.26).

Nesse percurso, entende-se que a Dialetoologia é o ramo dos estudos linguísticos relacionado aos dialetos, que são pesquisados de acordo com a tradição ocidental. Há mais de dois mil anos, a afirmação é analisada em consonância com os autores clássicos quando se referiam às variedades do grego como “dialetos”, ou seja, um termo utilizado até hoje em pesquisas e estudos. A tese, por exemplo, estuda o dialeto do Nordeste, destacando as estruturas monolexicais e as estruturas polilexicais - fraseologismos, como: *boi*, *menstruação*, *bode*, *estar de boi*, *estar de bode*, *amarrar o facão*, levando em consideração o QSL - Questionário Semântico Lexical da área de *ciclos da vida* do Projeto ALiB. (COMITÊ NACIONAL, 2001, p.31).

Considerando essa situação, é evidente que somente mais tarde os dialetos passam a ser consistentemente examinados por linguistas. Antes disso, as pesquisas estavam focadas principalmente em questões como a escrita, evolução histórica da linguagem e outros aspectos, com menos ênfase nas variações linguísticas. As nuances das diferentes variantes de uma língua eram pouco compreendidas e, conseqüentemente, recebiam pouca atenção, o que limitava a compreensão dos dialetos, um tema que posteriormente seria incorporado à área linguística da Dialetoologia.

No entanto, nesse mesmo período, já havia diversos trabalhos realizados anteriormente, que datam dos séculos anteriores às investigações dialetais. O pioneiro estudo dialetológico foi realizado por Dante Alighieri, que se dedicou a analisar os dialetos italianos e classificá-los em categorias distintas.

Cardoso (2010, p. 33) afirma que, “No capítulo ‘*Aperçu historique sur le développement de la dialectologie*’, Pop (1950, p. XXIII) reconhece o final do século XVIII como o momento em que os dialetos se tornaram, de maneira constante, objeto da atenção dos linguistas”. Conforme Pop (1950), os trabalhos dialetológicos ganham atenção e interesse e se destacam pelos estudos de pesquisadores do século XVIII, como, por exemplo, o Quadro 1 – Cronologia dos trabalhos dialetológicos a seguir:

Quadro 1 - Cronologia dos trabalhos dialetológicos no século XVIII

| Trabalhos Dialetológicos | |
|---------------------------------|---|
| Suécia – 1726 | O arcebispo Erik Benzelius leva os padres, sob sua jurisdição, a anotar os provincianismos, inaugurando, nesse país, um questionário por correspondência. |
| Em 1749 | O pastor Erik Pontopidan publica a primeira obra de cunho lexicológico, registrando palavras dialetais norueguesas que os dinamarqueses não compreendiam; |
| Em 1769 | O <i>Glossarium Suiogothicum</i> , de J. Ihre, é considerado por Pop (1950, p. XXVIII) como “a obra mais relevante desse período”. |
| Em 1790 | O abade Grégoire empreende, na França, uma “enquête” com a finalidade de conhecer os “patois”. |

Fonte: CARDOSO (2010, p.33), com adaptação.

Ao seguir a trajetória delineada no quadro, entende-se o contínuo desenvolvimento da Dialetologia. É válido destacar a importância do *Atlas Linguistique de la France* e dos estudos correlatos que o enriqueceram, culminando no surgimento da Geografia Linguística. Essa evolução representa a formação da primeira escola dialetológica, solidificando assim a Dialetologia como uma disciplina essencial dentro do campo da Linguística.

Sabe-se que a Dialetologia tem como objetivo detectar e descrever a variação, recorrendo ao método conhecido como a Geografia Linguística, ou sendo

denominada, nos dias atuais, como a Geolinguística.⁵ A técnica consiste em mostrar os dados linguísticos na forma de mapa ou carta cartográfica, que é reconhecida, por elementos espacialmente identificados. Os dados diatópicos ficam em ênfase, mostrando, portanto, o que se usa em cada ponto pesquisado.

Ao estudar a variação lexical, na perspectiva dialetológica, parte-se do pressuposto de que a língua não pode existir sem quem a fale, neste sentido, os falantes, que são os sujeitos do processo de análise lexical presentes na pesquisa. Os indivíduos são os pontos principais dos trabalhos que vinculam os estudos sobre a linguagem.

Dessa forma, entende-se que a Dialetologia aprofunda os estudos sobre os usos que os grupos de determinados lugares fazem da língua, revelando traços linguísticos, vinculados com o léxico, objeto de análise desta tese, bem como com outros níveis da língua.

2.1.1 Dialetologia e o seu percurso

Como exposto na seção anterior, a Dialetologia é, então, a ciência que tem interesse em estudar, na perspectiva dos diferentes níveis de abordagem da língua, os usos de falantes de determinado espaço geográfico, a fim de perceber convergências e divergências, reconhecendo, assim, diferentes áreas dialetais.

A Geolinguística, por sua vez, é o método da Dialetologia que se ocupa de localizar e registrar as variações das línguas. É a aplicação do método que se fundamenta no tripé principal: i) a rede de pontos; ii) os informantes e iii) os questionários, desenvolvido por dialetólogos, que tem por objetivo registrar e comparar os resultados das pesquisas linguísticas em localidades diferentes.

Cardoso (2002) afirma que, hoje, a Geolinguística

[...] deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como gênero, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados areais. (CARDOSO, 2002, p. 14).

⁵ É importante salientar que Geografia Linguística e Geolinguística são métodos da Dialetologia. Na atualidade se usa mais o nome Geolinguística, do que Geografia Linguística.

Nesta perspectiva, a base conceitual dessa pesquisa são os estudos fundamentados nos princípios metodológicos da Geolinguística, coerentes e condizentes com a meta que se persegue durante o processo de produção da tese. A partir da orientação desse ramo da linguística, os atlas linguísticos – principais produtos da Geolinguística – são elaborados a fim de registrar as variedades encontradas em cada localidade pesquisada, por meio da cartografia dos dados linguísticos. Na pesquisa, os dados diatópicos estão relacionados à Região Nordeste, revelando as faces da variação diassexual, diastrática e diageracional, quando considerada a geolinguística pluridimensional.

Nesse contexto, ao investigar o percurso histórico da Dialetoлогия, é pertinente destacar o reconhecimento de trabalhos, como a pesquisa pioneira realizada por George Wenker em 1881. É válido ressaltar que Ferreira e Cardoso (1994) afirmam que o estudo de Wenker possibilita um olhar mais aprofundado sobre a Dialetoлогия, juntamente no crescimento das pesquisas. Outro considerável passo para uma edificação da Dialetoлогия é o *Atlas Linguistique de la France*, de Edmond Edmont e Jules Guillierón, obedecendo, a rigor, a metodologia dialetológica.

A Dialetoлогия engloba múltiplas abordagens ao longo dos processos teórico-metodológicos. Duas fases distintas ganham destaque conforme mencionado por Isquierdo (2008), que divide entre abordagem tradicional e abordagem contemporânea. A pesquisadora adota dois princípios fundamentais em sua análise. A Dialetoлогия Tradicional, de acordo com Isquierdo (2008) concentra-se na coleta de dados em comunidades rurais distantes dos centros urbanos, devido à conservadora natureza do falar rural. Já, a Dialetoлогия Contemporânea: “[...] cada vez mais tende a incluir entre as localidades a serem investigadas também aquelas de povoamento mais recente, com vistas a documentar o grau de influência de processos migratórios na língua falada por um grupo social.” (ISQUERDO, 2008, p.112).

A Dialetoлогия Contemporânea, também, conforme Mota e Cardoso (2006), observa os aspectos sociais como, por exemplo, sexo, faixa etária, escolaridade:

Na geolingüística pluridimensional contemporânea, soma-se ao parâmetro diatópico, prioritário em trabalhos dessa natureza, o interesse por outros tipos de variação, como a diagenérica, a diastrática, a diageracional, entre outras. E, para atender a tal exigência, incluem-se informantes dos dois gêneros, de diferentes estratos sociais e de mais de uma faixa etária, em lugar do tradicional [...]. (MOTA; CARDOSO, 2006, p.22).

Já a Dialectologia Tradicional está consolidada na busca/coleta de dados, meramente em comunidades rurais, não equivalendo ao centro urbano (cidades). Essa forma de coleta pela zona rural é centrada na justificativa que a fala da zona rural tende a ser mais conservadora. A coleção *Amostras da língua falada no semi-árido baiano* das professoras Doutoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro é um exemplar que especifica o estudo sobre acervos de comunidades rurais. (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008).⁶

Na contemporaneidade, a Dialectologia pluridimensional, de acordo com Thun (2005), concentra-se nas conexões espaciais e explora questionamentos como: "Até qual grau social um fenômeno linguístico observado em uma região se estende entre os falantes de um mesmo grupo social?". Os Atlas Pluridimensionais são uma opção metodológica particularmente desafiadora, ou seja, "uma organização inteligente e racional do grande rol de dados coletados" (THUN, 2000, p. 408). Sabe-se que o *Atlas Diatópico y Diastrático del Uruguay – ADDU* é um atlas que está de acordo com a cartografia pluridimensional.

Os estudos da linguagem crescem no século XIX, direcionando a Dialectologia para uma maneira do método específico, a Geografia Linguística. Com isso, tem-se a linha de abordagem e de pesquisas que dão início aos atlas internacionais, saber: o primeiro pequeno atlas da Suécia de H. Fischere, o atlas romeno de G. Weigand, *Atlas Linguístico da França – ALF* (1897 – 1901), coordenado por Jules Gilliéron, *O Atlas Ítalo Suíço – AIS* (1928 – 1940), *Atlas da Córsega* de Gino Bottiglioni (1933 – 1942), *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – ADDU*, cujos responsáveis são Elizaincín e Thun e outros.

Além disso, os atlas de âmbito nacional e regional têm progressivamente realçado as investigações no campo da dialectologia, ganhando crescente destaque e significado em todo o território brasileiro. Dentro desse cenário, a tese encontra um vínculo direto com o Projeto ALiB, e sua base teórica está alicerçada na abordagem da Dialectologia Pluridimensional ou Contemporânea.

2.2 A DIALETOLOGIA E SEU MÉTODO POR EXCELÊNCIA: A GEOLINGUÍSTICA

⁶ A coleção é dividida em quatro volumes: Volume I – Amostras da língua falada na zona rural de Anselino da Fonseca (Piemonte de Diamantina); Volume II – Amostras da língua falada na zona rural de Rio de Contas; Volume III – Amostras da língua falada na zona rural de Feira de Santana (Paraguaçu); Volume IV – Amostras da língua falada na zona rural de Jeremoabo (Nordeste).

A Geolinguística é conhecida como um método essencial da Dialetologia, abordando o estudo para o reconhecimento da análise dos dialetos, consolidando-se a partir do século XIX. O método da Geolinguística (ou geografia linguística) surge, a partir da publicação do *Atlas Linguistique de la France (ALF)* de Jules Gilliéron, em 1902-1910, passa a existir como um marco decisivo da consolidação da Geolinguística como método da Dialetologia, dando ênfase na prevalência da necessidade de conhecer e entender as variedades regionais de uma língua.

Para Coseriu (1965), primeiramente, a Geolinguística é denominada como geografia linguística, como uma expressão que define um método dialetológico e comparativo. Ela mostra, de acordo com os mapas, um número relativamente considerável de variações linguísticas, tais como: lexicais, fonológicas, gramaticais, sendo reveladas a partir da análise de uma rede de pontos de determinado espaço geográfico.

Com isso, entende-se que a pesquisa segue os fundamentos da Dialetologia Pluridimensional, dando ênfase ao método da Geolinguística, conforme algumas etapas:

- (i) Seleção dos pontos para investigação (rede de localidades, base histórica);
- (ii) Seleção do questionário para investigação;
- (iii) Análise do material;
- (iv) Confecção das cartas linguísticas;
- (v) Interpretação de todo material analisado.

Sabe-se que, com a inserção da disciplina Dialetologia, no currículo da *École Pratique des Hautes Études* de Paris, e a produção do *Atlas Linguístico da França*, houve, cada vez mais, a necessidade dos estudos dialetais para um melhor conhecimento da língua de um país.

Coseriu (1965) já entendia o percorrer inovador que a Geolinguística iria trilhar, mesmo entendendo todas as restrições de uma época acerca do método. Contudo, afirma que

[...] Os mapas não refletem todo o falar correspondente de uma dada língua, como já apontava Gilliéron. [...] A variedade “horizontal” que comprova esquematicamente a geografia linguística não é toda a variedade da linguagem: existe também uma variedade vertical, entre “camadas” sociais e

culturais, e no falar do mesmo indivíduo, de acordo com as diferentes situações e os distintos momentos expressivos. (COSERIU, 1965, p. 43)⁷.

Percebe-se que mesmo um mapa linguístico não é capaz de abranger todas as nuances do falar de uma determinada língua. Dessa forma, entende-se que existem distintas formas de variação linguística, levando em consideração, o contexto social e cultural. A variação horizontal se refere às diferenças regionais e a variação vertical envolve os contextos sociais e culturais. Isso possibilita o surgimento de novas perspectivas e fornece apoio para futuras pesquisas.

Já em 1994, Ferreira e Cardoso, com o desenvolvimento de novas pesquisas, põem em relevo quatro pesquisadores que ganharam destaque, a saber:

[...] a geografia lingüística no Brasil não teria encontrado desenvolvimento sem o trabalho relevante e pioneiro dos que com ela se sentiam comprometidos. E dentre esses, quatro nomes merecem destaque especial pelo trabalho realizado e pela contribuição definitiva na implantação dos estudos de geografia lingüística: Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 44).

Assim, a Geografia Linguística, na definição por Chambers e Trudgill (1994, p. 37)⁸, é “uma metodologia - ou mais exatamente - um conjunto de métodos para compilar de um modo sistemático os testemunhos das diferenças dialetais”.

Nesse sentido, já em 2010, Cardoso ressalta que a Geolinguística no Brasil enfrenta desafios significativos em relação à aplicação de pesquisas na área, devido ao tamanho do país e à falta de infraestrutura viária adequada. Como resultado, o início das pesquisas se dá por meio dos atlas regionais. A pesquisa se centra na utilização, do termo atual, a Geolinguística, trazendo ênfase no método que permite o mapeamento de fatos linguísticos em diferentes níveis da língua. Um dos seus produtos são as cartas linguísticas, possibilitando a comparação entre regiões, Estados, cidades em diferentes níveis: fonológico, lexical e morfossintático.

Ferreira (1995) menciona uma abordagem, de forma clara, com as três etapas para o início do método da Geolinguística no Brasil. Para o trabalho, é importante ressaltar essas etapas, como mostra o Quadro 2:

⁷ [...] Los mapas no reflejen todo el hablar correspondiente a una lengua, como ya la señalaba el mismo Gilliéron. [...]. La variedad “horizontal” que comprueba esquemáticamente la geografía lingüística no es toda la variedad del lenguaje: existe también una variedad “vertical”, entre “capas” sociales y culturales, y en el hablar del mismo individuo, según las distintas situaciones y los distintos momentos expresivos.

⁸ “una metodología - o más exactamente - un conjunto de métodos para recopilar de un modo sistemático los testimonios de las diferencias dialectales”

Quadro 2 - As três etapas da consolidação do método da Geolinguística no Brasil

| | |
|-------------|--|
| 1952 | O Centro de Pesquisa Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro [...], determinou “como de finalidade principal a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil”. |
| 1957 | No <i>III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros</i> , em Lisboa, Serafim da Silva Neto e Celso Cunha concluem pela impraticabilidade de um atlas nacional devido à amplitude territorial do país, mas defendem a elaboração dos atlas linguísticos regionais, que consideram essenciais para o conhecimento do português do Brasil. |
| 1958 | Antenor Nascentes, em 1958, então membro da Comissão de Filologia do Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa, publica as <i>Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil</i> , mas entende da dificuldade em elaborá-lo e adota o princípio de que sejam feitos atlas por região. |

Fonte: FERREIRA (1995, p. 256), com adaptações.

A partir desses pontos, Paim (2013) menciona sobre o Atlas Linguístico no Brasil. De acordo com Paim (2013, p. 26):

A ideia do Atlas Linguístico do Brasil foi retomada por ocasião do Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, em novembro de 1996, com a participação de dialetólogos brasileiros e do Diretor do ALiR (*Atlas Linguistique Roman*), Prof. Michel Contini (Genoble). Naquela ocasião foi criado um Comitê Nacional, integrado pelos autores dos cinco atlas linguísticos regionais já publicados e por um representante dos atlas em andamento. São eles: os professores Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA), que preside o Comitê, Jacyra Andrade Mota (UFBA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch, representando os atlas em andamento.

Como expõe Paim (2019, p. 45), no Brasil, até o momento, existem onze atlas regionais publicados: Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (ROSSI, 1963); Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais – EALMG (RIBEIRO, et. al., 1977); Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPB (ARAGÃO; MENEZES, 1984); Atlas Lingüístico de Sergipe – ALS (FERREIRA, et. al., 1987); Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR (AGUILERA, 1994); Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002); Atlas Lingüístico Sonoro do Pará - ALISPA

(RAZKY, 2004); Atlas Lingüístico de Sergipe II – ALS (CARDOSO, 2002); Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007); Atlas Lingüístico do Estado do Ceará (BESSA, 2010) e Atlas Lingüístico do Estado do Amapá (RASKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017).⁹

O Brasil é um país enorme em dimensão geográfica, 8.514.876 quilômetros quadrados, e, mesmo assim, já existe boa parte, que é estudada do ponto de vista da Dialectologia. Observa-se, também, a relevância acerca dos estudos dialetais no Brasil, dando importância as bases históricas, sociais e culturais. Foi na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, que Nelson Rossi (1963) idealizou e coordenou o primeiro atlas lingüístico brasileiro, o *Atlas Prévio dos Falares Baiano – APFB* (1963). O APFB teve como colaboradoras Dinah Maria Isensee e Carlota Ferreira. A respeito do assunto, Isquerdo (2005) menciona os estudos dialetais na Bahia

O pioneirismo dos trabalhos liderados por Rossi, somados à continuidade das pesquisas levadas a efeito por seus discípulos resultou, no âmbito do Brasil, no que se pode chamar de “escola dialectológica da Bahia”, cujos frutos em muito contribuíram para a construção da história dos estudos dialectológicos e geolinguísticos no Brasil. (ISQUERDO, 2005, p. 337).

A Dialectologia, a partir dos primeiros trabalhos que surgiram no Estado e subsequentemente no Brasil, revela os traços distintivos dos falares brasileiros. A disciplina investiga as variantes presentes nos níveis fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático e discursivo, que são determinadas por fatores diastráticos, diageracionais, diatópicos ou diassexuais.

Embora a Geolinguística priorize o estudo na perspectiva diatópica, aos estudos dialetais importa, também, o controle sistemático de variáveis como sexo, faixa etária e escolaridade do informante. Por este viés, caminha o Projeto ALiB, que teve início no ano de 1996, é sediado na Universidade Federal da Bahia e coordenado por um Comitê Nacional¹⁰ que congrega pesquisadores de diferentes instituições brasileiras.

⁹ Contribuição de Romano (2002). Sem dúvida, os trabalhos inaugurais da Geolinguística brasileira foram fundamentais para o que se encontra hoje. O Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI et al., 1963), o Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (RIBEIRO et al., 1977), o Atlas Lingüístico da Paraíba (ARAGÃO; BEZERRA DE MENEZES, 1984), o Atlas Lingüístico de Sergipe (FERREIRA, 1987) e o Atlas Lingüístico do Paraná (AGUILERA, 1994) deram sustentação para início da grande empreitada que é o Projeto Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB em franco desenvolvimento que, por meio dos seus diretores científicos, é a mola propulsora para estudos de natureza dialetal e geolinguística no território nacional. (SILVA; ROMANO, 2022, p. 18)

¹⁰ Atualmente, o Comitê Nacional do Projeto ALiB é constituído pela Diretora Presidente – Jacyra Andrade Mota (UFBA), pela Diretora Executiva – Silvana Soares Costa Ribeiro (UFBA) e pelos Diretores Científicos: Abdelhak Razky (UFPA); Aparecida Negri Isquerdo (UFMS); Conceição Maria de Araújo Ramos (UFMA); Fabiane Cristina Altino (UEL); Felício Wessling Margotti (UFSC); Marcela Moura Torres Paim (UFRPE/UFBA); Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB/UFPA); Marilúcia Barros de Oliveira (UFPA); Regiane Coelho Pereira Reis (UFMS); Valter Romano (UFSC) e Vanderli de Andrade Aguilera (UEL).

Pesquisas nesse âmbito normalmente resultam na construção de atlas linguísticos, como o *Atlas Linguístico do Brasil* – ALiB, um projeto reconhecido nacionalmente. Ele se baseia na fundamentação da Geolinguística Contemporânea, tendo como finalidade a elaboração de um atlas geral linguístico da Língua Portuguesa. A produção pretende descrever a realidade da língua no Brasil, assim como contribuir para o crescimento da comunicação diversificada.

Pretende o ALiB estar inserido entre os atlas mais modernos, os de 2ª e 3ª gerações, no que diz respeito aos estudos interpretativos sobre alguns dos aspectos cartografados e a disposição de recursos que permitam o acesso direto à voz dos informantes, dentre outros (CARDOSO; MOTA, 2012). Esse projeto conta com 250 localidades na sua rede de pontos, em todo o território nacional, e atingiu o número de 1100 informantes entrevistados *in loco*.

Vale ressaltar que, ao trabalhar numa perspectiva da língua enquanto fenômeno social, é preciso ter a compreensão de que ela não é abordada como um fenômeno estático. Conforme apontado por Matoré (1973), a palavra efetivamente surge como produto de uma evolução histórica e funciona como instrumento de compreensão social. Nesse contexto, como já foi anteriormente apontado, por meio da língua é possível discernir como o indivíduo concebe o mundo ao seu redor.

Em resumo, a Geolinguística no Brasil encontra desafios consideráveis devido ao tamanho e à infraestrutura de comunicação do país. Diante dessas circunstâncias, as pesquisas começam a ser conduzidas por meio dos atlas regionais, conforme mencionado por Cardoso em 2010. Essa compreensão é o que se busca, também, com o desenvolvimento desta tese.

2.2.1 Estudos Dialetológicos no Brasil

Nesta seção, observa-se o caminhar da Dialetologia no Brasil - uma resumida contribuição desta pesquisa - com principais obras e autores. A primeira fase dos estudos inicia-se em 1826, com Domingos de Barros, quando publicou sobre o português, na pesquisa de Balbi (1926). Encerrando, em 1920, com a produção do autor Amadeu Amaral, conhecida como o *Dialeto Caipira*.

Em 1920, inicia-se a segunda fase; a mesma termina em 1952, com a publicação do Decreto 30. 643, de 20 de março de 1952. As principais obras dessa fase foram: O *Dialeto Caipira* - do autor Amadeu Amaral - (1976 [1920]) apresenta o

resultado de estudo sobre o *dialeto caipira* observado no Brasil, mais precisamente no Estado de São Paulo. Segundo o autor, cerca de 25 a 30 anos, no Estado referido, existia um dialeto bem pronunciado, o falar *caipira*, que era inconfundível. Com o decorrer do tempo, a população cresceu, circulando por novas vias de comunicação. A partir de então, o *dialeto caipira* sofre alterações com o meio social, tornando-se cada vez mais raro. Com o progresso da educação, há uma crescente exigência por avanços, o que contribui para combater o antigo estereótipo do *caipirismo*.

A segunda obra de Antenor Nascentes (1922), o *Linguajar Carioca* é significativa nessa etapa, pois apresenta um estudo da fala do carioca – Rio de Janeiro. Nascentes (1922) afirma que a pronúncia carioca possui uma suavidade e ao mesmo tempo uma frouxidão, demonstrando um estudo monográfico de acordo com a fala, enfatizando aspectos lexicais, morfológicos, fonéticos e sintáticos da área descrita. O autor propõe, com o estudo, duas propostas para a divisão dialetal, sendo reconhecidas até os dias atuais.

A primeira proposta de 1922, e reformulada em 1933, mostra a representação de quatro zonas: *Nortista* (Amazonas, Pará e o litoral do Maranhão até a Bahia); *Fluminense* (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Sul de Minas e Distrito Federal); *Sertaneja* (Mato Grosso, Goiás, norte de Minas, sertão do Maranhão até a Bahia); *Sulista* (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Triângulo Mineiro).

Conforme Nascentes (1953), são admitidos dois falares - *Norte* e *Sul* - separados por uma zona dos extremos setentrional e meridional do país. Os falares têm uma subdivisão em seis subfalares: *Norte* (2 subfalares) - *Amazônico* (Amazonas, Acre, Pará e parte de Goiás); *Nordestino* (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e parte de Goiás); *Sul* (4 subfalares) - *Baiano* (Sergipe, Bahia, Minas, Goiás); *Fluminense* (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Distrito Federal); *Mineiro* (Centro, Oeste e parte do Leste de Minas Gerais) e *Sulista* (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas sul do Triângulo, Goiás (sul) e Mato Grosso).

E, como última produção da segunda fase, a obra *A Língua do Nordeste Alagoas e Pernambuco*, escrita por Mario Marroquim, em 1934, reflete a língua do Nordeste do Brasil, abordando o trajeto da origem até os vocábulos específicos dentro do Brasil. De acordo com Marroquim (1934), a variação na Região Nordeste do Brasil tem origem em três postulados: a contribuição estrangeira, o português arcaico e a

derivação dialetal. Destacam-se as línguas africanas e o tupi, dando uma enorme contribuição ao campo semântico.

O autor evidencia a Tematologia como parte da morfologia que estuda a constituição de temas de uma classe gramatical ou formas específicas que se centram no discurso. O estudo de Marroquim (1934) evidencia as influências africanas e indígenas com fortes marcas no nordeste brasileiro. O pesquisador consegue traçar os contornos da lexicologia, morfologia e fonologia, de modo a ressaltar as particularidades das línguas africanas e indígenas, as quais frequentemente não são enfocadas em outras regiões do Brasil.

Observa-se, sem dúvida, a importância da segunda fase com a demarcação das áreas dialetais, principalmente a partir das publicações dos trabalhos de Amaral (1976 [1920]), Nascentes (1922-1953), Marroquim (1934).

De acordo com Ferreira; Cardoso (1994), a terceira fase se inicia com a publicação do Decreto nº 30.643 de 20 de março de 1952, que instituía a Comissão de Filologia, da recém-criada Casa de Rui Barbosa, determinando-lhe a tarefa de elaborar o Atlas Linguístico do Brasil. A referente fase é marcada pela publicação de obras, tendo como base a pesquisa dialetal e os atlas linguísticos regionais e estaduais, a saber: A republicação de Nascentes de *O linguajar carioca* – 1953; a criação das Bases para a elaboração do *Atlas Linguístico do Brasil*; a criação do *Atlas Prévio dos Falares Baiano* (1963)¹¹; a publicação do *Guia para Estudos Dialetológicos* – Serafim da Silva Neto (1957) e a publicação da obra *Língua Portuguesa e realidade brasileira*, de Celso Cunha – (1986).

Neste momento, consolida-se a pesquisa dialetal no Brasil, principalmente, pelo desenvolvimento de atlas tanto regionais como estaduais. De acordo com Teles (2018):

a terceira fase é caracterizada por um grande avanço nas questões afeitas à pesquisa e à metodologia, além do crescimento e da consolidação da Geolinguística brasileira, já que, apesar da lei, não havia condições de, em 1952, dar-se início à elaboração do tão esperado atlas linguístico do Brasil. (TELES, 2018, p.75).

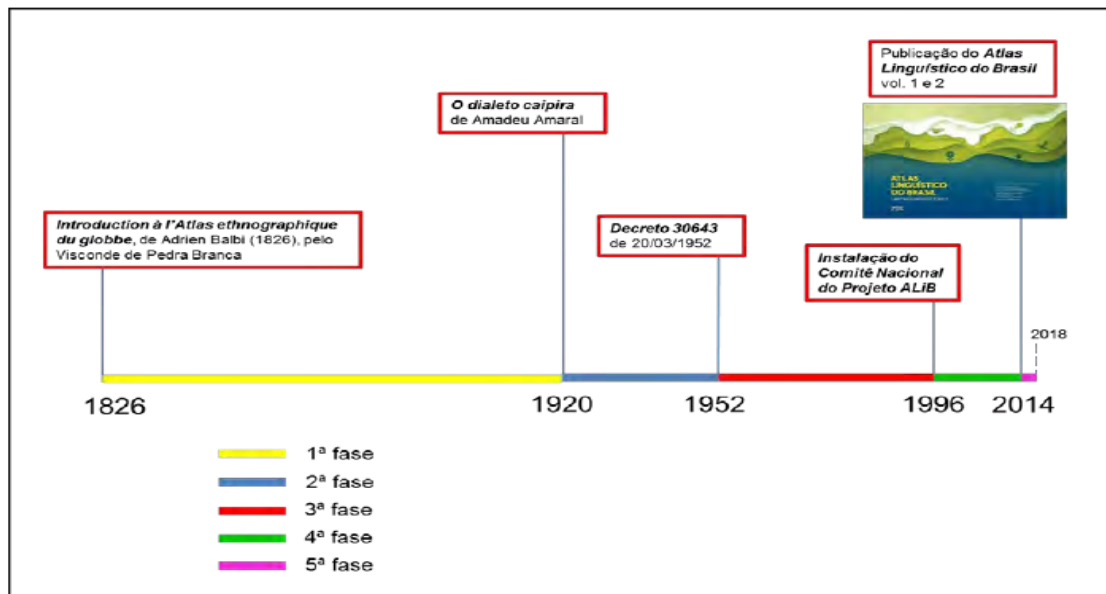
A terceira fase encerra-se, em 1996, quando cria-se um Comitê Nacional para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Como expõem Mota e Cardoso (2006), a

¹¹ O trabalho de Rossi (1963) ressaltava a Dialetologia, sendo o pioneiro na pesquisa Geolinguística no Brasil, tendo início na Universidade Federal da Bahia. Rossi (1963) coordenou e publicou a primeira obra em Geografia Linguística, o conhecido Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB.

quarta fase inicia-se a partir do *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, tendo como foco a produção do *Atlas Linguístico do Brasil*. Para Teles (2018, p.76) “Esse momento, de retomada do projeto de um atlas linguístico nacional, encerra a terceira fase e inaugura a quarta fase”. No que diz respeito a esta fase, destaca-se a ampliação do campo de estudo, antes somente com os aspectos fonético-fonológicos e lexicais. Logo depois com o crescimento do estudos morfossintáticos, pragmático-discursivo e metalinguístico, bem como o desenvolvimento de atlas regionais e estaduais.

Teles (2018) traz a proposição da quinta fase. A referida pesquisadora propõe cinco fases para a Dialetologia no Brasil, como mostra a Figura 1.

Figura 1 - Fases da Dialetologia no Brasil, conforme Teles (2018)



Fonte: Teles (2018, p. 81).

Conforme Teles (2018, p.81), a quinta fase se inicia a contar da publicação dos dois primeiros volumes do ALiB, em 2014, e segue até os dias atuais, caracterizando-se pelos inúmeros trabalhos que têm sido produzidos a partir do conteúdo do atlas, que é de grande magnitude, por sua extensão alcançada e por seu caráter interinstitucional.

No final do século XX, foram dados os primeiros passos para a estruturação do Projeto ALiB, que impulsionou o desenvolvimento de pesquisas na área de Geolinguística e resultou em um aumento significativo na produção de Atlas Linguísticos. Com a introdução da Geolinguística Pluridimensional, incorporaram-se

parâmetros adicionais, como o diatópico, o diassexual, o distrástico e o diageracional. Isso ampliou ainda mais a abrangência e a profundidade dos estudos realizados.

O resultado do trabalho dialetal é revelado por meio dos atlas linguísticos, responsáveis por mostrar a fotografia das variações linguísticas que favorece os conhecimentos de cunho diatópico, diastrático, diafásico, podendo contribuir para um amplo reconhecimento do país, suas regionalidades, suas falas, seus costumes. Mediante o exposto, a pesquisa continua a oferecer contribuições significativas no que se refere ao estudo do léxico e sua relação intrínseca com a cultura. Esses dois aspectos estão profundamente entrelaçados quando se trata da investigação na área da Dialetoologia.

2.3 LÉXICO E CULTURA

Nesta seção, apresenta-se o aspecto linguístico ao qual a pesquisa se ocupa na investigação: o léxico. O estudo lexical tem contribuído diretamente com o crescimento da Linguística como disciplina teórica. Os estudiosos da área têm se debruçado nas pesquisas que envolvem a origem das palavras, ao aparecimento de novas unidades lexicais e ao entendimento acerca dos significados diante um léxico. Já no século XIX, os estudos lexicais já se aproximavam da etimologia, das mudanças léxicas e da semântica.

No contexto da pesquisa, são abordados aspectos relacionados à mudança léxica, mudança semântica e à variação dialetal, que desempenham um papel fundamental nos estudos lexicais.

Entende-se que a mudança léxica está associada à variação no tamanho do léxico de uma língua. Isso implica em uma redução vocabular, resultando em perda lexical, em que as palavras deixam de ser pronunciadas integralmente. Um exemplo desse processo pode ser observado na transformação de *vosmecê* para *você*, assim como na forma reduzida *cê*.

É relevante mencionar a neologia, que se refere à criação de novas palavras. O termo *internauta*, por exemplo, surge de processos morfológicos, descrevendo o sujeito que navega nas *redes sociais*, na *internet*. Destaca-se também, o uso dos empréstimos linguísticos, em que palavras de outras línguas são integradas. Exemplos desses empréstimos incluem termos como *voleibol* e *baguete*, conforme mencionado por Alvarez de Miranda (2009).

A mudança de significado de uma palavra reflete, no que se chama de mudança semântica. O verbo *navegar* é um exemplo que inicialmente, se entende apenas por “navegar por meios aquáticos”. Já hoje em dia, sabe-se que o significado expande e atualmente é compreendido por “navegar na internet”. Quando uma palavra passa por essa mudança de significado, ela pode ser considerada polissêmica, como é o caso de *navegar*.

A variação diatópica, que se refere à variação linguística de acordo com o espaço geográfico, é entendida como variação dialetal. Como exemplo, ocorrem, no *corpus* da pesquisa, as variações para o dado de *menstruação*, encontrado como: *boi*, *regra*, *bode*, *paquete*, em face com o espaço geográfico da localização de cada unidade lexical. Nesse âmbito, sem esquecer, das variações diageracionais, diastráticas e diassexuais, já mencionadas inicialmente a favor da pesquisa.

Todo estudo acerca de léxico e variação fazem parte do mundo da Lexicologia, como também da tese. Ao falar em léxico e variação, o âmbito social entra como forte ponto de análise, pois as variações lexicais tomam forma, principalmente no seguimento social e cultural de um determinado povo.

Com isso, a pesquisa segue com a compreensão de que a língua, é como uma instituição social, reflete os grupos sociais que com ela interagem, definindo-se, assim, como heterogênea. Ao estudar sobre a língua, entende-se que os contextos socioculturais são elementos fundamentais e, por vezes, totalmente determinantes das variações que ocorrem na linguagem. Rey-Debove (1977) afirma que o léxico é o “Conjunto de morfemas; conjunto de palavras; e conjunto indeterminado, mas finito de elementos, de unidades ou de entradas em oposição aos elementos que realizam diretamente funções gramaticais” (REY-DEBOVE, 1977, p. 163).

Dessa forma, entende-se que o autor considera o léxico habitualmente afirmado como um conjunto de palavras, não sendo de função gramatical. Para Labov (2008, [1972]), o que garante o funcionamento de uma determinada língua é a heterogeneidade, sendo um aspecto inerente a ela mesma.

Já Borba (1978) menciona que, a partir da linguagem, existe o entendimento, de que a mesma reflete bem os aspectos da cultura de uma dada comunidade. Portanto, cabe entender que a língua é um produto social da cultura, ou seja, um identificador social, sendo vista como um fato social e presente nas comunidades, revelando seus valores e suas crenças. Conforme esse pensamento, Barbosa (1981,

p.158) defende que “Língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interagem continuamente, constituem, na verdade, um único processo complexo [...]”.

Diante das concepções, apresenta-se o léxico sendo um “[...] saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural”. (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p.7)

Ainda, nessa perspectiva, Oliveira e Isquerdo abordam que o léxico

[...] Representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas em uma sociedade. (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 7).

Além dessas concepções, Correia (1999) enfatiza que o léxico está dentro dos processos de construção das palavras. Para o autor, léxico é

[...] o conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta as regras e os processos de construção das palavras. O léxico inclui, ainda, os elementos que usamos para construir novas palavras: prefixos, sufixos, radicais simples ou complexos. (CORREIA, 1999, p. 227).

A identidade de uma comunidade também se manifesta por meio de seu patrimônio lexical, o qual integra seu contexto cultural. Ao considerar o léxico como patrimônio lexicológico, torna-se evidente que ele desempenha um papel fundamental na formação e no reconhecimento das identidades individuais e coletivas das pessoas. Na pesquisa, ele é reconhecido como a "comunidade de fala". Conseqüentemente, ele se manifesta em diferentes formas de expressão cultural, atuando como um marcador sociocultural abrangente, relacionado a várias comunidades linguísticas.

Percebe-se que Oliveira (2001) confirma que léxico é entendido como um conjunto de vocábulos, sendo constituído por uma dada língua. Considerando, assim, a língua como uma testemunha da própria história de uma comunidade, ou seja, o léxico transparece resultados de experiências de uma sociedade e, assim sendo, resultados de experiências culturais através do tempo.

Contribuindo com o pensamento, Ferraz (2006) confirma que

As relações entre léxico e cultura, léxico e sociedade são, indubitavelmente, muito fortes, considerando-se que o léxico, com seu estatuto semiótico, é o elemento da língua de maior efeito extralinguístico por se reportar, em grande parte de seu conjunto a um mundo referencial, físico, cultural, social e psicológico, em que se situa o homem. (FERRAZ, 2006, p. 110)

De acordo com Geertz (2008, p.150), “[...] o estudo da cultura e da língua são estudos da maquinaria que os indivíduos ou grupos empregam para orientar a si mesmos num mundo que de outra forma seria absurda.” Com esse propósito, a abordagem diretamente ligada à linguagem, os estudos culturais se tornam de grande valia às diversas pesquisas, como esta, trazendo um grande reconhecimento e, não obstante, mostrando a língua com seus aspectos e processos.

Aragão (2016, p. 39) afirma que “o léxico, enquanto descrição de uma cultura, está no seio mesmo da sociedade, reflete a ideologia dominante, mas, também, as lutas e tendências dessa sociedade”. Nesta face, compreende-se que o léxico é moldado pelas práticas socioculturais de uma comunidade específica, refletindo, assim, a visão de mundo dessa cultura por meio de seu vocabulário.

A partir do envolvimento da cultura com o léxico, faz jus à intenção da pesquisa. A base cultural possui uma relação intrínseca com o desenvolvimento deste trabalho, desde a sua definição, que abarca sobre a cultura permeada por padrões de comportamento. A pesquisa está vinculada à Região Nordeste, que possui uma rica cultura e valores populares, sendo reconhecidos no cotidiano dos falantes.

Em face disso, a cultura e o léxico trazem relevância ao trabalho, sendo reconhecidos a partir da fala de cada indivíduo que integra o *corpus* do Projeto ALiB, analisado, aqui, no decorrer da pesquisa. Ao discutir estudos lexicais, é imprescindível mencionar a Lexicologia, uma área fundamental dentro desse contexto. A pesquisa tem o compromisso de explorar os aspectos relevantes para uma compreensão do tema, visto que esses elementos são partes essenciais da tese em questão.

2.3.1 Lexicologia

Ao discutir a disciplina da Lexicologia, é prática recorrente incorporar o estudo do léxico em todo o contexto linguístico. Nesse sentido, a pesquisa busca contribuir com perspectivas de diferentes autores, principalmente Matoré (1953) a partir do léxico de cunho social. Ou seja, permite, assim, um aprofundamento do tema por meio de uma sequência de pensamentos articulados e interligados.

Matoré (1953) aborda o léxico como sendo meio de representação do social e do cultural. Em seu livro *La méthode en lexicologie: domaine français* (1953), o autor contempla a palavra como algo não isolado na consciência, uma vez que ela faz parte de uma frase, de um cenário que, em parte, a determina.

Neste sentido, é através dos itens lexicais que se torna possível observar a leitura que determinados indivíduos fazem de seu contexto e de sua memória. Ainda conforme Matoré (1953, p. 21), “uma palavra, seja abstrata seja concreta, tem sempre um valor social mais ou menos racional ou afetivo: é por esse aspecto da significação que se interessa a lexicologia.”¹²

A partir daí, entende-se que de acordo com o autor

A lexicologia tem por objeto, como a sociologia, o estudo dos fatos sociais. O que distingue uma ciência da outra não é apenas o seu objeto, é a diversidade formal, o ponto de vista. O da lexicologia é particular: é partindo do estudo do vocabulário que tentaremos explicar uma sociedade. Podemos também definir a lexicologia como uma disciplina sociológica utilizando o material linguístico que são as palavras. (MATORÉ, 1953, p. 49-50)¹³

Matoré, ao estudar a Lexicologia, considera as palavras, dando discurso ao entendimento, de que as mesmas são um reflexo da sociedade. A palavra “é um instrumento de compreensão social.” (MATORÉ, 1953, p. 39)¹⁴

Sabe-se que a palavra representa um mapeamento do mundo pelo feito dos falantes. Matoré (1953) ressalta que

Na realidade, as palavras não exprimem as coisas, mas a consciência que os homens têm delas. Para a lexicologia, os fatos sociais têm, com efeito, o aspecto de coisas, mas das coisas vistas, sentidas, compreendidas pelos homens; nossa disciplina deverá então visar às realidades sociológicas das quais o vocabulário é a “tradução”, ao mesmo tempo objetivamente, como realidades independentes do indivíduo, e subjetivamente, em função dos seres que vivem em um meio concreto, em certas condições sociais, econômicas, estéticas, etc. (MATORÉ, 1953, p. 43)¹⁵

¹² “un mot, qu’il soit abstrait ou concret, a toujours une valeur sociale plus ou moins rationnelle ou affective; c’est à cet aspect de la signification que s’interesse surtout da lexicologie”

¹³ “La lexicologie a donc pour objet, comme la sociologie, l’étude des faits sociaux [...] Mais ce qui distingue une science d’une autre ce n’est pas seulement son objet, c’est la diversité formelle, le point de vue. Celui de la lexicologie est particulier; c’est en partant de l’étude du vocabulaire que nous essaierons d’expliquer une société. Aussi pourons définir la lexicologie comme une discipline sociologique utilisant le matériel linguistique que sont les mots.”

¹⁴ “est um outil de compréhension sociale”

¹⁵ “En réalité, les mots n’experiment pas les choses, mais la conscience que les hommes en ont. Pour la lexicologie, les faits sociaux ont en effet l’aspect de choses, mais ce sont des choses vues, senties, comprises par des hommes; notre discipline devra done envisager les réalités sociologiques dont le vocabulaire est la à la fois objectivement, comme des réalités indépendantes de l’individu, et subjectivement, en fonetion d’êtres vivant dons un milieu concret, dons certaines condition sociales, économiques, esthétiques, etc.

Portanto, o léxico de uma língua, na perspectiva de Oliveira (2001, p. 110):

[...] é constituído por um conjunto de vocábulos que representa o patrimônio sociocultural de uma comunidade. Em vista disso, podemos considerar o léxico como testemunha da própria história dessa comunidade, assim como todas as normas sociais que regem. Todo sistema léxico representa o resultado das experiências acumuladas de uma sociedade através dos tempos.

Observa-se, então, neste contexto, que a ciência do léxico tem como objetivo investigar os vocábulos que estão sendo utilizados por determinada comunidade, analisar as unidades lexicais dentro de um sistema linguístico, além de investigar seu significado, variação em flexão, classificação e constituição mórfica (BORBA, 2003).

Dessa forma, é pertinente evidenciar que a Lexicologia se preocupa, então, com a significação e a aplicação das palavras no contexto dos indivíduos, bem como na mudança que ocorre no léxico em virtude de fatores internos e externos. O léxico, por seu caráter científico, apresenta valores de lateralidade e está aberto a qualquer acréscimo, dependendo das necessidades humanas nos âmbitos sociais e culturais. Por isso, ele tem grande importância no que se refere à variação e à mudança de uma língua, e estudá-lo não é uma tarefa fácil, visto a sua dinamicidade, sua capacidade de diversificação.

A Lexicologia, importante salientar, é uma disciplina com foco no estudo das palavras de uma determinada língua, podendo estar em contextos individuais ou coletivos. É uma ciência independente, que trata da relação de sentido entre palavras, que se constituem, assim, o léxico.

Como disciplina, entende-se que a Lexicologia é independente. Na tese, aqui defendida, segue-se com a mesma perspectiva, como um estudo independente, tendo o conhecimento de ser uma ciência ainda recente. De acordo com Matoré (1953), estudioso que fincou os limites da lexicologia com a obra *La Méthode en Lexicologie* de 1953, já mencionada.

Observa-se que Matoré (1953) era absoluto, defendendo seu método de estudo, nessa perspectiva, sustentando os princípios do estruturalismo europeu. Para o estudioso, a Lexicologia está no âmbito teórico vinculado à sociologia e à história, analisando grupos de palavras a partir de uma perspectiva nocional e sincrônica. Com este tópico, agrega-se ao estudo da pesquisa.

A Lexicologia, de acordo com Coseriu (1979), é

Ramo da linguística que estuda a estrutura do vocabulário da língua, sua composição, variedade, origem, mudanças históricas e adaptação às condições sociais da comunidade respectiva. Na lexicologia clássica se parte da palavra, como unidade natural das línguas naturais. Modernamente esta disciplina estuda a estrutura interna dos vocábulos; por exemplo: a análise componencial, suas regras de subcategorização e de inserção no marco oracional e suas modalidades morfológicas a partir de entidades subjacentes como os lexemas. (COSERIU, 1979, p. 111)

Já para Câmara Jr. (1986, p. 158), a Lexicologia é “o termo usado por alguns gramáticos para designar o estudo dos vocábulos, tanto em sua flexão, quanto nos processos para sua derivação e composição”.

Neste trabalho, as unidades lexicais trazem, sem dúvida, uma carga histórica, cultural e social muito grande. Assim, pode-se definir o *corpus* do Projeto ALiB, um acervo cultural do Brasil. Nele, encontra-se como, por exemplo, desde uma estrutura polilexical *pendurar bezerro*, que tem uma totalidade de cargas históricas, culturais do Estado do Sergipe. Como, também, a estrutura monolexical *boi*, ao invés do dito mais comum, *menstruação*, ou indo além, como exemplo, *regra*, *bode* que se mostram a partir de uma determinada comunidade de fala.

Dando continuidade, a respeito da Lexicologia, Barbosa (1991, p. 182) afirma que

O estudo científico do léxico, isto é, propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança, cabendo-lhe, entre outras tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua como universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base - a lexia -, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes. (BARBOSA, 1991, p. 182)

Sabe-se que a Lexicologia é reconhecida como a ciência responsável pelo estudo do léxico em suas diversas interações com os sistemas linguísticos variados. A Lexicologia intervém em vários domínios como: na etimologia, na formação e criação de palavras, na estilística lexical, tendo um fino relacionamento com a morfologia, a sintaxe, a fonologia, mas principalmente com a semântica.

Nesta sequência, entende-se que “Embora se atribua à Semântica o estudo das significações linguísticas, a Lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, por

ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa. (BIDERMAN, 2001, p.16).

Definindo a Lexicologia na pesquisa para fomentar os estudos dialetológicos, entende-se que a ciência do léxico se relaciona com a Dialetologia a partir da relação entre língua e cultura. Biderman (2001) aborda que a Lexicologia trata de alguns aspectos de estudo, dentre eles: a categorização lexical, a análise da palavra e a estruturação de formação do léxico. Com a Lexicografia trata na definição e identidade da unidade lexical (análise da palavra), a categorização gramatical lexical, ainda pouco estudada; e a estruturação lexical que vem dando passos, sendo vista como uma matéria complexa.

Ainda de acordo com Biderman (2001), percebe-se uma conexão relevante com esta pesquisa. Compreende-se que essa relação é estreitamente ligada à área da Semântica, que se dedica aos estudos sobre a palavra e o léxico. Além disso, é possível considerar não apenas a Semântica como uma fronteira significativa, mas também a Morfologia, explorando a categorização na formação das palavras. Entretanto, é através da Dialetologia, que proporciona uma sólida base para compreender a interação entre língua e cultura, que se verifica uma contribuição fundamental para esta pesquisa.

Em consonância com este estudo, Henriques (2010) contribui, definindo a lexicologia como

[...] uma disciplina que estuda o Léxico e a sua organização a partir de pontos de vista diversos. Cada palavra remete a particularidades diversas relacionadas ao período histórico ou à região geográfica em que ocorre, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional. Desse modo, cabe à Lexicologia dizer cientificamente em seus variados níveis o que diz o Léxico, ou seja, a sua significação. Ao lexicólogo, especialista da área, incumbe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas. (HENRIQUES, 2010, p.102).

A língua é uma parte intrínseca de qualquer contexto linguístico que se pretenda estudar. Nesse sentido, a tese busca destacar a ideia de que “nenhum estágio da língua é um bloco homogêneo, embora seja regular.” (FAULSTICH, 2002, p. 75), e toda essa diversidade se materializa principalmente no léxico dos falantes. A língua é um bem comum de uma comunidade (JAEGER, 2010) e a identidade linguística é medida conforme cada grupo social. Dessa forma, é possível perceber

que os fatores históricos, sociais e geográficos influenciam na fala dos indivíduos, caracterizando-o e especificando-o.

Analisar a língua significa, sem dúvida, estudar um povo e conhecer sua cultura. Isso implica em perceber como expressões sociais e palavras são utilizadas em diversos contextos, abrangendo aspectos culturais, históricos, políticos, econômicos e linguísticos. Nesse sentido, Abbade (2011, p.1332) menciona que “Estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza”.

Baseando-se nas considerações de Abbade (2011), é relevante mencionar a existência da Lexicologia Social, que frequentemente enfrenta a falta de reconhecimento até os dias atuais. Nesse contexto, vale destacar que o autor Matoré já introduzia esse termo em 1949. Com isso, fica evidente que a análise da língua não se limita apenas ao léxico, mas também abrange aspectos sociais, como é corroborado no artigo intitulado *Lexicologie Sociale*. De acordo com Cambraia (2013), a falta de informação leva ao não-reconhecimento sobre a criação do termo Lexicologia Social, porém com o periódico de 1949, *L'Information Littéraire*, contendo o artigo *a Lexicologie Sociale*¹⁶ de Matoré confirma o início da grande importância da ciência, juntamente com o social.

A partir da informação que se sucederá no decorrer da pesquisa, entende-se, em confirmação com Cambraia (2013, p. 159), que a Lexicologia “[...] se caracteriza pela forte valorização da realidade social de uma dada comunidade [...]”. Em face disso, a pesquisa cerca-se totalmente a partir de comunidades de falas da Região Nordeste.

A Lexicologia concentra-se na formação das palavras, no estudo dos neologismos e na análise da criação lexical. Essa área de estudo se assemelha à tese em questão, que reconhece e analisa os objetivos que orientam a pesquisa, visando obter resultados que contribuam para a conscientização dos estudos sobre os léxicos, a Lexicologia e os fraseologismos. Além disso, é importante refletir sobre a relevância do ensino-aprendizagem desses aspectos linguísticos.

2.3.2 O Contexto das palavras

¹⁶ Lexicologia Social . Tradução do artigo *Lexicologie Sociale* publicado no periódico *L'Information Littéraire* em 1949 por Georges Matoré.

Ao iniciar sobre as palavras, é de grande valia, para pesquisa, ressaltar o questionamento da divisão de Birdeman (2001), que aborda a Lexicologia de acordo com alguns aspectos de estudo, dentre eles: a categorização lexical, a análise da palavra e a estruturação de formação do léxico. Pontos abordados como forma de aprofundar o tema. Dessa forma, para Biderman (2001, p. 13), “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição de realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras.”

2.3.2.1 Categorização e estruturação lexical

O léxico da língua atualmente ocupa uma posição importante como objeto de estudo na Linguística. Para tratar da categorização e estruturação lexical, utilizam-se as abordagens de Biderman (1979; 2001), Vilela (1997).

Ao mencionar a categorização e estrutura lexical, mostra-se o envolvimento aos conhecimentos do campo semântico. Nesse sentido, pressupõe que o homem constrói seu conjunto lexical, de acordo com o processo mental da categorização. O indivíduo não detém o conhecimento dos léxicos de todas as línguas, mas sabe-se que sim, apenas uma parte desse léxico global. O repertório lexical é construído na mente humana a partir de alguns hábitos, tais como define Biderman (1979):

a) O conhecimento do mundo e da taxionomia que a sua língua e a sua cultura atribuem a essa mesma realidade; b) o seu esforço cognitivo pessoal de armazenar e catalogar os denotadores léxicos, segundo o modelo semântico da sua língua e, eventualmente, de potencialidades linguísticas de cunho universal, de que ele seria dotado desde o seu nascimento (BIDERMAN, 1979, p. 142)

O léxico é dinâmico, é constante a nível linguístico. Dessa forma, entende-se que a categorização lexical é tão dinâmica quanto o léxico, processo este que varia em todas as línguas. As categorias de uma língua são definidas com o universo conceptual, já a significação lexical decorre de um contexto. Assim, Birdeman (1979, p. 155) menciona que “o léxico engloba todo o universo da significação, o que inclui toda a nomenclatura e interpretação da realidade.”

Conforme Biderman (1979),

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma

sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. [...] As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares (BIDERMAN, 1979, p. 139).

De acordo com Vilela (1997, p.31), o léxico “é o conjunto de palavras fundamentais das ideias duma língua”. Assim, em consonância, Biderman (2001, p. 180) define que

No processo de aquisição da linguagem o Léxico é o domínio cuja aprendizagem jamais cessa, durante a vida toda do indivíduo. A incorporação paulatina do Léxico se processa através de atos sucessivos de cognição da Realidade e da categorização da experiência, através de signos linguísticos os lexemas. A percepção, a concepção, e a interpretação dessa realidade são registradas e armazenadas na memória, através de um sistema classificatório que é fornecido ao indivíduo pelo Léxico. A forma como se dá tal armazenamento nos é desconhecida. É certo, porém, que a memória registra, de maneira ordenada, o sistema lexical. [...] um dos processos mnemônicos mais comuns na incorporação do Léxico é o modelo binário de oposição.

Dessa forma, entende-se que a partir do processo de aquisição da linguagem, o léxico é um domínio cuja aprendizagem nunca cessa ao longo da vida do indivíduo. A incorporação gradual do léxico ocorre por meio de repetidos atos de compreensão da realidade e da categorização da experiência, utilizando lexemas como signos linguísticos. A seguir, discute-se os conceitos fundamentais de lexia e lexema, bem como suas contribuições para a compreensão dos termos-chave, tais como vocabulário, léxico e palavras, destacando suas diferenciações e relações.

2.3.2.2 Lexia

De acordo com o autor Pottier (1974), a pesquisa segue reafirmando os mesmos conceitos, por sua vez, entende-se que Pottier (1974) define o termo lexia para diferentes tipos de palavras, como também para um conjunto de palavras. Nessa perspectiva, o autor define lexia como:

- (i) Um *lexema*, um morfema lexical, uma palavra com significado próprio;
- (ii) Um *grafema*, morfema gramatical: artigo, pronome, advérbio, preposição;
- (iii) Um lexema e um ou mais gramemas: casas, dormiu, bonita, interminavelmente.

Com a abordagem de Pottier (1974), as lexias são classificadas em simples (equivalente à palavra convencional), compostas (surge de uma fusão semântica), complexas (é aquela sequência em fase de lexicalização e, por conseguinte, pode ser encontrada em diversos níveis) e textuais (funciona como uma lexia complexa que atinge o patamar de um enunciado ou de um texto, como é o caso de provérbios).

Alguns exemplos de cada lexia ressaltam que Faulstich (1980) e Xatara (1998) enfatizam o termo lexia, seguindo o pensamento de Pottier (1974), a saber:

- (i) Lexia simples: *boi, bode, pacote, regra*.
- (ii) Lexia composta: *sinal vermelho, bandeira vermelha*, derivadas como: *desfazer*.
- (iii) Lexias complexas: *estar de boi, estar de bode, amarrar o facão, acabar o tempo, mestre de obra*.
- (iv) Lexias textuais: provérbios, hinos.

Para Faulstich (1980, p.18), uma lexia complexa é “uma sequência em vias de lexicalização, em diversos graus”, por sua vez, as lexias textuais seriam “uma lexia complexa que alcança o nível de um enunciado ou de um texto”.

Percebe-se, com o seguimento do *corpus* da pesquisa, e de acordo com Faulstich (1980), que *estar de boi, estar de bode* são lexias complexas. No entanto, por questões metodológicas, nesta tese, opta-se por denominá-las como fraseologismos. Observa-se, todavia, que as lexias complexas não são facilmente encontradas em obras lexicográficas. Dá-se o nome, aqui, no trabalho de fraseologismos para *estar de boi*, como também, *estar de bode, estar menstruada, estar naqueles dias, estar doente* e etc.

2.3.2.3 Lexema

Para Pottier (1974), o lexema amplia e enriquece o léxico, dando ao entendimento que ele é a unidade central que carrega o significado básico de uma palavra. Os *granemas*, a situação é ao contrário, são limitados sendo unidades que agregam informações gramaticais, como número, gênero e tempo verbal. Portanto, Pottier (1974) sugere que, enquanto o lexema expande o léxico, os granemas têm uma função mais restrita e delimitada na formação das palavras.

Importante salientar a concepção de Lyons, o autor não faz diferenciação entre os lexemas e os granemas. Para Lyons (1979), os lexemas são tidos como palavras da gramática tradicional, sendo unidades invariantes subjacentes. *Granemas* são ditos como inventários fechados, já os lexemas são ditos como inventários abertos. Com os lexemas e *granemas*, Borba (2003) não usa e não relata sobre *granema* e lexema, mas sim em palavras lexicais e palavras gramaticais. Com isso, Borba (2003) define que

São esses tipos que constituem o grosso do acervo lexical da língua, e este se caracteriza por ser um conjunto aberto sempre vulnerável a influências externas. Por outro lado, há um conjunto de conceitos abstratos – estados e processos – que só encontram representação no sistema gramatical. São os que traduzem quantificação e intensificação, os diversos tipos de relações (espaciais e temporais principalmente), a referência, a mostra, a identificação, a modalização, etc. Estes constituem um conjunto fechado, coeso e resistente a qualquer tipo de influência. Por aí se vê como o léxico total se compartimenta em dois grandes subconjuntos – o das palavras lexicais e o das palavras gramaticais. (BORBA, 2003, p. 46).

O autor faz a definição precisa primeiro das palavras lexicais, e segundo das palavras gramaticais. Dessa forma, em consonância, entende-se que

As primeiras são aquelas que relacionam o sistema de noções da língua com o mundo exterior, uma vez que cada item desse sistema é uma representação da realidade extralinguística. As segundas constituem-se de um sistema de noções que se realizam no interior do sistema. (BORBA, 2003, p. 46).

Entende-se, com a pesquisa, que as palavras têm uma significância lexical, dando entendimento do externo e palavras gramaticais, sendo do entendimento interno. A pesquisa se dá de acordo, nesse quesito, para com o externo, ou seja, definindo as palavras sendo lexicais.

2.3.2.4 Conceitos básicos: vocábulos, léxicos e palavras

Desde os tempos dos gregos, compreende-se que a palavra possui um significado e é uma unidade na qual se articula diretamente no discurso. No entanto, ao longo do tempo, essa definição foi questionada por linguistas, que enfatizaram a palavra sendo um conhecimento pré-científico.

Para Matoré (1953), palavra é um instrumento de compreensão social, podendo representar um mapeamento do mundo pelos indivíduos. Biderman (1999) conceitua

palavra como algo complexo para linguística, tendo base de que a definição de palavra não pode ser generalizada, ou seja, de modo universal.

Ainda, no pensamento de Biderman (1999, p.89), define que o “termo palavra é operacional apenas como elemento da linguagem comum. No uso não específico, é a designação pertinente, já que qualquer falante do idioma identifica o seu designatum sem problemas”.

Com a palavra tudo é simbólico, desde a consoante até a vogal. A palavra é definida como uma abordagem de estudo complexa, a partir do entendimento que no homem existe a interferência entre estímulo e reação, ou seja, uma difícil junção de símbolos. A complexidade mostra a necessidade do cuidado ao estudar a unidade léxica.

Na pesquisa, nesse âmbito, encontram-se muitas unidades lexicais, por vezes, tidas como desconhecidas ou não usuais no espaço Brasil, pela falta de conhecimento, e também, pela não-dicionarização. *Boi* é conhecido como um animal que dá leite, carne, couro, porém a unidade, no âmbito específico de variação da língua, já se conhece, com outras significações, como exemplo *menstruação*, ponto de estudo da pesquisa.

Por essa questão, a pesquisa traz a proposta da diferenciação entre vocábulos e léxicos, algo já debatido, mas ainda são necessários, alguns adendos. Barbosa (1995, p.26) afirma que o vocábulo “tem um significado restrito e caracterizador do Universo de discurso [e] tende a monossemita”. Para Borba (2004), o vocábulo é a palavra caracterizada pelo seu aspecto material.

Pela proposta de Vilela (1997), sabe-se que o autor descreve e define bem léxico e vocabulário. Em face disso, o autor conceitua léxico como “o conjunto de palavras fundamentais das ideias duma língua” (VILELA, 1997, p. 31). Para vocabulário, o autor menciona como “o conjunto de vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo. Tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística” (VILELA, 1997, p. 31). Para a pesquisa, a proposta se dá que o léxico é definido como um conjunto de palavras de uma língua, ou das línguas que pertencem a uma determinada região, sendo também, um fato determinado ao campo semântico.

Com Bizzocchi (1997, p.55), percebe-se que léxico “é o conjunto das lexias de uma língua” e o vocabulário “é o conjunto dos vocábulos de um universo de discurso”. Com base nas afirmações, a pesquisa se concentra em evidenciar que o léxico é

composto por um conjunto estruturado de unidades, caracterizando-se por ser ilimitado e possuir um potencial linguístico. Por outro lado, o vocabulário é visto como uma manifestação atualizada na fala, composta por unidades específicas oriundas do léxico disponível para o indivíduo no momento do ato de fala.

Assim, como a língua está para a fala como setas imaginárias, o léxico está para o vocabulário, corroborando sensivelmente com a cultura em todas as suas correlações dos estudos da língua.

Na análise de área lexical, é fundamental compreender a interconexão entre diferentes subcampos, incluindo a Lexicologia e a Fraseologia. A Lexicologia, já mencionada anteriormente, é o estudo do léxico que aborda o conjunto de unidades lexicais dentro de uma língua. E a Fraseologia concentra-se na análise de combinações fraseológicas.

2.3.3 Fraseologia

A Fraseologia tem se mostrado como uma área dos estudos do léxico com características distintas. Já fomentada por grandes linguistas, especialmente por Bally (1909) e Saussure (2006 [1916]), revelando a importância dos elementos fraseológicos no desenvolvimento da competência comunicativa dos falantes de uma língua. É evidente o crescimento e o interesse pelos estudos da Fraseologia na Europa nos últimos anos, principalmente por parte das correntes linguísticas mais recentes, que se concentram no estudo dos fraseologismos.

A Fraseologia, como disciplina, chama atenção ainda pela necessidade de delimitar seu espaço, bem como estabelecer o objeto do qual a disciplina ocupa dentro dos estudos linguísticos. Contudo, é difícil estabelecer os limites da Fraseologia. Sabe-se que os linguistas ainda não criaram um consenso sobre os fraseologismos.

Entretanto, nessa trajetória e nesta tese, a Fraseologia é concebida como uma disciplina autônoma, capaz de abranger diversos níveis de estudo dentro da Linguística. Corpas Pastor (1996), inicialmente, menciona a Fraseologia como sendo uma subdisciplina da Lexicologia, no entanto, de acordo com o crescimento da área, toma a Fraseologia como uma disciplina, um estudo independente. Percebe-se, assim, até hoje, outros pesquisadores (BARBOSA; ARAGÃO, 2012) que a concebem como uma parte integrante da Lexicologia.

2.3.3.1 A Fraseologia e as intenções de independência

Tristá Pérez (1988) reforça essa ideia ao mencionar a tentativa de Bally, desde 1909, de estabelecer a Fraseologia como uma disciplina independente, desvinculada da Lexicologia, proposta que vem sendo discutida desde o século XX. A pesquisa em questão está em plena conformidade com a nova intenção de Corpas Pastor (2017), que considera a Fraseologia como uma disciplina autônoma e independente. É inquestionável que o objeto de estudo da Fraseologia são os fraseologismos, os quais desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de teorias sólidas e consistentes.

É importante ressaltar a existência de um debate entre dois autores, Corpas Pastor (1996) e Ruiz Gurillo (1997), em determinados períodos, que tem contribuído com ideias relevantes para a pesquisa em Fraseologia. Esse diálogo entre os dois estudiosos tem sido um fator de estímulo para o desenvolvimento de novas abordagens e perspectivas na área.

De acordo com Corpas Pastor, em 1996, a ciência da Fraseologia é uma subdisciplina da Lexicologia. Já conforme Gurillo, em 1997, a Fraseologia é uma disciplina independente, tendo a mesma relevância da Lexicologia, ou seja, o mesmo potencial e *status*. Assim, como Gurillo (1997), esta tese define a Fraseologia como uma disciplina independente, fazendo *jus* a sua relevância nos estudos acerca do léxico.

O termo Fraseologia tem concepções que valem a pena conhecer. É interessante para uma visão crítica, como, por exemplo, Corpas Pastor em 1996, cita algumas, com certas limitações. De acordo com esta pesquisa, reconhece-se a falta de algumas abordagens por parte do autor à época. Por esse fato, a primeira definição para Fraseologia é de que a ela “designa as características específicas das construções próprias de um determinado indivíduo, grupo ou língua” (CORPAS PASTOR, 1996, p.16)¹⁷.

É relevante destacar que Corpas Pastor, em 2017, modifica seu pensamento e defende a independência da Fraseologia. Uma segunda definição da ciência fraseológica é “que se ocupa se restringir ao âmbito da lexicografia que, designa ao <

¹⁷ “designa las características específicas de las construcciones propias de un determinado individuo, grupo o lengua”

conjunto de usos ou contextos nos que normalmente aparece uma entrada léxica > (CORPAS PASTOR, 1996, p.16)¹⁸.

Em face de todo o contexto e a importância do estudo de Corpas Pastor (1996), nenhuma dessas definições cabem bem para autora, de igual forma, aqui, na pesquisa. O trabalho aceita a ideia, também, de que a “fraseologia se define por extensão uma terceira concepção como conjunto de frases feitas, locuções figuradas, metáforas e comparações fixadas, modismos e refrãos, existentes em uma língua, no uso individual ou em alguns grupos” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 16-17)¹⁹.

Com isso, entende-se, conforme os dados da pesquisa, que tais combinações têm características de uma expressão, que se forma a partir da junção de palavras; também pela observação da sua institucionalização no âmbito linguístico; pela sua estabilidade nos vários graus em que os fraseologismos ocorrem, e, por apresentarem particularidade sintática, tanto como semântica. Os fraseologismos são definidos na tese, por: *estar de boi*, *estar de bode*, *amarrar o facão* e outros.

Com tudo isso, se entende a formação dos fraseologismos. Se válida a definição que Corpas Pastor (1996) como os fraseologismos sendo

unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível da oração composta. Certas unidades se caracterizam por sua alta frequência de uso, e de comparação dos seus elementos integrantes por sua institucionalização, entendida nos termos de fixação e especialização semântica; por sua idiomaticidade e variação potenciais; assim como pelo grau no qual se dão todos estes aspectos nos distintos tipos (CORPAS PASTOR, 1996, p. 20)²⁰.

A partir da citação, faz-se necessário, para esta pesquisa, o entendimento acerca de: frequência de uso, institucionalização, estabilidade, idiomaticidade, variação, que integram os fraseologismos, e, portanto, dando a total definição de que a Fraseologia é uma ciência independente da Lexicologia.

2.3.3.2 Fraseologismos: frequência, institucionalização, estabilidade, idiomaticidade, variação

¹⁸ “que nos ocupa se restringe al ámbito de la lexicografía, donde designa el <conjunto de usos o contextos en los que normalmente aparece una entrada léxica”

¹⁹ “fraseología se define por extensión en su acepción tercera como <conjunto de frases hechas, locuciones figuradas, metáforas y comparaciones fijadas, modismos y refranes, existentes en una lengua, en el uso individual o en el de algún grupos”

²⁰ “son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se situa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes, por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semántica; por su idiomaticidad y variación potenciales; así como por el grado en el cual se dan todos estos aspectos en los distintos tipos”

A frequência, referida nos fraseologismos, pode ser definida como um dos pontos mais importantes do estudo. Nesse contexto, entende-se uma separação sobre a frequência: a frequência de aparência e a mais conhecida frequência de uso nos fraseologismos.

A frequência de aparência se dá nos fraseologismos, quando os elementos se combinam com uma frequência de aparência superior. Já com a frequência de uso, observa-se que existe uma alta frequência de aparência nas expressões fixas. De acordo com Lyons (1977), a partir da consequência de combinação de palavras, feitas livremente, juntamente, com as regras do sistema linguístico, começa a ser empregada em uma ocasião particular, estando disponível para ser usada pelo mesmo falante, ou, assim sendo, usada por outros como uma combinação já registrada na fala.

Quanto mais frequentemente uma combinação ou expressão fixa é utilizada, maiores são as chances de sua consolidação na fala de uma comunidade. Na presente pesquisa, constata-se um exemplo desse fenômeno: a expressão *estar de boi* utilizada para se referir à menstruação. Essa expressão emprega uma palavra relacionada a um animal como forma de designar o sangramento mensal das mulheres. Por meio de repetições e do uso cotidiano, *estar de boi* efetivamente se torna um fraseologismo utilizado na Região Nordeste.

A institucionalização dos fraseologismos ocorre por meio da repetição das unidades, ou seja, do seu uso frequente em uma língua. É dessa forma que as estruturas fraseológicas são consolidadas e passam a fazer parte do repertório linguístico de uma comunidade. A institucionalização é definida, a partir da produção linguística dos falantes. Por vezes, sabe-se que o indivíduo não cria com tanta facilidade suas próprias combinações de palavras, porém fazem as repetições de combinações já existentes em uma língua.

A Psicolinguística e Neurolinguística, neste momento, fazem parte da análise, quando, referem-se às combinações que são repetidas pelos falantes, que funcionam como unidades do léxico mental. O léxico mental pode ser comparado a uma memória, na qual os falantes de uma língua armazenam o seu repertório vocabular. Em face disso, Libben (2008) menciona que o léxico mental é reconhecido como um estoque de conhecimento, como um dicionário na mente, registrando e dando acesso às diversas formas de palavras orais e escritas, tendo seus significados.

Com a Estabilidade, sabe-se que preenche dois âmbitos de estudo a institucionalização e a lexicalização. A partir disso, aprofundam-se a fixação e a especialização semântica. Para Zuluaga (1975), a fixação é entendida como uma propriedade de expressões que são reproduzidas, a partir do falar de acordo com combinações já feitas por falantes, a saber: *amarrar o facão, estar de boi*.

Segundo Lyons (1977), a especialização semântica é reconhecida de forma mais abrangente, especialmente quando se refere à lexicalização. Downing (1977) menciona que a lexicalização se porta melhor para os estudos dos fraseologismos. A pesquisa segue dando ênfase ao termo especialização semântica.

Nesse sentido, a especialização semântica tem duas vertentes básicas, a saber: em primeiro, a lexicalização que se determina um resultado, que se dá a partir da junção de significado, como exemplo, “colocar o dedo na ferida” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 25); e, em segundo, a lexicalização que determina um resultado a partir da supressão de significado, como exemplo “Faz alusão” vindo de *iludir*.

Em face disso, a idiomaticidade é entendida como parte essencial dos estudos dos fraseologismos.

O termo idiomaticidade denomina aquela especialização ou lexicalização semântica em seu grau mais elevado. Para a corrente de pesquisa fraseológica anglo-norte-americana representa uma característica essencial das unidades fraseológicas. Esta característica se refere aquela propriedade semântica que representa certas unidades fraseológicas, pelo qual o significado global de uma determina unidade não é assim, deduzido de um significado isolado de cada um dos seus elementos consecutivos. (CORPAS PASTOR, 1996, p. 26).

Os fraseologismos têm dois tipos de significados denotativos. O significado denotativo literal e o figurado, ou mais, conhecido como idiomático. A partir do termo idiomático, se faz indução à idiomaticidade, que representa uma parte, muito importante, acerca dos fraseologismos. Dessa forma, a pesquisa revela que nem todos os fraseologismos possuem traços da idiomaticidade.

Ela se revela com um potencial alto nas unidades estudadas, porém não totalmente essenciais, confirmando o que Corpas Pastor (1996, p.27) menciona ao expor que idiomaticidade nos fraseologismos “trata-se de uma característica potencial, não essencial, desse tipo de unidades.”²¹

²¹ “se trata de una característica potencial, no esencial, de ese tipo de unidades.”

Além de abordar os diversos itens mencionados, a pesquisa apresenta uma estreita conexão com o campo da linguística, especialmente no âmbito lexical. A variação na língua é perceptível no cotidiano dos falantes, especialmente em contextos urbanos e em diferentes cidades, Estados e regiões. Nesse contexto, a fixação dos fraseologismos é relativo, variando conforme a comunidade linguística em questão.

Um exemplo elucidativo dessas variações é apresentado na pesquisa, especificamente nas questões 121 e 122 de *ciclos da vida* do Projeto ALiB. Nesses casos, *boi*, *bode*, *regra* são utilizados para se referir à *menstruação*, ilustrando como os fraseologismos podem variar de acordo com a região.

De acordo com Zuluaga (1980), a noção de variação está diretamente relacionada às variantes, as quais desempenham um papel para o enriquecimento das estruturas linguísticas. Nesse sentido, torna-se evidente a importância de identificar e apresentar as possíveis modificações nos fraseologismos, conforme são utilizadas pelo falante em seu discurso.

Já para as variações fraseológicas, percebe-se que constitui um amplo mundo linguístico a ser reconhecido e estudado. Acerca do reconhecimento das unidades, se dá a necessidade de observar o grau de regularidade do sistema fraseológico. *Amarrar o facão*, por exemplo, se dá em maior escala em comparação com o fraseologismo *virar homem*, na Região Nordeste. *Amarrar o facão* com 26% e *virar o homem* com 9% nas localidades. Já o fraseologismo *estar menstruada*, de acordo com a *questão 121 – menstruação com 28%* em comparação com *estar de boi* com 27% nas localidades, sendo usado da Bahia até Rio Grande do Norte.

2.3.3.3 O contexto da polilexicalidade

Retomando o exposto na seção anterior, a Fraseologia é um ramo dos estudos linguísticos sendo reconhecida como responsável por se dedicar às análises de um conjunto de fenômenos fraseológicos, integrando um grande acervo linguístico, do qual os indivíduos (falantes) de uma língua fazem uso no seu dia a dia em diferentes situações e contextos linguísticos.

Com os estudos sobre o campo da Fraseologia, tem havido um aumento na variedade terminológica usada tanto para se referir à disciplina quanto para descrever os diversos fenômenos e elementos que ela engloba. Esses fenômenos lutam para

encontrar o lugar que merecem dentro do sistema da língua, pois são um sinal de identidade de uma comunidade linguística específica.

Como já informado o fraseologismo se define como um conjunto de expressões peculiares de uma língua, grupo, época, atividade ou indivíduo. Mesmo com a análise de Corpas Pastor (1996; 2017), a contribuição de Salah Mejri é evidente nessa área de pesquisa. Para o referido estudioso, os fraseologismos são estruturas polilexicais fixadas ou colocações nas línguas de especialidade ou na língua geral. A partir de um texto, se reconhece a função dos elementos fraseológicos que o compõe, nesse sentido, as pesquisas desenvolvidas nesse ramo dos estudos linguísticos se configuram como uma grande ferramenta para análises de colocações, para realização de traduções especializadas. (MEJRI, 2011).

Bally (1909) menciona que num grupo de palavras, que compõe um fraseologismo, cada unidade gráfica perde uma parte de sua significação individual, ou não conserva nenhuma, se a combinação de seus elementos se apresenta com um único sentido.

Além disso, é fundamental abordar que os fraseologismos podem se manifestar também como um conjunto de frases feitas, locuções figuradas, metáforas, modismos e refrões existentes em uma língua, no uso individual ou no contexto de um grupo, como é possível verificar por meio dos exemplos extraídos do *corpus* desta pesquisa: *estar de boi, amarrar o facão, estar naqueles dias, estar de bode, virar homem* etc.

Para Maurice Gross (1982), já não menciona o termo Fraseologia, mas sim frases fixas, incluindo: os provérbios, as expressões idiomáticas e as formas compostas. Para Gaston Gross (1986), a fixação é um processo linguístico, no qual um sintagma livre se torna um sintagma em que os elementos não se separam, ou seja, um significado para um conjunto de palavras. Mejri (1997) explica que para distinguir um fraseologismo de uma sequência sintagmática livre é necessário cruzar as noções de (in)congruência e de fixidez.

A fixidez sintagmática é de duas ordens: uma é pragmática, a outra é sintagmática. Sfar (2015) menciona que uma fixidez sintagmática tem no seu conjunto uma junção da sintaxe e o seu sentido global, neste caso, não se pode analisar um fraseologismo com itens isolados, mas uma análise com todas as unidades, como se todos fossem uma única para atingir um objetivo de entendimento da sequência.

Assim, a polilexicalidade, encontrada no *corpus* da tese, é explicada nos contextos dos fraseologismos que são um conjunto de palavras que se formam por

estabilidade e fixação. Desde sempre, o homem tem se sentido atraído por essas combinações estáveis, utilizadas cotidianamente e que servem como veículo de expressão cultural de um povo e de sua idiossincrasia.

No entanto, certas descobertas terão que esperar até as últimas décadas do presente século para que surja muito mais interesse em estudá-las linguisticamente, colocar limites em seu estudo e homogeneizar critérios, como o caso da Fraseologia que ganha força a partir do século XX. Com isso, observa-se que diante as indagações se elevam os questionamentos de quais seriam os possíveis fraseologismos encontrados no Brasil.

Mejri (2011, p. 125) menciona que “os fraseologismos são unidades polilexicais fixadas ou colocações nas línguas de especialidade na língua geral”²² Ainda, neste contexto, Mejri (2011) aborda a importância dos fraseologismos, mencionando sobre a tradução especializada, ponto interessante relacionado aos fraseologismos. Com isso,

[...] a partir da importância da composição fraseológica observada, os fraseologismos, através de *corpus* paralelos cuja estrutura se apoia nas três funções elementares das palavras (predicado, argumento e atualizador), podem construir uma excelente ferramenta para melhorar as traduções especializadas. (MEJRI, 2011, p.125)²³

Barbosa (2012) estabelece a Fraseologia

A fraseologia é um dos ramos das ciências da palavra que tem por objeto de estudo as “unidades lexicais” constituídas de dois ou mais vocábulos ou de sintagmas e de frases, com grau variável de lexicalização, ou seja, com diferentes tipos e graus diversos de integração semântica e sintática de seus constituintes. Fraseologia significa, ainda, o conjunto de frasemas de um universo de discurso. (BARBOSA, 2012, p. 247)

Nesta concepção, os fraseologismos podem ser combinações frequentes de unidades léxicas fixadas na norma, como exemplo, as colocações. Eles se encontram entre as combinações livres e as fixas, são elementos que se englobam, e normalmente se caracterizam pela transparência de significado, podendo, também,

²² “[...] phraséologismes les unités polylexicales figées ou collocationnelles dans les langues de spécialité et dans la langue générale”

²³ “Vu l’importance du taux de couverture constate, les phraséologismes, moyennant des corpus parallèles dont la granularité repose sur les trois fonctions primaires des mots (prédicat, argument, actualisateur), peuvent constituer un excellent outil pour l’amélioration des traductions spécialisées.”

fazer parte dos fraseologismos: os pragmatemas, expressões idiomáticas e provérbios.

No âmbito das unidades do léxico, é importante destacar os fraseologismos, os quais possuem sua própria tipologia. Dentro dessas unidades, há um foco de análise nas colocações léxicas, que são unidades pré-fabricadas compostas por dois ou mais elementos lexicais, podendo integrar, algumas restrições de combinação. Para Polguère (2018) uma colocação se caracteriza por dois aspectos essenciais: o sentido expresso pelo termo colocado e o papel sintático desempenhado pelo termo colocado em relação à base.

Para este estudo, a teoria do fraseologismo segue a corrente francesa que possibilita o reconhecimento desse conjunto de unidades lexicais encontradas nos registros de dados do Projeto ALiB, principalmente, por se mostrar um fenômeno inerente à fala.

Esclarecendo mais um pouco sobre o termo Fraseologia, entende-se a como uma abordagem da unidade lexical, sendo definida e reconhecida nos dicionários. Busca-se a definição em três dicionários atuais eletrônicos, como: *Dicionário Houaiss (2009)*, *Dicionário Aurélio (1999)* e *Dicionário da Real Academia Española-RAE*. A seguir, os quadros com as definições:

Quadro 3 - Definição fraseologia no dicionário eletrônico Houaiss (2009)

**DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA.
VERSÃO 3.0. SÃO PAULO: OBJETIVA, JUNHO, 2009.**

1. Rubrica: gramática. a parte da gramática que se dedica ao estudo da frase
2. Rubrica: estilística, gramática.
o conjunto das construções mais características de uma língua ou de um escritor
Exs.: *a f. latina*
a f. de Guimarães Rosa
3. Rubrica: gramática, lexicologia, linguística.
frase ou expressão cristalizada, cujo sentido ger. não é literal; frase feita, expressão idiomática (p.ex., *fazer uma tempestade em um copo de água*)
4. estudo ou compilação de frases feitas de uma determinada língua
5. m.q. **frasismo**
6. Rubrica: música.
estudo da organização métrica de uma composição.

Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss (2009)

Uso: neste dicionário, faz-se uma diferença entre *fraseologia* ('expressão idiomática') e *locução*, sendo que a primeira é mais longa e *ger.* possui verbo, e a segunda é um sintagma ou locução cristalizada, com sentido figurado ou não (deu-se prioridade às locuções, e poucas fraseologias são registradas). Etimologia: *frase* + *-o-* + *-logia*, prov. pelo fr. *phraséologie* 'recolha de palavras feita para o estudo de uma língua'.

A seguir, Quadro 4 com a definição do Dicionário Aurélio:

Quadro 4 – Definição fraseologia no dicionário eletrônico Aurélio (1999)

DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO SÉCULO XXI. RIO DE JANEIRO, NOVA FRONTEIRA E LEXICON INFORMÁTICA, 1999, CD-ROM, VERSÃO 3.0

- fraseologia [De fraseo- + -logia.] S. f. E. Ling.
1. Parte da gramática em que se estuda a construção da frase.
 2. Construção de frase peculiar a uma língua ou a um escritor.
 3. Conjunto ou compilação de frases ou locuções de uma língua ou de um escritor.

Fonte: produção feita pela autora.

E, também, no Quadro 5 com o Dicionario de la Lengua Española:

Quadro 5 – Definição fraseologia Real Academia

DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA

- Fraseología
De *frase* y *-logía*.
1. f. Conjunto de modos de expresión peculiares de una lengua, de un grupo, de una época, actividad o individuo.
 2. f. Conjunto de expresiones intrincadas, pretenciosas o falaces.
 3. f. **palabrería.**
 4. f. Conjunto de frases hechas, locuciones figuradas, metáforas y comparaciones fijadas, modismos y refranes, existentes en una lengua, en el uso individual o en el de algún grupo.
 5. f. Parte de la lingüística que estudia las frases, los refranes, los modismos, los proverbios y otras unidades de sintaxis total o parcialmente fija.

Fonte: produção feita pela autora

O conhecimento do termo Fraseologia é de grande valia nos dicionários, entretanto, é necessário analisar a abordagem feita por diferentes estudiosos sobre o

assunto. Nesse sentido, selecionaram-se alguns de acordo com a definição e o objeto de análise, dando ênfase aos fraseologismos.

Ao falar sobre fraseologismos, Montoro del Arco (2005) cita que

[...] unidade fraseológica; expressão pluriverbal; unidade pluriverbal lexicalizada; expressão fixa; fraseolexema; frasema; combinatória lexical. Dentre esses se destacam como mais habituais os termos “unidades fraseológicas” e “fraseologismos” (MONTORO DEL ARCO, 2005, p. 96).

Inicia-se por Saussure – conhecido como pai da Linguística – e sua relevância dentro dos estudos linguísticos. Saussure (2006 [1916]), em seu *Curso de Linguística Geral*, não tratou livremente sobre a Fraseologia, mas ressaltou que não se pode falar isoladamente, ou seja, por signos isolados, mas com grupos de signos, por massas organizadas.

O autor não menciona claramente o termo Fraseologia, mas observa-se que seu escrito aponta aos fraseologismos, que seriam os *agrupamentos*, a saber: “[...] a noção de sintagma se aplica não só às palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frases, frases inteiras).” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 143-144)

Saussure (2006 [1916]) faz menção também aos grandes números de expressões, relatando sobre frases feitas, a saber:

Há, primeiramente, um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas (para que fim?). O mesmo ainda, que em menor grau, ocorre com expressões como “acertar na mosca” ou ainda “ter dor de (cabeça, etc.)...”, [...] cujo caráter usual depende das particularidades de sua significação ou de sua sintaxe. Esses torneios não podem ser improvisados, são fornecidos pela tradição [...] (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 144)

Corpas Pastor (2012) define unidades fraseológicas, dando ênfase a frequência de uso. Assim,

[...] as unidades fraseológicas – objeto da fraseologia – são unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível da oração composta. Tais unidades se caracterizam por sua alta frequência de uso, e de coaparição de seus elementos integrantes; por sua institucionalização, entendida em termos de fixação e especialização semântica; por sua idiomatidade e variação potenciais; assim como o grau no qual se dão todos estes aspectos nos distintos tipos.

Acerca disto, a pesquisa define que os dados do trabalho, de acordo com a busca no *corpus* ALiB, define-se como *fraseologismos* e, não, *unidades fraseológicas*. Ressalta-se que todas as nomeações são importantes, porém a pesquisa define como melhor termo: fraseologismos. Assim, como Ortiz-Alvarez, em 2003, ao publicar *Fraseologia e Paremiologia*, fazendo a escolha por *fraseologismos*, ao invés das comumente *unidades fraseológicas*.

Para um maior reconhecimento da ciência fraseológica é essencial entender seu percurso ao longo do tempo. Nesse contexto, as contribuições de Charles Bally, conhecido como o “pai da Fraseologia”, desempenharam um papel fundamental no estabelecimento da Fraseologia como um campo de estudo distinto.

Em 1909, o termo Fraseologia é definido, surgindo assim as primeiras pesquisas sobre as expressões fixas. Bally (1909) categorizou as expressões em três grupos distintos: combinações livres, agrupamentos usuais e unidades fraseológicas. Com essas classificações os estudos sobre as expressões idiomáticas ganham força, tendo o crescimento e reconhecimento no âmbito linguístico.

Em 1940, linguistas soviéticos deram os passos para a construção das pesquisas com a Fraseologia, sendo aprofundadas por Vinogradov (1947). Na Europa Ocidental, mais especificadamente, na República Democrática Alemã (RDA) houve também, o crescimento dos estudos fraseológicos. Casares (1992 [1950]), na Espanha, foi um dos primeiros pesquisadores a se dedicar aos estudos da Fraseologia, sistematizando os estudos das locuções, dos refrões, dos modismos. Seu estudo é de grande importância para os estudos das expressões em língua espanhola.

O pesquisador Mejri (1997) afirma que a Fraseologia está dentro dos estudos da ciência da linguagem, mas há necessidade de aprofundar os seus estudos. Segundo o autor, a Fraseologia engloba um fenômeno de associações sintagmáticas, tendo a fixação como processo de realizações das unidades sintagmáticas. A fixação é conhecida como *figement*: expressões idiomáticas, pragmatemas colocações, e etc.

No contexto brasileiro, merece destaque o trabalho de Ortiz Alvarez (2011) e suas pesquisas sobre a Fraseologia.

Para a referida pesquisadora, a Fraseologia

é a ciência que estuda as combinações de elementos linguísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, cujo

significado é dado pelo conjunto de seus elementos e não pertencem a uma categoria gramatical específica. (ORTIZ-ALVAREZ, 2011, p. 9).

Gonzalez-Rey (2012) apresenta uma ideia motivadora ao abordar a Fraseologia, em particular o conceito de Fraseodidática. Segundo a autora, a ciência fraseológica envolve o ensino da Fraseologia de uma língua, mas também o ensino de uma língua através de sua fraseologia. Ela destaca que a Fraseodidática é uma abordagem que visa explorar e utilizar os aspectos fraseológicos de uma língua como recursos pedagógicos para o ensino e aprendizagem efetivos. Essa perspectiva amplia o horizonte da didática de línguas, proporcionando uma compreensão mais abrangente e integrada. Nesse contexto, pode-se pensar na ideia da fraseologia no dia a dia comum de aulas em escolas ou centros de idiomas.

Dessa forma, a autora menciona que a Fraseologia é um sistema intrinsecamente relacionado às particularidades expressivas que emergem das condições sociais nas quais a língua é empregada. Esse sistema compreende dois aspectos inseparáveis: a expressão e a locução, frequentemente utilizadas de forma intercambiável, como sinônimos. (GONZALEZ-REY, 2012). Na tese, é vista a afirmação de Gonzalez-Rey ao mencionar as locuções. Isso fica claro quando se usa as estruturas polilexicais, porém na pesquisa, chamado de fraseologismos.

Já, Monteiro-Plantim (2014) faz a contribuição ao definir:

A fraseologia é o termo utilizado para designar tanto o conjunto de fenômenos fraseológicos como a disciplina que os estuda (ainda que para alguns pesquisadores trate-se de uma subdisciplina da Lexicologia). Nossa concepção é a de que se trata de uma disciplina independente, mas concernente a todos os níveis de análise linguística, como mostraremos mais adiante. Enquanto conjunto de fenômenos fraseológicos comum a todas as línguas naturais, a Fraseologia constitui um estupendo recurso linguístico, do qual os falantes fazem uso em seu cotidiano, em contextos precisos e com objetivos específicos. (MONTEIRO-PLANTIM, 2014, p. 23)

Conforme Corpas Pastor (2017), a Fraseologia

[...] é considerada tradicionalmente um ramo da Linguística, concretamente uma subdisciplina dentro da Lexicologia. Também se estudou a Fraseologia a partir da Etnolinguística, especialmente no que se refere à Paremiologia (os provérbios são considerados um repositório de sabedoria popular, cf. o folclore popular). Mas desde finais da década de 1990 e muito especialmente desde o início do século XXI, a Fraseologia experimentou um auge a tal ponto que já pode se considerar uma disciplina autônoma e independente, que desenvolveu um aparato teórico próprio e interdisciplinar. (CORPAS PASTOR, 2017, p. 262).

Paim *et al* (2018) definem Fraseologia como um termo que é:

[...] utilizado tanto para fazer referência ao conjunto de fenômenos fraseológicos como para nomear a disciplina que se propõe a investigá-los. Conforme algumas correntes teóricas, a Fraseologia é concebida como uma subdisciplina da Lexicologia, enquanto para outras possui estatuto de disciplina independente. Assim, verificou-se que, na literatura especializada, ainda não é possível encontrar um consenso referente ao *status* dessa área de conhecimento, à delimitação das unidades fraseológicas e, por extensão, à categorização dessas unidades. Independente disso, a Fraseologia, uma área de pesquisa relativamente nova, tem se destacado na pesquisa de unidades lexicais complexas e contribuído para a descrição e o ensino de línguas. (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018, p. 31)

Conforme expõem Paim *et al* (2018, p. 32), a Fraseologia é um fenômeno linguístico, comum a todas as línguas vivas, que se manifesta por meio de associações sintagmáticas recorrentes. Conforme os autores, nesse fenômeno, atua o processo de *figement* (fixação, cristalização, congelamento), do qual resultam os fraseologismos, que apresentam diferentes graus de fixação, polilexicalidade, congruência e idiomaticidade.

De acordo com Paim (2018), no seu escopo de análise da Fraseologia, Mejri expandiu os estudos para além dos provérbios, considerando a polilexicalidade como um ponto de estudo nos fraseologismos. Assim, ele se dedicou ao estudo do processo de fixação das unidades, mostrando como o mesmo envolve unidades sintagmáticas livres se transformam em unidades com diferentes graus de fixidez.

Conforme Mejri (1997), existem cinco características consideradas essenciais para o entendimento das sequências lexicais:

- i) ser formada por mais de uma palavra;
- ii) estar institucionalizada, ou seja, convencionada devido ao uso frequente;
- iii) possuir estabilidade, visto que seus componentes mantêm certa ordem;
- iv) apresentar algumas particularidades semânticas ou sintáticas;
- v) ser passível de modificações nos elementos que as integram.

Ao estudar léxico, língua, Lexicologia, Fraseologia, os contextos socioculturais sempre estão presentes, sendo elementos básicos, e, por vezes, determinam e justificam as variações linguísticas. Nesse âmbito, a cultura faz parte dos estudos acerca da Fraseologia, principalmente ao definir a relação de cultura com o povo.

Com Vilela (2002), percebe-se a relação mútua da Fraseologia com a oralidade e a expressividade cultural, a partir da linguagem. “[...] as fraseologias são uma marca da linguagem da proximidade, da oralidade, da expressividade, da desconstrução, da horizontalidade discursivo-pragmática” (VILELA, 2002, p. 199).

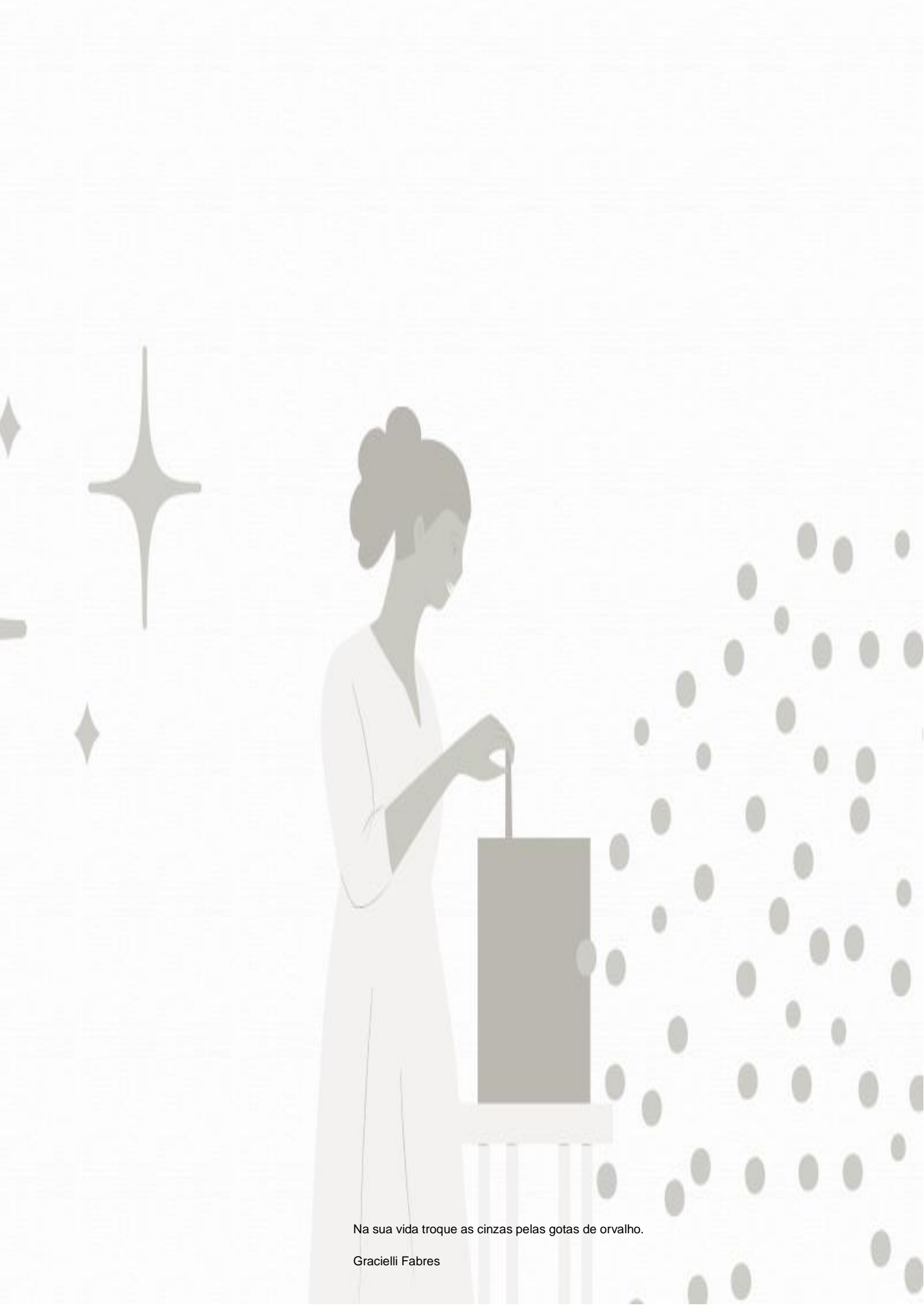
Ortiz-Alvarez (2012) diz que

A fraseologia está enraizada no nosso cotidiano, faz parte do nosso discurso diário, expressa nossas ideias, pensamentos, sentimentos, ela nos identifica e com ela nos identificamos, é fruto da nossa representação da realidade, e componente do nosso patrimônio cultural. [...] é através da fraseologia que as singularidades da língua e a maneira de pensar de uma comunidade melhor se refletem, pois as unidades que a compõem descrevem o mundo real, as experiências quotidianas, o colorido e a sabedoria de um povo, tornando-se num importantíssimo veículo de identidade e de cultura (Ortiz Álvarez, 2012, p. 11)

Ainda sobre a Fraseologia e a Cultura, Ortiz-Alvarez cita que

Os fraseologismos, também, chamados de unidades fraseológicas, constituem o objeto de pesquisa da Fraseologia. São fórmulas coletivas e tradicionais que refletem a mentalidade de um povo, sua história, seus costumes, crenças e estados afetivos, aos olhos de quem saiba reconhecê-las e investigar a visão de mundo que refletem. Assim, no correr dos séculos, essas fórmulas foram plasmadas em um vasto número de expressões – muitas vezes caracterizadas como populares -, que seriam portadoras das vivências de uma ou mais gerações aplicadas no cotidiano (ORTIZ-ALVAREZ, 2013, p. 494)

Com isso, os dados desta pesquisa, que se configuram como fraseologismos, estão inseridos no campo das sequências lexicais dentro do processo de fixação. Ou seja, a junção de duas ou mais unidades é comprovada na busca dos fraseologismos tanto da questão 121 quanto da 122, tendo sequências fixas, como: *signal vermelho*, *estar de boi*, *estar de bode*, *amarrar o facão*, *virar homem*, *estar naqueles dias*. Observa-se, dessa forma, que o significado do todo nem sempre pode acontecer, mas a fixação é comprovada nas sequências encontradas no *corpus* pertencentes aos *ciclos da vida* do banco de dados do Projeto ALiB.



Na sua vida troque as cinzas pelas gotas de orvalho.

Gracielli Fabres

3 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa tem como objetivo descrever o passo a passo dado para a realização da pesquisa. São diferentes etapas que integram a construção do estudo, a saber: os informantes escolhidos, as localidades (essencialmente para estudar diatopia), o questionário, e, também, os fundamentos elegidos para análise dos dados.

Entende-se que o método quantitativo, com base nas hipóteses que são levantadas, procura seguir um plano previamente estabelecido, utilizando um instrumental estatístico para a análise dos dados. O qualitativo tem uma abordagem eminentemente descritiva. Observa-se que ambos não se excluem, já que existe a possibilidade de ser congregado o estatístico com uma visão global do fenômeno. Assim, utiliza-se a pesquisa descritiva-interpretativa, tendo a base qualiquantitativa.

3.1 PROJETO ALiB – O ATLAS LINGUÍSTICOS DO BRASIL

O Projeto ALiB - Atlas Linguístico do Brasil - é um projeto de grande amplitude e sua dimensão se passa pelo âmbito nacional. Compreende-se que segue em desenvolvimento, desde 1996, pelo espaço brasileiro.

Dessa forma, Ribeiro (2012) menciona que

Executar um plano de tão grande amplitude e visibilidade requer empenho e compromisso de muitos pesquisadores brasileiros vinculados a cada universidade participante, o que vem se confirmando ao longo de mais de uma década de trabalho da Equipe de pesquisadores do ALiB. (RIBEIRO, 2012, p. 116)

Além de todo empenho feito pelos pesquisadores que engajam o Projeto, sabe-se que a meta é a realização de um grande Atlas, tendo como base a Língua Portuguesa. A UFBA destaca-se como pioneira na implementação desse projeto, tendo como base os estudos sobre a atividade dialetal no Brasil. Essa iniciativa é resultado do esforço conjunto de linguistas e filólogos engajados no campo do Projeto.

Com o Projeto ALiB, entende-se a força das influências na Língua Portuguesa, a saber: influências da língua africana e da língua indígena, que são detectadas no decorrer da observação e da análise com o *corpus* do ALiB. Observa-se, com isso, a importância de documentar a Língua Portuguesa em seu estado atual, registrando e demonstrando características próprias da língua.

O Projeto ALiB vincula as mudanças sociais que, no decorrer do tempo, acontecem dentro do Brasil. A relação, por exemplo, entre o rural x urbano é aprofundado no estudo. Assim, também, a questão da escolarização e do crescimento populacional no interior e no âmbito da parte demográfica do país.

O Projeto é ativo e para manter todo o grupo unido são feitas muitas reuniões, encontros, congressos com a intenção de sempre validar e conhecer as pesquisas atuais dos componentes que integram o Projeto ALiB.

Reconhece-se que o Projeto ALiB tem características que estão alinhadas nesta pesquisa como: a metodologia, os informantes e os questionários. No decorrer do trabalho, esses pontos são aprofundados, pois são itens essenciais para o sucesso das investigações diatópicas.

A metodologia vincula-se ao aspecto metodológico da Geografia Linguística, mais especificadamente e inovadora como a Geolinguística Pluridimensional Contemporânea. (Cf. CARDOSO, 2010).

Entende-se que

A pesquisa de cunho dialetal se fundamenta em um tripé básico: a rede de pontos, os informantes e os questionários, cujo estabelecimento se molda sob diferentes perspectivas, orientadas por procedimentos teóricos variados. (CARDOSO, 2010, p. 89)

Com isso, vale ressaltar que, de acordo com Ribeiro (2012), já: “O perfil dos informantes e a abrangência dos questionários fornecerão dados relativos às outras dimensões além da diatópica” (RIBEIRO, 2012, p.119). Ainda, no quesito inovador diante a metodologia inserida na Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, Ribeiro (2012) traz a contribuição da descrição do processo, a saber:

Em relação ao aspecto inovador, devem ser considerados os parâmetros referentes aos atlas de 3ª geração. Pretende-se que o ALiB apresente os dados linguísticos através da internet e em CD/DVD, que seja um atlas sonoro e com um volume de comentário às cartas linguísticas. O Volume de Comentários conterá a análise de fatos linguísticos essenciais para a descrição do português do Brasil e fornecerá elementos para a determinação de áreas dialetais e para uma abordagem interpretativa referente às variáveis sociais consideradas na pesquisa. (RIBEIRO, 2012, p. 119 - 120)

A pesquisa referente a esta tese segue com algumas divisões para o reconhecimento e melhor entendimento do caminho do trabalho metodológico,

contendo um roteiro a partir de: breve histórico, objetivos, rede de pontos, o perfil dos informantes, questionário, inquiridor e materiais que compõem o processo.

3.1.1 Breve Histórico

Em finais dos anos 90, do século XX, o Projeto ALiB nasce a partir da ideia e vontade da realização de um Atlas Linguístico do Brasil. O desejo vem a partir de grandes professores e pesquisadores como: Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Celso Cunha, Nelson Rossi. Porém, o Atlas Linguístico não foi finalizado, por diversas questões de dificuldades, juntamente com o permear da realidade de anos atrás diante dos estudos de Língua Portuguesa.

A saber, sobre as questões de não-concretização pode se dar pela falta de uma equipe concreta para a realização da pesquisa, a falta de pesquisadores com disponibilidade para a realização de uma empreitada pelo Brasil, pela falta de verba para a realização da pesquisa de tamanha natureza, pelos problemas de viabilidade de locomoção e de transportes.

Porém, mesmo assim, a UFBA assume um grande papel para os estudos dialetológicos. A universidade se torna a pioneira na busca para a concretização do projeto, que se vincula com mais universidades do Brasil.

3.1.2 Objetivos

Acerca dos objetivos, entende-se que o Projeto ALiB fundamenta-se na base teórica da Dialetoлогия, dando ênfase aos princípios gerais da Geolinguística Contemporânea. A pesquisa dialetológica prioriza a diatopia ou a variação espacial, sendo de acordo com as implicações da variação social, que não se pode deixar de incluir nos estudos que fazem parte da língua, da linguagem.

Cardoso (2010, p. 45) menciona que

A história dos estudos dialetais vem demonstrando que a visão diatópica não tem estado desacompanhada da perspectiva social na construção de uma metodologia a ser seguida pela geolinguística. A valoração atribuída a uma ou outra maneira de focalizar o método tem, porém, recebido pesos diferenciados conforme o momento, a região, os objetivos do trabalho, levando a que se possa precisar os veios da diatopia e os traços sociolinguísticos. (CARDOSO, 2010, p. 45)

Dentro deste contexto, entende-se, também, que com as entrevistas são documentadas as falas dos informantes. Como ressalta Ribeiro (2012, p. 119), [...] “(conversa com perguntas e respostas, relatos de situações pessoais e leitura de texto) de modo a permitir estudar a variação diafásica, a variação diageracional, a variação diagenérica e a variação diastrática.”

Ao falar sobre os objetivos é necessário de ordem maior entender quais seriam os que dão suporte às pesquisas dialetológicas. Dessa forma, listam-se objetivos de acordo com a página oficial do Projeto ALiB, como forma de aprofundar o ponto, aqui, no trabalho, a saber:

1. Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
2. Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.
3. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados.
4. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia, etc. – de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
5. Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.
6. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica. (COMITÊ NACIONAL, 2023)

O trabalho vincula-se, inteiramente, ao primeiro objetivo. Ou seja, baseia-se na abordagem do campo léxico semântico, mais especificadamente QSL *ciclos da vida*. O trabalho está de acordo com a proposta de Ribeiro (2012), que enfatiza, no decorrer da sua tese, a intenção do entendimento principal com o da variação linguística e as isoglossas.

Atente-se para o objetivo três, no que se refere à análise da “variação linguística sob os diversos pontos de vista”, e ao qual este trabalho procura dar cumprimento com a abordagem do campo léxico-semântico. O outro objetivo a ser buscado, pelo Projeto ALiB, é o estabelecimento de “isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil”, para o qual a pesquisa realizada contribuirá no que se refere ao estudo da região dialetal denominada Falar Baiano (NASCENTES, 1953). (RIBEIRO, 2012, p. 119).

Todos os objetivos são importantes e carregam um posicionamento claro para diversos segmentos das pesquisas dialetológicas. Porém, para este estudo, vincula-se a importância das questões no âmbito da área temática *ciclos da vida*.

3.1.3 Características gerais – metodologia

As bases gerais da metodologia do trabalho dialetal se passam, nessa perspectiva, pelo fazer que determina o método. “[...] o fazer é que ensina, o fazer é que dita o método – pode ter alguns passos definidos, no sentido de ordenar e proporcionar melhor rendimento da investigação e disciplinar a pesquisa.” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p.23)

Com a entrada sobre as características gerais da metodologia, contribuição de Carlota Ferreira e Suzana Cardoso, observam-se, também, etapas que, em 1994, foram citadas pelas autoras, como: a preparação da pesquisa, a questão de executar os inquéritos, a análise dos materiais e, assim, a divulgação dos resultados.

Cardoso (2010) menciona que a pesquisa, o estudo dialetal “se fundamenta em um tripé básico: a rede de pontos, os informantes e os questionários, cujo estabelecimento se molda sob diferentes perspectivas, orientadas por procedimentos teóricos também variados.” (CARDOSO, 2010, p. 89).

Com o entendimento, o Projeto ALiB tem um caráter inovador, principalmente por estar inserido na Geolinguística Pluridimensional. A diatopia é totalmente relevante, mas leva-se em consideração também o perfil dos informantes, estratificados em sexo, faixa etária e escolaridade. Os questionários do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001), também são inovadores, pois abarcam aspectos ainda não explorados em outras atlas.

Seguindo o pensamento do caminho da metodologia utilizada no Projeto ALiB, esta seção trata de conhecimentos, acerca da rede de pontos, do perfil dos

informantes e dos questionários linguísticos, assim como define Cardoso (2010), acerca do tripé básico da pesquisa dialetal.

3.1.3.1 Rede de Pontos

O Projeto ALiB tem uma rede de pontos, formando um total de 250 localidades distribuídas por todo Brasil, selecionadas de acordo com alguns critérios como: históricos, culturais e demográficos. Mais amplamente reconhecido, conforme Antenor Nascentes (1958), na análise das *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, critérios foram sinalizados, a saber:

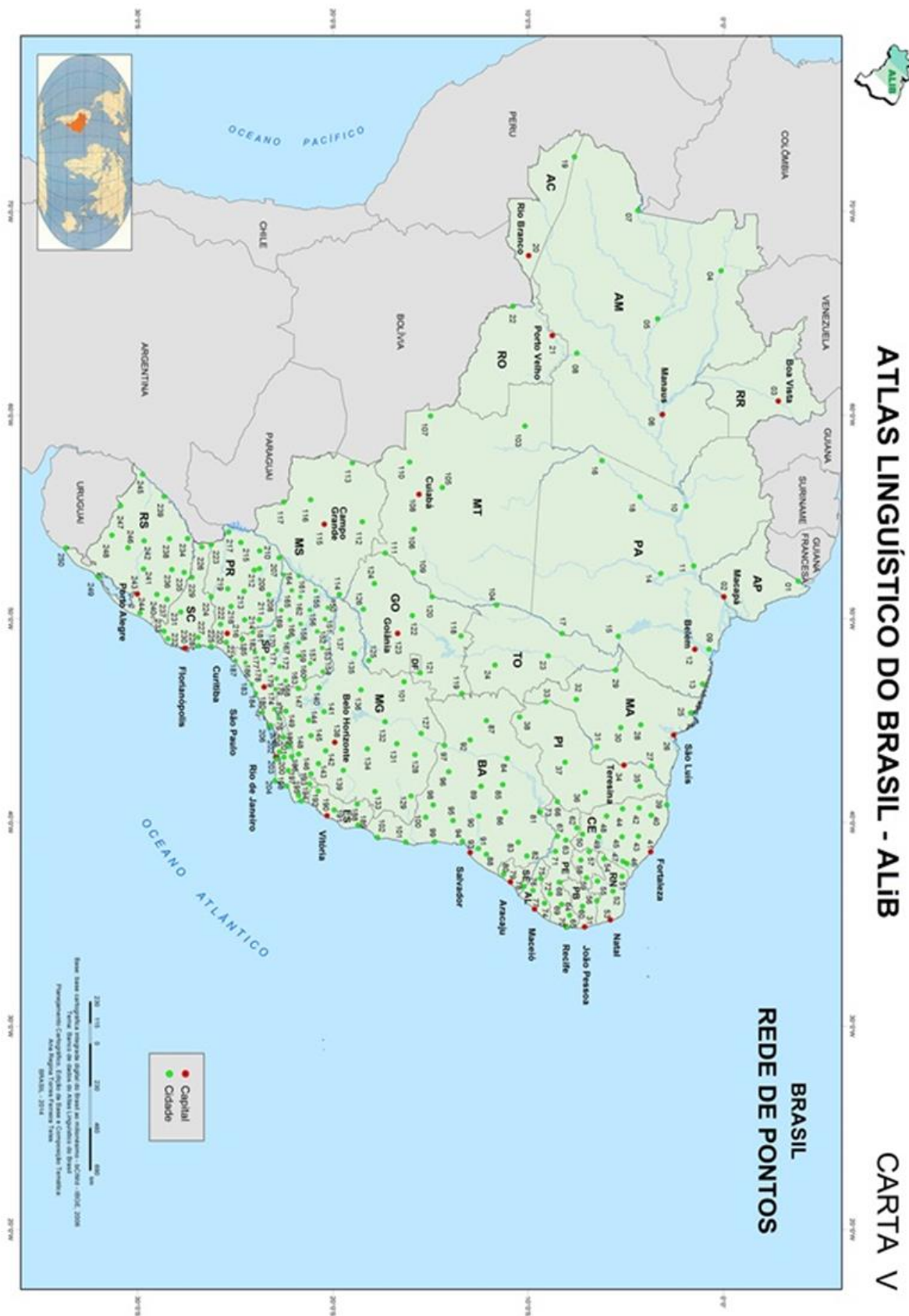
- (i) aspectos demográficos, históricos e culturais;
- (ii) extensão territorial;
- (iii) natureza do processo de povoamento;
- (iv) fronteiras nacionais e internacionais.

Com isso, a pesquisa dá importância à extensão de cada Estado e região estudados. No Projeto ALiB, a rede de pontos se forma por todas as capitais, exceto Brasília (Distrito Federal) e Palmas (Tocantins), pois são cidades ainda em formação, necessitando do cuidado, para encontrar pessoas nascidas na cidade, tornando-se, assim, algo difícil quando é necessário levar em consideração os critérios do Projeto.

Além disso, as escolhas das localidades foram feitas baseando-se nos pontos sugeridos por Nascentes (1958) e pela vontade de abranger os conhecimentos acerca da Região Nordeste do Brasil com a rede de pontos do Projeto ALiB. De acordo com o Comitê Nacional (2009), as escolhas pelas localidades não apontam, somente, os contextos linguísticos, como também o contexto sócio-histórico, trazendo o reconhecimento de estudar a língua.

Em Carta V do *Atlas Linguístico do Brasil* (Cf. Figura 2), há a apresentação da rede de pontos do Projeto ALiB, produzida por Cardoso (2014). A seguir, a Carta V do Atlas Linguístico do Brasil:

Figura 2 – Carta V Carta Brasil Rede de Pontos



Fonte: Acervo Projeto ALiB

3.1.3.2 Os informantes

A escolha dos informantes se dá de acordo com a metodologia do Projeto ALiB, baseando-se em um estudo pluridimensional, ou seja, levando em consideração o nível de sexo, faixa etária e escolaridade dos falantes participantes da pesquisa, como mostra o Quadro 6:

Quadro 6 - Perfil dos informantes do Projeto ALiB

| Região | Informante | Sexo | Faixa Etária | Escolaridade |
|--|-------------------|-------------|---------------------|---------------------|
| Cidades do Interior do Nordeste | 01 | Masculino | 18 a 30 anos | Fundamental |
| | 02 | Feminino | 18 a 30 anos | Fundamental |
| | 03 | Masculino | 50 a 65 anos | Fundamental |
| | 04 | Feminino | 50 a 65 anos | Fundamental |
| Capital | 01 | Masculino | 18 a 30 anos | Fundamental |
| | 02 | Feminino | 18 a 30 anos | Fundamental |
| | 03 | Masculino | 50 a 65 anos | Fundamental |
| | 04 | Feminino | 50 a 65 anos | Fundamental |
| | 05 | Masculino | 18 a 30 anos | Universitário |
| | 06 | Feminino | 18 a 30 anos | Universitário |
| | 07 | Masculino | 50 a 65 anos | Universitário |
| | 08 | Feminino | 50 a 65 anos | Universitário |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria Própria.

É importante mencionar que o Projeto ALiB tem um total de 1.100 informantes (homens e mulheres). Assim, percebe-se que

A busca do informante ideal e do número representativo de indivíduos para a amostra de fala que se quer analisar — metas tenazmente perseguidas pelos que trabalham a partir de dados empíricos — esbarra, sempre, como se sabe, com a efetiva possibilidade de realização, especialmente quando se trata de um projeto de âmbito nacional. (COMITÊ..., 2007, p 14).

Como este trabalho está vinculado ao interior e as capitais, sendo assim, o Projeto ALiB entrevistou quatro informantes, com escolaridade apenas no nível fundamental, diferenciando-se da capital, que são oito informantes, quatro com escolaridade fundamental incompleto e quatro com formação universitária.

3.1.3.3 O Questionário Linguístico

O projeto ALiB utiliza um tipo de questionário linguístico, tendo método para elaboração do questionário, que normalmente visa a enfatizar as questões, de modo que, no decorrer do processo permita a coleta de dados nos distintos níveis linguísticos. Nesse contexto, sabe-se que o questionário do Projeto ALiB é dividido em sete partes, definindo os aspectos específicos da língua que estão organizados, a saber:

- (i) QFF – Questionário fonético-fonológico com 159 perguntas e 11 questões de prosódia;
- (ii) QSL – Questionário semântico-lexical com 202 perguntas divididas em 14 áreas semânticas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religiões e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios e vida urbana;
- (iii) QMS – Questionário morfossintático com 49 perguntas;
- (iv) QP – Questionário pragmático com 04 perguntas;
- (v) TDS – Temas de discursos semidirigidos (relato pessoal, comentário, descrição, relato não pessoal);
- (vi) PM – Perguntas metalinguísticas com 06 perguntas;
- (vii) LE – Texto para Leitura

Em resumo, somam-se aos três questionários (QFF, QSL e QSM) as questões de pragmática com quatro perguntas. Ou seja, elaboradas com temas para discursos semidirigidos (relato pessoal, comentário, descrição, relato não pessoal) e, ainda, perguntas de níveis metalinguísticas, contendo um total de seis perguntas, juntamente com um texto para leitura.

De acordo com Paim e Ribeiro (2018)

Os procedimentos metodológicos usados no Projeto ALiB se distanciam dos passos usados tradicionalmente na coleta de dados da pesquisa dialetológica pela ampliação dos tipos de questionários – fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático –, além da adição de questões de prosódia, de pragmática e de natureza metalinguística, de temas para discurso semidirigido e de um texto para leitura. Nesse sentido, o Projeto tem como intuito analisar um conjunto de dados nos diversos níveis de análise da língua, além de detentar contemplar aspectos pouco estudados da

realidade brasileira, como a variação prosódica, a pragmática, a diafásica e a diarreferencial. (PAIM; RIBEIRO, 2018, p. 112)

Com isso, observa-se que o questionário linguístico do ALiB contemplou estudos já existentes do português regional no Brasil, como também de questionários linguísticos de atlas já publicados, ou, por vezes, em etapa de elaboração.

As entrevistas realizadas no Questionário do Projeto ALiB são gravadas com uma duração de três horas e, em seguida, passam por transcrições tanto grafemáticas como fonéticas. No que diz respeito à metodologia, é relevante mencionar, nesta tese, as definições presentes no Projeto ALiB - Documentos 4 - relacionadas ao questionário e suas etapas, bem como citar a tese de Ribeiro (2012) e os detalhes específicos abordados pela pesquisadora.

No primeiro questionário, o Questionário Fonético Fonológico, entende-se que “é composto por 159 questões referentes a fatos fônicos que reconhecidamente se prestam a descrição do português brasileiro e possibilitam a identificação de áreas dialetais do país.” (RIBEIRO, 2012, p.122). Com o QFF, a meta é

[...] a busca por variantes diatópicas, questões referentes à realização aberta (é, ó) ou fechada (ê, ô) das vogais médias pretônicas, em vocábulos como televisão, tesoura, elétrico, tomate, borboleta, coração, fato que divide o País em dois grandes grupos de falares, predominando, nos do norte, as variantes abertas, e, nos do sul, as fechadas, conforme já observara Nascentes (1953) e vem sendo confirmado por pesquisadores contemporâneos, como o fez Cardoso (1986) a partir da análise de cartas do Atlas Prévio dos Falares Baianos e do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. (COMITÉ..., 2009, p. 21-22 apud RIBEIRO, 2012, p.122)

O QFF segue o caminho de entendimento, viabilizando pautas fônicas, porém não somente, e sim, as variações diatópicas que os dados poderão demonstrar e, também, viabiliza o entendimento das variações diastráticas, tendo como foco encontrar a realização de certo vocábulo específico.

Já o QSL, *Questionário Semântico Lexical*, é formado por 202 questões, que compõem as 14 áreas semânticas, visando a busca por variações lexicais. Ribeiro (2012) menciona que o QSL

São questões de cunho onomasiológico. Prestam-se também para estudos da variação diastrática, diageracional e diagenérica, pois quando os informantes são incitados a apresentarem “outras denominações” para o item semântico-lexical em questão, muitas vezes são registradas colocações como: “os mais antigos falavam assim”, “ouvia minha vó dizer isto”,

“antigamente não se falava assim, não”, “o pessoal ignorante fala assim” ou “ouço dizer”. (RIBEIRO, 2012, p. 122 - 123)

Com isso, o QSL - Questionário Semântico Lexical - é formado por 14 áreas semânticas, a seguir as localidades no Quadro 7:

Quadro 7 - QSL – Áreas Semânticas

| Áreas Semânticas | Perguntas |
|---------------------------------|------------------|
| Acidentes geográficos | 06 |
| Fenômenos atmosféricos | 15 |
| Astros e Tempos | 17 |
| Atividades agropastoris | 25 |
| Fauna | 25 |
| Corpo humano | 32 |
| Ciclos da vida | 15 |
| Convívio e comportamento social | 11 |
| Religião e crenças | 08 |
| Jogos e diversões infantis | 13 |
| Habitação | 08 |
| Alimentação e cozinha | 12 |
| Vestuário e acessórios | 06 |
| Vida urbana | 09 |
| TOTAL | 202 |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria Própria.

Para a pesquisa é selecionada a área semântica *Ciclos da vida*, sendo analisadas 02 questões, âmbito de análise lexical. Já com o Questionário Morfossintático entende-se que é um questionário de difícil aplicação, por diversos fatores. Como cita Ribeiro (2012, p. 123), “É a parte do Questionário de maior dificuldade de aplicação, sobretudo por requerer certas construções sintáticas específicas difíceis de serem obtidas em simples perguntas e respostas ou descrição de figuras.”

O Questionário é composto por 49 questões, tendo como foco a identificação de construções sintáticas e morfossintáticas, considerando a dificuldade de realizar tais análises devido à utilização da fala, que é construída com informalidade. Para superar os desafios da aplicação, são empregadas diferentes formas para a coleta de dados, como, por exemplo, receitas, figuras, entrevistas e breves diálogos sobre a vida cotidiana, com ênfase nas construções sintáticas selecionadas.

Já, as QP - Questões de Pragmática - têm como objetivo documentar as distintas maneiras de tratamento entre os falantes, sendo formado por quatro

questões, sendo de cunho de faixa etária e interpessoal. Sobre os Temas para Discurso Semidirigido (TDS), Ribeiro (2012) discorre mencionado que os Temas

[...] visam ao registro do discurso mais coloquial, menos tenso, e possibilitar o estudo da variação diafásica. São quatro os temas propostos, a saber: relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal. Constitui-se de uma das partes mais agradáveis de realização por parte do falante, visto que no momento da aplicação, o informante já está mais tranquilo em relação à dinâmica do inquérito e mais familiarizado com o documentador. (RIBEIRO, 2012, p. 124).

As PM - Perguntas Metalinguísticas - que fazem parte do questionário, têm como intenção mostrar a forma de falar local do informante, observando, assim, que o mesmo pode demonstrar seu grau de consciência linguística.

Já de acordo com o Comitê Nacional (2009) apud Ribeiro (2012) sobre PM

Busca-se, assim, não apenas testar a sensibilidade linguística do informante, mas verificar até que ponto variantes tidas como características de outro estrato social, de outra geração ou de outras áreas estão presentes em sua fala, tendo em vista que, conforme atestam as pesquisas sociolinguísticas, a avaliação subjetiva do falante a propósito de um determinado fato nem sempre está de acordo com a sua própria realização linguística. Estudo, nesse campo específico, foi desenvolvido, em 2007, pela Diretora Científica do Projeto ALiB, Profa. Dra. Vanderci Aguilera, em programa de Pós-Doutorado realizado na Espanha. (COMITÉ..., 2009, p. 22 apud RIBEIRO, 2012, p.124).

Para concluir, ao final do Questionário, é apresentado um Texto para Leitura (LE). De acordo com as citações de Ribeiro (2012), entende-se que tem como objetivo coletar do falante registro mais tenso, possibilitando, dessa forma, a observação da diafásica.

Na aplicação desta parte da leitura, são observadas algumas dificuldades, especialmente na etapa final da entrevista. Nota-se, ao ouvir os idosos, que muitas vezes eles não se sentem à vontade para ler o texto em voz alta para o entrevistador, possivelmente devido à dificuldade de enxergar e também à timidez.

3.2 CORPUS DA PESQUISA

A pesquisa se propõe a analisar a amostra de dados do Projeto ALiB, pertencentes ao Questionário Semântico Lexical, referente ao campo *ciclos da vida*, coletado nas 78 localidades que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB. Este

trabalho tem como foco observar os recursos do ALiB, para a realização de um inventário das unidades lexicais e polilexicais na Região Nordeste, com o intuito de registrar as diferenças diatópicas, levando em consideração os fatores sexo e faixa etária do ponto de vista qualitativo e quantitativo.

A amostra para esta pesquisa tem como constituição a audição e a transcrição de 348 inquéritos linguísticos colhidos *in loco*. A pesquisa consta com as respostas dos inquéritos para as questões 121 e 122 do QSL – Questionário Semântico Lexical, com área semântica *ciclos da vida*. Para a utilização dos dados coletados pela equipe do Projeto ALiB, foi feita a solicitação para o Comitê Nacional, sendo disponibilizado para a preparação desta pesquisa.

É importante mencionar que o Projeto ALiB tem um total de 1.100 informantes (homens e mulheres). Para a pesquisa, foram utilizados 348 para análise de 78 cidades do interior da Região Nordeste e capitais, com uma quantidade de dois homens e duas mulheres pertencentes à faixa etária I – 18 anos aos 30 anos – e à faixa etária II – dos 50 anos aos 65 anos –, com nível de escolaridade fundamental incompleto. E, também, quatro homens e quatro mulheres pertencentes à faixa etária I – 18 anos aos 30 anos – e à faixa etária II – dos 50 anos aos 65 anos –, com nível universitário.

Para a investigação desta pesquisa, observaram-se pontos relevantes sobre a *menstruação e menopausa*, como pauta sobre *ciclos da vida*, porém, ressaltando a visão de natureza humana, o nascimento, a preparação para a vida e os sentimentos que envolvem as mulheres neste momento delicado.

3.2.1 QSL – área semântica *ciclos da vida*²⁴

Inicialmente é feito um estudo do *corpus* do Projeto ALiB e a extração de dados para embasamento da pesquisa. A análise é produzida com base nas questões 121 e 122 do QSL *ciclos da vida*. A preferência pela área vem com a intenção de mostrar as relações com o bem mais importante: a vida. Também, com o nascimento, com as transformações na vida da mulher, e toda a carga que tem estudar um tema que, por diversas vezes, chama atenção por ainda ser um *tabu* linguístico.

²⁴ O Questionário Semântico Lexical do Projeto ALiB foi escolhido por se tratar de um tema muito relevante, que faz parte do mundo feminino, e tudo o que nele acarreta na vida da mulher, em ambos momentos da sua vida. Também, foi escolhido por se tratar de um tema já estudado no âmbito da rede de pontos do ALiB, referentes às capitais, e, com isso, a necessidade de completar este vínculo com mais estudos.

Observa-se, contudo, questões de cunhos identitários, culturais, históricos, e, além disso, permite o reconhecimento das distintas unidades lexicais, que os falantes de cada região manifesta com as variações diatópicas. A área semântica de *ciclos da vida* mostra um grande repertório lexical da Língua Portuguesa, contudo, também mostra o recatar, a timidez, o envolvimento emocional que se dá ao falante, ao mencionar algo muito íntimo, como se percebe no decorrer na audição da pesquisa.

Mondada (1997) menciona que a cultura vinculada nos falantes de uma comunidade forma um todo, sendo expressada no discurso. Com isso, de acordo com as observações acerca da área, pode se entender a existência de um léxico que é constituído de cultura, de questões íntimas no cerne do ser humano – aqui, vincula-se tanto mulher como homem, pois os dois, no momento da reprodução, ambos, envolvem sentimentos ao falar – entendendo, assim como essas estruturas permeiam o sistema linguístico de cada região.

O QSL, Questionário Semântico Lexical do Projeto ALiB, é composto por 15 perguntas, na pesquisa utilizam-se duas: 121 e 122.

CICLOS DA VIDA

121. MENSTRUACÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

122. ENTRAR NA MENOPAUSA

Numa certa idade acaba a/o _____ (cf. item 121). Quando isso acontece se diz que a mulher _____. (COMITÊ, 2001, p. 31)

A partir das perguntas e das respostas, observam-se alguns pontos importantes sobre as perguntas dos questionários, sentidos de acordo com a audição dos inquiridos. Apresenta-se o Quadro 8 – Comentários sobre as questões 121 e 122 – que demonstra as percepções da doutoranda, no momento da análise de audição dos inquiridos.

Quadro 8 - Comentários sobre as questões 121 e 122

| QSL | Perguntas | Comentários Relevantes |
|-----|-----------|---|
| | | <ul style="list-style-type: none"> • Em todos os Estados da Região Nordeste, houve frequência da unidade lexical <i>menstruação</i>. Todos os informantes pronunciaram mesmo com |

| | | |
|-----|---|--|
| 121 | <p>As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?</p> | <p>uma vergonha juntamente atribuída ao falar a unidade (o <i>tabu linguístico</i> tem grande valia na pesquisa).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Normalmente, assuntos como estes, menstruação, ainda, são <i>tabus</i> na fala de homens, positivamente ao pensar, que até mesmo as mulheres têm outras formas e jeitos para falar a unidade, usando: <i>estou menstruada</i>, <i>estou naqueles dias</i>. Mas mesmo assim, a diferença não é tão grande analisada nas cidades do interior da Bahia. • Muitos homens aparentam sentir vergonha, ao falar de menstruação, falam que esqueceu o nome da coisa. • Parece que a menstruação carrega consigo algum tipo de peso na pronúncia, talvez influenciado pela forma como muitos homens foram criados. Ao longo dos áudios, é frequente encontrar a frase "é pra falar mesmo?", o que revela o <i>tabu</i> associado ao tema e a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada para um melhor entendimento. Pode-se pensar que, normalmente, assuntos como estes ainda são difíceis de encontrar na fala de homens, já que, muitas vezes, até mesmo as mulheres têm diversas formas para não falar <i>estou menstruada</i>, com a utilização de outros fraseologismos, como: <i>estou naqueles dias</i>, <i>estou naqueles tempos</i> como encontrados nas cidades do interior de Alagoas. • Com a análise referente aos áudios de Pernambuco, detectou-se que as pessoas parecem muito fechadas ao falar do assunto. Situação como: "eu não posso fazer nada" referindo a <i>menstruação</i> como uma doença. E, também ao dizer que "menstruação é algo moderno" tendo a visão que a palavra é da modernidade, concebendo, assim, os fraseologismos como arcaicos, ou como forma mais leve para denominar as unidades lexicais. • <i>Estar de hipercard</i> chama atenção por estar relacionado com o cartão crédito |
|-----|---|--|

| | | |
|-----|--|--|
| | | <p>vermelho que é fornecido pelo Bompreço, rede de supermercado muito forte no Estado do Pernambuco, chegou ao Estado muito antes do que nos outros Estados do nordeste.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vale ressaltar uma observação feita ao analisar as cidades e os dados. <i>Quebrar o pote</i> foi muito utilizado, mas apenas em uma cidade: <i>Itaporanga - PB (058)</i>. A informante – mulher da faixa I. É interessante perceber, neste momento, as bases culturais, e não em um contexto geral de uma análise para todo Estado da Paraíba. |
| 122 | <p>Numa certa idade acaba a/o _____ (cf. item 121). Quando isso acontece se diz que a mulher _____.</p> | <ul style="list-style-type: none"> • Pode se pensar que, normalmente, assuntos como estes, por exemplo, <i>menopausa</i>, ainda são difíceis de encontrar na fala de homens, já que, muitas vezes, até mesmo as mulheres têm diversas formas para não falar “estou menstruada”, com a utilização de “estou naqueles dias”, por exemplo. • <i>Menstruação</i>, o <i>tabu</i> nesses assuntos, ainda tem grande relevância, mas <i>menopausa</i> verifica-se ser um pouco mais tranquilo do informante dar as respostas. Tanto que é mais tranquilo que o fraseologismo mais pronunciado é <i>amarrar o facão</i>. • Neste contexto, encontra com facilidade o entendimento de que <i>menopausa</i> é, ainda, mais fácil de observar na fala dos homens do que <i>menstruação</i>. • Mais idosos falam mais <i>menopausa</i>, por talvez, até mesmo, conhecerem mais sobre o assunto do que os mais jovens. • Observa-se que, muitas vezes, os homens não respondem pelo motivo de não saberem o nome dado à pausa de sangue nas mulheres todos os meses. |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria Própria.

Ressaltam-se as etapas seguidas para a pesquisa, com o objetivo geral de investigar, sob a perspectiva da variação diatópica, a realidade linguística nas 78 localidades da Região Nordeste do Brasil, de acordo com os dados delimitados pelo Projeto ALiB, referentes à área temática *ciclos da vida*.

E, os pontos a seguir:

- (i) Registrar as unidades lexicais adquiridas por meio da aplicação das questões 121 e 122 do Questionário Semântico Lexical do Projeto ALiB;
- (ii) Verificar como as unidades lexicais identificadas na pesquisa estão registradas em dicionários de língua portuguesa;
- (iii) Explorar as diferenças sociais, quando visíveis, presentes nos dados da pesquisa com o *corpus* do Projeto ALiB;
- (iv) Descrever as diferenças espaciais encontradas nas cartas linguísticas, de acordo com áreas geográficas pesquisadas no *corpus* do Projeto ALiB;
- (iv) Avaliar as prováveis razões por trás das unidades lexicais identificadas no *corpus* analisado.

3.2.2 A vida no QSL – *ciclos da vida*

A escolha por trabalhar, com as questões 121 e 122 (*menstruação e entrar na menopausa*), leva ao conhecimento sobre o ciclo da vida, mais especificadamente, o ciclo menstrual. No decorrer do tempo, algo que não se pode negar é que o ciclo sempre foi motivo de especulações, um determinante de rótulos. Normalmente, sabe-se que as mulheres passam por inúmeras situações, que podem ter um ar cômico, ou, por diversas vezes, situações constrangedoras.

No *corpus* percebe-se, pela fala dos informantes, o “não saber” determinar a unidade lexical, por vergonha, por constrangimento e outros dados já mencionados. Aparenta que, ao falar, ao mencionar sobre a menstruação, principalmente leva, ao saber de fato sobre o sexo, sendo uma ligação muito comum de entender entre as pessoas.

Coutinho²⁵ (1996) aborda interessantes concepções acerca do tema menstruação em diferentes momentos da história da humanidade. De acordo com o autor, as mulheres quando entravam na chamada – menarca (primeira menstruação) – os homens se sentiam atraídos, pelo fato da probabilidade da primeira relação sexual acontecer, logo após o ciclo. Na reflexão, entende-se que a mulher estaria

²⁵ Elsimar Coutinho é médico ginecologista. É autor do livro *Menstruação, a sangria inútil: uma análise da contribuição da menstruação para as dores e os sofrimentos da mulher*, que traz concepções acerca da menstruação em diferentes épocas. O livro é de 1996.

“pronta”, com a ovulação, e os dias que a precede, essas mulheres estariam mais desejáveis.

A consequência da menstruação, em certas épocas, pode-se construir ao redor: sofrimento, constrangimento, sensibilidade, vulnerabilidade, pela condição de muitas mulheres naquela época, e a flecha certa da mulher ser um objeto de procriação. Por vezes, a linguagem se torna uma libertação para a mulher. Ou seja, com a extensão da linguagem, chega-se a fase da civilização, dando espaço para mudanças em relação às mulheres. Uma base social se finca, delimitando tarefas tanto para o sexo masculino como o feminino. Os homens passam a prestar conta sobre seus atos, a liberdade sexual não era mais permitida (a mulher sem voz, pela escolha do seu companheiro e seu tempo).

A partir do Quadro 9, uma sequência de reflexões de Coutinho (1996), sobre diferentes épocas em relação à menstruação.

Quadro 9 - A estrutura monolexical *menstruação* em diferentes épocas de acordo com Coutinho (1996)

| Reflexões Coutinho (1996) | |
|----------------------------------|---|
| Grécia Antiga | A Grécia foi o berço da sabedoria. Hipócrates, o pai da Medicina, estudioso sobre a menstruação, entendia que o útero era subdividido, e que era incorporado em tentáculos e ventosas. Mesmo com algumas concepções com incertezas, Hipócrates, assim, definiu o ciclo como benéfico à vida e à saúde. |
| Império Romano | Em História Natural, enciclopédia da época, tinha a informação de que o sangue da menstruação era fatal para insetos, para plantas, apodreciam frutas e murchavam as flores. Relatava, também, homens que tinham relação com uma mulher menstruada, os mesmos seriam envenenados. Após catorze séculos, essa visão foi redimensionada. A má impressão sobre o ciclo se tornou um grande <i>tabu</i> , que foi adotado por muitas religiões, tirando a mulher nessa fase do meio social. A mulher era chamada de impura. |

| | |
|----------------------------|---|
| Idade Média | Na Idade Média, a igreja católica tomou posse de tudo que era relacionado à escrita e ao pensamento. Nessa época a menstruação era relacionada com o céu e o inferno, medo, superstição ruins acerca dela. Não eram apenas as prostitutas, as inférteis, as doentes que menstruam, e sim, também, as “santas” e isso causava, um certo desconforto, pelo repúdio ao sexo. |
| Renascença | Somente na época da Renascença que conceitos abusivos e fantasiosos passariam agora por iniciativas científicas. Foi estudada a anatomia do corpo da mulher, e as consequências do sangue todos os meses. |
| Final séc. XIX e XX | No séc. XIX e XX, se deu a descoberta dos hormônios, trazendo conclusões sobre a menstruação, estabelecendo que existia uma atividade endocrínica no ovário. As mulheres ocidentais menstruavam cada vez mais cedo, 11, 12 anos a menarca já acontecia, levando médicos - pesquisadores a estudarem cada vez mais o ciclo menstrual e a saúde da mulher. |

Fonte: Produção feita pela autora

Assim como Coutinho (1996), Berenstein (2001) tem concepções parecidas acerca do ciclo menstrual. A menstruação tem uma visão negativa, levando isso, também, ao nascer mulher, e todos os caminhos nebulosos que passariam por ter todos os meses um ciclo de sangue. Na reflexão, constrói-se o entendimento de que as diversas culturas têm uma visão negativa, algo ruim sobre a menstruação. Já Berenstein²⁶ (2001), também, traz as concepções que a humanidade via o ciclo menstrual como algo de desgraça na vida da mulher.

Veza ou outra, ao ter conhecimento sobre questões históricas, percebe-se, até mesmo com o *corpus* da pesquisa, que a timidez, a vergonha ao falar, o termo “não sei” como resposta vem de uma vasta cultura negativa acerca do tema. Por vezes, é

²⁶ Eliezer Berenstein é médico ginecologista. Autor do livro *A inteligência hormonal da mulher: como o ciclo menstrual pode ser aliado, e não inimigo, do equilíbrio feminino*, de 2001.

perceptível que, até hoje, essa concepção é encontrada normalmente na fala de informantes da pesquisa de diferentes cidades e Estados.

Para completar as reflexões sobre a menstruação, se faz de valia, trazer informações específicas de movimentos atuais que fazem parte da saúde da mulher. O movimento *Livre para Menstruar* é um exemplo de movimento. De acordo com a reportagem atual, em 16 de junho de 2021, o Jornal *Bom Dia Pernambuco* trouxe alguns questionamentos acerca do tema, tendo dados e índices coletados do movimento *Livre para Menstruar*. Importante fato é este citar, pois mostra a necessidade de outros meios de comunicação abordar sobre um tema, ainda, necessitando não apenas de levar para um âmbito de *tabu linguístico*, como é mencionado nesta tese, mas, levar para um âmbito social, para maiores discussões das políticas públicas.

Entende-se que a menstruação acontece na vida das mulheres todos os meses, ocorrendo certos desconfortos, cólicas, que para muitos, ainda, são sintomas que não comprometem a rotina da mulher no âmbito, principalmente do trabalho. Esta é uma questão que, como doutoranda e mulher, não concordo. Por diversas vezes, me vi não conseguir acompanhar aulas pelas dores terríveis que eu passava no momento, e não por menor, hoje, no trabalho, dores como as cólicas podem acarretar além de um desconforto, é seguida de enxaqueca, sensação de vômito, dores nas costas, por várias vezes, impossibilita, sim, o trabalho da mulher. Então, não são apenas sintomas simples, são sintomas que invadem a vida trazendo vários prejuízos.

Tão traz prejuízo, que ao pensar nas garotas, que perdem aulas pela falta do uso do absorvente. Recorrente fato se dá, pela escassez de dinheiro para comprar um item tão básico da higiene feminina. Com isso, de acordo com o *Movimento Livre para Menstruar*, mostra dados de âmbito social acerca da menstruação. Os dados são de mulheres que estão entre as 5% mais pobres, precisam trabalhar por volta de quatro anos, somente, para custear os absorventes que usarão no decorrer da vida.

O assunto menstruação evidencia que algo considerado normal na vida de qualquer mulher também deve ser abordado no contexto social. Isso porque, muitas vezes, mulheres (adultas) e jovens enfrentam dificuldades de acesso aos produtos básicos femininos devido à falta de recursos financeiros.

Sabe-se que muitas meninas têm sua primeira menstruação no meio escolar. As pesquisas mostram que 7,5 milhões de jovens lidam com a fase na escola, e 213 mil dessas garotas não têm acesso aos banheiros com condições de estrutura e de

higiene. Contudo, mesmo em instituições de ensino que disponibilizam banheiros, apenas 37% possuem sabonete, 8% não tem papel higiênico e 4% as pias não estão para uso. Esses dados, igualmente relevantes, foram apresentados pelo *Movimento Livre para Menstruar*. Diante desse cenário, torna-se inevitável considerar o impacto da falta de condições adequadas para lidar com o ciclo menstrual recorrente, o que pode levar à ausência de meninas nas salas de aula.

Já existem alguns projetos oficiais, trabalhando para a distribuição de absorventes, principalmente para meninas, que nesta época faltam às escolas, por simplesmente, não terem como comprar e terem sua higiene preservada para tais dias. Em São Paulo, Mogi das Cruzes e Suzano tem projeto relacionado à questão de políticas públicas, assim como, no Distrito Federal, já tem um projeto de Lei PL 428/2020, que dispõe sobre a distribuição de absorventes higiênicos em espaços públicos, tendo autoria da Deputada Federal Tabata Amaral – PDT/SP, Dagoberto Nogueira – PDT/MS, Professor Israel Batista – PV/DF.

O desejo é que as iniciativas cheguem a todo o país e que esta tese possa, de alguma forma, mostrar reflexões não somente sobre as variações lexicais, mas também a realidade de muitas mulheres brasileiras acerca da necessidade de mais visibilidade sobre um tema que leva uma carga de diferentes âmbitos.

Para compor o questionamento, se faz necessário trazer uma transcrição grafemática, feita pela doutoranda, da fala da Deputada Tabata Amaral – PDT/SP, mostrando a realidade brasileira de muitas meninas. Tabata Amaral é parceira do Movimento *Livre para Menstruar* composto por meninas de clubes *Girl Up* para acabar com a pobreza menstrual no Brasil. De acordo com o *site* oficial, entende-se que as meninas trabalham juntamente com uma comunidade de parceiros por mais igualdade nas políticas públicas, na tentativa de permitir que cada pessoa seja livre para menstruar #livreparamenstruar .

Seguindo com a proposta, a seguir a transcrição da fala da Deputada Federal Tabata Amaral – PDT/SP.

“Precisamos falar sobre pobreza menstrual, sem recursos para comprar produtos de higiene, milhares de brasileiras faltam às aulas, perdem dias de trabalho e se veem forçadas a recorrer a coisas como: pedaços de jornal, pano velho e miolo de pão. Absorventes femininos constituem itens de necessidades básicas. É por isso que, no início do meu mandato, eu apresentei um projeto de Lei, que prevê a distribuição de absorventes femininos em espaços públicos, como: escolas e postos de saúde. Infelizmente, o preconceito e os ataques que eu

presenciei depois de apresentar este projeto, só mostra como esse tema ainda é um grande tabu. Gostaria de deixar registrado o meu apoio e a minha admiração a todas as meninas do Girl Up Brasil, que também vêm lutando por essa causa, e que já foram responsáveis por aprovar projeto de lei relacionado a esse tema, em nada menos do que sete Estados. Eu escolhi lutar pela dignidade das mulheres do nosso Brasil, e lutarei todos os dias para que cada menina, cada mulher seja livre para menstruar.” - Transcrição Grafemática da fala da Deputada Amaral – PDT/SP para o site oficial do Movimento *Livre para Menstruar*.

A presente tese, de fato, almeja, através dos dados apresentados e das reflexões históricas proporcionadas, promover o engajamento dos Movimentos de conscientização. Ela destaca que o tema da menstruação e da menopausa não é apenas um assunto isolado, dissociado da vida das mulheres e meninas, mas uma questão que merece uma atenção mais ampla, especialmente no âmbito educacional. A tese tem a satisfação de abordar não apenas as variações lexicais relacionadas à menstruação e à menopausa, mas também se orgulha de contribuir para as reflexões no contexto social.

3.2.3 Rede de pontos e área geográfica

Apresenta-se, a seguir, no Quadro 10, conforme a metodologia do Projeto ALiB, a rede de pontos selecionada para esta tese, constituída das 78 localidades pertencentes aos nove Estados da Região Nordeste.

Quadro 10 - Rede de Pontos da Região Nordeste - ALiB

| Rede de Pontos da Região Nordeste | | |
|--|--------------------|--------------------|
| Região Nordeste | Localidades | Nº do ponto |
| <i>Bahia</i> | Juazeiro | 081 |
| | Jeremoabo | 082 |
| | Euclides da Cunha | 083 |
| | Barra | 084 |
| | Irecê | 085 |
| | Jacobina | 086 |
| | Barreiras | 087 |
| | Alagoinhas | 088 |
| | Seabra | 089 |
| | Itaberaba | 090 |
| | Santo Amaro | 091 |
| | Santana | 092 |
| | Salvador | 093 |

| | | |
|----------------------------|------------------------|-----|
| | Valença | 094 |
| | Jequié | 095 |
| | Caetité | 096 |
| | Carinhanha | 097 |
| | Vitória da Conquista | 098 |
| | Ilhéus | 099 |
| | Itapetinga | 100 |
| | Santa Cruz de Cabralia | 101 |
| | Caravelas | 102 |
| <i>Sergipe</i> | Propriá | 078 |
| | Aracaju | 079 |
| | Estância | 080 |
| <i>Alagoas</i> | União dos Palmares | 074 |
| | Santana de Ipanema | 075 |
| | Arapiraca | 076 |
| | Maceió | 077 |
| <i>Pernambuco</i> | Exu | 062 |
| | Salgueiro | 063 |
| | Limoeiro | 064 |
| | Olinda | 065 |
| | Afrânio | 066 |
| | Cabrobó | 067 |
| | Arcoverde | 068 |
| | Caruaru | 069 |
| | Recife | 070 |
| | Floresta | 071 |
| | Garanhuns | 072 |
| | Petrolina | 073 |
| <i>Paraíba</i> | Cuité | 056 |
| | Cajazeiras | 057 |
| | Itaporanga | 058 |
| | Patos | 059 |
| | Campina Grande | 060 |
| | João Pessoa | 061 |
| <i>Piauí</i> | Teresina | 034 |
| | Piripiri | 035 |
| | Picos | 036 |
| | Canto do Buriti | 037 |
| | Corrente | 038 |
| <i>Rio Grande do Norte</i> | Mossoró | 051 |
| | Angicos | 052 |
| | Natal | 053 |
| | Pau dos Ferros | 054 |
| | Caicó | 055 |
| | Camocim | 039 |
| | Sobral | 040 |

| | | |
|-----------------|--------------------|-----|
| <i>Ceará</i> | Fortaleza | 041 |
| | Ipu | 042 |
| | Canindé | 043 |
| | Crateús | 044 |
| | Quixeramobim | 045 |
| | Russas | 046 |
| | Limoeiro do Norte | 047 |
| | Tauá | 048 |
| | Iguatu | 049 |
| | Crato | 050 |
| <i>Maranhão</i> | Turiaçu | 025 |
| | São Luís | 026 |
| | Brejo | 027 |
| | Bacabal | 028 |
| | Imperatriz | 029 |
| | Tuntum | 030 |
| | São João dos Patos | 031 |
| | Balsas | 032 |
| | Alto do Parnaíba | 033 |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria Própria.

O Projeto ALiB tem uma rede de pontos, constituída de 250 localidades entre capitais e interiores por todo o país, que possibilita a realização de várias pesquisas. Com isso, entender sobre contextos culturais, históricos e sociais tem suma importância nas pesquisas sobre a Dialetologia.

Na Região Nordeste, concentra-se os nove Estados, a saber: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão. Conforme dados do IBGE (2010) ela é definida como a terceira maior região brasileira, tendo 18% da ocupação total do Brasil, com 1.558.196 km e 53.081.950 habitantes.

Sabe-se que o Nordeste, no meio econômico, destacou-se e destaca-se pela economia açucareira. Em 1520, os engenhos de açúcar eram instalados no litoral Nordestino. A partir desse ponto, sabe-se sobre o conhecimento que as “terras de massapé do Nordeste e do Recôncavo Baiano, ficando as bases da civilização do açúcar, cujas expressões urbanas floresceram nas cidades-porto de Olinda-Recife, em Pernambuco, e de Salvador, na Bahia” (RIBEIRO, 1995, p. 275).

Observa-se, nesse período, a ocupação humana, estando ligada com o crescimento dos engenhos de açúcar. Com isso, Diégues Junior (1960, p. 112) afirma que “[...] em torno dos engenhos foi que apareceram os núcleos demográficos do Nordeste litorâneo; povoados, vilas, cidades nasceram quase sempre em terras de

engenho”. Sem deixar de enfatizar a economia na pecuária existente, também, no Nordeste, mais especificamente no sertão pelo Rio São Francisco. Ainda com Diéguas Júnior (1960) ressalta que

[...] a pecuária foi o grande fator que possibilitou a penetração das correntes de ocupação humana para o interior, povoando o mediterrâneo do Nordeste, a chamada região sertaneja. O seu papel ainda hoje repercute através das sobrevivências populares do culto ao boi, revelado em folguedos, danças e cantos, que constituem a essência da mística do boi, e, também, no nome de rios, de localidades, de apelidos de pessoas ou dos simbolismos dos fatos. Verdadeira consagração totêmica (DIÉGUES JR, 1960, p. 146).

Em suma, com o pensamento, lembra-se sobre a cultura sertaneja, ou seja, tendo o sertanejo presente no sertão. Ribeiro (1995) menciona que a população vincula-se com uma subcultura própria que é a

[...] sertaneja, marcada por sua especialização ao pastoreio, por sua dispersão espacial e por traços característicos identificáveis no modo de vida, na organização da família, na estruturação do poder, na vestimenta típica, nos folguedos estacionais, na dieta, na culinária, na visão de mundo e numa religiosidade propensa ao messianismo (RIBEIRO, 1995, p. 340).

A Região Nordeste se destaca na forma social do ser e do existir na história, contribuindo para o reconhecimento de um espaço cultural peculiar interessante na perspectiva histórica, social e cultural. Dessa forma, a base social se dá com a participação do africano e do índio em todo o processo, sendo um ponto que contribui para a definição do âmbito social da região. Ribeiro (1995, p. 296) menciona que os negros participavam da religião católica, no fim do período colonial. Com o decorrer do tempo, os negros foram se ausentando da religião, e cada vez mais conhecendo e, estando presentes nos cultos afro-brasileiros, principalmente na época da abolição.

No âmbito cultural, entende-se que, de acordo com Diéguas Junior (1960, p. 137), as tradições folclóricas da Região Nordeste. “[...] as festas de São João, como as de Natal, ainda conservam, grosso modo, as suas tradições nas áreas rurais.” A partir desse ponto, podem-se observar as falas de pessoas ao mencionar que o interior preserva mais suas tradições que as capitais, já que as oportunidades de diversos meios de entretenimento são maiores. Tais festas são vigentes até hoje.

Nesse sentido, apresenta-se, a seguir, um pouco sobre as características de cada Estado e cidades que, compõem essa região. Para a tese foram utilizados 78

pontos, dentro de nove Estados do Nordeste para o estudo que estão ilustrados a partir do Quadro 11 - rede de pontos do Nordeste.

A seguir a Carta VII do Atlas Linguístico do Brasil que contem a rede de pontos em cada Estado do Nordeste (cf. Figura 3). Após a Figura 3, segue breve apresentação de cada Estado e a abordagem de cada localidade que compõe a rede de pontos dos Estados do Nordeste, num total de 78 cidades.

Bahia

Iniciando a reflexão a partir das localidades no Nordeste, destaca-se o Estado da Bahia. Observa-se as fortes influências africanas, indígenas e dos colonizadores, resultando em uma cultura vasta e peculiar. Como expõe o antropólogo Thales de Azevedo (1981), a Bahia se caracteriza por possuir um povo hospedeiro, que possui uma história contada em livros, músicas, contos, configurando-se em uma das grandes riquezas dentro do Nordeste brasileiro. De acordo, com o pesquisador

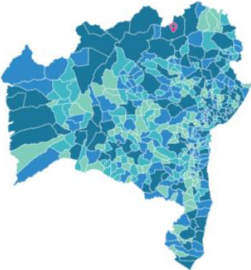
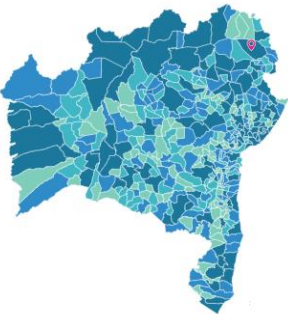
[...] existe algo de peculiar à Bahia, de tal modo sugestivo, que nos próprios baianos sentimos o imperativo de nos interrogar, de assumirmos coletiva e intelectualmente a indagação, a crítica sobre a natureza do que é nosso e a necessidade de encontrar uma síntese (AZEVEDO, 1981, p. 14).

Ao mencionar a peculiaridade da Bahia, existe o contexto do entendimento sobre os contrastes brasileiros, e o que cada região, cidade, carrega de bagagem sócio-histórica em si. São mais de quinhentos anos, desde os primeiros navios portugueses que chegaram a terras brasileiras, já habitadas por tribos indígenas. Depois dos europeus, já com a participação portuguesa, chegaram espanhóis, alemães, holandeses, logo depois, vieram os africanos sendo trazidos como escravos.

Desde o século XVI, a mão de obra utilizada era a africana, centrando-se em dois Estados: Bahia e Pernambuco. De acordo com o IBGE (2010) existem 417 municípios da Bahia com 14 milhões de habitantes. As cidades mais populosas são: Salvador com 2,6 milhões, Feira de Santana com 556,6 mil e Vitória da Conquista com 306 mil habitantes. O Estado possui 7,1 milhões de mulheres para 6,8 mil de homens. Já em relação a cor, 59% das pessoas se definem como pardas, 22% como brancas e 17% como negras.

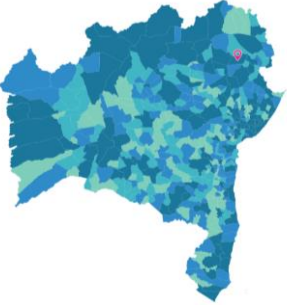
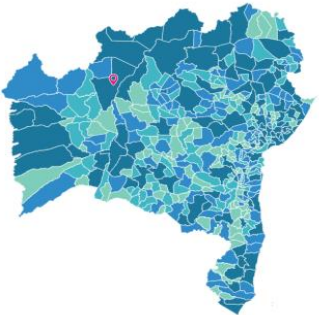
Observa-se, também, que 73% dos baianos vivem na zona urbana - 10 milhões, com 3 milhões residindo na zona rural - 27%. Da Região Nordeste, a Bahia é a terceira colocada em relação ao número de população rural, antes se tem Maranhão e Piauí. Do ponto de vista religioso, a população baiana é predominantemente católica, 65%, existem 9 milhões de católicos, a seguir, os evangélicos, com 2,4 milhões e 1,6 milhões de “sem religião definida”, 12% dos baianos. Apresenta-se, a seguir, o Quadro 11 com as cidades da Bahia, pertencentes à rede de pontos do Projeto ALiB, que foram estudadas:

Quadro 11 – Rede de Pontos do Estado da Bahia - ALiB

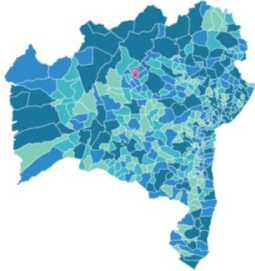
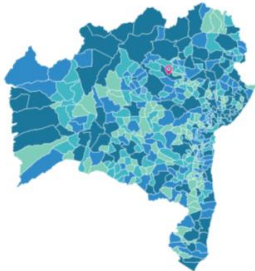
| Cidades da Bahia | Um pouco da história – momentos datados nas cidades |
|--|--|
| <p data-bbox="357 405 564 443">(081) Juazeiro</p> <p data-bbox="341 517 580 584">Figura 4 - mapa Juazeiro</p>  <p data-bbox="384 909 536 938">Fonte: IBGE</p> | <p data-bbox="671 353 1214 392">Área Territorial: 6.721,237 km² [2020]</p> <p data-bbox="671 392 1334 430">População estimada: 219.544 pessoas [2021]</p> <p data-bbox="671 430 1342 468">Densidade demográfica: 30,45 hab/km² [2010]</p> <p data-bbox="671 468 1086 506">Escolarização: 96,7% [2010]</p> <p data-bbox="671 506 959 544">IDHM: 0,677 [2010]</p> <p data-bbox="671 595 1394 1032">Em 1833, a cidade de Juazeiro é criada, sendo que, desde 1596, seu território já era percorrido pelos bandeirantes. Em 1706, chegava à região uma missão franciscana para catequizar os índios da região. Em 1878, Juazeiro é elevada a cidade. Era do porto de Juazeiro que partiam as embarcações conhecidas como <i>vapor</i>. O município de Juazeiro, Estado da Bahia, implantado à margem direita do Velho Chico, situa-se no ponto exato onde ocorria o cruzamento de duas importantes e estratégicas estradas interiores do Brasil.²⁷</p> |
| <p data-bbox="336 1032 584 1070">(082) Jeremoabo</p> <p data-bbox="344 1189 576 1256">Figura 5 - mapa Jeremoabo</p>  <p data-bbox="384 1738 536 1767">Fonte: IBGE</p> | <p data-bbox="671 1032 1214 1070">Área Territorial: 4.267,488 km² [2020]</p> <p data-bbox="671 1070 1318 1108">População estimada: 40.832 pessoas [2021]</p> <p data-bbox="671 1108 1326 1146">Densidade demográfica: 8,09 hab/km² [2010]</p> <p data-bbox="671 1146 1086 1184">Escolarização: 97,2% [2010]</p> <p data-bbox="671 1184 959 1223">IDHM: 0,547 [2010]</p> <p data-bbox="671 1290 1394 1951">Sabe-se que a região de Jeremoabo foi habitada pelos descendentes dos tupinambás: os Muougurus e Caricás. No século XVII, acreditava-se que uma senhora muito religiosa, criava um ambiente no local, totalmente religioso, fazendo com que os índios da região fossem catequizados, pelos padres João de Barros e Jacob Roland. O já tão desbravador Garcia D'Avila, juntamente com Tomé de Souza, em 1549, capturou muitos índios e no local acabou fundando currais de gado. Em 1718, foi criada a freguesia de São João Batista de Jeremoabo do Sertão de Cima. Logo depois, a região torna-se uma vila, a Vila de São João Batista de Jeremoabo, em 1831. Depois de um tempo, a cidade ganha somente o nome Jeremoabo, uma palavra indígena que tem o significado de "Plantação de abóbora", uma plantação de origem indígena.²⁸</p> |

²⁷ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.juazeiro.ba.gov.br/historia/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

²⁸ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jeremoabo/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022

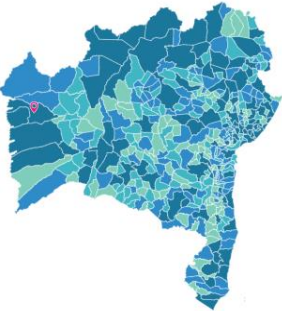
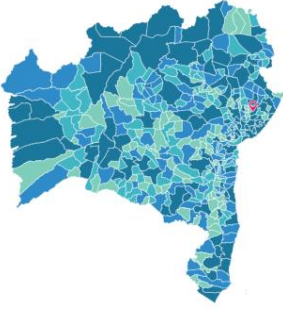
| | |
|---|---|
| <p>(083) <i>Euclides da Cunha</i></p> <p>Figura 6 - mapa Euclides da Cunha</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 2.025,368 km² [2020] População estimada: 61.112 pessoas [2021] Densidade demográfica: 27,75 hab/km² [2010] Escolarização: 97,8% [2010] IDHM: 0,567 [2010]</p> <p>O povoamento da cidade se dá inicialmente, na Fazenda Cumbe, de propriedade do Major Antonino. A fixação de igrejas tornava os espaços habitados, como, por exemplo, a antiga Igreja Nossa Senhora da Conceição, em Euclides da Cunha. Em 1881, com a chegada de mais colonos, a fazenda Cumbe foi elevada para Freguesia de Nossa Senhora do Cumbe – distrito de Monte Santo. Em 1898, a fazenda foi definida para a categoria de vila. Em 1911, sendo conhecida como o distrito – sede. Em 1933, o espaço foi emancipado, definindo-se como município, constituído de dois distritos: Cumbe e Canudos. O nome Euclides da Cunha surgiu por iniciativa do escritor José Aras, em homenagem ao escritor de “Os Sertões”, sendo oficializada em 1938. Em 1995, na divisa territorial, o município tinha quatro distritos: Euclides da Cunha (sede), Aribicé, Caimbé e Massacará. <i>Euclides da Cunha</i> faz parte do semiárido baiano e, se configura como uma localidade rica, que possibilita a realização de estudos linguísticos e culturais.²⁹</p> |
| <p>(084) <i>Barra</i></p> <p>Figura 7 - mapa Barra</p>  | <p>Área Territorial: 11.428,112 km² [2020] População estimada: 54.225 pessoas [2021] Densidade demográfica: 4,32 hab/km² [2010] Escolarização: 97% [2010] IDHM: 0,557 [2010]</p> <p>A história do município de Barra se registra, a partir de 1670, quando o conhecido desbravador Garcia D’Avila funda um curral da Casa da Torre, sendo implantado, próximo ao Rio Grande (rio que tinha águas do Rio São Francisco), surgindo, assim, o nome Fazenda da Barra do Rio Grande do Sul. A capela foi criada, juntamente com o crescimento dos sertanistas. Tempos depois a Capela São Francisco das Chagas vira um arraial. Em 1752, transforma-se em vila. Vila de São Francisco das Chagas, da Barra do Rio Grande do Sul. Só, em 1827, houve a incorporação da Província da Bahia com a Comarca do Rio São Francisco com a sede</p> |

²⁹ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/euclides-da-cunha/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|--|--|
| | <p>na Vila da Barra. Em 1902, a vila se transforma em Cidade Florescente da Barra do Rio Grande. Logo depois, torna-se Barra do Rio Grande. Em 1931, apenas Barra.³⁰</p> |
| <p>(085) Irecê</p> <p>Figura 8 - mapa Irece</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 319,174 km² [2020] População estimada: 74.050 pessoas [2021] Densidade demográfica: 207,45 hab/km² [2010] Escolarização: 96,4% [2010] IDHM: 0,691 [2010]</p> <p>Acredita-se que Irecê é um nome indígena, dado pelo Tupinólogo Teodoro Sampaio, em substituição ao nome Carahybas. Irecê tem significado de: “pela água, à tona d’água, à mercê da corrente. Em 1624, a Bahia começa a ser invadida pelos holandeses. Em 1807, foi um marco para a história de Irecê, porque nesta data comercializaram-se pela primeira vez, os terrenos onde ergueu-se a atual cidade de Irecê, conhecida naquela época como Lagoa das Caraíbas ou Brejo das Caraíbas. O título de fundador de Caraíbas é atribuído a Aristides Rodrigues Moitinho. Em 1906, funda-se o distrito de Paz de subdelegacia de Polícia de Morro do Chapéu, com a denominação de Caraíbas. Sendo que, em 1926, foi assinada no Palácio do Governo por Francisco Marques de Góes Calmon, com a denominação de Vila de Irecê.³¹</p> |
| <p>(086) Jacobina</p> <p>Figura 9 - mapa Jacobina</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 2.192,905 km² [2020] População estimada: 80.749 pessoas [2021] Densidade demográfica: 33,60 hab/km² [2010] Escolarização: 97,3% [2010] IDHM: 0,649 [2010]</p> <p>Em 1726, o Governador da Província determina a criação de duas casas de fundição, sendo que uma devia instalar-se em Jacobina em 5 de janeiro de 1727 e outra em Rio de Contas. A partir de 1848, a notícia da descoberta de diamantes na Chapada Diamantina, determinou o êxodo de grande número de mineiros, sempre ávidos por novas aventuras. Em 1880, a região se tornou de vila à categoria de cidade, o que só ocorreu em 1880, pela Lei Provincial 2.049, de 28 de julho, valendo-lhe o título de Agrícola Cidade de Santo Antônio de Jacobina. Sua instalação ocorreu em 11 de janeiro</p> |

³⁰ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/barra/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

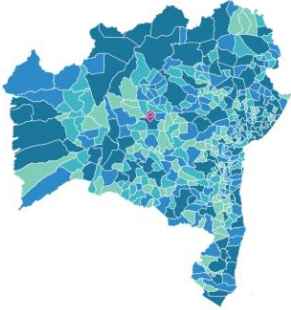
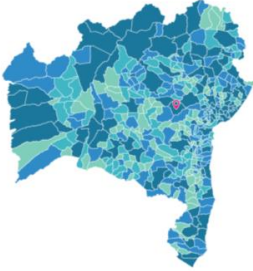
³¹ De acordo com informações disponíveis em: <http://irece.ba.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|--|
| | de 1893, no governo de Joaquim Manoel Rodrigues Lima. ³² |
| <p>(087) Barreiras</p> <p>Figura 10 - mapa Barreiras</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 8.051,274 km² [2020] População estimada: 158.432 pessoas [2021] Densidade demográfica: 17,49 hab/km² [2010] Escolarização: 97,5% [2010] IDHM: 0,721 [2010]</p> <p>Em 1660, Francisco Garcia D'Avila adentrou o sertão baiano, um dos espaços que se conhece hoje como cidade de Barreiras, levando a pecuária para a região. Em 1692, D Pedro II pede, em carta, para o Governador D. João de Lancastre, determinar a criação de arraiais pela região. Em 1850, na região, existia o trabalho de descarga de materiais, produtos, animais, na Fazenda Malhada por Plácido Barbosa, que morava dentro da região da Fazenda. Em 1880, o espaço ganhou progresso até 1888. Em 1902, a região já possuía 630 casas, com quase 2.500 habitantes. Percebe-se, em Barreiras, grande crescimento territorial de acordo com a força da comercialização, que na região era feita com entrada e saída de mercadorias.³³</p> |
| <p>(088) Alagoinhas</p> <p>Figura 11 - mapa Alagoinhas</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 707,835 km² [2020] População estimada: 153.023 pessoas [2021] Densidade demográfica: 188,67 hab/km² [2010] Escolarização: 97,4% [2010] IDHM: 0,683 [2010]</p> <p>Conta a história que a cidade de Alagoinhas teve seu povoamento no fim do século XVIII, com um padre português, que fundou a primeira capela na região. Em 1964, foi descoberto o poço de petróleo. O gás natural e o petróleo estavam compondo a vida econômica de Alagoinhas. Em 1967, já existiam mais de trinta poços. Uma economia voltada ao petróleo. Alagoinhas é uma cidade que cresceu desordenadamente sem planejamento. O nome de Alagoinhas originou-se de rios como: Sauípe, Catu, Subaúma, Quiriçá, que eram como lagos pequenos.³⁴</p> |
| <p>(089) Seabra</p> | <p>Área Territorial: 2.402,170 km² [2020] População estimada: 44.370 pessoas [2021]</p> |

³² De acordo com informações disponíveis em: <http://www.jacobina.ba.io.org.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

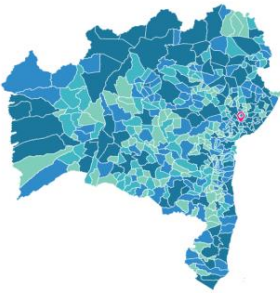
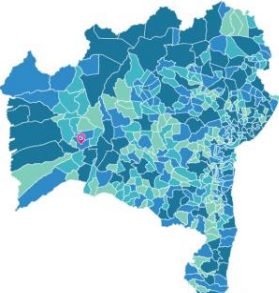
³³ De acordo com informações <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/barreiras/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

³⁴ De acordo com informações <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/alagoinhas/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|--|
| <p>Figura 12 - mapa Seabra</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Densidade demográfica: 16,60 hab/km² [2010] Escolarização: 98,1% [2010] IDHM: 0,635 [2010]</p> <p>Caminhando pela história, sabe-se que, no século XVII, havia dois núcleos um de ouro de Jacobina e de Minas do Rio de Contas. Portugal cria uma estrada para ligar os dois núcleos formando, hoje, Seabra. Com isso, foram atraídos os primeiros povoados, que eram de portugueses se organizando em fazendas e lavouras. Seabra veio em homenagem ao Dr. Joaquim José Seabra, ex-governador da Bahia.³⁵</p> |
| <p>(090) Itaberaba</p> <p>Figura 13 - mapa Itaberaba</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 2.386,390 km² [2020] População estimada: 64.795 pessoas [2021] Densidade demográfica: 26,30 hab/km² [2010] Escolarização: 96,2% [2010] IDHM: 0,620 [2010]</p> <p>Em 1768, quando o capitão Manuel Rodrigues Cajado funda a Fazenda São Simão, também começa a cidade de Itaberaba. No século XIX, a fazenda foi alienada a Antônio de Figueiredo Mascarenhas que edificou, na parte central da propriedade, uma casa de oração consagrada a Nossa Senhora do Rosário. Em 1817, em torno da capela formou-se um núcleo de moradores que, ficou conhecido por Rosário do Orobó, pertencente à vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira. Em 1843, a data simboliza o primeiro avanço político de nossa gente rumo à construção da comunidade que, hoje chamamos de Itaberaba, Cidade de Todos. Somente 34 anos depois é que o “arraial” e “distrito de paz” de Nossa Senhora do Rosário do Orobó subiu à categoria de “vila” com a denominação de Vila do Orobó que, em 1877 teve o trato assinado pelo então presidente da Província da Bahia, Henrique Pereira de Lucena.³⁶</p> |
| <p>(091) Santo Amaro</p> | <p>Área Territorial: 494,502 km² [2020] População estimada: 60.190 pessoas [2021] Densidade demográfica: 117,26 hab/km² [2010]</p> |

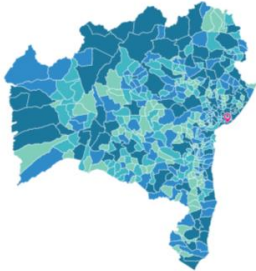
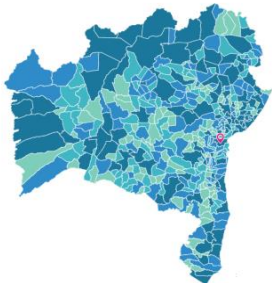
³⁵ De acordo com informações <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/seabra/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

³⁶ De acordo com informações disponíveis em: <https://itaberaba.ba.gov.br/dados-municipais/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|--|
| <p>Figura 14 - mapa Santo Amaro</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Escolarização: 98,2% [2010] IDHM: 0,646 [2010]</p> <p>Em 1557, nasce a cidade e a população de Santo Amaro ao redor do <i>Rio Paripe</i>. Colonizadores viveram na região por diversos anos, construindo edificações, habitações, capelas. Diversos colonizadores travavam diversas e sucessivas guerrilhas com os habitantes que, moravam ao redor dos rios <i>Sergi-Mirim</i> e <i>Subaé</i>, os antigos habitantes eram tupinambás. Desde o século XVI até XX, Santo Amaro guiou-se na economia em torno da cana de açúcar. Atualmente, a cidade de Santo Amaro se destaca com indústrias de papel da Bahia, sendo o comércio, considerado o forte na cidade. ³⁷</p> |
| <p>(092) Santana</p> <p>Figura 15 - mapa Santana</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 1.909,353 km² [2020] População estimada: 26.792 pessoas [2021] Densidade demográfica: 13,60 hab/km² [2010] Escolarização: 99,7% [2010] IDHM: 0,608 [2010]</p> <p>Em 1553, conta a história que, D Joao III doou 60 léguas de terra do sertão baiano para Garcia D'Avila. Tendo como objetivo desbravar, e, infelizmente, domesticar os índios, que ali viviam, construindo um castelo e uma torre, onde até hoje, está em Camaçari – BA. Cada vez mais os D'Avilas iriam conquistando terras e mais terras até chegarem a Santana, na década de 70, do século XVIII. Em 1670 e 1700, alguns colonos europeus (italianos e holandeses) desbravavam o interior da Bahia.</p> <p><i>Santana</i> crescia cada vez mais, com missões franciscanas. De acordo com o primeiro livro de óbitos de Santana, mais de 60% dos nomes dos moradores eram de: Francisco ou Francisca de Jesus, Manoel do Espírito Santo. Santana traz a oportunidade de conhecer sua história, a sua cultura e a sua importância social por meio das entrevistas concedidas pelos seus informantes. ³⁸</p> |
| <p>(093) Salvador</p> | <p>Área Territorial: 693,453 km² [2020] População estimada: 2.900.319 pessoas [2021] Densidade demográfica: 3.859,44 hab/km² [2010] Escolarização: 95,9% [2010]</p> |

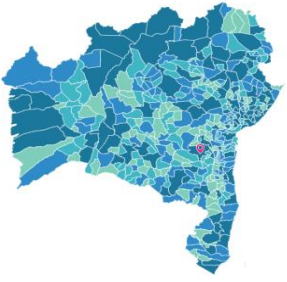
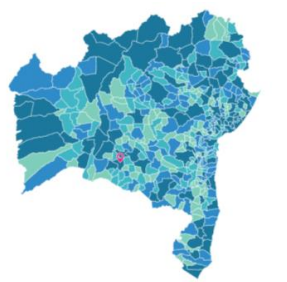
³⁷ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/santo-amaro/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

³⁸ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/santana/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|--|---|
| <p>Figura 16 - mapa Salvador</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>IDHM: 0,759 [2010]</p> <p>Entende-se pela história que, o Brasil teve início na Bahia. Em 1510, a cidade foi encontrada pelos colonizadores. Por volta de 1536, Francisco Pereira Coutinho ganhou parte do território de Salvador, fundado na época como “Arraial do Pereira”. Coutinho teve o comando do Arraial, mais tarde batizada de “Vila Velha” até 1549 na ocasião da chegada de Tomé de Souza. A fama e a riqueza da província baiana despertaram a cobiça de outros países no início do século XVII. Em 1763, Salvador foi a primeira capital do país, sendo chamada na época de “São Salvador da Bahia de Todos os Santos”. Em 1822, a capital baiana protagonizou uma luta que se arrastou por mais de um ano pela sua independência. Em 2 de julho de 1823, a Bahia pôde comemorar a independência brasileira. Em 1889, foi proclamada a República na Bahia. Em 1920, o governo brasileiro decretou a intervenção no Estado e os anos seguintes foram marcantes em territórios baianos. Salvador, hoje, é uma das capitais mais bonitas e histórica do país.</p> <p>³⁹</p> |
| <p>(094)Valença</p> <p>Figura 17 - mapa Valença</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 1.123,975 km² [2020] População estimada: 97.873 pessoas [2021] Densidade demográfica: 74,35 hab/km² [2010] Escolarização: 97,1% [2010] IDHM: 0,623 [2010]</p> <p>Os primeiros habitantes da região, da cidade de Valença, foram os índios tupiniquins. Entre 1557 e 1571, a história conta que os primeiros colonos começaram a habitar o local que cresceu com a criação de gado. No século XVIII, João Amaro Maciel chega ao local reagindo contra os aimorés. Logo depois, sendo criada a nova vila, Vila de Nova Valença do Sagrado Coração. A vila foi se desenvolvendo e, em 1849, recebe os foros da cidade, sendo chamada de Industrial cidade de Valença.⁴⁰</p> |
| <p>(095)Jequié</p> <p>Figura 18 - mapa Jequié</p> | <p>Área Territorial: 2.969,039 km² [2020] População estimada: 156.277 pessoas [2021] Densidade demográfica: 47,07 hab/km² [2010] Escolarização: 97,4% [2010] IDHM: 0,665 [2010]</p> |

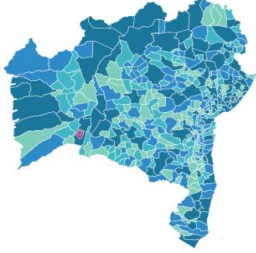
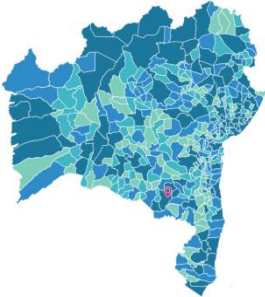
³⁹ De acordo com informações disponíveis em: <http://www.salvadorbahiaBrasil.com/historia-salvador.htm>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁴⁰ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/valenca/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|---|
|  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Jequié é uma cidade que se desenvolve a partir do comércio de feira entre comerciantes de várias regiões, tudo isso no século XIX. Em 1789, a fazenda que ali estava é dividida entre Jequié e Barra de Jequié. Com o decorrer da história, sabe-se que, em 1910, a cidade se torna um dos municípios mais ricos da Bahia. Mascates iam de porta em porta, crescendo a cultura do comércio na região. Em 1911, Aurélio Viana decreta que a capital da Bahia saiu de Salvador e foi para Jequié, transformando o fato em um grande confronto. Uma grande enchente acontece e, em 1914, depois do desastre que acabou com praticamente todo o povoado, a cidade se muda para regiões mais altas. Em 1927, chegou à estrada de Ferro de Nazareth.⁴¹</p> |
| <p>(096) Caetité</p> <p>Figura 19 - mapa Caetité</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 2.651,536 km² [2020] População estimada: 51.184 pessoas [2021] Densidade demográfica: 19,45 hab/km² [2010] Escolarização: 98,3% [2010] IDHM: 0,625 [2010]</p> <p>No século XVII, Caetité constituía-se como núcleo de catequese. Núcleos de povoamento encontram registros em sítios arqueológicos de mais de 6 mil anos, que motivaram a criação do Museu do Alto Sertão da Bahia (MASB), em fase de implantação em Caetité. Em 1724, passou a pertencer à Vila de Minas do Rio de Contas, emancipada de Jacobina; em 1754, o arraial foi elevado a freguesia. No final do século XVIII e começo do XIX, tornar-se vila. Em 1810, emancipando-se finalmente de Rio de Contas. Em 1867, foi elevada a cidade. Em 1894, tem-se o primeiro governador eleito do Estado, Rodrigues Lima, genro do Barão de Caetité, mudando, assim, o nome da cidade para Caetité.⁴²</p> |
| <p>(097) Carinhanha</p> <p>Figura 20 - mapa Carinhanha</p> | <p>Área Territorial: 2.525,906 km² [2020] População estimada: 29.118 pessoas [2021] Densidade demográfica: 10,37 hab/km² [2010] Escolarização: 98,8% [2010] IDHM: 0,576 [2010]</p> |

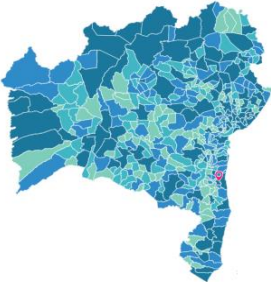
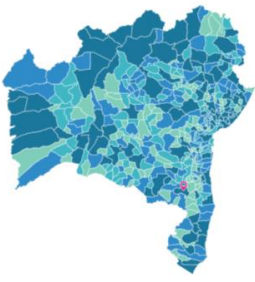
⁴¹ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jequie/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁴² De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jequie/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|--|---|
|  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Conta à história que no século XVIII, em agosto de 1693, as terras da região já eram de posse de Antônio Guedes de Brito e Bernardo Vieira. Guedes de Brito que, morre indo ao desbravamento da região, no seu posto foi colocado o General Mathias Cardoso de Almeida, fazendo uma parte triste da história com o massacre com os índios e negros. Em 1709, é invadida a vila de San Jose de Carinhanha, onde foi montado o quartel general. Com doações, a sesmaria São José de Carinhanha é doada ao sesmeiro Athanásio de Siqueira Brandão, mas mesmo assim o nome Carinhanha se finda.⁴³</p> |
| <p>(098) <i>Vitoria da Conquista</i></p> <p>Figura 21 - mapa Vitoria da Conquista</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 3.254,186 km² [2020] População estimada: 343.643 pessoas [2021] Densidade demográfica: 91,41 hab/km² [2010] Escolarização: 96,8% [2010] IDHM: 0,678 [2010]</p> <p>O município de Vitória da Conquista foi habitado pelos povos indígenas Mongoyó, Ymboré e Pataxó. Em 1752, houve uma grande batalha entre Gonçalves da Costa e os índios. Em 1803 e 1806, lutas foram intensas entre colonos e índios. Os Mongoyós foram enganados e cercados pelos soldados sendo todos mortos. Com o tempo, a pecuária chega ao local, sendo trazidos de Minas Gerais. O próprio João Gonçalves da Costa se torna um grande proprietário de gado, tornando-se um grande produtor de leite e carne da região. A cidade foi crescendo, o Arraial foi elevado a Vila Imperial da Vitória. Cresceu com os colonizadores, com os negros, sertanejos e litorâneos.⁴⁴</p> |
| <p>(099) <i>Ilhéus</i></p> <p>Figura 22 - mapa Ilhéus</p> | <p>Área Territorial: 1.588,555 km² [2020] População estimada: 157.639 pessoas [2021] Densidade demográfica: 104,67 hab/km² [2010] Escolarização: 96,7% [2010] IDHM: 0,690 [2010]</p> <p>Em 1532, chegaram os primeiros colonos ao território de Ilhéus. Era chamada de Vila de São Jorge de Ilhéus. Os primeiros anos foram marcados pelas instabilidades com os índios aimorés e os tupiniquins. Começa-se a construção de engenhos de açúcar a fim de crescer o povoamento e o comércio. A</p> |

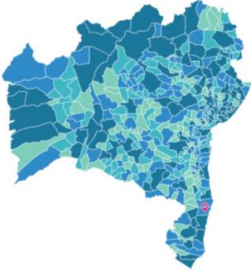
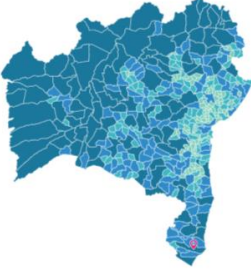
⁴³ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/carinhanha/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁴⁴ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/vitoria-da-conquista/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|--|
|  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Vila de São Jorge de Ilhéus já chegou a ser reconhecida como a Vila mais prospera do Brasil. Em 1760, a Comarca de Ilhéus é criada, sendo que, no século XIX, começa a forte imigração de europeus (espanhóis) e sírios. Em 1746, o cacau é plantado na Bahia, em Ilhéus. No século XX, Ilhéus conquista ferrovias, porto, aeroporto, cresce a infraestrutura. Com o cacau, cresce a produção de amêndoa, produto de forte exportação.⁴⁵</p> |
| <p>(101) Itapetinga</p> <p>Figura 23 - mapa Itapetinga</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 1.651,158 km² [2020] População estimada: 77.408 pessoas [2021] Densidade demográfica: 41,95 hab/km² [2010] Escolarização: 96,8% [2010] IDHM: 0,667 [2010]</p> <p>Itapetinga é baseado em fatos de antigas historias, que em 1920, quando a pequena Marieta Carvalho ouviu o pai chegar em casa, e dizer à mãe que iria fundar um arraial em sua fazenda para facilitar o deslocamento dos fazendeiros em busca dos gêneros de primeira necessidade. Dando o nome de Itapetinga. Ele juntou a mulher e seus sete filhos, saiu de Cachimbo, onde viviam, e mudou-se para uma casinha de taipa, erguendo, assim, uma das primeiras casas da Vila de Itapetinga. No século XX, Itapetinga começava a se formar. A topografia acidentada, o solo fértil, o capim colônio e as vastas águas. Assim, foram construindo o município. E porque o fizeram com trabalho pessoal sentiram-se como parte dele. Daí o impulso que davam às suas iniciativas em favor do progresso. Essa ligação do homem criador com a cidade criada tornou Itapetinga uma cidade única.⁴⁶</p> |
| <p>(101) Santa Cruz Cabralia</p> <p>Figura 24 - mapa Santa Cruz Cabralia</p> | <p>Área Territorial: 1.462,942 km² [2020] População estimada: 28.058 pessoas [2021] Densidade demográfica: 16,92 hab/km² [2010] Escolarização: 96,4% [2010] IDHM: 0,654 [2010]</p> <p>Em 1500, a história de Santa Cruz Cabralia começa com a chegada de Pedro Álvares Cabral na região. Registros da época permitem concluir ter havido mais de uma povoação em Santa Cruz. Duas primeiras se sucederam em ambas margens do Mutarí e na parte final do curso. Em 1536, Pero</p> |

⁴⁵ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/ilheus/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁴⁶ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/itapetinga/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|--|--|
|  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>de Campos Tourinho fundou na enseada da baía uma povoação, denominada Vera Cruz. Com o passar do tempo, em 1931, manteve-se a autonomia, quando foi extinta e anexada ao município de Porto Seguro. Em 1933, passou a chamar-se Santa Cruz Cabrália.⁴⁷</p> |
| <p>(102) Caravelas</p> <p>Figura 25 - mapa Caravelas</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 2.377,889 km² [2020] População estimada: 22.166 pessoas [2021] Densidade demográfica: 8,95 hab/km² [2010] Escolarização: 95,4% [2010] IDHM: 0,616 [2010]</p> <p>A história de Caravelas, no sul da Bahia, começa com a história do Brasil. Atualmente, abrange uma importante parte histórica, cultural e científica, Caravelas abriga, atualmente, 29 organizações brasileiras e internacionais não governamentais ligadas à área da pesquisa marinha. O encontro de vários braços de rios com o mar forma no município a maior área de manguezal do Brasil, um verdadeiro laboratório natural para pesquisas científicas. A cidade de Caravelas possui uma das melhores pistas aeroportuárias do Brasil, construída em concreto pelos norte-americanos durante a 2ª Guerra Mundial e mantido pelas Forças Armadas brasileiras como base de apoio militar. Também para os pesquisadores da vida marinha Abrolhos, localizado em Caravelas, é um ponto privilegiado, pois representa um dos mais importantes postos avançados de Reserva da Biosfera da Mata Atlântica⁴⁸</p> |

Fonte: produção feita pela autora

Sergipe

Sergipe é um Estado da Região Nordeste e o menor Estado brasileiro, tendo o oceano atlântico, a Bahia e o norte de Alagoas como limites territoriais. De acordo com o Censo (2010), Sergipe tem uma população de 2.068.017 milhões de habitantes.

⁴⁷ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/santa-cruz-cabralia/historico>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁴⁸ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.camaradecaravelas.ba.gov.br/a-cidade/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

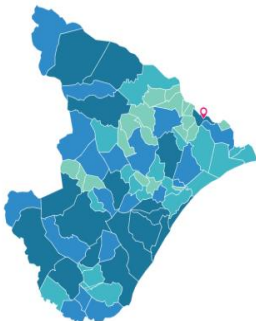
Sua densidade demográfica é de 94,36 habitantes por quilômetros quadrados, tendo uma área territorial de 21.925 quilômetros quadrados. A quantidade de mulheres nesse Estado é maior do que os homens, assim como na Bahia.

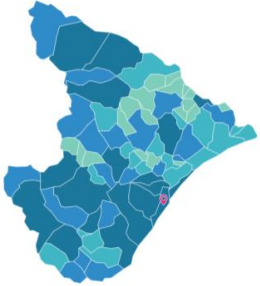
Em 1590, o território de Sergipe foi conquistado por Cristóvão de Barros, sendo que, desde essa época, o território estava sob a tutela da Bahia. Barros venceu os índios, conquistando o espaço e dividindo as terras em sesmarias. Sergipe, por muito tempo, esteve abastecendo a Bahia com sua produção agropecuária, praticamente quase dois séculos e meio. Sergipe foi um Estado que lutou pela sua independência e sua identidade, enraizando cada vez mais sua história, mostrando cidades interioranas cheia de raízes e cultura.

Rememorando um pouco da história sergipana, sabe-se que, em 8 de julho de 1820, Dom João VI assinou a Carta Régia levando, por conseguinte, Sergipe a ser uma categoria de Capitania Independente. A independência do Estado trouxe insatisfações aos líderes baianos e aos senhores de engenho, marcando um momento de conturbadas lutas políticas. No fim dos anos de 1990, a Assembleia Legislativa reconhece o Dia da Sergipanidade, solenizando a data, em 24 de outubro, como um marco.

A seguir, o Quadro 12 - as cidades de Sergipe que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB:

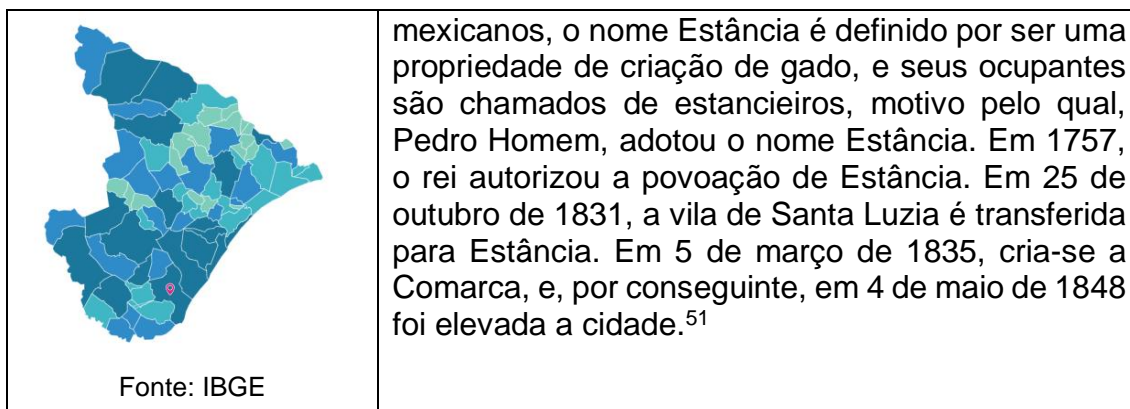
Quadro 12 – Rede de Pontos do Estado de Sergipe - ALiB

| Cidades de Sergipe | Um pouco de história - momentos datados das cidades. |
|---|--|
| <p data-bbox="357 1453 549 1491"><i>(078) Propriá</i></p> <p data-bbox="325 1563 580 1630">Figura 26 - mapa Propriá</p>  | <p data-bbox="651 1453 1342 1637">Área Territorial: 96,320 km² [2020] População estimada: 29.756 pessoas [2021] Densidade demográfica: 319,24 hab/km² [2010] Escolarização: 99,6% [2010] IDHM: 0,661 [2010]</p> <p data-bbox="651 1675 1394 2074"><i>Propriá</i> é conhecida como uma das mais belas cidades do interior de Sergipe. Localizada às margens do Rio São Francisco, fazendo divisa com o Estado de Alagoas. A proximidade com o rio promove a pesca do peixe e a criação de camarão em viveiros. A economia, também, é baseada na criação de gado para o corte e a produção de leite. Em 1590, a história conta que Propriá passa pelas terras como doações. Dona Guiomar de Melo, viúva, passa suas propriedades ao seu genro, depois da morte de sua filha. Em 1801, o governador ordenou</p> |

| | |
|--|---|
| <p>Fonte: IBGE</p> | <p>a transformação de Urubu de Baixo em vila. Já transformada em vila, os habitantes de Urubu de Baixo começaram a chamar de Propriá. Não se tem algo definido e comprovado sobre a escolha do nome, Propriá, mas se sabe que surgiu de uma boa pesca, que levou nome de “pesca do pau piau”, até mesmo pela sonoridade que se aproxima ao falar o nome Propriá. Em 1859, D. Pedro II e a imperatriz Tereza Cristina chegaram a Propriá pelo Rio São Francisco.⁴⁹</p> |
| <p>(079) Aracaju</p> <p>Figura 27 - mapa Aracaju</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 182,163 km² [2020] População estimada: 672.614 pessoas [2021] Densidade demográfica: 3.140,65 hab/km² 2010 Escolarização: 97,4% [2010] IDHM: 0,770 [2010]</p> <p>Em 1855, nasce a cidade de Aracaju. Em 1865, a cidade se firma na região. Em 1900, inicia-se a pavimentação com pedras regulares e são executadas obras de embelezamento e saneamento. As principais capitais do país sofriam reformas para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes. Aracaju que já nasce de vanguarda acompanhava o movimento nacional e, em 1908, é inaugurado o serviço de água encanada, um luxo para a época. Em 1914, é a vez dos esgotos sanitários e no mesmo ano chega a estrada de ferro. Aracaju é uma das primeiras capitais brasileiras a ser planejada. O projeto desafiou a capacidade da Engenharia da época, face à sua localização numa área dominada por pântanos e charcos.⁵⁰</p> |
| <p>(080) Estância</p> <p>Figura 28 - mapa Estância</p> | <p>Área Territorial: 647,344 km² [2020] População estimada: 69.919 pessoas [2021] Densidade demográfica: 100,00 hab/km² [2010] Escolarização: 98,6% [2010] IDHM: sem dados do IBGE</p> <p>A cidade de Estância foi denominada como jardim de Sergipe por S.M Dom Pedro II. Conhecida como a cidade dos sobrados azulejados, das festas juninas, e de um acervo arquitetônico rico pela sua história. Pedro Homem da Costa foi o primeiro a desbravar as terras sergipanas, e nela edificou a Capela Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira do México. De acordo com os historiadores</p> |

⁴⁹ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/propria/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁵⁰ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/propria/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.



Fonte: produção feita pela autora

Alagoas

O Estado de Alagoas foi invadido por franceses no início do século XVI, sendo restituído em 1535, pelos portugueses, sob o comando de Duarte Coelho, conhecido como donatário da capitania de Pernambuco. Duarte Coelho centrou-se na organização de duas expedições, percorrendo todo o Estado conhecido, hoje, como Alagoas.

Com as expedições foram fundadas vilas como a cidade do interior Penedo, sendo o donatário responsável pelo incentivo do plantio de cana-de-açúcar, e a formação de vários engenhos na região. Pelo conhecimento histórico, sabe-se que os holandeses ocuparam Alagoas, em 1645, logo depois de ocuparem Pernambuco em 1630. Em reação negativa, os portugueses reconquistaram a região. Alagoas, por conseguinte, é levada à condição de Comarca em 1706. Já, em 1817, a mesma comarca é levada à condição de Capitania. A base histórica de Alagoas é vista em meio às crises políticas, tendo a maior revolta de escravos do país, em 1630, pelo Quilombo dos Palmares.


Palmares era dirigida por Zumbi, chegando a ter 30 mil habitantes, onde plantavam todo tipo de agricultura. Infelizmente, o Quilombo foi destruído em 1694. Em homenagem, o aeroporto de Alagoas tem o nome de Aeroporto Internacional Zumbi dos Palmares, marcando um fato histórico e cultural do Estado nordestino. De acordo com o IBGE (2010) o Estado de Alagoas ocupa uma área de 27.848.140 km, tendo 102 municípios, com uma população de 3.351.543 milhões de habitantes.

⁵¹ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/estancia/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Sua densidade demográfica é de 112,33 habitantes por quilômetro quadrado. Sua população de 0 a 14 anos é de predominância masculina e de 15 aos 99 anos é de predominância feminina, seguindo a leitura do gráfico de Pirâmide Etária do IBGE.

Sem dúvidas, Alagoas é um Estado cheio de encantos e de forte cultura como em todos os Estados do Nordeste. Observa-se, desde sempre, a luta pela sua identidade. A seguir, Quadro 13 que demonstra as cidades presentes na rede de pontos do Projeto ALiB:

Quadro 13 – Rede de Pontos do Estado de Alagoas - ALiB

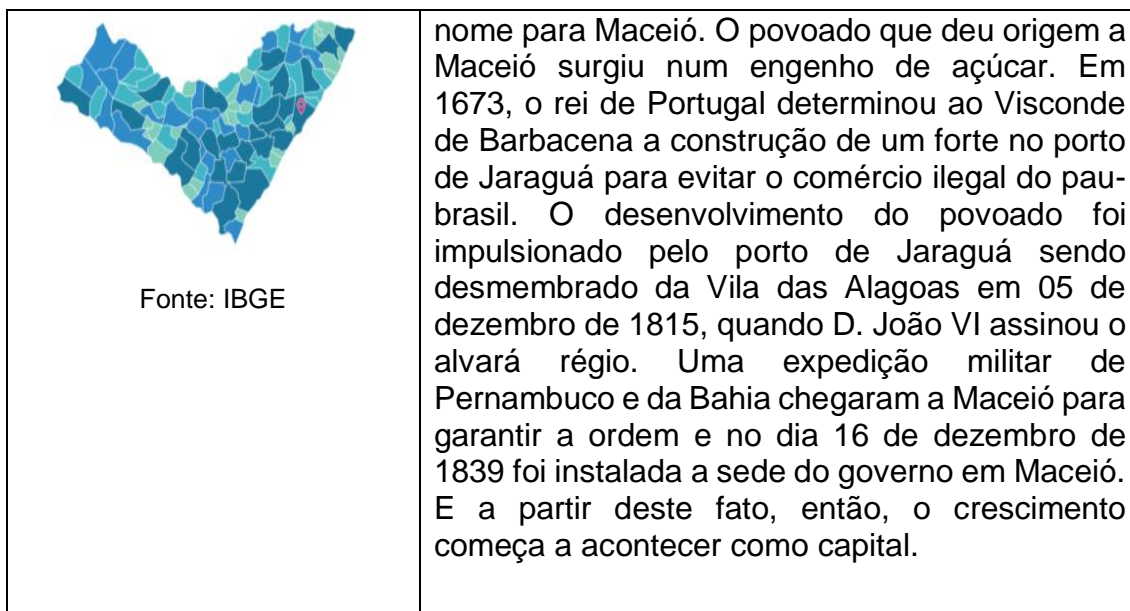
| Cidades de Alagoas | Um pouco da história – momentos datados das cidades. |
|--|--|
| <p>(074) <i>União dos Palmares</i></p> <p>Figura 29 - mapa União dos Palmares</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 420,376 km² [2020] População estimada: 65.963 pessoas [2021] Densidade demográfica: 148,24 hab/km² [2010] Escolarização: 96,2% [2010] IDHM: 0,593 [2010]</p> <p>No século XVIII, registram-se as primeiras habitações do município de União dos Palmares, sendo chamadas de "Macacos", à margem esquerda do rio Mundaú. O português Domingos de Pino construiu a primeira capela do local. Em 1831, se dá o crescimento do lugar que, provocou seu desmembramento do município de Atalaia. Em 1889, foi criada a Vila Nova Imperatriz. Elevada à categoria de cidade. A denominação "União" surgiu através do decreto nº 46, de 25 de setembro de 1890. Em 1944, ocorreu a mudança definitiva para "União dos Palmares", homenageando o Quilombo, que permaneceu na região por quase um século. Foi em União dos Palmares que os negros contra a escravidão construíram a República Independente do Quilombo dos Palmares.⁵²</p> |
| <p>(075) Santana de Ipanema</p> <p>Sem registro IBGE</p> | <p>Área Territorial: sem dados do IBGE População estimada: sem dados do IBGE Densidade demográfica: sem dados do IBGE Escolarização: sem dados do IBGE IDHM: sem dados do IBGE</p> <p>Sabe-se que Santana de Ipanema é um nome origem indígena. Ypanema significa água ruim, imprestável. Antigamente, a região era chamada de Sant'Ana da Ribeira de Ipanema, pois ficava</p> |

⁵² De acordo com informações disponíveis em: <http://www.cultura.al.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|--|
| | <p>situada à margem do Rio Ipanema em Alagoas. Tempos depois a cidade ficou registrada com o nome Santana de Ipanema. Antigamente, a cidade era habitada por mestiços e índios. Acreita-se que, na época chega à região o padre Francisco José Correia de Albuquerque, construindo uma igreja ao redor do povo rústico. Com a chegada dos irmãos Martins e Pedro Vieira Rego de Penedo, a cidade conhecida, também, por “Ribeira de Panema”, começa a tomar rumos para o crescimento da pecuária e agricultura. Muitas fazendas são criadas e a população cresce com o decorrer do tempo.⁵³</p> |
| <p>(076) Arapiraca</p> <p>Figura 30 - mapa Arapiraca</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 345,655 km² [2020] População estimada: 234.309 pessoas [2021] Densidade demográfica: 600,83 hab/km² [2010] Escolarização: 95,9% [2010] IDHM: 0,649 [2010]</p> <p>Pela história de Arapiraca, entende-se que Manoel André Correia descansava embaixo de uma Arapiraca (árvore), próxima ao Riacho Seco, ali ele fundava anos atrás a cidade, que hoje é conhecida por Arapiraca - AL. Ao redor da árvore (Arapiraca), foi construído um povoado, na primeira metade do século XIX. Em 1864, Manoel André construiu uma capela chamada: Capela de Santa Cruz, fato, este, comum ao intuito de povoar uma região. Interessante entender o topônimo de Arapiraca. O nome vem de uma família de leguminosas Mimosáceas – Piptadencia (Piteodolobim). Espécie de angico branco, muito comum no Agreste e Sertão. Vale ressaltar que Arapiraca tem origem indígena.⁵⁴</p> |
| <p>(077) Maceió</p> <p>Figura 31 - mapa Maceió</p> | <p>Área Territorial: 509,320 km² [2020] População estimada: 1.031.597 pessoas [2021] Densidade demográfica: 1.854,10 hab/km² [2010] Escolarização: 95% [2010] IDHM: 0,721 [2010]</p> <p>O nome Maceió vem do Tupi, os índios que viviam na região chamavam o lugar de “Maçayó” ou “Maçai-o-k”, que significa “o que tapa o alagadiço”. O lugar era abundante em beleza e águas que formavam um espetáculo da natureza. Quando os portugueses chegaram, traduziram o</p> |

⁵³ De acordo com informações disponíveis em: <http://www.santanadoipanema.al.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁵⁴ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/arapiraca/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.



Fonte: produção feita pela autora

Pernambuco



O Estado de Pernambuco é formado pela capital Recife, e por 185 municípios do interior. Pernambuco tem uma população de 8.796.448 milhões de habitantes, com densidade demográfica é de 89,62 habitantes por quilômetro quadrado, de acordo com o IBGE. Pernambuco é um Estado que tem limites com Paraíba, Ceará, Alagoas, Bahia e Piauí.

O processo de colonização de Pernambuco se dá, quando, em 1501, a expedição de Gaspar de Lemos ocupou o litoral da colônia portuguesa. O rei de Portugal, D Joao III, em 1534 e 1536, definiu o sistema de Capitanias Hereditárias no Brasil, a Capitania de Pernambuco se chamava Nova Lusitânia. Duarte Coelho era o donatário, sendo que a vila de Olinda foi fundada, em 1535. O Estado é conhecido, até hoje, por ser um grande produtor de açúcar, desde a época colonial.



A prosperidade alcançada com o cultivo do açúcar na região foi tão significativa que chamou bastante atenção dos holandeses entre 1630 e 1654. Nesse período, os holandeses ocuparam a região, sob o comando de Mauricio Nassau, que estabeleceu sua residência em Recife, intitulada a capital do Brasil Holandês. Com a presença de Nassau, Pernambuco experimentou um período de prosperidade tanto no setor açucareiro quanto na urbanização.

Apresentam-se, a seguir, o Quadro 14 – as cidades do Estado de Pernambuco presentes neste estudo:

Quadro 14 – Rede de Pontos do Estado de Pernambuco - ALiB

| Cidades de Pernambuco | Um pouco da história – momentos datados das cidades |
|---|--|
| <p>(062) Exu</p> <p>Figura 32 - mapa Exu</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 1.336,786 km² [2020] População estimada: 31.709 pessoas [2021] Densidade demográfica: 23,65 hab/km² [2010] Escolarização: 95,2% [2010] IDHM: 0,576 [2010]</p> <p>De acordo com a história, em 1846, é criada a vila Exu. Em 1875, a câmara é reinstalada. Segundo a tradição local, o nome Exu veio de uma corruptela do nome da tribo <i>Ancu</i>, pertencente à nação dos Cariris. Existe ainda uma versão local de que essa denominação é dada pelos índios da mesma tribo, em virtude de existir naquele tempo grande quantidade de abelha de ferrão, denominada “inxu” ou “enxu”.⁵⁵</p> |
| <p>(063) Salgueiro</p> <p>Figura 33 - mapa Salgueiro</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 1.678,564 km² [2020] População estimada: 61.561 pessoas [2021] Densidade demográfica: 33,57 hab/km² [2010] Escolarização: 96,7% [2010] IDHM: 0,669 [2010]</p> <p>A história de Salgueiro se passa a partir de contos como lendas. Em 1835, pela manhã, o Coronel Manoel de Sá saiu para fazer a vistoria na sua fazenda, seu filho Raimundo de Sá, nono filho do casal não apareceu até o entardecer, o Coronel estranhando sua ausência, o procurou pela casa, nos arredores, e não o encontrou. Como já estava anoitecendo e haviam muitos animais e índios na região, o Coronel e sua esposa Dona Quitéria, começaram a ficar preocupados com o desaparecimento do pequeno Raimundo, ordenando a um de seus vaqueiros ir até a cidade de Belém avisar o ocorrido. Formando assim, um grupo para ajudar a procurar o menino. O Coronel Manoel de Sá juntamente com os vaqueiros, se embrenharam na caatinga para procurar o pequeno Raimundo. Depois de dois dias, finalmente, conseguiu encontrar o garoto são e salvo. Após o acontecido, o Coronel Manoel de Sá trata de adquirir as terras e como havia prometido sua esposa Dona Quitéria, construiu a primeira capela, onde hoje, está situada a Igreja Matriz de</p> |


⁵⁵ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/exu/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|--|
| | Santo Antônio, surgindo na região a cidade de Salgueiro. ⁵⁶ |
| <p>(064) Limoeiro</p> <p>Figura 34 - mapa Limoeiro</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 273,733 km² [2020] População estimada: 56.149 pessoas [2021] Densidade demográfica: 202,53 hab/km² [2010] Escolarização: 98% [2010] IDHM: 0,663 [2010]</p> <p>Em 1811, é fundada Limoeiro que, está localizada na Região do Agreste Setentrional do Estado de Pernambuco, habitada pelos indígenas tupis. Historicamente, sabe-se que a região é forte no movimento agrícola, a zona rural de Limoeiro. O município tem forte vocação para o comércio atacadista e varejista, recebendo clientes de aproximadamente dez municípios vizinhos. Atualmente, o comércio informal também contribui consideravelmente para geração de renda e trabalho com feiras livres quartas e sábados, no Centro, e aos domingos, no Alto de São Sebastião.⁵⁷</p> |
| <p>(065) Olinda</p> <p>Figura 35 - mapa Olinda</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 41,300 km² [2020] População estimada: 393.734 pessoas [2021] Densidade demográfica: 9.063,58 hab/km² [2010] Escolarização: 96,9% [2010] IDHM: 0,735 [2010]</p> <p>Em 1534, a Coroa portuguesa instituiu o regime de Capitânicas Hereditárias. Pouco tempo depois, encontra-se um local estrategicamente ideal, no alto de colinas, onde existia uma pequena aldeia chamada Marim, pelos índios, instalando aí o povoado que deu origem a Olinda. Com o extrativismo do pau-brasil e o desenvolvimento da cultura da cana-de-açúcar, Olinda tornou-se um dos mais importantes centros comerciais da colônia. Em 1630, colonos holandeses invadiram Olinda, e conquistaram Pernambuco. Tomada a cidade, os holandeses se estabeleceram no povoado e nas ilhas, junto ao porto e abandonaram a região de Olinda. Com o passar do tempo, em 1827, é instalada a Academia de Direito, adquirindo assim, certa importância com relação ao lugar de trabalho.⁵⁸</p> |



⁵⁶ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.salgueiro.pe.gov.br/municipio-historia.htm>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁵⁷ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.limoeiro.pe.gov.br/historia/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁵⁸ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.limoeiro.pe.gov.br/historia/>. Acesso em: 19 mar. 2022.



| | |
|---|---|
| <p>(066) Afrânio</p> <p>Figura 36 - mapa Afrânio</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 1.490,594 km² [2020] População estimada: 19.981 pessoas [2021] Densidade demográfica: 11,80 hab/km² [2010] Escolarização: 98,7% [2010] IDHM: 0,588 [2010]</p> <p>Em 1918, onde hoje se localiza a cidade de Afrânio existia uma fazenda de Francisco Rodrigues da Silva, depois comprada por Sebastião Coelho. A população teve início nesse local a partir da construção da Estrada de Ferro. Em 1932, o povoado de São João passou a categoria de vila e logo depois a distrito de Petrolina, sendo comumente chamado de São João de Afrânio. Em 1963, Afrânio é elevado à categoria de município autônomo desmembrando – se de Petrolina, e elevando-se a cidade cuja instalação se deu, em 1964.59</p> |
| <p>(067) Cabrobó</p> <p>Figura 37 - mapa Cabrobó</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 1.658,616 km² [2020] População estimada: 34.778 pessoas [2021] Densidade demográfica: 18,62 hab/km² [2010] Escolarização: 97,6% [2010] IDHM: 0,623 [2010]</p> <p>Sabe-se que, em 1786, é criado o distrito com o nome Cabrobó. É elevado à categoria de vila entre 1305 – 1854. Em 1911, o município é constituído por dois distritos: Cabrobó e Belém de Cabrobó. Sabe-se que a região de Cabrobó era habitada por tribos indígenas. Rodelas de Cabrobó era o nome da tribo distribuída pela região. Com o tempo, outras tribos apareceram, uma delas são os Truká, sendo habitantes, até hoje, da cidade de Cabrobó. Seguindo com o percorrer histórico, Francisco Dias D'Ávila (casa da torre), já conhecido por adentrar as terras no sertão nordestino, mais uma vez desbravou, instalando na fazenda de Ilha Assunção a criação de gado. Houve, assim, o crescimento, recebendo o título de Paróquia, em 1926. A cidade de Cabrobó tem início com criação de gado, e logo depois com o crescimento dos Cariris, dos Truká na região. A influência indígena é forte dentro do Estado de Pernambuco. Atualmente, Cabrobó - Sertão do São Francisco é um município de Pernambuco,</p> |

⁵⁹ De acordo com informações disponíveis em: <https://afranio.pe.gov.br/sobre-afranio/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|--|
| | tendo fonte de renda com agricultura de arroz, cebola. Herança deixada pelos índios, o manuseio com a terra, com lavoura, plantação. ⁶⁰ |
| <p>(068) Arcoverde</p> <p>Figura 38 - mapa Arcoverde</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 323,370 km² [2020] População estimada: 75.295 pessoas [2021] Densidade demográfica: 196,05 hab/km² [2010] Escolarização: 97,3% [2010] IDHM: 0,667 [2010]</p> <p>Entende-se pela história que, a atual região Arcoverde ficava na caatinga pernambucana. Em 1865, Leonardo Couto (filho de Manoel Pacheco – dono da fazenda criada na região) criou um povoado chamado “Bredos”. Depois de um tempo, Couto doou terras e edificou uma Capela no local, a Capela Nossa Senhora do Livramento. Em 1909, o povoado “Bredos” mudou o nome para Rio Branco. Em 1928, Rio Branco se torna Município. Em 1943, Rio Branco leva o nome de Arcoverde. Arcoverde, na atualidade, tornou-se uma família bem tradicional do Estado de Pernambuco. Em 1943, recebeu este nome - Arcoverde, em homenagem feita por D. Joaquim de Albuquerque Cavalcanti Arcoverde. D. Joaquim Arcoverde nasceu no local e foi o primeiro Cardeal da América Latina.⁶¹</p> |
| <p>(069) Caruaru</p> <p>Figura 39 - mapa Caruaru</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 923,150 km² [2020] População estimada: 369.343 pessoas [2021] Densidade demográfica: 342,07 hab/km² [2010] Escolarização: 94,9% [2010] IDHM: 0,677 [2010]</p> <p>Em 1681, começa a cidade de Caruaru, quando o governador Aires de Souza de Castro, concede à família Rodrigues de Sá uma sesmaria (concessão de terras com o intuito de desenvolver a agricultura e a criação de gado). Em 1776, José Rodrigues de Jesus decide voltar para a fazenda do pai. Em 1857, depois de aprovação sem debate, em 18 de maio do mesmo ano, com a assinatura da Lei Provincial nº 416, pelo vice-presidente da província de Pernambuco, Joaquim Pires Machado Portela, começa a crescer a região com o povoamento.</p> |


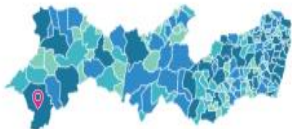
⁶⁰ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/cabrobo/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁶¹ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/arcoverde/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|--|
| | <p>Localizada no Vale do Ipojuca, ao longo dos anos Caruaru recebe várias denominações, sendo conhecida também como a 'Princesa do Agreste', 'Capital do Agreste' e a 'Capital do Forró'.⁶²</p> |
| <p>(070) Recife</p> <p>Figura 40 - mapa Recife</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 218,843 km² [2020] População estimada: 1.661.017 pessoas [2021] Densidadedemográfica: 7.039,64 hab/km² [2010] Escolarização: 97,1% [2010] IDHM: 0,772 [2010]</p> <p>No século XVII, o porto do Recife era o mais movimentado da América de domínio Português e, por isso, lutava contra as frequentes tentativas de invasão por parte dos corsários franceses, ingleses e holandeses. Em 1630, os holandeses desembarcaram ao norte da cidade de Olinda, dominando todo o litoral. Sete anos mais tarde, o conde João Maurício de Nassau Siegen é designado governador geral. Em 1790, Dom João V, eleva a cidade à categoria de vila. Elevando-se logo após, em cidade. Já, com o século XXI, o Recife se prepara para sediar outro ancoradouro: o Porto Digital. De importância histórica, econômica e estratégica só comparável àquele encontrado pelos primeiros visitantes.⁶³</p> |
| <p>(071) Floresta</p> <p>Figura 41 - mapa Floresta</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 3.644,169 km² [2020] População estimada: 33.488 pessoas [2021] Densidade demográfica: 8,04 hab/km² [2010] Escolarização: 95,6% [2010] IDHM: 0,626 [2010]</p> <p>No século XVIII, nas fazendas Currealinho e Paus Pretos, deram-se início a cidade de Floresta. No século XVIII, a fazenda servia de curral temporário para o gado que vinha da Bahia abastecer os engenhos de açúcar pernambucanos. Em 1777, cria-se a Capela do Senhor Bom Jesus dos Aflitos, surgindo o povoado de Fazenda Grande. Em 1846, é elevado à categoria de Vila. Em 1849, como sanção por sua participação ativa na Revolução Praieira, a Vila da Floresta foi incorporada ao povoado de Tacaratu. Em 1864, o Termo da</p> |

⁶² De acordo com informações disponíveis em: <https://caruaru.pe.gov.br/historia/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁶³ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/recife/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|--|
| | Comarca foi restaurado. Em 1907, através de Lei estadual nº 867, foi elevada à categoria de cidade. ⁶⁴ |
| <p>(072) Garanhuns</p> <p>Figura 42 - mapa Garanhuns</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 458,552 km² [2020] População estimada: 141.347 pessoas [2021] Densidade demográfica: 282,21 hab/km² [2010] Escolarização: 96,8% [2010] IDHM: 0,664 [2010]</p> <p>A cidade de Garanhuns é o principal município do Agreste Meridional, distante 230 quilômetros da capital do Estado. Essa localização privilegiada é, sem dúvida, chama bastante atenção, sendo conhecida como “Suíça Pernambucana”, “Cidade das Flores” e “Cidade do Clima Maravilhoso”. Um lugar em pleno desenvolvimento. A cidade de Garanhuns, segundo os números do IBGE, é hoje um dos 23 municípios do Estado com melhor qualidade de vida.⁶⁵</p> |
| <p>(073) Petrolina</p> <p>Figura 43 - Petrolina</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 4.561,870 km² [2020] População estimada: 359.372 pessoas [2021] Densidade demográfica: 64,44 hab/km² [2010] Escolarização: 97% [2010] IDHM: 0,697 [2010]</p> <p><i>Petrolina</i> era chamada de “passagem de Juazeiro”. É uma cidade vizinha que fica próximo ao Rio São Francisco uma ponte é o que liga as duas cidades: Juazeiro e Petrolina. Em 1924, o Bispo Dom Marlan (italiano) chega à cidade, sendo um grande visionário. Com o Bispo foram levantadas várias importantes edificações para cidade, como: Hospital Dom Malan, Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, Colégio Dom Bosco, Catedral da cidade, Palácio Diocesano. Sabe-se pela história que o nome “Petrolina” foi dado em homenagem ao Imperador D. Pedro II e Dona Leopoldina. Outra versão é sobre uma pedra “pedra linda” que ficava às margens do Rio São Francisco. “Pedra Linda” tem uma sonoridade muito parecida com Petrolina. Há, também, registros históricos que os primeiros habitantes da cidade se chamavam</p> |

⁶⁴ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/recife/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁶⁵ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/recife/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|--|---|
| | Pedro e Lina, formando Petrolina com junção dos nomes do casal. ⁶⁶ |
|--|---|

Fonte: produção feita pela autora

Paraíba

O Estado da Paraíba é conhecido pelas suas belezas naturais e por uma arquitetura com influência portuguesa. João Pessoa, é a sua capital, sendo reconhecida pelas praias e ambiente acolhedor para turistas e habitantes da cidade. As bases folclóricas têm uma grande ressignificação dos indígenas até os escravos. A cultura paraibana é fincada, como em outros Estados do Nordeste, em origem ibéricas, africanas e indígenas, tendo uma forte marca de sua história, do seu povo e um rico acervo cultural. No percorrer da história, entende-se que Itamaracá (hoje Paraíba) foi uma das doze capitanias hereditárias.

Depois de longos pesares e declínios, formou-se a Capitania Rio Paraíba, com o tempo, a cidade fundada de Paraíba. Tal conquista se deu pela união do português Martim Leão e um chefe indígena chamado: Piragibe. Martim Leão contribui com a cidade, dando vida ao lugar, a habitação, crescendo edificações. Percebe-se que a Paraíba teve forte influência indígena, marcas nas linhas da sua história. No espaço paraibano, encontram-se os Potiguaras e os Tabajaras na nação Tupi.

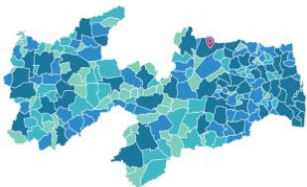
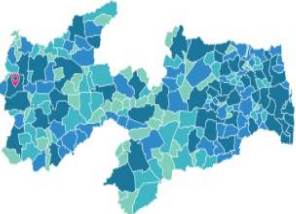
Existem 16.000 pessoas, formando a população indígena, representando 0,43% de um total da população do Estado. Sabe-se que as aldeias são autônomas, estando com autoridade do cacique a organização social e política. O cacique representa todo o povo, principalmente nas tomadas de decisões. Os indígenas foram povos perseguidos, dizimados; porém, constituem uma das grandes matizes étnicos do povo brasileiro, registrando o crescimento do patrimônio cultural. O Estado é a terceira cidade a ser fundada no Brasil e a última do século XVI.

Paraíba faz limite com Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará e o Oceano Atlântico. Tem uma população de 3.766.528 milhões de habitantes. Sua densidade demográfica é de 66,70 por habitante em quilômetros quadrados.

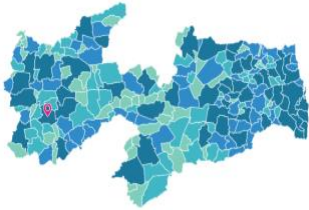
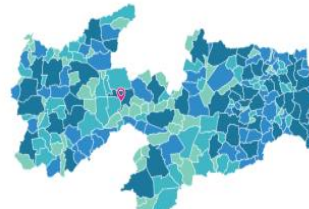
A seguir, o Quadro 15 - com as cidades do Estado da Paraíba de acordo com a rede de pontos do Projeto ALiB:

⁶⁶ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/petrolina/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Quadro 15 – Rede de Pontos do Estado da Paraíba - ALiB

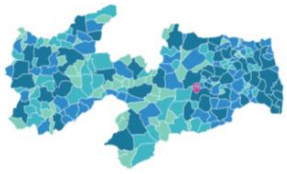
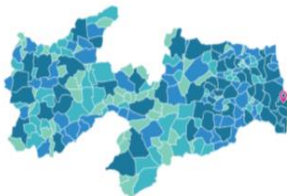
| Cidades da Paraíba | Um pouco da história – momentos datados nas cidades |
|---|---|
| <p data-bbox="280 356 440 389"><i>(056) Cuité</i></p> <p data-bbox="280 461 624 495">Figura 44 - mapa Cuité</p>  <p data-bbox="376 842 528 871">Fonte: IBGE</p> | <p data-bbox="655 356 1385 539">Área Territorial: 733,818 km² [2020] População estimada: 20.331 pessoas [2021] Densidade demográfica: 26,93 hab/km² [2010] Escolarização: 98,3% [2010] IDHM: 0,591 [2010]</p> <p data-bbox="655 618 1385 1160">Acredita-se que, a palavra Cuité vem do uso na fala que os índios faziam de “Cuités” da tribo dos Cariris ou Kiriris. Sabe-se que no dialeto indígena, “Cui” quer dizer vasilha. Em 1704, a primeira sesmaria é doada, sendo solicitada pelo Conde de Alvor na mesma época. Alvor com seu irmão Simplício Dantas Correia começaram a povoar e construíram, logo depois, a Capela Nossa Senhora das Mercês. Entre 1800 e 1827, Cuité foi elevada à Categoria de Distrito. Em 1854, à condição de município. Em 1936, Cuité retoma a autonomia administrativa, saindo da ligação com Picuí formando dois distritos, o da Sede e de Barra de Santa Rosa. Em 1938, em definitivo, o município leva o nome de Cuité.⁶⁷</p> |
| <p data-bbox="280 1182 517 1216"><i>(057) Cajazeiras</i></p> <p data-bbox="280 1288 616 1321">Figura 45 - Cajazeiras</p>  <p data-bbox="376 1648 528 1677">Fonte: IBGE</p> | <p data-bbox="655 1182 1385 1366">Área Territorial: 562,703 km² [2020] População estimada: 62.576 pessoas [2021] Densidade demográfica: 103,28 hab/km² [2010] Escolarização: 97,2% [2010] IDHM: 0,679 [2010]</p> <p data-bbox="655 1444 1385 1977">Em 1863, é fundada a cidade de Cajazeiras. Sua mesorregião é o Sertão Paraibano com microrregião de Cajazeiras. Em 1934, em Cajazeiras, o colégio Diocesano Padre Rolim é construído e considerado um dos mais importantes da Paraíba. Passaram por ele grandes nomes da história nordestina. Cajazeiras é uma cidade muito conhecida pelo seu artesanato, sendo uma das formas mais espontâneas da expressão cultural. O nome Cajazeiras faz referência a uma fazenda fundada no século XVIII, por Luiz Gomes de Albuquerque. Cajazeira é uma árvore que produz o fruto cajá, muito presente na região, desde muito tempo atrás, fazendo com que ela levasse esse nome:</p> |

⁶⁷ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cuite/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|--|--|
| | <p>Cajazeiras. Em 1767, José Jeronimo de Melo deu partes das terras para o pernambucano Luiz Gomes de Albuquerque, fundando, assim, a Fazenda Cajazeiras. Em 1859, Cajazeiras se torna um distrito. Em 1863, o distrito foi elevado à categoria de vila, logo depois, tornou-se município.⁶⁸</p> |
| <p>(058) Itaporanga</p> <p>Figura 46 - mapa Itaporanga</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 460,210 km² [2020] População estimada: 24.960 pessoas [2021] Densidade demográfica: 49,55 hab/km² [2010] Escolarização: 97% [2010] IDHM: 0,615 [2010]</p> <p>Acredita-se que Itaporanga vem de origem indígena, tendo o significado de “pedra bonita”, dando alusão com os tabuleiros pedregosos e ondulados, que os índios utilizavam quando habitavam a região. Garcia D’avila em confronto com os índios toma posse do território. Em 1765, D’Ávila cedeu o sítio Misericórdia ao sertanista Antônio Vilela de Carvalho. Em 1840, Alexandre Gomes, Joao Madeiro e Padre Lourenço exigiram as primeiras casas de pedra e a capela de Nossa Senhora Conceição. Em 1860, foi criada, a Paróquia de Misericórdia. Em 1963, Itaporanga é elevada a município, sendo constituída de dois distritos: Itaporanga e Pedra do Fumo.⁶⁹</p> |
| <p>(059) Patos</p> <p>Figura 47 - mapa Patos</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 472,892 km² [2020] População estimada: 108.766 pessoas [2021] Densidade demográfica: 212,82 hab/km² [2010] Escolarização: 97,8% [2010] IDHM: 0,701 [2010]</p> <p>Patos é uma cidade do interior da Paraíba, fica localizada próximo ao centro do Estado. De acordo com sua história, aponta os índios Cariris como os primeiros na exploração e fixação na região, tendo, ainda, povoados às margens dos rios do Peixe e Jaguaribe. Com a chegada dos Potiguaras vindo do Sul do Brasil, houve um enfretamento com os Cariris, tendo o objetivo de conquistar terras. Em 1933, o povoado foi emancipado, adquirindo condição de Vila e a demarcação municipal. Em 1933, a cidade ganha a Câmara de Vereadores. Vale salientar que o nome Patos vem de uma lagoa, que ficava situada bem próxima ao Rio Espinharas que contorna a</p> |

⁶⁸ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cajazeiras/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁶⁹ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/itaporanga/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|--|
| | <p>cidade. A lagoa vivia cheia de gansos, patos, marrecos. Ao redor da lagoa, foram surgindo as primeiras edificações, dando o nome de Patos.⁷⁰</p> |
| <p>(060) Campina Grande</p> <p>Figura 48 - mapa Campina Grande</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 591,658 km² [2020] População estimada: 413.830 pessoas [2021] Densidade demográfica: 648,31 hab/km² [2010] Escolarização: 97,6% [2010] IDHM: 0,720 [2010]</p> <p>Campina Grande foi primitivamente uma aldeia de índios Cariris. Situado entre o alto sertão e a zona litorânea, com terras propícias às culturas de mandioca, milho e outros cereais indispensáveis à vida dos colonos, o aldeamento converteu-se rapidamente em povoado próspero. Em 1769, era freguesia, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Em 1790, transforma-se em vila sob a denominação de Vila Nova da Rainha. Em 1888, Campina Grande tinha cerca de quatro mil habitantes e era talvez a mais populosa e próspera localidade do interior da Paraíba. Passava por ali, a principal estrada que ligava os sertões paraibanos e rio-grandenses do norte às cidades da Paraíba e do Recife.⁷¹</p> |
| <p>(061) João Pessoa</p> <p>Figura 49 - mapa João Pessoa</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 210,044 km² [2020] População estimada: 825.796 pessoas [2021] Densidade demográfica: 3.421,28 hab/km² [2010] Escolarização: 96,9% [2010] IDHM: 0,763 [2010]</p> <p>Em 1585, chegava à Paraíba Martim Leitão, Ouvidor Geral da Bahia, chefiando uma expedição que deveria restaurar os fortins da barra e desalojar os franceses de diversas posições. Em agosto do mesmo ano, nova tentativa, chefiada pelo Capitão João Tavares que, se aproveitou das desinteligências surgidas entre as duas tribos que habitavam as margens do Paraíba e rios próximos, conseguindo insinuar-se entre os Tabajaras e firmar um pacto de amizade com o seu morubixaba o índio Piragibe. O acordo se dá numa colina à direita do rio Sanhauá, pequeno afluente do Paraíba, sendo nesse local que, hoje, se situa a cidade de João Pessoa. Para Elias Erckman, Paraíba significa rio mau, porto ruim, ou mar corrompido. Varnhagen também indica a</p> |

⁷⁰ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/patos/panorama>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁷¹ De acordo com informações disponíveis em: <https://campinagrande.pb.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|--|---|
| | <p>tradução de rio mau e Teodoro Sampaio, a de rio impraticável. Segundo Coriolano de Medeiros, porém, o significado exato seria braço de mar, pois os primeiros geógrafos que estudaram o rio tomaram-no por um braço de mar, sendo provável, assim, que o gentio da terra como tal o tivesse considerado, dando-lhe o nome com a precisão com que batizavam os acidentes do terreno.⁷²</p> |
|--|---|

Fonte: produção feita pela autora

Rio Grande do Norte

De acordo com Trindade (2010), entre os séculos XVI e XVII, o litoral nordestino era conhecido como a região mais desenvolvida do Brasil, principalmente pela economia açucareira. Os colonos além de trabalhar com açúcar desenvolviam-se, também, pela criação de gado bovino. No decorrer do tempo, a coroa portuguesa patrocinou expedições com militares para afastar invasores com interesse na região, justamente, pelo fato de que os franceses ocuparam todo o litoral ao norte de Pernambuco, como também, o Rio Grande, como era chamado.

Naquela época, os franceses não eram expulsos do território potiguar por diversas situações, como: a população de Portugal ainda era pequena, pela importância do comércio trazido pelos franceses e, também, pelo Estado Português estar próximo da coroa francesa.

Os franceses, nessa época, exploravam a mão de obra indígena para retirada de Pau-Brasil, subsequente a isso, houve diversos confrontos. A partir das disputas, eram criadas muitas fortificações, que, com o passar do tempo, transformaram-se em grandes cidades do Nordeste e Norte do Brasil. Uma dessas capitanias se formou, no século XVI, sendo chamada de Capitania Rio Grande era de extrema colonização portuguesa, envolvendo, também, influências dos franceses e holandeses.

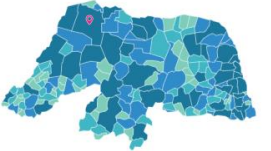
Rio Grande do Norte é um Estado com 52.809,601km². Com uma população estimada em 3.560.903 pessoas, com densidade demográfica de 59,99hab/km², de acordo com dados do IBGE. O Estado tem suas belezas naturais e uma arquitetura histórica com seus fortes. No Projeto ALiB, o Estado do Rio Grande

⁷² De acordo com informações disponíveis em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

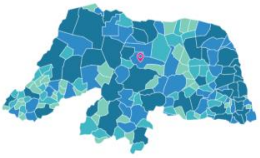
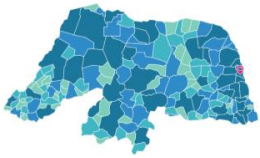
do Norte é estudado por meio das cidades: Mossoró, Angicos, Natal, Pau dos Ferros e Caicó, as quais compõem a rede de pontos do Estado.

A seguir, Quadro 16 – Rede de Pontos do Estado do Rio Grande do Norte ALiB - com as cidades e momentos datados.

Quadro 16 - Rede de Pontos do Estado do Rio Grande do Norte - ALiB

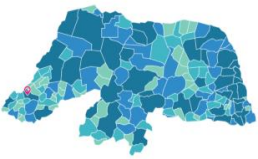
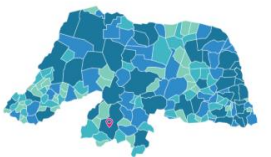
| Cidades do Rio Grande do Norte | Um pouco da história - momentos datados das cidades |
|---|---|
| <p>(051) Mossoró</p> <p>Figura 50 - mapa Mossoró</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 2.099,334 km² [2020] População estimada: 303.792 pessoas [2021] Densidade demográfica: 123,76 hab/km² [2010] Escolarização: 97,7% [2010] IDHM: 0,720 [2010]</p> <p>A cidade de Mossoró tem origem remetida aos índios Monxorós. Em 1600, houve as primeiras povoações no território. Cartas e documentos da época demonstravam sobre o encontro de salinas, que foram exploradas pelos holandeses Gedeon Morris de Jonge e Elbert Smiente até 1644. O distrito de Mossoró foi criado em 27 de outubro de 1842, conforme o IBGE, através da resolução provincial de número 87. Em março de 1852, o distrito foi elevado à categoria de vila. Em 1870, se transformou em cidade passando por diversas mudanças, incorporando e desmembrando territórios. Um fato da história importante são as marcas deixadas pelos índios Moxorós, sendo apontados pelos historiadores como os originários da história do povo mossoroense, eram de espírito guerreiro. Em 1928, registra-se ponto importante da história o primeiro voto feminino que coube, à professora natalense Celina Guimarães Viana, o feito de ser a primeira mulher a votar em todo o Brasil.⁷³</p> |
| <p>(052) Angicos</p> <p>Figura 51 - mapa Angicos</p> | <p>Área Territorial: 741,582 km² [2020] População estimada: 11.695 pessoas [2021] Densidade demográfica: 15,57 hab/km² [2010] Escolarização: 96,5% [2010] IDHM: 0,624 [2010]</p> <p>Os primitivos habitantes da região foram os índios "pataxó", pertencentes à nação Gê ou Tapuia. Em 1760, acredita-se ter seu primeiro fundador com o tenente Antônio Lopes Viegas. Em 1783, quando</p> |

⁷³ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.prefeiturademossoro.com.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|--|
|  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>foi criada a vila Nova da Princesa - hoje cidade de Açú - abrangendo os municípios de Açú, Angicos, Macau e Santana do Matos. Em 1833, o presidente da província Manoel Lobo Miranda Henrique, desmembrava Angicos do território do município de Açú concedendo-lhe sua autonomia. Em 1936, o presidente da província João José Ferreira de Aguiar restaurou, através da resolução nº 9, o município. A lei nº 20, de 24 de outubro de 1936, concedeu a Angicos foros de cidade. O município está localizado na zona do sertão centro-norte do Estado. A cidade está situada à margem esquerda do rio Pataxó.⁷⁴</p> |
| <p>(053) Natal</p> <p>Figura 52 - mapa Natal</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 167,401 km² [2020] População estimada: 896.708 pessoas [2021] Densidade demográfica: 4.805,24 hab/km² [2010] Escolarização: 96,3% [2010] IDHM: 0,763 [2010]</p> <p>Em 1530, o Rei de Portugal, Dom João III, dividiu o Brasil em lotes. As terras que hoje correspondem ao Rio Grande do Norte couberam a João de Barros e Aires da Cunha. A primeira expedição portuguesa aconteceu cinco anos depois com o objetivo de colonizar as terras. Antes disso, os franceses já aportavam para contrabandear o pau-brasil. Os índios potiguares ajudavam os franceses a combater os colonizadores, impedindo, a fixação dos portugueses em terras potiguares. Em 1597, uma nova expedição portuguesa acontece, desta vez, comandada por Mascarenhas Homem e Jerônimo de Albuquerque, conseguindo expulsar os franceses e reconquistar a capitania. Já com o domínio holandês, em 1633, a rotina do povoado que começa evoluir foi totalmente mudada. A partir de 1922, o desenvolvimento de Natal ganhou ritmo acelerado com o aparecimento das primeiras atividades urbanas.⁷⁵</p> |
| <p>(054) Pau dos Ferros</p> <p>Figura 53 - mapa Pau dos Ferros</p> | <p>Área Territorial: 259,959 km² [2020] População estimada: 30.802 pessoas [2021] Densidade demográfica: 106,73 hab/km² [2010] Escolarização: 95,5% [2010] IDHM: 0,678 [2010]</p> <p>Durante muito tempo, a região do atual município de Pau dos Ferros foi habitada pelos índios panatis até que, entre finais do século XVII e início</p> |

⁷⁴ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.angicos.rn.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁷⁵ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.natal.rn.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|--|--|
|  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>do século XVIII, vaqueiros e viajantes que cruzavam o sertão descobriram um curso de água que, logo passaram a servir de descanso em meio após longas e cansativas viagens. Em 1717, o senhor Manoel Negrão se torna o primeiro donatário de uma sesmaria. Em 1841, moradores do povoado realizaram um abaixo-assinado, totalizando 492 assinaturas, reivindicando a elevação do povoado de Pau dos Ferros à categoria de vila. Em 1856, um novo projeto apresentado pelo deputado provincial Bevenuto Vicente Fialho na assembleia provincial, transformando a vila em cidade.⁷⁶</p> |
| <p>(055) Caicó</p> <p>Figura 54 - mapa Caicó</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 1.228,584 km² [2020] População estimada: 68.726 pessoas [2021] Densidade demográfica: 51,04 hab/km² [2010] Escolarização: 97,3% [2010] IDHM: 0,710 [2010]</p> <p>Existem várias versões sobre a origem e adoção do nome do município de “Caicó”. No dicionário da língua tupi-guarani, Lemos Barbosa diz que a palavra Caicó deriva da língua cariri e que significa “mato ralo”. Acredita-se que a região era habitada pelos índios caiacós, da família dos cariris, e que os mesmos, denominaram a região de Cai-icó, que significaria “macaco esfolado” por causa dos serrotes pelos quais a vegetação era desmatada. Cheio de misticismo, a cidade de Caicó, traz muitas histórias sobre os índios e religiosidade. Sabe-se que a tribo caicós foi retirada severamente, mas o misterioso mofumbal, morada de um deus selvagem, permaneceu intacto. Certo dia, um vaqueiro inexperiente penetrou no mofumbal, vendo-se, de repente, atacado pelo touro sagrado. O vaqueiro, no entanto, lembrou-se de fazer voto a Senhora Sant’Ana de construir uma Capela, caso se a Santa o livrasse a tempo do perigo. Milagrosamente o touro desapareceu e o vaqueiro, tão logo possível, desmatou a área e iniciou a construção da capela.⁷⁷</p> |

Fonte: produção feita pela autora

⁷⁶ De acordo com informações disponíveis em: <https://paudosferros.rn.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

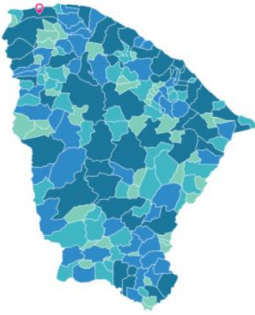
⁷⁷ De acordo com informações disponíveis em: <http://caico.rn.leg.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Ceará

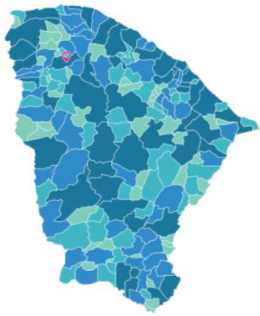
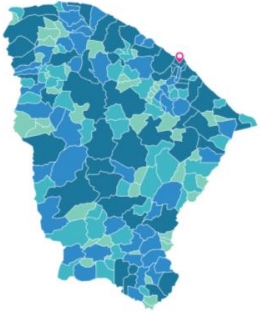
Em 1535, o Estado do Ceará era chamado de Capitania do “Siará”, porém, somente, em 1603, houve a primeira expedição. Em 1637, concebeu a invasão dos holandeses em terras cearenses, enviados por Mauricio de Nassau. Tempos depois com a produção nos espaços, em 1654, os portugueses novamente se instalaram no território, formando, assim, a vila do Ceará, chamada de Vila do Forte ou Fortaleza.

Em 1726, a vila Fortaleza passou a ser a capital do Ceará, após incessantes lutas. O Estado faz parte do litoral nordestino, tendo belezas e cultura que agregam muito a região como forma de turismo e história. O Ceará faz limite com o Oceano Atlântico, Paraíba, Pernambuco e Piauí, sendo parte integrante do *corpus* do Projeto ALiB. As localidades incluídas no projeto são: *Camocim, Sobral, Ipu, Canindé, Quixeramobim, Crateús, Fortaleza, Russas, Limoeiro do Norte, Iguatu, Tauá, Crato*. A seguir, o Quadro 17 – Rede de Pontos do Estado do Ceará - ALiB:

Quadro 17 – Rede de Pontos do Estado do Ceará - ALiB

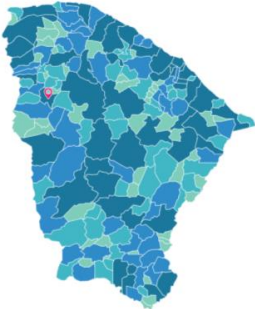
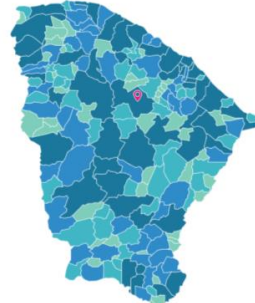
| Cidades do Ceará | Um pouco da história – momentos datados das cidades. |
|--|--|
| <p>(039) <i>Camocim</i></p> <p>Figura 55 - mapa Camocim</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 1.120,452 km² [2020] População estimada: 64.147 pessoas [2021] Densidade demográfica: 53,48 hab/km² [2010] Escolarização: 97,8% [2010] IDHM: 0,620 [2010]</p> <p>Os primeiros habitantes foram os índios <i>Tremembés, Tabajaras, Juremas, Jenipaboçus e Cambidas</i>. No século XVI, os portugueses, com o intuito de reconhecer as terras da região. No século XVII, surge o Forte em Camocim com a intenção de proteção dos ataques dos índios e dos piratas. Em 1792, chegam famílias que implementaram a agricultura e pecuária. Em 1868, Camocim consolida-se como núcleo urbano. A consolidação de Camocim como centro urbano e econômico, se dá a partir da construção da Estrada de Ferro de Sobral-Camocim a partir de 1879.⁷⁸</p> |
| <p>(040) <i>Sobral</i></p> | <p>Área Territorial: 2.068,474 km² [2020] População estimada: 212.437 pessoas [2021] Densidade demográfica: 88,67 hab/km² [2010] Escolarização: 97,9% [2010]</p> |

⁷⁸ De acordo com informações disponíveis em: <https://camocim.ce.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|---|
| <p>Figura 56 - mapa Sobral</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>IDHM: 0,714 [2010]</p> <p>O município de Sobral nasce, em 1841. Os rios Acaraú e a Serra da Meruoca se constituem como ícones do cenário natural da região. Sobral tem experimentado um forte processo de modernização em sua estrutura econômica. Com 50 anos atrás, percebe-se que, a cidade era o mais importante polo comercial da região Norte do Estado. No século XIX, o desenvolvimento de Sobral chega a superar o de Fortaleza. O progresso da cidade se firma a partir da instalação de indústrias, e de um vigoroso sistema educacional e de prestação de serviços de saúde.⁷⁹</p> |
| <p>(041) Fortaleza</p> <p>Figura 57 - mapa Fortaleza</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 312,353 km² [2020] População estimada: 2.703.391 pessoas [2021] Densidade demográfica: 7.786,44 hab/km² [2010] Escolarização: 96,1% [2010] IDHM: 0,754 [2010]</p> <p>Em 1612, se dá a ocupação efetiva do território de Fortaleza. O primeiro forte da cidade, era chamado de Forte de São Sebastião. Em 1726, houve o crescimento urbano tendo elevação em vila. Em 1823, transforma-se em cidade, com população local formada pelos colonizadores europeus, pelos descendentes de indígenas e africanos. O território fortalezense já foi alvo de disputa entre holandeses e portugueses. O nome da cidade é derivado da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, nome dado pelos portugueses ao Forte de Schoonenborch, construído pelos invasores dos Países Baixos.⁸⁰</p> |
| <p>(042) Ipu</p> <p>Figura 58 - mapa Ipu</p> | <p>Área Territorial: 626,049 km² [2020] População estimada: 42.148 pessoas [2021] Densidade demográfica: 64,03 hab/km² [2010] Escolarização: 97,3% [2010] IDHM: 0,618 [2010]</p> <p>O povoado começa nas terras dadas sesmarias para alguns colonos de Pernambuco. Na região, muitas disputas foram travadas entre jesuítas e</p> |

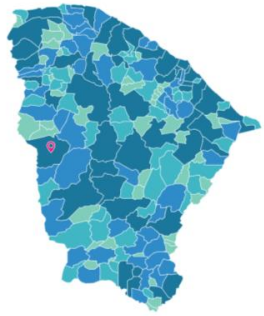
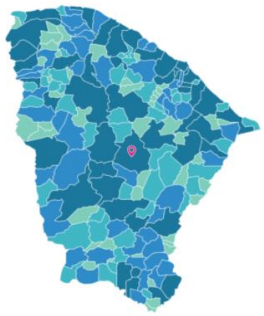
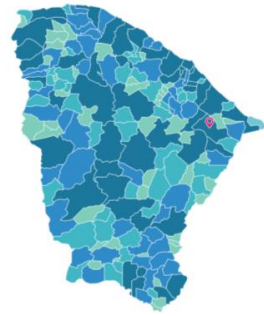
⁷⁹ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.sobral.ce.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁸⁰ De acordo com informações disponíveis em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|---|
|  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>colonos, sendo que Marquês de Pombal retira os índios e jesuítas das terras. Em 1841, é transformada em a Vila Nova do Ipu. Em 1885, é elevada à condição de cidade; em 1894, com a instalação da Estrada de Ferro de Sobral, a cidade passou a crescer e urbanizar-se lentamente. A economia comerciária, promovida pela ferrovia, possibilitou o crescimento do comércio de algodão. No século XX, a cidade mergulha num processo de decadência até culminar com o completo desmonte da ferrovia nos anos 50, 60 e 70 do século passado. Só, em 1987, que o distrito Pires Ferreira, se emancipa de Ipu, transformando-se em um novo município.⁸¹</p> |
| <p>(043) <i>Canindé</i></p> <p>Figura 59 - mapa Canindé</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 3.032,390 km² [2020] População estimada: 77.484 pessoas [2021] Densidade demográfica: 23,14 hab/km² [2010] Escolarização: 97,5% [2010] IDHM: 0,612 [2010]</p> <p>A palavra Canindé vem do tupi-guarani <i>kanindé</i>. Em 1775, o sargento-mor português Francisco Xavier de Medeiros, se fixa nas terras, quando dá início a construção de uma capela em honra a São Francisco das Chagas, Em 1796, a capela fica pronta, depois de muitas lutas jurídicas. Em 1818, o povoado de Canindé havia sido elevado à categoria de vila, demarcando território. Em 1817 Canindé se tornou um distrito de nome São Francisco das Chagas de Canindé. Em 1846 São Francisco das Chagas de Canindé tornou-se uma vila. Em 1914, São Francisco das Chagas de Canindé como vila, foi elevado à cidade com o nome Canindé.⁸²</p> |
| <p>(044) <i>Crateús</i></p> <p>Figura 60 - mapa Crateús</p> | <p>Área Territorial: 2.981,459 km² [2020] População estimada: 75.241 pessoas [2021] Densidade demográfica: 24,39 hab/km² [2010] Escolarização: 97,5% [2010] IDHM: 0,644 [2010]</p> <p>No século XVII, antes dos portugueses, as terras de Crateús eram habitadas pelos índios Karatis. A vila Príncipe Imperial – como era chamada – integrou o Estado do Piauí até o ano de 1880, quando foi anexada ao território do Ceará. Com a expansão da Estrada de Ferro de Sobral-Camocim</p> |

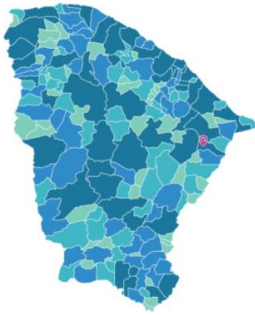
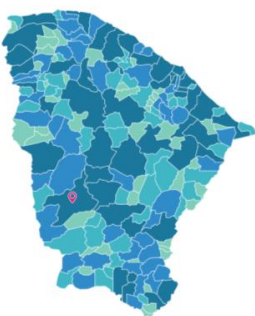
⁸¹ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.ipu.ce.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁸² De acordo com informações disponíveis em: <https://www.caninde.ce.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|--|--|
|  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>para o Piauí, em 1911, as terras de Crateús foram cortadas pela ferrovia. Em 1912, houve a divisão por causa da ferrovia, dividindo-se em duas: Crateús e Sucesso. Crateús se estabelece como cidade, logo após a divisão por passagem de transporte.⁸³</p> |
| <p>(045) Quixeramobim</p> <p>Figura 61 - mapa Quixeramobim</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 3.324,987 km² [2020] População estimada: 82.455 pessoas [2021] Densidade demográfica: 21,95 hab/km² [2010] Escolarização: 96,7% [2010] IDHM: 0,642 [2010]</p> <p>De acordo com, a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros sabe-se que, segundo a tradição, primitivos habitantes da região eram os índios quixarás. Em 1702, o Capitão-mor Francisco Gil Ribeiro governador da Fortaleza de Nossa Senhora Assunção, concedeu as primeiras sesmarias às margens do Rio Ibu, nome pelo qual os indígenas daquela época chamavam o atual Rio Quixeramobim. Em 1755, o templo ganha força, transformando-se em matriz. Em 1789, Quixeramobim se eleva à categoria de vila. Em 1856, adquiriu foros de cidade, com a simpatia e denominação de Quixeramobim. A cidade possui a alcunha "Coração do Ceará", por abrigar o ponto equidistância geodésica do Estado.⁸⁴</p> |
| <p>(046) Russas</p> <p>Figura 62 - mapa Russas</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 1.611,091 km² [2020] População estimada: 79.550 pessoas [2021] Densidade demográfica: 43,91 hab/km² [2010] Escolarização: 97,2% [2010] IDHM: 0,674 [2010]</p> <p>Os primeiros habitantes eram os índios, por volta de 1690, logo depois se começa a chegada de colonos. Em 1695, o governador da Capitania de Pernambuco ordenou a construção de uma pequena fortaleza no curso baixo do Rio Jaguaribe. Depois de muitos embates com os índios, em 1705, foi construído um forte, tendo o crescimento da criação de gado na região. Em 1735, a Matriz de Nossa Senhora do Rosário, foi reconstruída, depois dos massacres, e se encontra hoje no centro de</p> |

⁸³ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.crateus.ce.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

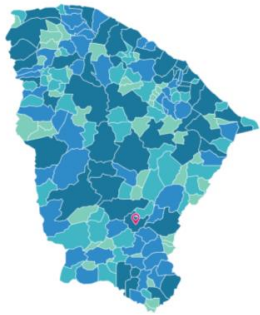
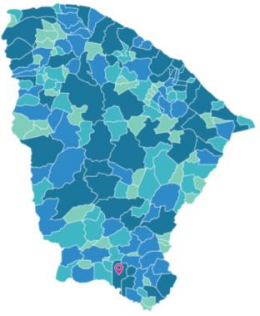
⁸⁴ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.quixeramobim.ce.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|--|---|
| | <p>Russas. Em 1801, o território se transforma em vila para povoação. Em 1799, transforma-se em uma nova vila: Vila Nova. Sendo que, desde 1938 a cidade adota o nome resumido que se conhece por: Russas.⁸⁵</p> |
| <p>(047) <i>Limoeiro do Norte</i></p> <p>Figura 63 - mapa Limoeiro do Norte</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 744,525 km² [2020] População estimada: 60.232 pessoas [2021] Densidade demográfica: 74,91 hab/km² [2010] Escolarização: 98% [2010] IDHM: 0,682 [2010]</p> <p>Acredita-se que o território de Limoeiro do Norte, a fluvial, foi habitado pelos índios Tapuias. No século X os primeiros colonos chegaram a região, oriundos do Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba. Depois diversos combates, ocorre a construção da Forta Real, estabelecimento a base da economia voltada para o núcleo agropecuário. O crescimento urbano se deu em torno da capela de Nossa Senhora da Conceição, que foi construída a partir de 1845, até hoje Diocese da cidade.</p> |
| <p>(048) <i>Tauá</i></p> <p>Figura 64 - mapa Tauá</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 4.010,618 km² [2020] População estimada: 59.259 pessoas [2021] Densidade demográfica: 13,87 hab/km² [2010] Escolarização: 97,7% [2010] IDHM: 0,633 [2010]</p> <p>A cidade originou-se, em 1708, com Lourenço Alves Feitosa que, recebeu uma sesmaria situada nas ribeiras do rio Jucás. Em 1802, se transformou em Vila, chamada de São João do Príncipe. Em 1852, foi instituída a igreja de Nossa Senhora do Rosário, padroeira da cidade. O nome da vila foi transformado, em 14 de outubro de 1898, pelo seu atual nome: Tauá. Em 1929, a vila foi transformada em cidade na administração de Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, primeiro interventor federal no Ceará. Em 1956, o governador Paulo Sarasate desmembrou o município de Tauá, elevando-se assim, em uma cidade autônoma.⁸⁷</p> |
| <p>(049) <i>Iguatu</i></p> | <p>Área Territorial: 992,208 km² [2020] População estimada: 103.633 pessoas [2021]</p> |

⁸⁵ De acordo com informações disponíveis em: <https://russas.ce.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁸⁶ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.limoeirodonorte.ce.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁸⁷ De acordo com informações disponíveis em: <https://taua.ce.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|---|
| <p>Figura 65 - mapa Iguatu</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Densidade demográfica: 93,76 hab/km² [2010] Escolarização: 96,8% [2010] IDHM: 0,677 [2010]</p> <p>Acredita-se que os primeiros habitantes de Iguatu foram os índios Quixelôs. Em 1707, o padre João de Matos Serra começa a percorrer a região, visitando toda a região. Os colonos chegaram a terras pela sua história de terras férteis, trazendo seus ranchos, famílias transformando a região em vila. Em 1833, a região teve seu topônimo mudado para Iguatu (Lei n° 2.035), de origem indígena que significa “água boa”.⁸⁸</p> |
| <p>(050) Crato</p> <p>Figura 66 - mapa Crato</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 1.138,150 km² [2020] População estimada: 133.913 pessoas [2021] Densidade demográfica: 103,21 hab/km² [2010] Escolarização: 97,8% [2010] IDHM: 0,713 [2010]</p> <p>No século XVII, antes dos colonos, eram os índios Cariris que habitavam a região. Em 1714, o território começou a receber colonizadores vindos da Bahia, de Sergipe e Pernambuco. Em 1750, a vida pastoril começou a crescer, tendo na época as primeiras instalações de engenhos. Sua denominação original era Missão do Miranda, depois muda de nome para Missão dos Cariris Novos, como em terceiro nome Aldeia do Brejo Grande. E, em 1842, Crato.⁸⁹</p> |

Fonte: produção feita pela autora

Piauí

O Estado do Piauí era conhecido, em 1674, como antiga aldeia de Cabrobó fundada pelo português Domingos Afonso Mafrense. Com o passar do tempo, em 1712, foi criada a comarca chamada Comarca do Piauí, sendo a aldeia de Cabrobó

⁸⁸ De acordo com informações disponíveis em: <https://iguatu.ce.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁸⁹ De acordo com informações disponíveis em: <https://crato.ce.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

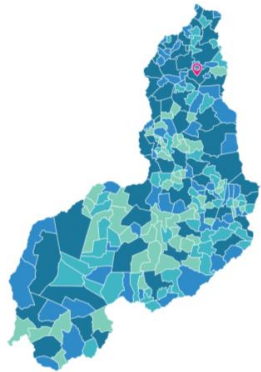
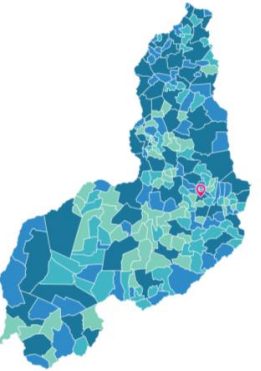
que, por conseguinte, transformou-se, em Vila Mocha. Em 1758, foi criada a capitania do Piauí, independente do governo do Maranhão, de acordo com a Biblioteca do IBGE.

A partir desse momento, a pecuária cresce dando suporte aos Estados do Nordeste. Piauí faz divisa com Ceará, Pernambuco, Bahia, Tocantins e Maranhão. O Projeto ALiB utiliza algumas cidades como rede de pontos do Estado, a saber: *Teresina, Piripiri, Picos, Canto do Buriti e Corrente*. Em seguida, o Quadro 18 – Rede de pontos do Estado do Piauí - ALiB:

Quadro 18 – Rede de Pontos do Estado do Piauí - ALiB

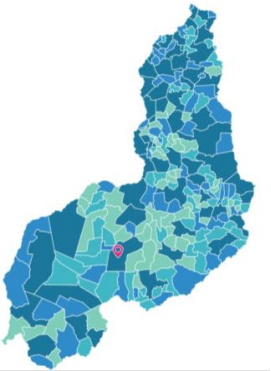
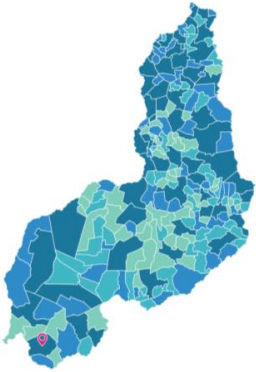
| Cidades do Piauí | Um pouco da história - momentos datados das cidades. |
|--|--|
| <p>(034) <i>Teresina</i></p> <p>Figura 67 - mapa Teresina</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 1.391,293 km² [2020] População estimada: 871.126 pessoas [2021] Densidade demográfica: 584,94 hab/km² [2010] Escolarização: 97,8% [2010] IDHM: 0,751 [2010]</p> <p>Teresina tem suas raízes na Barra do Poti. Em 1760, já havia grupos nas casas habitadas por pescadores, canoieiros e plantadores de fumo e mandioca. Historicamente, a mudança da sede administrativa da Província do Piauí, para a Vila do Poti, hoje, Teresina se deve, em primeiro lugar, em razão da localização da então sede, Vila da Mocha. Em 1852, dirige-se a circular a todos os Presidentes de Província do Império comunicando o fato. De acordo com história, a Imperatriz Dona Teresa Cristina Maria de Bourbon, teria apoiado junto ao Imperador a ideia da mudança da capital e, em sua homenagem, Saraiva denominou a cidade de Teresina (antigamente grafado Theresina). Em 1851, já viviam na Chapada do Corisco 49 habitantes. Teresina foi a primeira cidade do Brasil construída em traçado geométrico. Ela não nasceu de forma espontânea, mas de modo artificial. Saraiva, pessoalmente, tomou as primeiras providências: planejou tudo, com o cuidado de estabelecer logradouros em linhas paralelas, simetricamente dispostas, todas partindo do Rio Parnaíba, rumo ao Rio Poti.⁹⁰</p> |
| <p>(035) <i>Piripiri</i></p> | <p>Área Territorial: 1.407,192 km² [2020] População estimada: 63.829 pessoas [2021] Densidade demográfica: 43,89 hab/km² [2010]</p> |

⁹⁰ De acordo com informações disponíveis em: <https://semplan.pmt.pi.gov.br/historia-de-teresina/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|--|
| <p>Figura 68 - mapa Piripiri</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Escolarização: 97,3% [2010] IDHM: 0,635 [2010]</p> <p>Em 1777, Piripiri originou-se das terras de Botica, sendo que sua área foi concedida a Antônio Fernandes Macedo. Em 1844, quando o seu proprietário, Padre Domingos de Freitas e Silva, vindo buscar refúgio após ter lutado pela independência do Piauí, muda totalmente a fundação. Em 1857, Piripiri com seus habitantes começava a ter o aspecto de uma vila, e com isso o Padre Freitas abriu uma pequena escola. Em 1870, o distrito de Piripiri é elevado à categoria de freguesia. Em 1874, Piripiri foi elevada à vila. Em 1908, o Padre Antônio Bezerra de Menezes fundou o Instituto Arcoverde, um educandário que prestou relevantes serviços a Piripiri. Em 1910 a vila de Piripiri foi finalmente elevada à categoria de cidade.⁹¹</p> |
| <p>(036) Picos</p> <p>Figura 69 - mapa Picos</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 577,284 km² [2020] População estimada: 78.627 pessoas [2021] Densidade demográfica: 137,30 hab/km² [2010] Escolarização: 98,3% [2010] IDHM: 0,698 [2010]</p> <p>No Século XVIII, o português Félix Borges Leal, vindo da Bahia, instalou no local a Fazenda Curralinho, às margens do rio Guaribas, região considerada excelente para agricultura e criação de gado. Em 1828, por iniciativa dos descendentes de Borges Leal, foi edificada a primeira capela, inicialmente com o nome de São José e, mais tarde, de "Coração de Jesus". Com adiantado estágio de desenvolvimento, foi a povoação elevada à categoria de freguesia, sob a invocação de Nossa Senhora dos Remédios. Em 1851, e o seu território desmembrado de Oeiras. O progresso continuou, sendo a freguesia elevada à categoria de vila, em 1855. Cinco anos depois, ganhava categoria de cidade.⁹²</p> |
| <p>(037) Canto do Buriti</p> <p>Figura 70 - mapa Canto do Buriti</p> | <p>Área Territorial: 4.325,643 km² [2020] População estimada: 21.326 pessoas [2021] Densidade demográfica: 4,63 hab/km² [2010] Escolarização: 96,6% [2010] IDHM: 0,576 [2010]</p> |

⁹¹ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/piripiri/historico>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁹² De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/picos/historico>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|---|
|  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>A cidade de Canto do Buriti tem sede, anteriormente, onde se localizava o povoado Guaribas, na época do seu povoamento, no centro da mata. Tendo fácil desenvolvimento, em virtude da valorização da borracha, extraída dos vastos maniçolas nativos das imediações. Em 1915, Guaribas foi elevado à categoria de vila e Sede Municipal, com a denominação de Canto do Buriti. Foi nomeado primeiro superintendente, o Coronel Domingos dos Santos Chaves, um dos fundadores do lugar. A vila de Canto do Buriti, após a inauguração, sofreu o impacto da queda brusca do preço da maniçoba, prejudicando sua economia. Sua recuperação se deve ao esforço empregado no desenvolvimento da agricultura e da pecuária. Deve-se a isso a sua elevação à categoria de Cidade, em 1938.⁹³</p> |
| <p>(038) Corrente</p> <p>Figura 71 - mapa Corrente</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 3.048,747 km² [2020] População estimada: 26.771 pessoas [2021] Densidade demográfica: 8,33 hab/km² [2010] Escolarização: 97,3% [2010] IDHM: 0,642 [2010]</p> <p>Em 1754, a cidade de Corrente foi dividida em terrenos, pelo engenheiro das Côrtes Portuguesas - José da Silva Balmar, por ordem do Rei de Portugal. Em 1860, foi criada, no povoado de Corrente, pertencente ao termo de Parnaguá, a Paroquia de Nossa Senhora da Conceição, assegurandos os competentes limites. Em 1872, o povoado foi elevado à categoria de vila. Corrente começa, assim, a se consolidar como fundadora da Igreja Batista de Corrente e a criação de escolas primárias. Em 1947, a cidade toma o seu desenvolvimento sendo criado o Ginásio do Instituto Batista Industrial. Em 1949, foi criado o Educandário Imaculada dando crescimento ao território.⁹⁴</p> |

Fonte: produção feita pela autora

Maranhão

⁹³ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/canto-do-buriti/historico>. Acesso em: 19 mar. 2022.

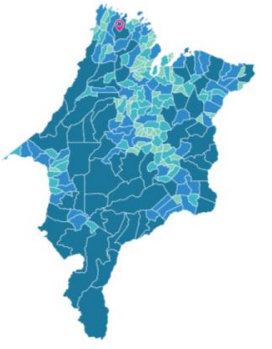
⁹⁴ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/corrente/historico>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Maranhão é um Estado brasileiro que tem área territorial de 329.651,495km² população estimada em 7.153.262 pessoas e densidade demográfica de 19,81hab/km². De acordo com a Biblioteca IBGE, o primeiro homem europeu a pisar no Estado do Maranhão foi Vicente Yanez Piçon. Em 1594, a colonização francesa teve seu início. Em 1614, os portugueses expulsaram os franceses das terras, sendo que, em 1621, foi instituído ao Maranhão Estado independente.

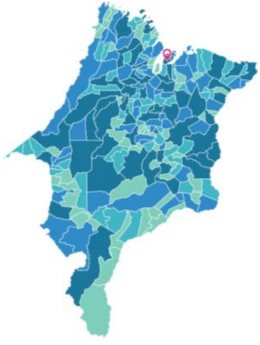
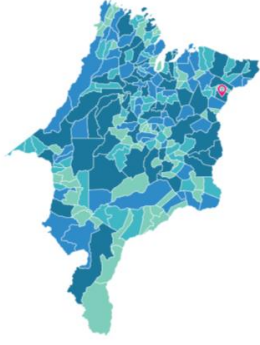
São Luís é a capital do Maranhão, tendo divisa com Piauí, Tocantins, Pará e o Oceano Atlântico. O Estado tem suas belezas naturais, como os lençóis maranhenses e sua forte cultura. O Projeto ALiB tem, em sua rede de pontos no Maranhão, as cidades: *Turiacu, Sobral, Imperatriz, São Luís, Bacabal, Brejo, Alto Parnaíba, Tuntum*.

A seguir, Quadro 19 - Rede de Pontos do Estado do Maranhão ALiB - com momentos datados das cidades.

Quadro 19 – Rede de Pontos do Estado do Maranhão - ALiB

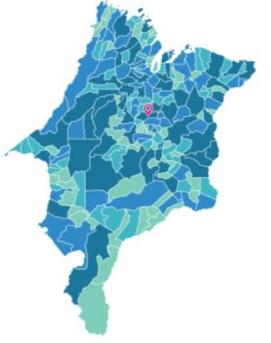
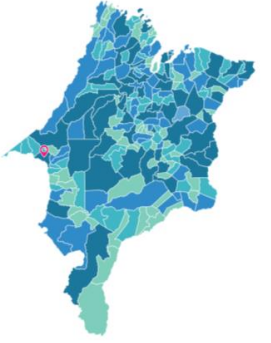
| Cidades do Maranhão | Um pouco da história - momentos datados das cidades |
|--|--|
| <p>(025) <i>Turiacu</i></p> <p>Figura 72 - mapa Turiacu</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 2.622,281 km² [2020] População estimada: 35.811 pessoas [2021] Densidade demográfica: 13,16 hab/km² [2010] Escolarização: 96,7% [2010] IDHM: 0,561 [2010]</p> <p>Em 1679, o então Governador do Maranhão, Inácio Coelho da Silva, determinou a ida de uma expedição ao território retirando todos os índios que, ali viviam. Desse ponto em diante, Turiacu continuou a ser missão e ponto militar. Em 1833, foi elevada à categoria de vila, desmembrado de Bragança. Sendo vila efetivamente, em 1852, por Decreto Imperial. Eleva-se em cidade, em 1870. A origem do nome, segundo Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres, no Dicionário da Língua Geral é “tory”, que significa “tacho”. Por tradição popular, turiaçu significa “tacho grande”.⁹⁵</p> |
| <p>(026) <i>São Luís</i></p> <p>Figura 73 - mapa São Luís</p> | <p>Área Territorial: 583,063 km² [2020] População estimada: 1.115.932 pessoas [2021] Densidade demográfica: 1.215,69 hab/km² [2010] Escolarização: 96,8% [2010] IDHM: 0,768 [2010]</p> |

⁹⁵ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/turiacu/historico>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|--|
|  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>A cidade de São Luís, capital do Maranhão, formou-se na península que avança sobre o estuário dos rios Anil e Bacanga. Fundada em 8 de setembro de 1612, pelos franceses Daniel de La Touche e François de Rasily, cujo objetivo comum, dentro do contexto da economia mercantilista, era estabelecer a França Equinocial. A capital maranhense encontra-se como homenagem ao então, Rei da França, Luís XIII, as raízes da sua nomenclatura: São Luís. Somente tempos depois de sua fundação pelos franceses, em 1615, a cidade de São Luís sucumbiria. Ainda no decorrer do século XVII, ao domínio holandês era efetivo. Em 1645, holandeses foram expulsos, na tentativa de exploração. Iniciando, de fato, a colonização portuguesa da antiga Upaon Açú ou Ilha Grande, segundo a denominação tupinambá para a Ilha de São Luís.⁹⁶</p> |
| <p>(027) Brejo</p> <p>Figura 74 - mapa Brejo</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 1.073,258 km² [2020] População estimada: 36.900 pessoas [2021] Densidade demográfica: 31,04 hab/km² [2010] Escolarização: 96% [2010] IDHM: 0,562 [2010]</p> <p>Acredita-se que, em 1684, os índios anapurús se dividiam em <i>meri e assu</i>, habitantes que, já viviam no território do atual Município. Em 1770, depois de algumas batalhas, foram cedidas, para os índios, três léguas de terras pelo Governador da Província. O Vocábulo <i>anapurús</i> é uma corruptela de <i>muypurás</i> - índios que viviam às margens do rio Parnaíba - e significa fruta do rio. Em 1729, Brejo era ainda um sítio que, a 11 de julho desse mesmo ano, foi doado a Francisco Vasconcelos seu primeiro povoador efetivo. Em 1820, foi elevado à categoria de Vila, com a denominação de São Bernardo do Brejo, desmembrado de Caxias. Passou a cidade, em 1870.⁹⁷</p> |
| <p>(028) Bacabal</p> | <p>Área Territorial: 1.656,736 km² [2020] População estimada: 105.094 pessoas [2021] Densidade demográfica: 59,43 hab/km² [2010] Escolarização: 97,2% [2010] IDHM: 0,651 [2010]</p> |

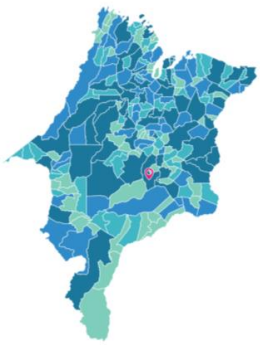
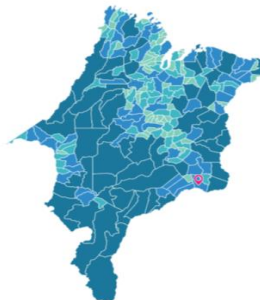
⁹⁶ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-luis/historico>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁹⁷ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/brejo/historico>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|--|
| <p>Figura 75 - mapa Bacabal</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Em 1876, ocorre a inicialização do território de Bacabal, quando o Coronel Lourenço Vieira da Silva chega à região, em busca de terras próprias para a agricultura e fundou a fazenda com sede no local, onde se localiza, atualmente, a Praça Nossa Senhora da Conceição. Graças a fertilidade do terreno, topografia privilegiada e recursos naturais, o Sítio prosperou rapidamente. A grande afluência de imigrantes, principalmente nordestinos, muito contribuiu também para o desenvolvimento agrícola. Em 1920, o lugarejo recebe foros de distrito e autonomia municipal. Seu topônimo – Bacabal – deveu-se à grande quantidade de bacaba (palmeira nativa da região) existente na localidade quando de sua fundação.⁹⁸</p> |
| <p>(029) Imperatriz</p> <p>Figura 76 - mapa Imperatriz</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 1.369,039 km² [2020] População estimada: 259.980 pessoas [2021] Densidade demográfica: 180,79 hab/km² [2010] Escolarização: 98,4% [2010] IDHM: 0,731 [2010]</p> <p>Entre os séculos, XVI e XVII, tem início a história de Imperatriz, com a iniciativa dos bandeirantes que, partindo de São Paulo, buscavam riqueza. Em 1658, é realizada a expedição pelos jesuítas, Padre Manoel Nunes e Padre Francisco Veloso, os primeiros a utilizar o sítio onde, hoje, se localiza Imperatriz. A fundação da cidade ocorreu em 16 de julho de 1852. Em 27 de agosto de 1856, de acordo com a lei n.º 398, cria-se a Vila Nova de Imperatriz, nome dado em homenagem à imperatriz Tereza Cristina. Por seu isolamento, Imperatriz também foi conhecida por muito tempo como a Sibéria Maranhense. Em 1960, a cidade tem grande desenvolvimento e, já na década de 70, era considerada a cidade mais progressista do país, recebendo contingentes migratórios das mais diversas procedências.⁹⁹</p> |
| <p>(030) Tuntum</p> <p>Figura 77 - mapa Tuntum</p> | <p>Área Territorial: 3.369,121 km² [2020] População estimada: 42.242 pessoas [2021] Densidade demográfica: 11,56 hab/km² [2010] Escolarização: 96,2% [2010] IDHM: 0,572 [2010]</p> |

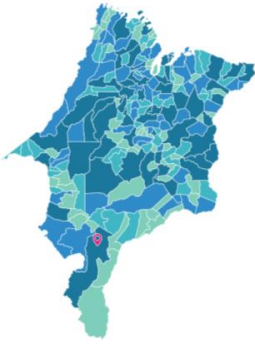
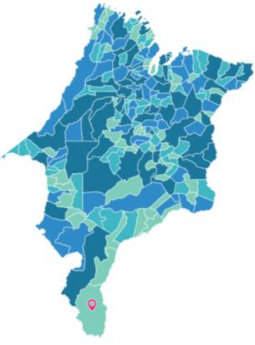
⁹⁸ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.bacabal.ma.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

⁹⁹ De acordo com informações disponíveis em: <https://www.imperatriz.ma.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|---|--|
|  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Em 1890, o lugarejo Tuntum começou sua povoação com José Naziozeno e sua família. Em 1902, chegava na região o casal Manoel José e Alexandrina, em companhia dos filhos que, passam a morar à margem esquerda do riacho. Em 1906, chegava a Tuntum, também, a família dos Carneiros vindo da Passagem Franca. Em 1936, era a vez da família Correia, chegar a esta povoação e com eles inauguração do primeiro comércio a varejo, juntamente com a indústria de algodão. Em 1940, era vez das famílias Arruda Leda, chefiada por Ariston Arruda Leda, chegarem a esta povoação o qual encontrou um amontoado de palhoças, efetivando-se como o líder político. A junção de famílias faz parte da história da cidade de Tuntum-MA.¹⁰⁰</p> |
| <p>(031) <i>São João dos Patos</i></p> <p>Figura 78 - São João dos Patos</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 1.483,255 km² [2020] População estimada: 26.063 pessoas [2021] Densidade demográfica: 16,61 hab/km² [2010] Escolarização: 97,8% [2010] IDHM: 0,615 [2010]</p> <p>Conta a história que a formação de São João dos Patos se deu por lavradores e criadores. Eram procedentes de Passagem Franca, sendo os primeiros povoadores da área, que na época, era parte integrante de Pastos Bons, com a denominação de Lagoa dos Patos. Em 1838, ocorre o desmembramento do Município de Passagem Franca. O território de Patos Bons veio a ele se integrar com o nome de São João dos Patos, em virtude de existirem, no local onde está instalada a Sede Municipal, as lagoas de São João dos Patos. Em 1892, o território adquiriu categoria de Vila, suprimida, em 1931 e restaurada no mesmo ano como cidade.¹⁰¹</p> |
| <p>(032) <i>Balsas</i></p> <p>Figura 79 - mapa Balsas</p> | <p>Área Territorial: 13.141,162 km² [2020] População estimada: 96.951 pessoas [2021] Densidade demográfica: 6,36 hab/km² [2010] Escolarização: 94,4% [2010] IDHM: 0,687 [2010]</p> <p>A cidade de Balsas se dá, basicamente, pelo entroncamento de passagem. O Porto das Caraíbas, no rio Balsas, era o ponto de melhor</p> |

¹⁰⁰ De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/tuntum/historico>. Acesso em: 19 mar. 2022.

¹⁰¹ De acordo com informações disponíveis em: https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/ma/sao_joao_dos_patos. Acesso em: 19 mar. 2022.

| | |
|--|--|
|  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>acesso às fazendas do município de Riachão. O contínuo movimento de viajantes despertou interesse pelo local, fazendo com que surgisse uma pequena casa de comércio. Seguiram-se outras moradas, cobertas de palha. Sabedor da existência do novo núcleo de população, para lá se deslocou o baiano Antônio Ferreira Jacobina, mercador de fumo nos sertões. Tornou-se líder da Povoação, denominando o povoado que, posteriormente elevado à categoria de Vila e à Cidade, com a mesma denominação.¹⁰²</p> |
| <p>(033) Alto Parnaíba</p> <p>Figura 80 - mapa Alto Parnaíba</p>  <p>Fonte: IBGE</p> | <p>Área Territorial: 11.127,384 km² [2020] População estimada: 11.233 pessoas [2021] Densidade demográfica: 0,97 hab/km² [2010] Escolarização: 95,1% [2010] IDHM: 0,633 [2010]</p> <p>O território da atual Alto Parnaíba, que situado na margem esquerda do Rio Parnaíba, onde habitavam os índios “Tapuias”, teve com Francisco Luís de Freitas, seu “primeiro” povoador. Quando, em busca de uma área adequada ao cultivo agrícola, ali se instalou, dando-lhe o nome de Fazenda Barcelona. Posteriormente, Cândido Lustosa, abandonando o Piauí, veio fixar-se nas proximidades da Fazenda Barcelona, vindo a se constituir, também, como pioneiro do desbravamento na área, participando na construção da primeira Igreja e de muitas outras atividades, em benefício do lugar. Em 1866, Francisco Luís de Freitas e sua mulher Micaela Abreu doaram as terras de sua Fazenda Barcelona à Igreja local. A partir desse momento, a povoação foi se desenvolvendo, sendo criado o município de Alto Parnaíba.¹⁰³</p> |

Fonte: produção feita pela autora

Com todas as informações históricas e regionais das cidades e dos Estados da Região Nordeste do Brasil que contribuem para o acervo da rede pontos do ALiB, a seguir, apresentam-se detalhes sobre os informantes que fazem parte do Projeto ALiB.

¹⁰² De acordo com informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/balsas/historico>. Acesso em: 19 mar. 2022.

¹⁰³ De acordo com informações disponíveis em: <https://altoparnaiba.ma.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

3.2.4 Os informantes

A escolha dos informantes se dá, de acordo com a metodologia do Projeto ALiB, baseando-se em um estudo pluridimensional, ou seja, levando em consideração o sexo, faixa etária e nível de escolaridade dos falantes participantes da pesquisa. Ao todo são 348 informantes falantes nascidos nas 78 localidades dentro das localidades da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão.

É importante mencionar que o Projeto ALiB tem um total de 1.100 informantes (homens e mulheres). Para a pesquisa, foram utilizados 348 para análise, originados de 78 cidades da Região Nordeste. Sendo 276 informantes para análise de 69 cidades do interior da Região Nordeste com uma quantidade de dois homens e duas mulheres pertencentes à faixa etária I – 18 anos aos 30 anos – e à faixa etária II – dos 50 anos aos 65 anos –, com nível de escolaridade fundamental incompleto.

E com 72 informantes para análise de nove capitais do Nordeste, contendo dois homens e duas mulheres pertencentes à faixa etária I – 18 anos aos 30 anos – e à faixa etária II – dos 50 anos aos 65 anos –, com nível de escolaridade fundamental incompleto. E, dois homens e duas mulheres pertencentes à faixa etária I – 18 anos aos 30 anos – e à faixa etária II – dos 50 anos aos 65 anos –, com nível de escolaridade universitário.

Como este trabalho está vinculado ao interior e à capital, sendo assim, o Projeto ALiB entrevistou quatro informantes, com escolaridade apenas no nível fundamental, diferenciando-se da capital, que são oito informantes, quatro com escolaridade fundamental e quatro com formação universitária.

3.2.5 Tratamento dos dados

A pesquisa direciona algumas etapas para obtenção de dados: audição, transcrição e formação do *corpus*, a partir da análise de duas perguntas referentes ao QSL – Questionário Semântico Lexical. Para ocasião, selecionam-se alguns pontos a seguir.

3.2.5.1 Audição e transcrição dos inquéritos

No âmbito da descrição do trabalho de audição e da transcrição dos inquéritos, houve a consulta ao *corpus* do Projeto ALiB. Neste ponto, recorda-se que a “[...] representação da fala através da escrita, via transcrições grafemáticas, é uma tarefa difícil devido à própria natureza do texto oral, às suas especificidades.” (RIBEIRO, 2012, p. 151). Como primeira fase, se dá a consulta ao banco de dados, e, logo depois, a análise e o recorte de acordo com as transcrições grafemáticas.

Cada localidade, que compõe o *corpus*, tem uma quantidade de transcrições que são organizadas em arquivos. O arquivo do Nordeste possui 348 inquéritos linguísticos formulados a partir do QSL - Questionário Semântico Lexical.

A audição sistemática dos inquéritos faz parte importante do processo da pesquisa. Com ela, pode-se perceber a sintonia das palavras com questões emocionais, à entonação, o sentimento demonstrado ao se permitir falar sobre o assunto, nesta pesquisa, sobre a *menstruação e a menopausa*, ainda um *tabu* para alguns falantes. Com isso, a audição é essencial para reconhecer uma realidade linguística, observar o potencial da gravação, e, por vezes, perceber se a fala está de acordo com a transcrição.

Observa-se a qualidade das transcrições grafemáticas feitas pelos componentes de iniciação científica do Projeto ALiB. Os inquéritos têm características magnetofônicas próprias, ou seja, as gravações são de boa qualidade, sem ruídos, fazendo com que a escuta seja limpa e o trabalho seja contínuo para a busca de dados.

3.2.5.2 Levantamento e organização dos dados

Logo depois de seguir o ponto de audição dos inquéritos, formula-se o levantamento contínuo das unidades lexicais de interesse para a tese. As unidades lexicais são encontradas a partir das duas perguntas, referentes ao QSL *ciclos da vida*. No decorrer do trabalho, são registradas todas as ocorrências fornecidas encontradas, como também em planilha produzida para organização dos dados que são falados pelos informantes da pesquisa.

A tabela registra descrições de observações nas falas dos informantes, como, por exemplo, a timidez ao falar, o “não” como resposta para não se expor, os risos como forma de vergonha embutida na ação. Tudo se mostra como forma de

representar *tabu linguístico*, porém uma questão de como a sociedade se porta ao falar de certos assuntos.

Após a validação das respostas, realização dos agrupamentos linguísticos e seleção das ocorrências classificadas como “não obtidas” (não sabe/ não lembra/ não obtida), passou-se a trabalhar com o *corpus* composto por 432 ocorrências de estrutura monolexical e 124 ocorrências de estrutura polilexical - fraseologismos e 2 unidades lexicais – *menstruação e entrar na menopausa*. Na seção destinada à análise dos dados, figuram descritos os agrupamentos linguísticos realizados, o número de ocorrências por frequência e a distribuição diatópica para cada item investigado do questionário.

3.2.5.3 Pesquisa em dicionários

Depois do levantamento dos dados, realiza-se a pesquisa em três dicionários da Língua Portuguesa. Um dicionário geral mais antigo e dois dicionários mais contemporâneos, a saber: *Diccionario da Lingua Portuguesa* (1789), do autor de Antônio de Moraes Silva, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009), do autor Antônio Houaiss e, por fim, o *Dicionário Aulete digital* (2014), do autor Francisco Júlio de Caldas Aulete. Foram analisadas as unidades lexicais da questão 121, a saber: *menstruação, boi, regra, bode, pacote*. E, da questão 122, como: *menopausa*. Dessa forma, reconhecendo as unidades lexicais registradas ou não em cada dicionário sinalizado na pesquisa.

Moraes Silva (1789) é o dicionário geral mais antigo da pesquisa, *Diccionario da Língua Portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva do século XIX. O autor toma como base o *Vocabulario Portuguez e Latino de Bluteau*. Moraes Silva (1789) finaliza seu trabalho na construção do dicionário, também, a partir de outros autores. Tem-se a pretensão de que o pesquisador utilize até mais verbetes do que Bluteau e, ainda, por influência do Tribunal do Santo Ofício e pela censura literária. O Dicionário Moraes Silva, de acordo com alguns estudiosos, pode ser considerado como o primeiro dicionário, realmente utilizado no uso da Língua Portuguesa. Na presente pesquisa, utiliza-se o dicionário digitalizado (USP), de 1789.

O *Dicionário Houaiss* foi elaborado pelo lexicógrafo Antônio Houaiss, em 1985. Conhecido como um dicionário de Língua Portuguesa, sua primeira edição foi lançada em 2001, no Rio de Janeiro, pelo Instituto Antônio Houaiss. Para a composição do

dicionário, mais de 150 especialistas brasileiros, angolanos, portugueses e timorenses foram consultados. O Dicionário é bem completo, principalmente pelas palavras arcaicas encontradas para contemplar o estudo. Ele contém 376.500 acepções, 228.500 verbetes, 26.400 antônimos, 415.500 sinônimos e 57.000 palavras arcaicas. Contém, além de tudo, a etimologia de cada palavra. Por toda abrangência com o *Dicionário Houaiss*, o Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia editou dois pequenos dicionários: o *Dicionário de Conjugação Verbal* e *Dicionário de Sinônimos e Antônimos*.

Aulete (2014), *Dicionário Aulete Digital* é um dicionário de grande importância para a Lexicografia Brasileira. Segundo o autor, é um dicionário que marca a ruptura da forma como era feita a Lexicografia. A obra tem como objetivo ser um dicionário acessível para todas as pessoas que falam a Língua Portuguesa. É uma obra que apresenta vocabulários comuns no uso da conversação, ou seja, muitos dicionários não possuem os mesmos vocábulos encontrados em Aulete. A pesquisa realizada para esta tese permite perceber essa diferença durante as buscas. É possível observar a presença de neologismos, termos técnicos, lexis populares e linguagem coloquial, entre outros, no dicionário. Para a tese utiliza-se o *dicionário Aulete Digital*.

Para um melhor entendimento tem-se o Quadro 20 - contido na subseção 4.1.1 a pesquisa lexicográfica - com cada unidade lexical e uma ordem de sentido com diversos sinais, sendo denominados como categorias que demonstram as classificações: (i) = *igual acepção*; (ii) = *outra acepção* e (iii) = *não dicionarizada*.

3.2.5.4 Classificação estatística

Para este ponto de classificação estatística, aqui, na tese, é escolhido no decorrer da análise não registrar, separadamente, as unidades lexicais de ocorrência única, dando o nome de categoria sendo de outras denominações.

Para o item investigado e analisado, são produzidas tabelas, gráficos e quadros de abonações mostrando a real frequência de cada denominação. A frequência é calculada de acordo com a quantidade de vezes que o falante mencionou a unidade lexical de primeira resposta, tendo base, também na distribuição diatópica. São analisadas todas as falas dos 348 informantes das 78 localidades, que compõem a

rede de pontos do Projeto ALiB da Região Nordeste, assim como as unidades lexicais presentes no repertório lexical dos falantes de cada localidade.

Mesmo com a presença de poucas unidades lexicais em determinadas localidades, escolhe-se analisar, na justificativa de que tudo é um resultado, e, com isso, faz-se a menção de presença de unidades lexicais com percentual maior ou igual a 1%.

A pesquisa segue com o QSL – Questionário Semântico Lexical, ou seja, ênfase na variação lexical. Variações nos âmbitos dos QFF, QMF não foram aproveitadas, por uma questão, apenas, de entender que para a pesquisa a variação é suficiente. Porém, todo o trabalho dos outros questionários é de grande valia para estudos linguísticos, como: ditongação, monotongação, situações morfossintáticas, iotização e tantas outras variações.

Também é importante mencionar que as estruturas monolexicais são analisadas separadamente das estruturas polilexicais, para um melhor entendimento e produção de tabelas e gráficos das unidades lexicais.

3.2.5.5 Listagem dos fraseologismos *ciclos da vida*

A investigação dos fraseologismos no âmbito desta tese adota os procedimentos metodológicos delineados por Paim, Sfar e Mejri (2018), conforme abordados no livro intitulado *Nas Trilhas da Fraseologia*. A tese aborda, também, as contribuições de Costa (2018), que se basearam em seu estudo sobre o dicionário dialetal da Região Centro-Oeste. Esses aportes foram incorporados à elaboração dos verbetes, que são conhecidos como fraseologismos. Dentro desse contexto, cada fraseologismo é apresentado juntamente com sua correspondente categoria gramatical e a exposição de seu significado como forma de designação lexical.

Imediatamente após essa apresentação são fornecidas informações sobre as localidades, em que cada fraseologismo é identificado dentro do *corpus* do Projeto ALiB. Por fim, para uma ilustração mais concreta, são oferecidas abonações exemplificativas de como esses fraseologismos foram utilizados nas falas dos informantes.

Dentro deste contexto, na elaboração da presente tese, é criteriosamente selecionado um conjunto de fraseologismos, abarcando tanto as de primeira resposta como alguns, de segunda resposta fornecidas pelos informantes da Região Nordeste

do Brasil. Essa abordagem é adotada apenas com a finalidade de enriquecer e ampliar o estudo.

Os fraseologismos objeto de análise provenientes da questão 121 foram: *estar de boi, estar menstruada, estar de bode, estar doente, quebrar o pote, estar de pacote, estar de regras, estar incomodada, ciclo menstrual, estar (tá) de vermelho, estar (tá) naqueles dias, barco furado, estar (tô) no dia hoje, estar naqueles tempos, estar de chico, bandeira vermelha, estar nos dias especiais, estar nos dias difíceis, sinal vermelho, tinta vermelha*. Já da questão 122: *Amarrar o facão, virar homem, acabar o fogo, amarrar a cintura, amarrar a chuteira, amarrar o cordão, estar maninha, ficar macho fêmea, pendurar bezerro, pendurar as botas*.

3.2.5.6 Tabu linguístico *ciclos da vida*

Ao longo do tratamento dos dados e da investigação conduzida mediante o trabalho de audição atenta dos inquiridos do Projeto ALiB, especificamente na abordagem das questões 121 e 122, é possível identificar estruturas monolexicais e polilexicais - fraseologismos que contêm significados conotativos reconhecidos como *tabus*. Aprofundar o entendimento sobre o fenômeno do *tabu linguístico* detém uma significativa relevância, principalmente dado seu caráter recorrente nas línguas.

Examinar, referir-se e responder acerca do tópico da *menstruação* continua sendo, em diversos contextos e em interações variadas, um território marcado por *tabus*. As unidades lexicais que emergem das narrativas dos informantes, à medida que são dissecados na audição dos inquiridos, são considerados de natureza *palavras-tabus*, assim como se manifestam na forma de eufemismos.

As *palavras-tabus* referente à questão 121 *menstruação, boi, bode, estar de boi, estar de bode, estar menstruada*. A saber, os eufemismos da questão 121 *doente, estar doente, estar naqueles dias, regra*. As *palavras-tabus* referente à questão 122 *menopausa, terminar o boi, acabar o fogo*. E os eufemismos referente à questão 122 *amarrar o facão, terminar o período, virar homem*.

A identificação e classificação dessas unidades lexicais fornecem pontos enriquecedores sobre a dinâmica das expressões linguísticas, e como elas se adaptam às complexidades das crenças e das convenções sociais em vigor.

3.2.5.7 Distribuição da variação social *ciclos da vida*

A análise sociolinguística dos dados é conduzida tendo como foco 12 variantes a partir da questão 121 e 122 do QSL - Questionário Semântico Lexical *ciclos da vida* com maior produtividade dentro do *corpus*. A saber, as estruturas monolexicais e polilexicais referente à questão 121 utilizadas foram: *menstruação, boi, regra e bode; estar de boi, estar menstruada, estar naqueles dias, estar doente e ciclo menstrual*. Estruturas monolexicais e polilexicais referente à questão 122: *menopausa, amarrar o facão e virar homem*. Com isso, é possível examinar as interconexões entre as variáveis sociais, como sexo, faixa etária e nível de escolaridade.

3.2.5.8 Cartografia dos dados

Para a cartografia dos dados é feita a elaboração das cartas linguísticas de acordo com a carta base, que foi elaborada pela Professora Ana Regina Torres Ferreira Teles, integrante da Comissão de Informatização do Projeto ALiB. Para a pesquisa são utilizadas as cartas base da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Ceará e Maranhão.

A produção cartográfica e a edição foram feitas por Daniel Carneiro Reis – Geógrafo. A análise dos dados é feita por esta doutoranda, autora da tese, Gracielli Fabres.

Já com a elaboração da edição para tese, todo o processo é acompanhado pessoalmente pela doutoranda. Estão em pauta todos os passos essenciais para a abordagem, como: mostrar a distribuição diatópica das unidades lexicais referentes à primeira resposta do QSL *ciclos da vida* na Região do Nordeste. Para não existir muita informação em uma única carta, prefere-se registrar na base da cartografia apenas unidades lexicais igual ou superior a 5%, sempre analisadas nas 78 localidades.

Para unidades lexicais que fazem parte do questionário com um percentual menor, mesmo assim tem uma proposta para guardar dados, pois é uma forma de retratar a variação com menos utilização na fala dos informantes. Até porque, percentuais menores fazem parte das localidades, dando respostas do mesmo jeito. Registra-se a variação diatópica por símbolos nas respectivas cartas.



Use o cheiro do mel, a sedosidade do mel para
brilhanar sua alma.

Gracielli Fabres

4 ANALISE DE DADOS

Nesta seção, analisa-se o *corpus* da pesquisa, abordando as duas perguntas referentes à questão 121 *a mulher perde sangue todos os meses. Como se chama isso?* e à questão 122 *Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher_____* do QSL - Questionário Semântico Lexical do Projeto ALiB. Foram encontradas estruturas monolexicais como estruturas polilexicais - fraseologismos - que fazem parte da busca desde o início do estudo para a pesquisa de Doutorado.

As unidades lexicais fazem parte do vocabulário relacionado aos conhecimentos sobre a *menstruação* e a *menopausa* da mulher. É importante entender que os dados e os resultados não representam apenas uma pesquisa que revela dados linguísticos, estatísticos e estruturais, mas também um conhecimento de natureza social.

A seção é composta por uma subseção, 4.1, que por sua vez se divide em seis subseções. Elas representam a análise descritiva-interpretativa das unidades lexicais referentes às duas questões abordadas na pesquisa do QSL, que fazem parte da área semântica lexical, a saber: (i) a pesquisa lexicográfica, (ii) a descrição dos dados, (iii) a discussão dos fraseologismos, (iv) tabu linguístico, (v) variáveis sociais e (vi) cartografia dos dados de cada pergunta analisada na tese.

4.1 MENSTRUACÃO E MENOPAUSA

Na pesquisa, a menstruação é abordada com ênfase na relevância para a área de saúde de cunho medicinal, com base nas contribuições do médico ginecologista Elsimar Coutinho (1996), autor do livro *Menstruação, a sangria inútil* que se configura na literatura sobre bem-estar e saúde. Além disso, o tema da menstruação é abordado com informações do *site Tudo para sua saúde*, tornando-o facilmente acessível ao público de forma gratuita pela internet.

Menarca ou menstruação? Menarca ou *estar de boi*? São unidades lexicais utilizadas em diferentes situações e até mesmo em diferentes regiões, porém dentro de um contexto equivalente. A estrutura monolexical *menstruação* tem como base principal silábica *mens - mensis*, que traz o significado de mês, correlacionando com a estrutura do tempo e, também, as fases da lua. Já menarca é proveniente da palavra

grega *men*, que tem significado de lua e mês como também proveniente da palavra *arkhe* que tem significado de início.

A menarca é mais conhecida e amplamente discutida no âmbito dos profissionais da área de saúde. Trata-se da primeira menstruação, ou seja, o momento em que a mulher passa a menstruar, o que implica em diversas mudanças e transformações significativas em sua vida. A menarca representa um estágio de importantes modificações na vida da mulher.

De acordo com o site da Unimed Londrina o e-book *Tudo para sua saúde* expõe um interessante conteúdo sobre o tema geral mulher, e mais especificadamente, menstruação e seus ciclos. Por meio de uma linguagem acessível para mulheres de diferentes idades e níveis de escolaridade, que buscam obter mais conhecimento sobre um tema que é muitas vezes considerado *tabu*.

O conteúdo do *site* inicia-se explicando o que é a menarca e em que fase ocorre na vida da mulher. A intenção de utilizar *sites* e materiais disponíveis na internet para a pesquisa visa alcançar, de forma mais próxima e acessível, as meninas e adolescentes que rotineiramente utilizam a web. É importante destacar que a pesquisa está sendo conduzida em um momento difícil, marcado pela pandemia, quando os recursos estão mais escassos do que nunca. Os e-books são uma opção de fácil acesso e fornecem uma quantidade significativa de informações, por exemplo.

Sobre a menarca, sabe-se que as meninas, durante o desenvolvimento do corpo, passam por diversas modificações e fases até se reconhecerem como mulheres na fase adulta. A menarca, conhecida como a primeira menstruação, é definida como um fenômeno biológico que pode influenciar não apenas nas transformações físicas, mas também nos aspectos psicológicos. Este evento, amplamente discutido e já questionado no processo de amadurecimento da mulher, abrange não somente as mudanças físicas.

Neste sentido, o que é a menarca?

Menarca é o nome dado à primeira menstruação da mulher e é uma das últimas fases da puberdade. O primeiro ciclo tende a acontecer entre os 10 e 15 anos, podendo variar conforme o estilo de vida, histórico de menstruação das mulheres da família, hábitos alimentares, alterações hormonais, entre outros fatores. A primeira menstruação também se relaciona com outros aspectos do desenvolvimento das meninas, como a idade óssea - ou seja, o nível de maturação dos ossos -, a velocidade de crescimento e de ganho de peso. A menarca costuma ser associada à feminilidade e à fertilidade, por isso, o início da menstruação, em algumas culturas, é cercado por tabus e significados que impactam na vida das mulheres. Isso porque, a partir da

primeira menstruação, outros processos fisiológicos acontecem e levam ao início da maturação sexual da mulher. Entre eles estão o aparecimento das mamas (telarca), surgimento de pêlos (pubarca), desenvolvimento do aparelho genital e, por fim, o começo da ovulação, que define a capacidade reprodutiva feminina. (UNIMED et al, 2020)

Ao falar sobre o assunto feminino, percebe-se a importância das meninas, principalmente a partir dos dez anos, ter conhecimento sobre o tema que, por vezes, é desconhecido dentro de casa. Sim, é um fato verídico que o tema menstruação, ainda, é um *tabu*. Ao analisar os dados coletados durante a audição dos inquiridos da pesquisa, é possível observar que muitas vezes surgem expressões de vergonha, além de respostas de negação ou relutância ao abordar o assunto, incluindo declarações de falta de compreensão.

Em anexo I, é exposto o *Manual de Orientação à Saúde da Mulher* - uma cartilha que faz parte do trabalho desenvolvido com o enfoque de gênero pelo Projeto de Desenvolvimento Comunitário do Rio Gavião – Pró-Gavião, sob a responsabilidade da equipe do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM, da Universidade Federal da Bahia, em convênio com a Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero – REDOR.

Um material de fácil acesso, com uma linguagem clara com imagens extremamente convincentes ao propósito. Vale a pena compartilhar e conhecer o cuidado ao abordar um tema de extrema importância, especialmente para as mulheres. Visando construir o reconhecimento do próprio corpo e compreender um dos principais momentos da vida feminina, que traz consigo diversas mudanças.

Ainda neste ponto, os conhecimentos sobre ciclos irregulares e sintomas são muito bem sinalizados. O ciclo menstrual tem uma duração média de 30 dias corridos, tendo o período de sangramento entre três a oito dias. Normalmente, a partir da primeira menstruação, a conhecida menarca, sabe-se que a irregularidade pode acontecer de mês em mês, ou vez outra não, depende de cada organismo. Além disso, observa-se também a importância de falar sobre os sintomas que causam, às vezes, certa estranheza nas mulheres e nas meninas.

São percebidos diversos sinais nas mulheres quando a menarca se aproxima; fato desconhecido pela maioria das meninas. No corpo, as modificações começam com aumento de peso, seios maiores, o crescimento mais rápido, aumento dos quadris, e, também, as conhecidas cólicas menstruais que são de maior intensidade no início do ciclo na vida da mulher.

Observam-se, nesta perspectiva, os sintomas que envolvem o emocional como tensão, rigidez, TPM - Tensão Pré - Menstrual - , alterações de humor, o choro sem explicação, as dores de cabeça que são definidas como efeitos hormonais, são alguns sintomas que podem acontecer antes da menarca.

Ainda, nesse panorama, algumas orientações são fundamentais para o início da menarca. Sendo a primeira menstruação na vida da mulher é importante os pais ou responsáveis conversarem com as meninas, explicando sobre os cuidados de higiene nesse período. Explicar como as mudanças acontecem no corpo, sendo imprescindível a consulta com o/a ginecologista, por vezes, o profissional esclarecerá dúvidas e fará o acompanhamento inicial necessário.

Sabe-se que as orientações para meninas ainda são escassas, especialmente por parte da família. Percebe-se claramente a existência de um sentimento de vergonha e *tabu* relacionado a esse tema. Essa percepção fica evidente no *corpus* da pesquisa, onde são encontradas falas como: "posso falar mesmo?", o que sugere que as orientações podem ser limitadas devido à questão de ser um assunto muito íntimo, e algumas famílias podem permitir que as meninas descubram por si mesmas à medida que crescem.

Nessa perspectiva, a pesquisa aborda menstruação à luz dos conhecimentos do médico e professor baiano Elsimar Coutinho, que trata o assunto no seu livro *Menstruação, sangria inútil*. Coutinho (1996) retrata a percepção das mulheres sobre a menstruação, construindo uma sequência de dois pontos: o primeiro, que mulheres apontam desconfortos no corpo no ciclo menstrual, o segundo, que apenas algumas mulheres estariam dispostas a suprimir a menstruação. Assim, o autor aborda que

[...] as razões para esse aparente paradoxo se prendem principalmente à crença largamente difundida de que a menstruação é um fenômeno natural e inevitável e de que qualquer perturbação da sua regularidade traz sérias conseqüências para a saúde. Essa crença infelizmente não é só das mulheres, é convicção generalizada até no meio médico, que esteve mais de 2 mil anos sob a influência dos ensinamentos hipocráticos e galênicos, nos quais a sangria se apresentava como o mais poderoso e eficiente remédio para quase todas as doenças. (COUTINHO, 1996, p. 22).

Coutinho (1996, p. 18) menciona que “[...] na realidade, tudo indica que no passado remoto, quando as mulheres começavam, a ovular depois dos 18 anos e morriam antes dos 30, a menstruação era um fenômeno raro.” As mulheres antigamente viviam em grupos de “grávidas ou amamentando até a morte, não

poderiam mesmo experimentar as menstruações repetidas, possíveis apenas quando mulheres e homens férteis vivem separados.” (COUTINHO, 1996, p.18)

Para o contexto, Coutinho (1996) traz um conhecimento histórico, segundo ele,

Os filósofos gregos, que estabeleceram as bases do racionalismo ocidental, analisaram a menstruação à luz da lógica e concluíram que se sangrar periodicamente não fazia mal às mulheres, devia fazer bem. A caracterização do sangramento periódico, tido como fenômeno benéfico por Hipócrates, o Pai da Medicina, e Galeno, o Príncipe da Medicina, corroborada pela execução da sangria pelo médico como recurso terapêutico insuperável, assegurou à menstruação uma conotação positiva, não apenas útil, mas indispensável à saúde da mulher. (COUTINHO, 1996, p.18).

O tratamento médico chamado sangria, utilizado por vários séculos, de acordo com Coutinho (1996), teria sido inspirado pelo fenômeno da menstruação, que ocorre mensalmente nas mulheres, tendo um valor positivo para o sangramento.

Ao falar de menstruação, sabe-se que o fenômeno na história era considerado como um momento de impureza da mulher. Martin (2006) aborda que em textos médicos, menstruação é conhecida como uma desintegração, uma hemorragia, ou seja, uma necrose no tecido endometrial.¹⁰⁴

Ainda com Martin (2006), menstruação e menopausa¹⁰⁵, historicamente, revelam uma conotação de um sistema reprodutivo que fracassou, assim também, uma produção desvirtuada. É complicado pensar nessa linha, apenas, pois aparenta que a mulher tem apenas um único objetivo, o da reprodução biológica.

De acordo com o pensamento de Coutinho (1996, p.98),

[...] a menstruação só ocorre quando não há fecundação ou quando um ovo fecundado não vinga. A repetição do fenômeno ocorrerá sempre que as mulheres forem inférteis ou se abstiverem voluntária ou involuntariamente de manter contato sexual com os homens ou tiverem relações apenas com homens naturalmente inférteis ou, sendo férteis, tiverem recorrido a métodos artificiais de contracepção. (COUTINHO, 1996, p.98).

Pode-se considerar, portanto, não apenas a menstruação como um fenômeno biológico, mas também como algo que influencia e transforma as questões sociais que cercam a mulher. O ciclo menstrual pode ser, em diversos momentos, desestabilizador, principalmente na fase pré-menstrual. “[...] os efeitos da síndrome

¹⁰⁴ Vale ressaltar, neste momento, que a estrutura hemorragia, foi encontrada na pesquisa como uma variante de menstruação - decide-se não nomeá-la na pesquisa - que com o corpus da pesquisa é encontrada na fala dos informantes da Região Nordeste do Brasil, mais especificadamente, na Bahia em Itaberaba e Itapetinga; na Paraíba em Cuité; no Piauí, em Piripiri, e no Maranhão, em Brejo e Balsas, de acordo com a análise feita com corpus do Projeto ALiB.

¹⁰⁵ No decorrer da pesquisa será falado sobre a menopausa.

pré-menstrual para o comportamento da mulher podem ser devastadores, não somente para ela como para seus familiares e amigos, com prejuízos tanto na esfera social quanto profissional.” (COUTINHO, 1996, p. 98).

O Instituto Nacional de Saúde da Mulher da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF) apresenta um interessante conteúdo sobre a vida e a saúde da mulher. Nesse contexto, foi realizada uma entrevista com a médica endocrinologista Lizanka Paola Figueiredo Marinheiro, que também é pesquisadora da Área da Mulher do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), abordando o tema em questão.

Debruçar o olhar sobre assuntos como menstruação e menopausa significa abordar etapas de grande importância na vida da mulher. Não apenas pelas modificações no corpo, mas também pelas alterações hormonais, no âmbito emocional e pelo entendimento da transição de ser uma menina para se tornar uma mulher. Na entrevista, observa-se um ponto interessante relacionado à forma como o ciclo é mencionado, sendo definido novamente como *menarca* ou *início da menstruação*.

E o que chama atenção *menopausa* ou *última menstruação*? No decorrer da pesquisa, outra unidade lexical utilizada para denominar o referente para *menopausa*, praticamente, é nulo, sendo comum fraseologismos acerca do tema. *Última menstruação* não foi encontrada no *corpus*, porém vale a ressalva como mais uma forma de reconhecimento e variação acerca da unidade lexical *menopausa*. É encontrado: *Terminar a menstruação* (Limoeiro – PE, mulher, faixa 2, fundamental), *Parar a menstruação* (Exu – PE, homem, faixa 2, fundamental e Floresta – PE, mulher, faixa 2, fundamental) e *Acabar a menstruação* (Itaporanga – PB, mulher, faixa 2, fundamental e Pau dos Ferros – RN, homem, faixa 2, fundamental).

Com isso, segue parte da entrevista em que menciona sobre os dois ciclos marcantes na vida de qualquer mulher, a saber: o início da menstruação ou menarca e a última menstruação ou menopausa; esses dois períodos definem o começo e o final da idade fértil. E, quando esses dois momentos chegam antes do previsto? Quais são os sintomas e o que isso pode significar para o organismo da mulher? Será que, necessariamente, o corpo da menina já está pronto para reprodução e, no caso da menopausa precoce, como fica o sonho da maternidade para algumas mulheres que a desejam?

De acordo com a médica endocrinologista Lizanka Paola Figueiredo Marinheiro, a menarca precoce é caracterizada pela primeira menstruação ocorrer antes dos oito anos de idade, podendo fazer parte do quadro chamado de puberdade precoce. Nesse contexto, pode estar relacionada à ação de outros hormônios chamados gonadotrofinas, que interferem diretamente nos ovários e na produção de óvulos.

As variantes da puberdade precoce incompleta são três: telarca precoce - que é o crescimento dos seios, pubarca precoce - crescimento dos pelos pubianos e a menarca - que é a própria menstruação. Percebe-se que, com isso, o desenvolvimento da menopausa precoce ocorre quando já existe a menarca precoce. Logo, pode-se dizer que existe uma relação entre a menarca e a menopausa precoce.

Lizanka Marinheiro ressalta a importância de compreender que tanto a menarca quanto a puberdade precoce requerem tratamentos específicos e individuais. O tratamento da puberdade precoce tem como objetivo prevenir a baixa estatura e também observar a questão psicológica da criança. Ou seja, é fundamental estar atento se meninas de oito anos de idade já apresentam desenvolvimento de pelos pubianos e seios, o que demanda uma investigação médica para evitar problemas relacionados à menarca precoce.

Com isso, entende-se que *menstruação* e *menopausa* fazem parte do ciclo da vida da mulher, mais conhecida como uma fase de finalização do ciclo de reprodução. A partir da escrita nesta tese, acredita-se também na relevância que o tema tem e na importância de redigir, nesse espaço, sobre o assunto *menopausa e menstruação*, mas, no âmbito, também, de informação.

Reconhecer *sítes*, materiais como forma de contribuir com informações, pois, ainda, é necessário mais diálogo em casa e nas escolas. Para que, com isso, os cuidados sejam tomados no decorrer da vida da mulher. Enfatizar o feminino, aqui na tese, é uma honra, e o tema permite fazer tal abordagem.

Neste momento, inicia-se o tema sobre a menopausa, trazendo informações de cunho social para o estudo. Ao estudar a estrutura monolexical *menopausa*, percebe-se que ela está associada a um conceito amplamente reconhecido: o fim da fertilidade na mulher. Interessante, também, analisar que a estrutura *menopausa* não tem variação como unidade, porém como fraseologismos, a pesquisa demonstra a grande diversidade.

Sabe-se que a menopausa é definida como o último ciclo menstrual no decorrer da vida da mulher. Mais habitualmente conhecida, como a última menstruação, que pode ocorrer entre os 45 e 55 anos de vida. De acordo com a *Biblioteca Virtual em Saúde – Ministério da Saúde*, de fácil acesso para a população, menciona-se que a mulher pode, aos 40 anos ter a última menstruação, nesses casos, a menopausa é chamada de *menopausa prematura ou menopausa precoce*.

O espaço virtual - *Biblioteca Virtual em Saúde* -, ainda, demonstra o cuidado que é necessário ao falar sobre *menopausa*, que, por vezes, é usado inadequadamente para designar o climatério, que é definido como uma fase de transição do período reprodutivo, até o não reprodutivo no ciclo da mulher.

Não ter mais menstruação é a principal característica da *menopausa*. Existem sintomas, que são confundidos como um problema de saúde. Em verdade, o climatério é um período no ciclo da mulher, sendo inevitável e definido como um processo natural.

Ao escrever a tese, pensa-se, também, no âmbito do cuidado e da saúde da mulher. Com isso, alguns pontos importantes são destacados de acordo com a *Biblioteca Virtual em Saúde*, que, por sinal, é de fácil manuseio e de importante leitura para o público feminino de diversas faixas etárias. A seguir, alguns sintomas:

- Ondas de calor ou fogachos: episódios súbitos de sensação de calor na face, pescoço e parte superior do tronco, geralmente acompanhados de rubor facial, suores, palpitações no coração, vertigens, cansaço muscular. Quando mais intensos, podem atrapalhar as tarefas do dia a dia;
- Irregularidades na duração dos ciclos menstruais e na quantidade do fluxo sanguíneo;
- Manifestações como dificuldade para esvaziar a bexiga, dor e pressa para urinar, perda de urina, infecções urinárias e ginecológicas, ressecamento vaginal, dor à penetração e diminuição da libido;
- Sintomas psíquicos: a redução dos níveis de hormônios femininos interfere com a liberação de neurotransmissores essenciais para o funcionamento harmonioso do sistema nervoso central, fazendo com que aumentem as queixas de irritabilidade, instabilidade emocional, choro descontrolado, depressão, distúrbios de ansiedade, melancolia, perda da memória e insônia;

- Alterações na pele, que perde o vigor, nos cabelos e nas unhas, que ficam mais finos e quebradiços;
- Alterações na distribuição da gordura o corpo, fazendo com que se concentre mais na região abdominal;
- Perda de massa óssea característica da osteoporose e da osteopenia;
- Risco aumentado de doenças cardiovasculares: a doença coronariana é a principal causa de morte depois da menopausa.

No decorrer da vida, é fundamental ter uma alimentação saudável, não fumar, praticar atividade física, evitar consumo alcoólico, ter uma saúde mental equilibrada e cuidar da saúde bucal são cuidados simples, que fazem toda diferença na vida de tantas mulheres. É comprovado que ao ter esses cuidados minimizam, muito, os sintomas negativos do climatério.

Ainda, com os conhecimentos de acordo com a *Biblioteca Virtual em Saúde*, reconhece-se que a leitura para o aprendizado do nosso corpo e nossas necessidades são claras. Recomenda-se que mesmo após a *menopausa* o acompanhamento ginecológico e o cuidado com o ganho de peso são de extrema importância. Tendo uma atenção redobrada com a pressão arterial, com a osteoporose, doenças cardiovasculares, como também com as alterações de humor.

Considerando todas as informações de relevância social abordadas na tese, pode-se constatar que a estrutura monolexical *menstruação* é identificada em 77 localidades estudadas, abrangendo tanto cidades do interior quanto as capitais da Região Nordeste do Brasil, com uma frequência de 99% e 284 ocorrências, o que representa 96% em relação às variantes – *boi*, *regra*, *bode* e *paquete* – também estudadas. A estrutura monolexical *menopausa* é encontrada na fala de 135 informantes. As próximas subseções tratam sobre a pesquisa lexicográfica, a descrição dos dados, a discussão dos fraseologismos, o *tabu linguístico*, as variações sociais e a cartografia linguística tanto da questão 121 quanto da questão 122.

4.1.1 A pesquisa lexicográfica questão 121

A pesquisa lexicográfica é realizada, como dito na metodologia, a partir da consulta de três obras: *Moraes Silva (1789)*, *Houaiss (2009)*, *Aulete (2014)*. Inicia-se

com o Quadro 20 - Denominações para o evento perda de *sangue que as mulheres perdem todos os meses* que traz o resultado da consulta às três obras.

Quadro 20 - Denominações para o evento perda de *sangue que as mulheres perdem todos os meses* nos Dicionários Aulete (2014), Houaiss (2009) e Moraes Silva (1789)

| QSL 121 – MENSTRUACÃO | | | |
|---------------------------------------|----------------------|-----------------------|----------------------------|
| <i>Estruturas monolexicais</i> | Aulete – 2014 | Houaiss – 2009 | Moraes Silva – 1789 |
| Menstruação | = | = | = |
| Boi | = | = | ≠ |
| Regra | = | = | = |
| Bode | = | ≠ | ≠ |
| Paquete | = | ≠ | ≠ |

Legenda:(=) igual acepção; (≠) outra acepção; (◯) não dicionarizada.

Fonte: produção feita pela autora

A partir da análise dos dicionários citados, observa-se que em Moraes Silva (1789) é apresentada a estrutura monolexical *menstruação*. Vale ressaltar que, considerando a época em que o dicionário foi criado e o reflexo do *tabu* linguístico dentro do contexto, a unidade aparece na obra.

Sabe-se que o assunto sobre as fases da mulher era pouco falado dentro de casa, e muito menos vinculado dentro da sociedade. Moraes Silva (1789) cita *menstruação*, como um substantivo feminino, sendo “a época do fluxo menstrual das mulheres”. Uma definição simples, porém que equivale realmente ao contexto feminino, e principalmente ao observar a época e confirmar que a estrutura monolexical já era dicionarizada.

Em Houaiss (2009), *menstruação* é encontrada como substantivo feminino, com a seguinte acepção: “fluxo de sangue e restos de mucosa uterina periodicamente eliminados pela vagina (ger. a cada período de cerca de quatro semanas), nas mulheres não grávidas, entre a puberdade e a menopausa; mênstruo. O período menstrual.” Percebe-se que, em Houaiss (2009), existe a mesma referência ao fluxo menstrual como em Moraes Silva (1789). Contudo, traz mais informações, até mesmo de cunho médico, mostrando o percorrer do fluxo, e também em qual estágio acontece o fenômeno nas mulheres.

Algo, que vale ressaltar, principalmente para o contexto desta pesquisa, é a ênfase no ponto sobre os sinônimos e variantes, que Houaiss (2009) menciona, como:

boi, catamênio, conjunção, costume, embaraço, escorrência, fluxo, incômodo, lua, menarquia, menorreia, mês, menstruo, mês, pacote, pingadeira, regras, sangue, veículo, visita, volta da lua. No decorrer da pesquisa, encontram-se muitas variantes, que já estão em um âmbito de dicionários, mostrando, assim, a força do regionalismo e o reconhecimento que alguns deles estão tendo em obras lexicográficas.

Aulete (2014) aborda uma definição muito parecida com a de Houaiss (2009), assim como Moraes Silva (1789), ao mencionar o período menstrual. Aulete (2014) menciona que existe a “perda de sangue e mucosa, provenientes do útero, que ocorre todos os meses nas mulheres não grávidas e em idade fértil; chico; incomodo; menorreia; menstruo; regras; sangue. O período menstrual.”

Boi, em Moraes Silva (1789), é dicionarizado, porém com uma acepção que não equivale ao interesse da pesquisa. É definido como “o macho da espécie vacúm. Boi marinho, peixe d’fte nome. Boi na afia, escravo, que leva o sombreiro de sol. Lobo. Boi o que entretem amiga pouco *fiel*.” Traz em um contexto sem relação alguma com a estrutura monolexical *menstruação*. Já em, Houaiss (2009), a estrutura monolexical *Boi* é definida como de primeira definição.

A obra lexicográfica de Moraes Silva (1789) não registra *boi* como sinônimo de *menstruação*. Já a obra de Houaiss (2009) faz acepção a *Boi* como regionalismo do Brasil equivalendo-se de *menstruação*. Nesse contexto, percebe-se que a unidade lexical é dicionarizada, e mostra a carga cultural do regionalismo no seu conceito. Além disso, o dicionário, também, tem o ponto de locuções, e nela, observa-se a prevalência de alguns fraseologismos (definidos como locuções no dicionário), a saber: *estar de boi*. Definido como locução, um regionalismo do Brasil vindo de menstruar. Assim, o dicionário traz diversas definições, e sim, traz acepção que equivale à pesquisa. Aulete (2014) da mesma forma que Houaiss (2009) revela *boi* como sinônimo de *menstruação* como uma estrutura monolexical do Nordeste de âmbito informal-vulgar.

Para mais uma observação, Aulete (2014), também, menciona o fraseologismo *estar de boi*, porém sem essa acepção da pesquisa, e sim, como uma expressão popular *estar de boi* vinculado ao *estar menstruada*. E, tantos outros, aqui na pesquisa, definidos como fraseologismos, porém no dicionário Aulete como locuções, a saber: *amolar o boi, pegar o boi, boi de canga* etc.

A estrutura monolexical *Regra (s)* é dicionarizada em Moraes Silva (1789). Tem consigo muitas concepções até chegar ao interesse desta pesquisa, que se relaciona

com menstruação. Porém, é importante salientar algumas definições trazidas no dicionário. A estrutura monolexical *regra* como “regra, ou regras; menstruo das mulheres.” Observa-se, em poucas palavras, que, sim, existe a dicionarização, levando a acepção que se busca na pesquisa.

Com Houaiss (2009), a estrutura *regra* é dicionarizada, porém para a questão ter envolvimento com a pesquisa a estrutura monolexical se torna *regras*. Nesse contexto, é importante salientar essa diferenciação. O dicionário mostra com relevância *regra* como “aquilo que regula, dirige, rege. norma, fórmula que indica o modo apropriado de falar, pensar, agir em determinados casos. aquilo que foi determinado, ou se tem como obrigatório, pela força da lei, dos costumes etc.; lei, princípio, norma. conjunto de princípios que perfazem os estatutos de uma ordem religiosa. qualidade de quem é moderado, metódico, criterioso; cada uma das linhas que compõem o papel pautado; modelo, exemplo”.

E, por fim, o dicionário menciona como *regras*, aparentemente como uma exceção. Define a unidade lexical como um substantivo feminino, dando aporte com os sinônimos/variantes, tendo uso na informalidade como *menstruação*.

Em Aulete (2014), *regra* é dicionarizada, porém logo de início a forma *regras* é sinalizada, diferente de Houaiss (2009) que exemplifica como um pequeno ponto da análise. Dessa forma, o autor define no dicionário como um substantivo feminino, uma forma popular de *menstruação*, como também, um “pop.de Lorota.”

Bode, embora sendo um verbete na obra de Moraes Silva (1789) não aborda a definição equivalente ao interesse da pesquisa. Assim, também ocorre em Houaiss (2009). A estrutura monolexical *bode* é dicionarizada, porém não da forma como de interesse da pesquisa, com equivalência à *menstruação*.

Aulete (2014) é o único dicionário que conduz a estrutura monolexical *bode* com o de interesse da pesquisa, relacionando-se com a estrutura *menstruação*. Por sinal, além de mencionar *menstruação*, o dicionário também faz referência à formação de fraseologismos como *amarrar o bode*, *bode expiatório*, entre outros. Inicialmente, apresenta a definição de forma semelhante a Moraes Silva (1789) e Houaiss (2009), relacionando *bode* ao ser animal.

“O macho da cabra. Confusão, briga, encrenca; banzé; rolo. Depressão ou sonolência após o efeito da maconha ou outras drogas. Depressão, tristeza, abatimento.” Para nesse momento, observar a definição justamente relacionado com

menstruação, não é tão extenso, porém relevante de um vínculo popular na língua portuguesa do Brasil. Sendo um “período menstrual; Menstruação”.

Seguindo com a análise da estrutura, é possível observar que a estrutura monolexical *Paquete* está presente em Moraes Silva (1789), porém, longe de ser uma variante de *menstruação*. Houaiss (2009) segue a mesma abordagem lexicográfica que Moraes Silva (1789). Embora Houaiss (2009) a inclua no dicionário, ainda está distante da representação que a pesquisa busca.

Em Aulete (2014), a situação é bem diferente. O dicionário traz definições para *paquete*, e faz menção como variante de *menstruação*. Inicialmente, faz uma abordagem como Houaiss (2009), que envolve o termo navio e segue levando em consideração questões de embarcações e rios. Assim, *Paquete* é um “navio veloz e luxuoso, ger. a vapor. Embarcação ligeira, ger. destinada a transportar correspondências e ordens”. Pode-se pensar, para a tese, que *paquete* é usado na fala de informantes, pois tem, também, a periodicidade da mesma forma que a *menstruação*. Sendo assim, é uma ideia a seguir para obter um entendimento dentro do estudo.

Dá continuidade às questões que envolvem os rios, ao transporte marítimo, sendo *paquete* uma “canoa à vela do alto São Francisco, us. no transporte da carga deixada pelos navios em portos ribeirinhos. Jangada veloz, feita com paus finos.” No âmbito da pesquisa, é plausível considerar que a estrutura monolexical *paquete* é empregada pelos informantes devido à sua similaridade na periodicidade em relação à estrutura monolexical *menstruação*.

Nesse contexto, surge a necessidade de investigar essa conexão para uma compreensão mais profunda. Portanto, o objetivo da pesquisa consiste em analisar como a estrutura monolexical da palavra *paquete*, quando equiparada à *menstruação*, se reflete nas falas dos informantes. Para isso, pretende-se adotar uma abordagem lexicográfica e definir *paquete* como uma estrutura monolexical equivalente a *Ant. Pop. Menstruação*.

Observa-se que Houaiss (2009) e Aulete (2014) são dicionários que já mostram informações de informalidade, de variações, de regionalismo, chama atenção, que em Houaiss (2009) *paquete* não é registrado como variante de *menstruação*, sendo observado na fala dentro do Brasil, principalmente dos informantes do *corpus* da pesquisa. A seguir, o estudo dá continuidade com a descrição dos dados.

4.1.2 A descrição dos dados

A estrutura monolexical *menstruação* é a mais recorrente no *corpus* estudado ocorre em 77 localidades – tanto no interior como nas capitais - estudadas nos Estados – da Bahia, de Sergipe, de Alagoas, de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, do Piauí, do Ceará e do Maranhão. Percebe-se que a estrutura é muito conhecida, na verdade, a mais lembrada pelos informantes tanto os homens como as mulheres.

De acordo com AGUILERA (2008), entende-se que, por vezes, respostas que se mostram de fácil elicitación estão ligadas ao fato de serem palavras de alta frequência de uso e com pouca possibilidade de múltipla escolha. Obteve-se um total de 284 ocorrências com *menstruação*. Maior índice é na Bahia com 80 ocorrências. Em Pernambuco com 47 ocorrências, no Ceará com 38 ocorrências, no Maranhão com 26 ocorrências, na Paraíba com 24 ocorrências, tendo um ponto a ressaltar, ocorre a estrutura monolexical *menstruada* com oito ocorrências.

No Rio Grande do Norte com 20 ocorrências, no Piauí com 18 ocorrências, em Alagoas com 17 ocorrências e Sergipe com 14 ocorrências da estrutura monolexical *menstruação*. *Menstruação* é muito falada pela região Nordeste, apenas 63 dos 348 informantes não lembram ou não quiseram responder, principal ponto: a vergonha ao falar a unidade lexical. No entanto, *menstruação* é falada de outras formas, ou seja, presença de variações a partir de outras estruturas monolexicais, a saber: *regra, boi, bode, pacote*.

Como a seguir, com a informante de *Patos* na *Paraíba*, que, ao mencionar sobre o assunto, mostra ter conhecimento e falar outras variações da estrutura monolexical:

(121)
 INQ.- As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?
 INF. – *Menstruação. Regras. Boi*
 INQ. – Tinham outros nomes?
 INF. – *Regras. Boi. a mulher tá de Boi*
 INQ. – Ainda usa eles, *regra e boi*?
 INF. – É, usa...
 (Inq. 059/04 (Patos – PB) / Inf.: mulher, faixa etária 2, nível fundamental)

Com isso, no decorrer da pesquisa, é feito o agrupamento linguístico das unidades lexicais. Em um total de 297 respostas válidas, de acordo com a pergunta do QSL - 121, tendo uma variação de 11 maneiras diferentes e usuais. Seguindo os

inquéritos linguísticos e critérios sinalizados na metodologia, optou-se por não trabalhar com as variantes fônicas.

A seguir, o agrupamento, demonstrando no Quadro 21 - para melhor visualização, e também alguns quadros para apresentação dos dados.

Quadro 21 - Unidades Lexicais para o evento da perda de *sangue que as mulheres perdem todos os meses* - agrupamento

| Agrupamento lexical | Formas agrupadas lexicais |
|----------------------------|---|
| Bode | <i>Chama de bode, estar (tá) de bode,</i> |
| Boi | <i>Chama de boi, estar (tá) de boi, to de boi, mulher de boi, chegar o boi,</i> |
| Paquete | <i>Estar (tá) de pacote</i> |
| Regras | <i>Estar (tá) de regras</i> |
| Menstruação | <i>Mestruação, estar menstruada.</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

A seguir, os quadros lexicográficos com os dicionários Moraes Silva (1789), Houaiss (2009) e Aulete (2014), mostrando a unidade lexical quando dicionarizada ou não dicionarizada como o referente buscado, como também demonstram as unidades e suas determinadas ocorrências nos inquéritos.

A estrutura monolexical *bode* é vista em diferentes localidades dos Estados como: *do Maranhão, de Pernambuco e do Ceará*. Não houve variação fônica, porém as formas agrupadas ganham espaço em diversas cidades, que fazem parte da rede de pontos do Projeto ALiB. Em *bode*, o elemento aglutinador é a estrutura monolexical *bode*, a partir desse contexto se reconhece: *chama de bode* e *tá de bode*, sendo conhecidas como as variantes lexicais. A seguir, o Quadro 22 com a abonação para o evento da perda de *sangue que as mulheres perdem todos os meses: Bode*.

Quadro de abonação 22 – para o evento da perda de *sangue que as mulheres perdem todos os meses: Bode*

| |
|--|
| BODE |
| <ul style="list-style-type: none"> ➤ Moraes Silva (1789): sem acepção para o referente buscado ➤ Houaiss (2009): sem acepção para o referente buscado ➤ Aulete (2014): com acepção para o referente buscado |
| Corpus Pernambuco |

| |
|---|
| <p>(121) INF. – Chama de <i>bode</i> aqui. (Inq. 062/01 (Exu- PE) / Inf.: homem, faixa etária 1, fundamental.</p> <p>(121) INF.–Menstruação. INQ.- Tinham outros nomes antigamente? INF.- ... INQ.- Sempre no seu tempo foi esse? INF.- Foi. (A propósito de QSL 122: INF.- Mas tinha). INQ.- Tinha? INF.- Outro nome feio que... que chamava. INQ.- Como era o feio? Adoro os feios. INF.- Dizia é... <i>tô de bode</i> (risos). [...] (Inq. 062/04 (Exu- PE) / Inf.: mulher, faixa etária 2, fundamental.</p> |
| <p>Corpus Rio Grande do Norte</p> |
| <p>(121) INF.– Menstruação. INQ. – E os nomes que usavam antigamente? Pode dizer todos que a gente já tá acostumado a ouvir. AUX. 1 – Mesmo que você ache feio... INF. – Ai, horrível. Eu não uso, né?! Mas... antigamente chamava doente. INQ. – Não faziam associação com os animais, não? INF.– <i>Bode, né?!</i> [...] (Inq. 054/02 (Pau de Ferros- RN) / Inf.: mulher, faixa etária 1, fundamental.</p> |
| <p>Corpus Piauí</p> |
| <p>(121) INF. – Menstruação. INQ. – Quais são os outros nomes assim que as pessoas chamam? INF. – Eu conheço assim : fulana, <i>tá de bode</i>. (Inq. 034/04 (Teresina- PI) / Inf.: mulher, faixa etária 2, fundamental.</p> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Muito parecido é o caso da estrutura monolexical *boi*, encontrada na *Bahia*, *Alagoas* e no *Rio Grande do Norte*. Em *boi*, o elemento aglutinador é a estrutura monolexical *boi*, tendo assim variantes lexicais a partir de: *chama de boi*, *tá de boi*, *tô de boi*, *mulher de boi*, *chegar o boi*. Os exemplos trazidos no Quadro de abonação 23, a seguir, demonstram as ocorrências nas diversas localidades.

Quadro de abonação 23 – para o evento da perda de *sangue que as mulheres perdem todos os meses: Boi*

BOI

- Moraes Silva (1789): sem acepção para o referente buscado
- Houaiss (2009): com acepção para o referente buscado
- Aulete (2014): com acepção para o referente buscado

Corpus Bahia

(121)
INF. – ... *boi, né*.
(Inq. 101/01 (Santa Cruz Cabralia - BA) / Inf.: homem, faixa etária 1, fundamental.

(121)
INF. – Menstruação.
INQ. – Pode chamar de outro jeito ?
INF. – Não.
INQ. – Tem algum outro nome que você conheça?
INF. – Não, conheço só menstruação. O povo diz assim ; “Fulano *tá de ... boi desceu hoje* . “ , fala assim também.
[...]
(Inq. 095/01 (Jequié - BA) / Inf.: mulher, faixa etária 2, fundamental.

Corpus Sergipe

(121)
INF. – Menstruação.
INQ. – Pode chama de outro jeito?
INF. – *Boi*.
INQ. – Chamam aqui ainda assim?Tem outra maneira de falar.
INF. – Não só ou *tá mestruada ou então tá de boi*.
(Inq. 078/02 (Propriá - SE) / Inf.: mulher, faixa etária 1, fundamental.

(121)
(A propósito do QSL 122: *a mulher é boi*)
INQ.- Não, mas esse sangue todos meses, esse negócio, como é que diz, ela tá na, na menopausa.
INF.- No tempo né? no mês da... no mês que ela perde sangue, né?
não sei ignorância, diz *que a mulher é boi* não sei o que, não sei o que..
(Inq. 080/03 (Estância- SE) / Inf.: homem, faixa etária 2, fundamental.

Corpus Alagoas

(121)
INF. – Aqui no interior *ele chamam de boi* e... chama de menstruação.
(Inq. 074/03 (União dos Palmares- AL) / Inf.: homem, faixa etária 2, fundamental.

(121)
INF. - É a regra.
INQ. - Tem outro jeito?
INF. - *Tem, o boi*.
INQ. - Antigamente chamava assim, é?
INF. - (rindo) antigamente era.[...]
(Inq. 074/03 (Maceió- AL) / Inf.: mulher, faixa etária 2, fundamental.

Corpus Pernambuco

(121)
INF. – Menstruação.
INQ. Tem mais nomes, nomes que as pessoas usavam?

| |
|---|
| <p>INF.– <i>Boi</i>. INQ. – Ainda usa? INF.- Eu mesmo uso menstruação né?, Mas tem gente que diz chegou meu <i>boi</i>. (<i>risos</i>) (Inq. 064/02 (Limoeiro- PE) / Inf.: mulher, faixa etária 1, fundamental.</p> <p>(121) INF. – Menstruação. INQ. – Você conhece outros nome pra isso? Pode falar! Não tem problema não. É isso que a gente quer saber, o que você sabe de diferente. INF. – <i>Boi</i> (<i>risos</i>) Somente essa. (Inq. 065/01 (Olinda- PE) / Inf.: homem, faixa etária 1, fundamental.</p> |
| <p>Corpus Paraíba</p> |
| <p>(121) INF. – Não. Menstruação. INQ. – Hum. INF. – Ai! INQ. – Todo mês tem menstruação. Tem outros nomes? AUX – A senhora deve ter escutado. (Inint) Diga. V. tá acostumado a ouvir. INF. – Outros nome? “<i>Hoje, eu tô c’um boi danado!</i>” (Inq. 056/04 (Cuité- PB) / Inf.: mulher, faixa etária 2, fundamental.</p> <p>(121) INF. – Menstruação. INQ. – Conhece outros nomes? Tem uns nomes bem engraçados assim que o povo chama... INF. – <i>Menstruação, Boi</i>. (Inq. 056/04 (João Pessoa- PB) / Inf.: homem, faixa etária 1, fundamental.</p> |
| <p>Corpus Rio Grande do Norte</p> |
| <p>(121) INF.– Menstruação, <i>de boi</i>, doente. (Inq. 055/02 (Mossoró- RN) / Inf.: mulher, faixa etária 1, fundamental)</p> <p>(121) INF. – Menstruação. INQ. – Tem outro nome que você assim, as pessoas falam? INF. – <i>Chama tá de boi, né? (rindo)</i> (Inq. 055/02 (Natal- RN) / Inf.: homem, faixa etária 1, universitário.</p> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Em seqüência, passa-se à descrição da estrutura monolexical *Paquete* tem como elemento aglutinador a estrutura monolexical *paquete*, tendo o contexto da variante lexical *estar (tá) de pacote*. Formando, assim, o que se define de acordo com a pesquisa como fraseologismos. A estrutura monolexical *Paquete* é encontrado no Estado da Paraíba e *estar de pacote* é encontrado no Estado da Bahia. *Paquete* é dicionarizado apenas em Aulete (2014) como *menstruação*, como uso popular. Nesse contexto, conforme mostra o Quadro de abonação 24 - para o evento do *sangue que as mulheres perdem todos os meses: Pacote*.

Quadro de abonação 24 – para o evento do *sangue que as mulheres perdem todos os meses: Pacote*

| PAQUETE |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ➤ Moraes Silva (1789): sem acepção para o referente buscado ➤ Houaiss (2009): sem acepção para o referente buscado ➤ Aulete (2014): com acepção para o referente buscado |
| Corpus Bahia |
| <p>(121) INF. – Menstruação, né? INQ. - Quais são os nomes que o senhor já ouviu assim, engraçados ou não? INF. - Fulana tá menstruada. Fulana tá de boi, né? Fulana <i>tá de pacote</i>. (Inq. 084/03 (Barra– BA) / Inf.: homem, faixa etária 2, fundamental.</p> |
| Corpus Paraíba |
| <p>(121) INF. – Tem um bucado de nome, menstruada, tá menstruada. INQ. – Quero saber o bucado de nome. INF. – Fulano tá de boi, uma vaca, se tá de boi. Tá de boi, <i>pacote</i>, tem esses nomes... (Inq. 059/03 (Patos- PB) / Inf.: homem, faixa etária 2, fundamental.</p> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Já com *regra(s)* o elemento aglutinador é a estrutura monolexical *regra*. Tendo o mesmo segmento de *pacote* ao vincular *estar de regras, tá de regras*, formando, assim, a variante lexical *estar de regra(s)*. Sabe-se que a estrutura monolexical é antiga, mais falada pelos informantes do *corpus* de faixa II (como demonstra o quadro de abonação 25). Porém, ao observar a forma em Moraes Silva (1789), mesmo sendo um dicionário mais antigo, não se encontra a definição como *menstruação*. É definido como algo a ser mandado, a ser feito, ter uma regra para cumprir.

A informante (080/04) mulher, faixa 2, fundamental, da localidade Estância - SE, menciona que “*chama regra, na minha adolescência era regra mermo*”. No momento, da gravação, percebe-se que o inquiridor faz o questionamento “tem outra forma mais antiga?”, e a primeira palavra ao lembrar é *regra*. Por vezes, a unidade também, é percebida em romances antigos como *A Senhora* de José de Alencar. Tem uso contínuo entre Bahia, Sergipe, Pernambuco e Paraíba, de acordo com o *corpus* da Projeto ALiB.

Vale ressaltar que, ao abordar as unidades lexicais em Pernambuco, observa-se, durante a audição dos inquiridos, que os informantes frequentemente relatam

sentir muita vergonha e demonstram certa timidez ao falar sobre o assunto. Por vezes, mencionam que não discutem o tema porque a mãe também não o fazia, devido à vergonha associada a ele. É perceptível que a estrutura monolexical *menstruação* está sempre envolta em risos e incômodo ao ser mencionada. O “Sei lá, sei lá rsrs” é notado. Percebe-se que os falantes pernambucanos de acordo com os áudios parecem um pouco fechados, ao falar do assunto. Relatam, também, que *menstruação* é uma forma nova, algo moderno. A seguir, o Quadro de abonação 25 para o evento da perda de *sangue que as mulheres perdem todos os meses: Regras*.

Quadro de abonação 25 – para o evento da perda de *sangue que as mulheres perdem todos os meses: Regras*

| REGRAS |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> ➤ Moraes Silva (1789): com acepção para o referente buscado ➤ Houaiss (2009): com acepção para o referente buscado ➤ Aulete (2014): com acepção para o referente buscado |
| Corpus Bahia |
| <p>(121) INF. – Mistura... menstruação. INQ. – Tem outro nome antigamente tinha outro nome pra isso? INF. – Ah... <i>regra</i>. (Inq. 100/03 (Itapetinga- BA) / Inf.: homem, faixa etária 2, fundamental.</p> <p>(121) INF. – Menstruação. <i>Regra</i>. (Inq. 094/02 (Valença- BA) / Inf.: mulher, faixa etária 1, fundamental.</p> |
| Corpus Sergipe |
| <p>(121) INF. – <i>Chama regra</i>, na minha adolescência era <i>regra</i> mesmo que chamava, mas é menstruação... assistida, a minha mãe mesmo ela falava assim estou assistida. (Inq. 080/04 (Estância- SE) / Inf.: mulher, faixa etária 2, fundamental.</p> |
| Corpus Alagoas |
| <p>(121) INF.– A mulher que perde sangue todo mês, <i>se chama de... uma ... regra</i> está no dia, no mês que tá saindo ... <i>Chama de regra</i>, né? Menstruação. (Inq. 069/03 (Maceió- AL) / Inf.: homem, faixa etária 2, universitário.</p> |
| Corpus Pernambuco |
| <p>(121) INF. – <i>Regra</i>. (Inq. 069/03 (Caruaru- PE) / Inf.: homem, faixa etária 2, fundamental.</p> <p>(121) INF. – Menstruação e também é...Tem outro nome, mas não tou lembrada, não. <i>A regra</i>.</p> |

| |
|--|
| <p>INQ. – Aí você quer tomar banho de rio, aí você vai falar pra uma colega/ conhecida: Ah, não posso ir não, porque eu... INF. – Tou... (risos) Mamãe, no tempo de mamãe, dizia assim: Hoje eu tou de boi. (Inq. 071/02 (Floresta- PE) / Inf.: mulher, faixa etária 1, fundamental.</p> |
| <p>Corpus Paraíba</p> |
| <p>(121) INF. – Menstruação. <i>Regras</i>. Boi. INQ. – Tinha outros nomes? INF. – <i>Regras</i>. Boi a mulher tá de Boi. INQ. – Ainda usa eles, regra e boi? INF. – É, usa. (Inq. 059/04 (Patos- PB) / Inf.: mulher, faixa etária 2, fundamental.</p> <p>(121) INF. – Menstruação. INQ. É. Outros nomes assim, bem populares, que o povo chama bem muito, vários nomes. INF. – Que vem todo mês... <i>Regras</i>. Inq. 061/04 (João Pessoa-PB) / Inf.: mulher, faixa etária 2, fundamental.</p> |
| <p>Corpus Rio Grande do Norte</p> |
| <p>(121) INF.- Menstruação. INQ.- Conhece outros nomes populares pra menstruação? INF.- <i>Regra. Regra</i>, menstruação... posso até dar um nome mais. Inq. 061/04 (Natal-RN) / Inf.: homem, faixa etária 2, universitário.</p> |
| <p>Corpus Ceará</p> |
| <p>(121) INF.- Menstruação, <i>regra</i>, vermelha, tá de bode, <i>regra</i>. Inq. 061/04 (Natal-RN) / Inf.: homem, faixa etária 2, universitário.</p> |
| <p>Corpus Maranhão</p> |
| <p>(121) INQ.- As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF.- Menstruação, <i>regra</i>. Inq. 061/04 (São Luís-MA)/Inf.: mulher, faixa etária 1, universitário.</p> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Já com a estrutura monolexical *menstruação*, o elemento aglutinador é a estrutura monolexical *menstruação*. A partir do segmento, observam-se variações lexicais. *Estar menstruada* é definido como variante lexical e *amenstrua*, *mistruação* e *mestruação* variações fônicas não estudadas na pesquisa. *Menstruação* é a forma mais usada, estando presente em todos os Estados do Nordeste, mesmo com as variações fônicas.

Por vezes, percebe-se a dificuldade ao pronunciar a unidade *menstruação*. Em Jequié, por exemplo, a informante 055/02 mulher, faixa 1, fala a estrutura, porém bem

baixinho, até mesmo sussurrando, como se não pudesse pronunciar a mesma. Em Santana-Ba, acontece o mesmo. A informante 092/04 – mulher, faixa 2, fundamental fala a estrutura monolexical, porém diante de muitos risos.

Em Jeremoabo-BA, acontece o mesmo, agora, com o informante 082/03 - homem, faixa 2, percebe-se a vergonha ao falar, e até mesmo, “eu não falo isso”. No decorrer da análise, se percebe a vergonha ao mencionar a *menstruação*. A seguir, o Quadro de abonação 26, com a variação para o evento da perda de sangue que as mulheres perdem todos os meses: *menstruação*.

Quadro de abonação 26 - para o evento da perda de *sangue que as mulheres perdem todos os meses menstruação*

MENSTRUAÇÃO

- Moraes Silva (1789): com acepção para o referente buscado
- Houaiss (2009): com acepção para o referente buscado
- Aulete (2014): com acepção para o referente buscado

Corpus Bahia

(121)
 INF. – *Menstruação*.
 INQ.– Chama de outro jeito?
 INF.– Regra, o povo fala regra também, né? mas, é mais *menstruação*.
 INQ.– E tem outro nome por aqui que chama?
 INF.– Não, acho que não. É regra, *menstruação*.
 Inq. 089/04 (Seabra – BA) / Inf.: mulher, faixa etária 2, fundamental.

Corpus Sergipe

(121)
 INF. – *Menstruação*.
 INQ. – Pode chama de outro jeito?
 INF. – Boi.
 INQ. – Chamam aqui ainda assim? Tem outra maneira de falar.
 INF. – Não só ou tá menstruada ou então tá de boi.
 Inq. 078/02 (Própria– SE) / Inf.: mulher, faixa etária 2, fundamental.

Corpus Alagoas

(121)
 INQ.-
 INF. – *Menstruação*.
 Inq. 075/04 (Santana de Ipanema– AL) / Inf.: mulher, faixa etária 2, fundamental.

Corpus Pernambuco

(121)
 INF. – *Menstruação*.

INQ. – Só chama assim?
 INF. – É.
 INQ. – Ah, ela está...
 INF. – Menstruada.
 INQ. – Só chama assim mesmo, menstruação? Você nunca...
 AUX. – Você não acha que sua mãe dizia outra coisa, ou suas irmãs...?
 INF. – Eu não tenho irmã. Deixa ver, é... Que assim, quando é do meu tempo assim, a mãe tinha vergonha, né, de falar essas coisa pra nós...
 INQ. – (risos).
 INF. – Aí eu conheci quando eu casei, né, essas coisas assim (inint.).
 INQ. – Aí sua esposa só fala assim, menstruação.
 INF. – É.
 (Inq. 063/01 (Salgueiro - PE) / Inf.: homem, faixa etária 1, fundamental.

Corpus Paraíba

(121)
 INF. – Eu digo que *tá menstruada*?
 INQ. – E dizia de outro jeito?
 INF. – Tá doente.?
 INQ. – E tem mais?
 INF. – Não!
 INQ. – Você acha que as mulheres mais velhas diziam de outro jeito?
 INF. – Eu acho que não.
 INQ. – Sempre era assim mesmo?
 INF. – Acho que sim.
 (Inq. 059/02 (Patos - PB) / Inf.: mulher, faixa etária 1, fundamental.

Corpus Rio Grande do Norte

(121)
 INF. – *Menstruação*.
 INQ. – E os outros nomes que usam por aqui pra isso? Só esse? Nem usavam outro antigamente?
 INF. – Tem outro nome também. Diz: não, eu tô naqueles dia
 (Inq. 054/01 (Pau dos Ferros- RN) / Inf.: homem, faixa etária 1, fundamental.

Corpus Piauí

(121)
 INF. - *Menstruação*.
 (Inq. 038/03 (Correntes - PI) / Inf.: homem, faixa etária 2, fundamental.

Corpus Ceará

(121)
 INF.- *Menstruação*?
 INQ.- Tem outro nome? Pode dizer, o nome que você souber...
 INF.- É... *menstruação* mesmo!
 (Inq. 050/02 (Crato- CE) / Inf.: mulher, faixa etária 1, fundamental.

Corpus Maranhão

(121)
 INF.- *Menstruação*.
 (Inq. 027/01 (Brejo- MA) / Inf.: homem, faixa etária 1, fundamental.

Com isso, existem outras formas como variantes lexicais para designar o referente em estudo, mas que não se encaixam nos critérios da pesquisa por meio dos agrupamentos feitos para o trabalho. Por isso, destacam-se essas estruturas polilexicais, logo a seguir, no Quadro 27 - Agrupamento lexical - fraseologismos (*menstruação*).

Quadro 27 - Agrupamento lexical - fraseologismos (*menstruação*)

| Agrupamento lexical | Itens lexicais agrupados |
|---------------------|---|
| | <i>ciclo menstrual, tá de vermelho, tá naqueles dias, quebrar o pote, barco furado, estar no tempo dela, tô no dia hoje, mulher de boi.</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

As transcrições que seguem o estudo, demonstram as variantes definidas como fraseologismos, e que são estudadas nesta seção. Todas unidades lexicais estão nos inquéritos que abordam todos os Estados do Nordeste, a saber:

(121)

INQ. – As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

INF. – Menstruação.

(A propósito do QSL, 122: “Eu merma falô que tô de vermelho).

(Inq. 096/02 (Caetité- BA) / Inf.: mulher, faixa etária 1, fundamental.

(121)

INQ. – As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

INF. – Menstruação.

INQ. – Tem outros nomes que costuma falar assim entre vocês?

INF. – Não.

INQ. – Ah! Fulana... Fulana não pode...

INF. – Menstruada, fala só isso mermo, menstruação, menstruada, tá naqueles dias, tá de boi (risos). É tanto tipo que o povo chama. (rindo)

(Inq. 083/03 (Euclides da Cunha- BA) / Inf.: homem, faixa etária 2, fundamental.

(121)

INQ. – As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

INF. – Menstruação.

INQ. – Outros nomes?

INF. – Não. Só menstruação.

INQ. – Antigamente, dizia outras coisas por aqui?

INF. – Não (inint).

INQ. – Sempre ouviu isso?

INF. – Era.

INQ. – E numa certa idade...

INF. – Oh então assim: “Ah, fulano quebrou o pote (risos). Assim... eu me lembro assim. Agora, veio agora na mente, né, quando minha irmã foi moça,

aí, nesse tempo, eu num sabia bem o que era isso. Aí, disseram assim (inint):
 “Ita, Boinha quebrou o pote. Aí, eu disse: “Ah, Boinha, eu vou dizer a mãe que tu quebrou o pote. (Risos)
 AUX.– Mas “quebrou o pote” é quando...
 INF – É, quando a mu...
 AUX.– ... desceu pela primeira vez?
 INF.– Foi.
 INF.– Aí, sempre dizia: “Eita, fulano quebrou o pote.
 INQ.– Então, “quebrou o pote” é a primeira vez que vem a menstruação?
 INF.– Não, não. Quando a gente... agora, que tá mais claro, não. Agora, é menstruação. Mas, de primero, só a gente dizia assim: “Eita, quebrou o pote.
 INQ.– E a primeira vez é que é “quebrou o pote”.
 INF.– É.
 INQ.– Pronto.
 (Inq. 058/02 (Euclides da Cunha- BA) / Inf.: mulher, faixa etária 1, fundamental.

No que se refere à análise quantitativa das ocorrências, a Tabela 1 apresenta os percentuais das estruturas monolexicais de primeira resposta para designar o evento no qual as mulheres perdem sangue todos os meses.

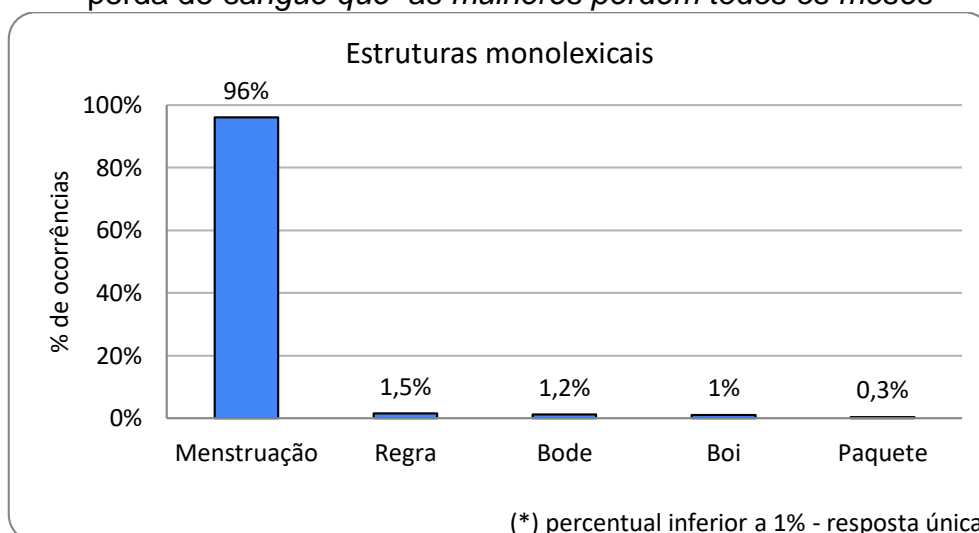
Tabela 1 - Ocorrências das estruturas monolexicais para o evento da perda de sangue que as mulheres perdem todos os meses

| <i>Estruturas Monolexicais</i> | Total absoluto | Total relativo |
|--------------------------------|----------------|----------------|
| Menstruação | 284 | 96% |
| Regra | 5 | 1,5% |
| Bode | 4 | 1,2% |
| Boi | 3 | 1,0% |
| Resposta única - pacote | 1 | 0,3% |
| Total | 297 | 100% |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

O Gráfico 1 demonstra o resultado das variações das estruturas monolexicais para o evento de perda de *sangue que as mulheres perdem todos os meses*.

Gráfico 1 – Variações das estruturas monolexicais para o evento da perda de sangue que as mulheres perdem todos os meses



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Os dados revelam que *menstruação* tem um percentual maior na fala dos informantes, do que as variantes lexicais. *Menstruação* com 96% com 284 ocorrências. Observa-se *regra* com cinco ocorrências e 1,5%. *Bode* com 1,2% com quatro ocorrências cada. *Boi* com 1,0% e três ocorrências. *Paquete* como resposta única com 0,3% com uma ocorrência. No decorrer da pesquisa, observa-se que os fraseologismos *estar de boi* e *estar de bode* têm um percentual maior na fala dos informantes, pois são mais utilizados do que as estruturas monolexicais *boi* e *bode*.

Dessa forma, sabe-se que os registros obtidos através do Projeto Atlas Linguístico do Brasil foram utilizados como fundamentação para a dissertação de mestrado de Benke (2012) sob a orientação da Professora Doutora Aparecida Negri Isquerdo, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, a pesquisa realizada faz parte de análise geossociolinguística do *tabu linguístico* presentes nas capitais brasileiras. Isso também ocorreu, na dissertação de Fafina (2017), tendo a orientação do Professor Doutor Américo Venâncio Machado Filho, da Universidade Federal da Bahia, sobre análise do *tabu linguístico* presentes no norte Maranhense, cidades da Bahia e Guiné-Bissau.

O *corpus* analisado por Benke (2012) e Fafina (2017) consiste nas unidades lexicais apresentadas como respostas às perguntas do Questionário Semântico Lexical do Projeto ALiB. Essas respostas foram analisadas de acordo com a área semântico lexical de *ciclos da vida*.

Benke (2012) nomeia as diferentes formas da estrutura monolexical *menstruação* de acordo com as capitais brasileiras, a saber: *bandeira, bandeira vermelha, bode, boi, chico, ciclo menstrual, doente, escrever com tinta vermelha, hemorragia, incômodo, menarca, menstruação, naqueles dias, pacote, regra, salário mínimo, sangramento, sinal vermelho, estar moranguinho, TPM*.

Fafina (2017) para *menstruação* concede os seguintes resultados: No norte maranhense com – São Luís, Brejo, Bacabal, Imperatriz e Alto Parnaíba – a estrutura monolexical *menstruação* como mais usada na fala dos informantes da região, seguida de *estar de bode, estar menstruada*. Na Bahia – Salvador, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas, Ilhéus – novamente, a estrutura monolexical *menstruação* é mais utilizada pelos falantes da região, seguida de *estar de boi, estar menstruada, estar de bode*.

Pode-se observar que os resultados desta pesquisa estão em consonância com os trabalhos de Benke (2012) e Fafina (2017). A tese se concentra na análise da divisão entre estrutura monolexical e estrutura polilexical, que se relacionam com os fraseologismos. Assim, o estudo prossegue com uma discussão sobre os aspectos dos fraseologismos.

4.1.3 Listagem dos fraseologismos questão 121

O estudo dos fraseologismos nesta tese segue os procedimentos metodológicos usados por Paim, Sfar, Mejri (2018), no livro *Nas trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística*. Na obra, cada fraseologismo mostra sua categoria gramatical, o significado como forma de denominação da unidade lexical. Logo após, segue com as localidades que cada fraseologismo se encontra no *corpus* do Projeto ALiB e, por fim, as transcrições buscadas de acordo com a fala dos informantes das localidades.

A pesquisa traz as contribuições lexicográficas de acordo com Costa (2018), para explicar as escolhas referentes à lema, classificação gramatical, definição, legenda digital, abonação e bibliografia que foram registradas em cada fraseologismo. Quando comparado ao modelo de verbete com os dicionários convencionais, pode-se observar que ele inclui elementos fundamentais em sua estrutura. Entre esses elementos, encontra-se o lema principal, destacado com letras em negrito, conforme orientado pela teoria lexicográfica para dar ênfase à palavra-entrada em relação aos

demais campos. Além disso, ele apresenta a classificação gramatical, cuja importância se dá para o leitor ter compreensão sobre a unidade lexical.

Em seguida, tem-se a parte definitória do verbete. Este momento engloba a definição, elaborada pelo autor, que pode seguir os tipos aristotélicos, perifrásticos ou hiperonímicos. A definição é seguida pela indicação da área semântica à qual a unidade lexical pertence, conforme as categorias contempladas pelo Questionário Semântico Lexical do ALiB. Também é apresentada a pergunta do QSL do ALiB que gera a resposta selecionada, dando sequência, são listadas as unidades lexicais.

A tese segue o mesmo pensamento de Costa (2018), que nos presentes casos o verbete segue as diretrizes estabelecidas pelo Dicionário Dialectal Brasileiro. Isso ocorre porque o dicionário faz parte dessas diretrizes e reconhece a importância de registrar informações que estejam alinhadas com seu caráter descritivo, proporcionando um contexto mais amplo para a palavra-entrada. Isso é fundamental para que os leitores compreendam adequadamente a unidade léxica, especialmente quando se trata das unidades lexicais regionais ou restritas, como no exemplo do fraseologismo *estar de boi*.

Com isso, foram listados os fraseologismos estudados da questão 121. Demonstrem que são um conjunto de palavras que se formam pela estabilidade e fixidez, a saber: *estar de boi, estar menstruada, estar de bode, estar doente, quebrar o pote, estar de pacote, estar de regras, estar incomodada, ciclo menstrual, estar (tá) de vermelho, estar (tá) naqueles dias, barco furado, estar (tô) no dia hoje, estar naqueles tempos, estar de chico, bandeira vermelha, estar nos dias especiais, estar nos dias difíceis, sinal vermelho, tinta vermelha*. A seguir, uma demonstração ilustrativa de como todos os fraseologismos (verbetes) foram definidos e a listagem dos mesmos em ordem alfabética:

4 → 1 → 2 → 3

Bandeira vermelha. Categoria gramatical: sintagma nominal. (substantivo + adjetivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada.

Localidades: *Pau dos Ferros/Rio Grande do Norte*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.*

Contexto: INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* INF.: *menstruação.* INQ.: *E os outros nomes que tinham?* INF.: *Bode, coisa feia não era?* INQ.: *Tinha mais nomes?* INF.: *Aqui chama *bandeira vermelha*.* (Pau dos Ferros, mulher, faixa etária 2, fundamental)

6 ↓ 5

1. **Lema:** Dentro desse contexto, abordam-se as unidades que são classificadas como fraseologismos, bem como aqueles cuja frequência de ocorrência justifica a sua relevância. Além disso, a pesquisa respeita as normas padrão da escrita formal do português brasileiro.
2. **Classificação gramatical:** Nesse ponto, centra-se o registro da classe gramatical à qual pertence o fraseologismo que é lematizado. Isso envolve a identificação da categoria gramatical, como substantivo, verbo, adjetivo, entre outros.
3. **Definição:** Registra-se a explicação elaborada pela autora.
4. **Legenda Digital:** trata-se da indicação de onde cada fraseologismo se encontra, seguindo a ordem a partir dos dados delimitados pelo Projeto ALiB.
5. **Bibliografia:** Aborda-se a indicação do código de identificação da pergunta proveniente do Questionário Semântico Lexical do Projeto ALiB, que originou a entrada em análise. Essa indicação será seguida pelo texto integral da pergunta em questão. É relevante notar que essa referência é fundamental para compreender o contexto de coleta dos dados linguísticos.
6. **Abonação:** Nesta etapa, trata-se do contexto de uso da unidade léxica feita pelos informantes. Isso envolve fornecer detalhes sobre como a mesma é

empregada em situações específicas, e também compartilhar conhecimento sobre o referente que ela nomeia.¹⁰⁶

Barco furado. Categoria gramatical: sintagma nominal (substantivo + adjetivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidades: *Turiaçu/Maranhão*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* Contexto: INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* INF.: *Barco Furado.* (Turiaçu, homem, faixa etária 1, fundamental)

Ciclo menstrual. Categoria gramatical: sintagma nominal. (nome + adjetivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidades: *Vitória da Conquista/ Bahia*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* Contexto: INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* INF.: *Menstruação.* INQ.- *Pode dizer de outro jeito? INF.: Ciclo menstrual também, né?* (Vitória da Conquista, homem, faixa etária 2, fundamental)

Estar de bode. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + preposição + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidades: *Exu/Pernambuco; Canto do Buriti/Piauí; Turiaçu/Bacabal/Imperatriz/São João dos Patos /Maranhão*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* Contexto: INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* INF.: *Menstruação.* INQ.: *Tinha outros nomes antigamente? INQ.: Sempre no seu tempo foi esse? INF.- Foi.* ((A propósito de QSL 122: INF.- *Mas tinha.* INQ.: *Tinha? INF.- Outro nome feio que que chamava.* INQ.: *Como era o feio? Adoro os feios.* INF.: *Dizia é... to de bode* (risos). [...] INF.: *Antigamente dizia assim “já acabei minhas regras.* INQ.: *Hum. Então antigamente podia dizer que regra era o sangue da mulher.* INF.: *É.* (Exu, mulher, faixa etária 2, fundamental). INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF.: Menstruação.* INQ.: *Tinha outros nomes? INF.: Aqui... O outro nome era feio... A mulher tá de bode... A mulher de fulano tá de bode.* (Inq. 037/03 (Canto do

¹⁰⁶ As indicações de como prosseguir a análise por lema, classificação gramatical, definição, referência, abonação vieram do estudo a partir da tese de Daniela de Souza Silva Costa com título - *Vocabulário Dialectal do Centro-Oeste: interfaces entre a Lexicografia e a Dialectologia*, com orientação da Professora Doutra Aparecida Negri Isquerdo (UEL).

Buriti - PI) / Inf.: homem, faixa etária 2, fundamental). INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?* INF.: Menstruação. INF. – *Estar de bode.* (Imperatriz, homem, faixa etária 1, fundamental).

Estar de boi. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + preposição + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidades: *Jeremoabo/EuclidesdaCunha/Barra/Irecê/Alagoinhas/Itaberaba/Valença/Jequié/Carinhanha/VitoriadaConquista/Ilhéus/Itapetinga/SantaCruzCabrália/Salvador/Bahia;Propriá/Estância/Aracaju/Sergipe;Santanadelpanema/Maceió/Alagoal;Cabrobó/Arcoverde/Caruaru/Floresta/Petrolina/Recife/Pernambuco;Cuité/Patos/JoãoPessoa/Paraíba; Natal/Rio Grande do Norte.* Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* Contexto: INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* INF.: Menstruada, (INIT), *tá de boi* umas pessoa fala outras não falam... INQ.: E quem é que chama, o povo mais novo ou o povo mais velho? INF.: É o mais velho... hoje chama mais menstruada. (Itaberaba, mulher, faixa etária 2, fundamental). INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?* INF.: Menstruação. INQ.: Pode chama de outro jeito? INF.:Boi. INQ. – Chamam aqui ainda assim? Tem outra maneira de falar. INF.: Não só ou ta menstruada ou então *ta de boi* (Propriá, mulher, faixa etária 1, fundamental). INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?* INF.: Menstruação. INQ.: Chama por outro nome? INF.: Não. A gente diz assim menstruação e a gente está naqueles tempos, estou naqueles dias. O povo diz assim menstruação, fulana tu *tá de boi?* Diz assim, tu *tá de boi?* Tu tá menstruada? (Santana de Ipanema, mulher, faixa etária 1, fundamental). INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?* INF.: Menstruação. INQ.- E tem outros nomes? INF.: *Tá de boi.* (Arcoverde, mulher, faixa etária 2, fundamental). INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?* INF.: Menstruação. INQ.: Diga todos os... ó, a gente já está acostumado a ouvir essas... todos os dias, essas gravações, viu? INF.: (Risos) INQ.: Diga todos os nomes que você sabe que usava pra menstruação. Às vezes, o pessoal mais antigo usa... outros jeitos de falar, né? INF.: *Tá de boi* (risos). (Cuité, mulher, faixa etária 1, fundamental).

Estar de chico. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + preposição + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Barra/Bahia.* Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB*

/questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? Contexto: INQ.: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?. INQ.: Chama assim. Todo mês... tem que comprar absorvente, tomar remédio para... INF.: Estar menstruada. INQ.: Chama assim? Tem outros nome aqui, que às vezes as pessoas dão alguns nomes até engraçados, né? INF.: Diga que tá de... de ... de Chico. INQ.: E na sua juventude tinha outros nomes para isso? Que a senhora lembra? INF.: Menstruação, né não? (Barra, mulher, faixa etária 2, fundamental)

Estar de pacote. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + preposição + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Jeremoabo/Barra/Bahia*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? Contexto: INQ.: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?. INF.: Menstruada. Menstruada. INQ.: Quais são os outros nomes assim que o conhece? INF.: A mulher tá de boi. tá menstruada. a mulher tá de pacote esses nomes que o povo chama. INQ.: Quando o senhor era pequeno deve ter ouvido falar, né? INF.: Ouvi, ouvi. INQ.: Sua mãe, teve irmãs também, né? INF.: Filha. Mas eu não falo essas coisa não, eu não falo, tô falando esclarecendo, mas eu não falo, minha irmã tá de regra, tá no tempo das regras. Eu conheço desse jeito, né? (Jeremoabo, homem, faixa etária 2, fundamental)*

Estar de regras. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + preposição + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Jeremoabo/Bahia*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? Contexto: INQ.: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?. INF.: Menstruada. Menstruada. INQ.: Quais são os outros nomes assim que o conhece? INF.: A mulher tá de boi. tá menstruada. a mulher tá de pacote esses nomes que o povo chama. INQ.– Quando o senhor era pequeno deve ter ouvido falar, né? INF.: Ouvi, ouvi. INQ.: Sua mãe, teve irmãs também, né? INF.: Filha. Mas eu não falo essas coisa não, eu não falo, tô falando esclarecendo, mas eu não falo, minha irmã tá de regra, tá no tempo das regras. eu conheço desse jeito, né? (Jeremoabo, homem, faixa etária 2, fundamental)*

Estar (tá) de vermelho. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + preposição + adjetivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada.

Localidade: *Caetité/ Bahia*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*. Contexto: INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*. INF.: Menstruação. (A propósito do QSL, 122: “Eu merma falo que *tô de vermelho*. (Caetité, mulher, faixa etária 1, fundamental)

Estar doente. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + adjetivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidades: *Juazeiro, Euclides da Cunha/Bahia; Maceió/Alagoas; Patos/Paraíba; Picos/Piauí; Imperatriz/Maranhão*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*. Contexto: INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*. INF.: Menstruação (...) quando a gente num fala que ta menstruada, fala *tá doente*. (Juazeiro, mulher, faixa 1, fundamental). INF.: menstruação. INQ.: Tem outros nomes que chamava antigamente? Quando a senhora teve a primeira, né, as colegas assim, como é que falava antigamente? INF.: Foi moça, fulana é moça. Não tinha esses nomes não. Não falava menstruação não. INQ.: Falava como? INF.: Fulana tá moça, é moça. Só dizia assim e todo mundo entendia. AUX.: E todo mês dizia que tava como? INF.: Todo mês dizia que *tava doente*. Adoeceu. *Tá doente, tá duente*. (Euclides da Cunha, mulher, faixa 2, fundamental). *“As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?* INF.: Menstruação. Eu chamo menstruação, ne? Os mais velho diz, diz eh “sangramento”, essas coisa assim. A minha mãe diz que... *“fulano tá doente”*, minha mãe diz que *tá doente*, pra mim é menstruação. (Maceió, mulher, faixa 1, fundamental). *“As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?* INF.: Eu digo que tá menstruada? INQ.: E dizia de outro jeito? INF.: *Tá doente?* INQ.: E tem mais? INF.: Não. INQ.: Você acha que as mulheres mais velhas diziam de outro jeito? INF.: Eu acho que não. INQ.: Sempre era assim mesmo? INF.: Acho que sim. (Patos, mulher, faixa 1, fundamental). *“As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?* INF.: têm delas que diz: rapaz, eu tô menstruada, *tô doente*, tô perdendo sangue. . Vai em frente os nomes que elas diz aí. INQ.: você não lembra da sua mãe ou a sua avó dizerem outros nomes? INF.: não, quando começa a falar disso aí eu saio é de perto! (risos), me sinto envergonhado. (Picos, homem, faixa 1, fundamental). *“As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?* INF. - *Tô doente*. (Imperatriz, mulher, faixa 2, fundamental).

Estar incomodada. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + adjetivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidades: *Jeremoabo/Santo Amaro/Bahia*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* Contexto: INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* INF.: Menstruação. INQ.: *E na sua juventude você costumava chama de outros nomes? INF.: Tá incomodada, tá incomodada.* INQ.: *O que mais? Conte aí para gente.* INF.: *tá incomodada, tá menstruada, menstruou, tá de boi.* (Jeremoabo, mulher, faixa etária 2, fundamental)

Estar menstruada. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + adjetivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidades: *Juazeiro/Jeremoabo/EuclidesdaCunha/Barra/Irecê/Itaberaba/SantoAmaro/Santana/Valença/Jequié/Itapetinga/Santa Cruz Cabralia/Bahia; Santana de Ipanema/Alagoas; Afrânio/Cabrobó/Floresta/Petrolina/Pernambuco; Patos/Paraíba; Picos/PiauÍ; Mossoró/Rio Grande do Norte; Tauá/Ceará*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* Contexto: INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* INF.: *Que tá menstruada.* INQ.: *E tem outros nomes que as mulheres dão pra isso? INF.: Não.* INQ.: *Assim, ah! Fulana todo mês tem... tá menstruada é isso? Só chama assim. Nem brincando assim com as colegas, você fala... INF.: Eu falo assim: “Eh! Fulana tá de boi (Irecê, mulher, faixa etária 1, fundamental).* INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF.: Menstruação.* INQ.: *Chama por outro nome? INF.: Não. A gente diz assim menstruação e a gente tá naqueles tempos tô naqueles dias. O povo diz assim menstruação, fulana tu tá de boi? Diz assim, tu tá de boi? Tu tá menstruada? (Santana de Ipanema, mulher, faixa etária 1, fundamental).* INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF.: Está menstruada.* (Afrânio, mulher, faixa etária 1, fundamental). INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF.: Eu digo que tá menstruada? INQ.: E dizia de outro jeito? INF.: Tá doente? INQ.: E tem mais? INF.: Não. INQ.: Você acha que as mulheres mais velhas diziam de outro jeito? INF.: Eu acho que não. INQ.: Sempre era assim mesmo? INF.: Acho que sim. (Patos, mulher, faixa etária 1, fundamental).* INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? INF.: têm delas que diz: rapaz, eu tô menstruada, tô doente, tô perdendo sangue.*

Vai em frente os nome que elas diz aí. INQ.: você não lembra da sua mãe ou a sua avó dizerem outros nomes? INF.: não, quando começa a falá disso aí eu saio é de perto! (risos), me sinto envergonhado. (Picos, homem, faixa etária 1, fundamental). INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?* INF.: Mestrua, *tá menstruando*. (Mossoró, homem, faixa etária 1, fundamental). INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?* INF.: *tá menstruada* (Tauá, mulher, faixa etária 1, fundamental).

Estar (tá) naqueles dias. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + preposição + pronome + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidades: *Euclides da Cunha; Santana de Ipanema /Alagoas; Pau dos Ferros/Rio Grande do Norte*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* Contexto: INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* INF.: Menstruação. INQ.: Tem outros nomes que costuma falar assim entre vocês? INF.: Não. INQ.: Ah! Fulana... Fulana não pode... INF.: Menstruada, fala só isso mesmo, menstruação, menstruada, *tá naqueles dias*, tá de boi (risos). É tanto tipo que o povo chama. (rindo) (Euclides da Cunha, homem, faixa etária 1, fundamental). INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?* INF.: Menstruação. INQ.: Chama por outro nome? INF.: Não. A gente diz assim menstruação e a gente tá naqueles tempos, *tô naqueles dias*. O povo diz assim menstruação, fulana tu tá de boi? Diz assim, tu tá de boi? Tu tá menstruada? (Santana de Ipanema, mulher, faixa etária 1, fundamental). INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?* INF.: Menstruação. INQ.: E os outros nomes que usam por aqui pra isso? Só esse? Nem usavam outro antigamente? INF.: Tem outro nome também. Diz: não, *eu tô naqueles dia* (Pau dos Ferros, homem, faixa etária 1, fundamental)

Estar (tô) no dia hoje. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + preposição + artigo+ substantivo + adverbio). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Bacabal/Maranhão*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* Contexto: INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* INF.: *Tô no dia hoje*. (Bacabal, homem, faixa etária 1, fundamental)

Estar nos dias difíceis. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + preposição + artigo+ substantivos+ adjetivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Natal/Rio Grande do Norte*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ.: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?. INF.: Período menstrual. INQ.: Outros nomes aí... Outros nomes, assim, populares, que as pessoas chamam. INF.: Vixe, tem muitos nomes... INQ.: Então, vamos! INF.: A mulher está de boi, tá nos dias especiais, tá... tê pê eme (=TPM), tá... nos dias difíceis. (Natal, mulher, faixa etária 2, ensino acadêmico)*

Estar nos dias especiais. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + preposição + artigo+ substantivos+ adjetivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Natal/Rio Grande do Norte*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB/questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ.: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?. INF.: Período menstrual. INQ.: Outros nomes aí... Outros nomes, assim, populares, que as pessoas chamam. INF. - Vixe, tem muitos nomes... INQ.: Então, vamos! INF.: A mulher está de boi, tá nos dias especiais, tá... tê pê eme (=TPM), tá... nos dias difíceis. (Natal, mulher, faixa etária 2, ensino acadêmico)*

Estar naqueles tempos. Categoria gramatical: sintagma verbal. (Verbo + preposição + pronome + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Maceió/Alagoas*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”. Contexto: INQ.: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?. INF.: A gente aqui, olhe, aqui tem vários nomes, né, a gen... a gente pode chamar: menstruação, muita gente chama boi, muita gente chama regra, muita gente diz assim: naqueles dias, tá entendendo? INQ.: Agora, essa muita gente, assim, vamos dizer, é mais o quê, o pessoal mais jovem, o pessoal mais velho, o pessoal como? INF.: Nem qual, chamando qual? INQ.: Chamando, por exemplo, boi. INF.: Boi geralmente é aquelas pessoas ignorante, antiga.né? INQ.: Hum, o pessoal mais antigo. INF.: Agora, a gente não, a gente já diz menstruação, né? INQ.: É. Hum, o pessoal já mais da cidade... já diz menstruação, né? INF.: É. é... já diz menstruação. INQ.: Tá. E regra, (inint.) quem é que fala, mais*

ou menos, é esse pessoal mais antigo, também? INF.: Também, é. INQ.: Também, né? INF.: É. A minha sogra mesmo, ela dizia muito assim: “*Naqueles tempos*. Aí até meu marido, com o costume dela, aí, as vezes, ele diz, ê... ê... ele sempre diz, sabe? quando eu tô meia nervosa, ele diz: “Ói, toda vez que *você tá naqueles tempo*, você fica assim.” (inint). INQ.: (risos) (inint) quando a mãe dele dizia, é, ele, aí, aprendeu, claro. INF.: Dizia... é... É o tabu, né, que a gente ainda não. INQ.: É. isso é costume, antigamente, falavam. (Maceió, mulher, faixa 2, ensino acadêmico)

Quebrar o pote. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + artigo + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Itaporanga/Paraíba*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*. Contexto: INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*. INF. Menstruação. INQ. Outros nomes? INF.: Não. Só menstruação. INQ.: Antigamente, dizia outras coisas por aqui? INF.: Não (inint). INQ.: Sempre ouviu isso? INF.: Era. INQ.: E numa certa idade... INF.: Oh então assim: “Ah, fulano *quebrou o pote*” (risos). Assim... eu me lembro assim. Agora, veio agora na mente, né, quando minha irmã foi moça, aí, nesse tempo, eu num sabia bem o que era isso. Aí, disseram assim (inint): “Ita, Boinha *quebrou o pote*”. Aí, eu disse: “Ah, Boinha, eu vô dizê a mãe que tu *quebrou o pote*”. (Risos) AUX.: Mas “quebrou o pote” é quando... INF.: É, quando a mu... AUX.: desceu pela primeira vez? INF.: Foi. AUX.: Ah. INF.: Aí, sempre dizia: “Eita, fulano *quebrou o pote*”. INQ.: Então, “quebrou o pote” é a primeira vez que vem a menstruação? INF.: É (risos). É. INQ.: E, depois, ainda continua falando de “quebrou o pote”? INF.: Não, não. Quando a gente... agora, que tá mais claro, não. Agora, é menstruação. Mas, de primero, só a gente dizia assim: “Eita, *quebrou o pote*”. INQ.: E a primeira vez é que é “quebrou o pote”. INF.: É. INQ.– Pronto. (Itaporanga, mulher, faixa etária 1, fundamental)

Sinal vermelho. Categoria gramatical: sintagma nominal. (substantivo + adjetivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Fortaleza/Ceará*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*. Contexto: INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*. INF.: Menstruação. INQ.: Conhece outro nome? INF.: Sangramento, eh..., está de bode tá. Tem muito nome. Minha irmã, ela fala *sinal*

vermelho porque não pode fazer coisas. (Fortaleza, mulher, faixa etária 1, universitário)

Tinta Vermelha. Categoria gramatical: sintagma nominal. (substantivo + adjetivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: São Luís/Maranhão. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ ALiB /questão 121/área semântica: ciclos da vida: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* Contexto: INQ.: *As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?.* INF.: Menstruação. INQ.: Conhece outros nomes assim que a gente chama.... INF.: Regra. INQ.: As mulheres, as pessoas chamam... INF.: Regra. Ahn!...Chico. INQ.: Ah! Vai lembrando, são esses nomes mesmo... INF.: Regra, Chico, uhn!... Bode. Anh!... Bode, e... Escrever com *tinta vermelha*. INQ.: Ah! Interessante,né? (risos) INF.: Escrever com *tinta vermelha*. INQ.: Ah! Obrigada. (São Luís, mulher, faixa etária 2, universitário)

Dando continuidade ao estudo, com o agrupamento linguístico, faz-se neste momento, a análise estatística, abordando a ênfase da ocorrência com maior percentual para de menor percentual. Assim, a Tabela 2 apresenta o QSL 121 - ocorrências para o evento de perda de *sangue que as mulheres perdem todos os meses* - em forma de Fraseologismos.

Tabela 2 – Ocorrências dos fraseologismos para o evento da perda de *sangue que as mulheres perdem todos os meses*

| Fraseologismos | Total de ocorrências | Percentual |
|----------------------------|-----------------------------|-------------------|
| <i>Estar de boi</i> | 31 | 36% |
| <i>Estar menstruada</i> | 29 | 33,7% |
| <i>Estar de bode</i> | 10 | 11,6% |
| <i>Estar naqueles dias</i> | 4 | 4,6% |
| <i>Estar doente</i> | 3 | 3,4% |
| <i>Ciclo menstrual</i> | 2 | 2,3% |
| <i>Respostas únicas</i> | 7 | 8,4% |
| <i>Total</i> | 86 | 100% |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

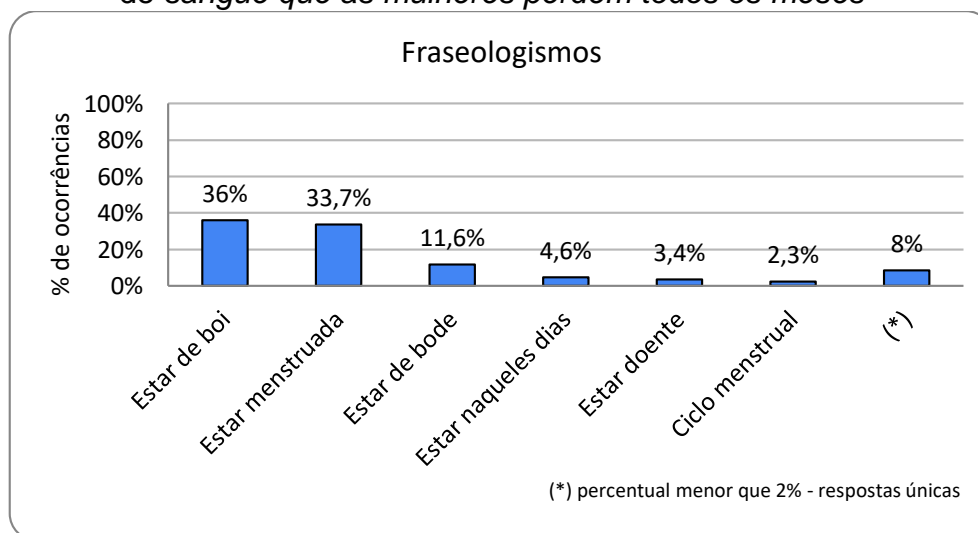
Foram registrados 13 fraseologismos no *corpus* do Projeto ALiB da Região Nordeste do Brasil. De acordo com a análise estatística e com a Tabela 2, percebe-

se que *Estar de boi* tem um percentual maior na fala dos informantes, do que os outros fraseologismos, sendo o mais falado. *Estar de boi* tem 36% com 31 ocorrências. *Estar menstruada* com 33,7% e 29 ocorrências. *Estar de bode* com 11,6% e dez ocorrências.

Estar naqueles dias com 4,6% com quatro ocorrências cada fraseologismo. *Estar doente* com 3,4% e três ocorrências. *Ciclo menstrual* com 2,3% com duas ocorrências. E, por fim, as respostas únicas registradas com apenas uma ocorrência, definidas, por *quebrar o pote*, *tinta vermelha*, *estar incomodada*, *estar de vermelho*, *bandeira vermelha*, *barco furado* e *estar no dia hoje* com 1,2 cada totalizando 8,4%.

A seguir, o Gráfico 2, demonstrando o percentual de fraseologismos referente à questão 121 na Região Nordeste do Brasil.

Gráfico 2 - Percentual dos fraseologismos para o evento da perda de sangue que as mulheres perdem todos os meses



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

A seguir, o estudo sobre o *Tabu* Linguístico para melhor entendimento e reconhecimento das unidades lexicais ditas por falantes em cidades do Nordeste pesquisadas.

4.1.4 Tabu Linguístico questão 121

No decorrer da análise de dados e do trabalho de audição feito com os inquiridos do Projeto ALiB, referente à questão 121, observam-se unidades lexicais que podem denotar sentidos reconhecidos como *tabus*.

O início dos estudos sobre o *tabu linguístico* se dá com Meillet (1906), que, de acordo com Guérios (1956), ao participar de um encontro sobre a Sociedade de Linguística de Paris, começou a questionar sobre o assunto no ramo da Linguística. A expressão *tabu linguístico*, de acordo com Meillet (1906), é usada, em primeiro momento, por João da Silva Correia, professor na Faculdade de Letras de Lisboa, tendo como obra “Tabus Linguísticos”. Logo depois, a pesquisa cresce transformando-se em “O Eufemismo e o Disfemismo na Língua e na Literatura Portuguesa (1927).”

De acordo com Guérios (1956), *tabu* vem de origem polinésiana, da Polinésia, tendo um significado de algo proibido, ruim ou religioso, sagrado. A palavra *tabu* está, portanto, relacionada diretamente com a cultura de uma determinada sociedade que tem seus costumes. Ainda com Guérios (1956) existem diferentes tipos para *tabu*, assim

[...] existem objetos-tabu, que não devem ser tocados; lugares-tabu, que não devem ser pisados ou apenas de que não deve avizinhar; ações-tabu, que não devem praticadas; e palavras-tabu, que não devem ser proferidas. Além disto, há pessoas-tabu e situações ou estados-tabu. (GUÉRIOS, 1956, p.7)

Neste contexto, observa-se que a tese confirma as *palavras-tabus*, principalmente nas falas dos informantes em resposta à questão 121, ao mencionar a estrutura monolexical *menstruação* e suas variantes¹⁰⁷, tendo foco, portanto, no conhecido *tabu linguístico*. Para Freud (1969), *tabu* tem uma definição de acordo com dois pontos. O *tabu* sendo sagrado e consagrado ou o *tabu* sendo de acordo com algo misterioso, impuro e perigoso.

Por vezes, percebe-se que a maioria dos temas que são considerados *tabus* por um grupo são repudiados por uma sociedade. “Os tabus linguísticos estão presentes em todas as culturas humanas, tendo como motivação principal os julgamentos sociais que os falantes fazem sobre algumas palavras consideradas indecorosas, profanas, repugnantes, ofensivas” (COSTA, 2016, p. 85).

Para Costa (2016, p. 81),

Os tabus linguísticos fazem parte da cultura e do cotidiano ao longo da história das civilizações humanas. São termos que se revestem de diversas cargas simbólicas, a depender do teor do vocábulo, a ponto de as pessoas acreditarem que seu uso pode trazer malefício ou castigo. (COSTA, 2017, p.81).

¹⁰⁷ Unidades lexicais *bode, boi, regras, menstruação, estar de bode, estar de boi, estar de regras, estar menstruada*.

Fafina (2017) define *tabu* como “[...] a interdição/proibição ou a substituição de algo motivado por medo, sanção ou censura social (que pode ser velada ou não). Tais medos têm motivações psicológicas, sociais e espirituais” (FAFINA, 2017, p.31).

Diante todo o exposto, têm-se na tese estruturas monolexicais e estruturas polilexicais - fraseologismos que demonstram a carga *do tabu linguístico* na língua, sendo analisadas as mais produtivas no valor relativo. Como, por exemplo, *menstruação referente à estrutura monolexical boi, bode*. Com os fraseologismos *estar de boi, estar de bode*, que são enfatizados por estabelecerem diversos sentimentos. Outras formas, de acordo com Guérios (1956), já se mostram não como formas pejorativas, mas de forma eufêmica como *regra, doente, estar menstruada, estar doente ou estar naqueles dias*.

Os sentimentos encontrados na fala dos informantes que demonstram *tabus linguísticos* foram: (i) coisa estranha, vergonha, risos relacionado à timidez, sussurros por vergonha ao responder os inquiridores com “não sei, é sério não sei”; (ii) o falar baixo como forma de outras pessoas não escutarem, por vezes o informante mencionar que “não falo isso”; (iii) ao mencionar a mãe que não falava sobre o assunto, e por isso, percebe-se que não sabe mais variantes, mencionar, novamente, a mãe para repetir o que a mesma falava; (iv) não se sentir bem ao falar sobre o assunto, a inquietação; (v) mencionar que “não posso falar”, sentimentos de machismo.

Dessa forma, estabelecer que “menstruação é algo moderno”; tendo a utilização da repetição “sei lá, sei lá” como forma de negação; ao mencionar a unidade *chico*, abordar histórias com homens e a vergonha no contexto; utilizar a resposta “não lembro mais” como forma de negação; definir as *lexias* como “palavras grosseiras” e até perguntar: “posso falar mesmo?” Com base nas detalhadas observações feitas a partir da audição, reconhece que diversos informantes demonstram o *tabu linguístico* nas suas falas.

A informante mulher da faixa 2 da localidade de Itapetinga na Bahia pronuncia as unidades lexicais: *menstruação, estar de boi, estar menstruada*, trazendo, no contexto, o *tabu linguístico* ao mencionar que “tem outros nomes aí, mas uns nomes estranhos”, a não vontade ao falar, a vergonha, por vezes, definir que o nome é estranho falado por pessoas sem estudo. Segue a transcrição como forma de reconhecimento:

(121)

INF. – É...menstruação.

INQ. – Tem outro jeito de chamar? Como é que chama o pessoal aqui?

INF. – O pessoal fala tanto nome.

INQ. – Lembra aí de algum vá? As vezes que o pessoal as vezes o povo mais antigo o pessoal da roça.

INF. – Pergunta a pessoa você tem o que aí diz ah eu tô... to...tô...de ...de boi. Aí to de boi, to menstruada. Tem outros nome aí mas uns nomes estranhos.

INQ. – É né. esses nomes são mais que o povo mais...

INF. – É mais o pessoal mais... eh...eh... sem estudo né.

INQ. – Mais sem estudo é.

INF. – Que mora na roça não sabe aí ... eu tô de boi tô menstruada.

(100/04) Itapetinga – BA, mulher, faixa 2, fundamental.

Percebe-se que a estrutura monolexical *menstruação* é preenchida de traços de *tabus*. Com isso, pode-se manifestar de várias maneiras para, assim, amenizar a forma de fala. Utilizando situações eufêmicas, com a produção de outras estruturas monolexicais, como: *regra*, ou até mesmo, de maneiras pejorativas como *boi*, *bode*. Sem deixar de mencionar, também, sobre os fraseologismos que, seguem como formação de *estar de boi*, *estar de bode*. Costa (2016) menciona que “[...] palavras proibidas são, em geral, substituídas por outras, já que os indivíduos evitam utilizá-las, e, em seu lugar, abundam eufemismos e neologismos que se encarregam de evitar o mal-estar que poderá ser causado por essas expressões.” (COSTA, 2016, p. 81)

Contudo, entende-se, também, que *menstruação* – ao analisar o *corpus* do Projeto ALiB - traz o traço de uma “fala mais moderna”, por vezes, pode-se pensar mais tranquila para informantes, do que mencionar unidades que, podem ser ditas como arcaicas, para mencionar sobre o evento no qual as mulheres perdem sangue todos os meses. A seguir, transcrição com informante homem, faixa 2, fundamental, da localidade de Cabrobó-PE.

(121)

INF. – É fulana, tu é...hoje tu tá com dor de cólica, né?

INQ. – Que nome tem pra isso quando a mulher perde sangue?

INF. – Ah tu tá de menstruada, hoje isso tá com menstruada.

INQ. – Só chama assim ?

INF. – É!

INQ. – Mesmo quando o senhor morava na roça?

INF. – Não naquele tempo é a pessoa, eu via eu menino aqueles cabra mais velho dizer é fulano, fulana está de boi (risos) mas hoje como a palavra tá mais moderna aí diz a menstruação e realmente é isso mesmo né, mas antigamente era tudo bruto. (risos)

INQ. – Diferente né?!
 INF. – Diferente fulano tá de boi eu digo é um problema.
 (067/03) Cabrobó- PE, homem, faixa 2, fundamental.

Boi se manifesta como uma estrutura monolexical que, remete a um animal, assim, como pensar na estrutura *Bode*, e as derivações definidas, aqui, como os fraseologismos *estar de boi* e *estar de bode*. *Boi* segue a linha de pensamento ao relacionar-se ao animal, mostrando uma forma pejorativa. Manifesta metaforicamente o contexto, aparentemente, direcionado por questões culturais fortes no Nordeste do Brasil, como o boi bumbar, o boi das tradições folclóricas, para a utilização da estrutura monolexical *Boi*.

Para este pensamento, cerca-se da mesma definição que Benke utiliza ao definir que, nessa perspectiva “[...] não é demais lembrar que a figura do “boi” é valorizada nas tradições folclóricas nordestinas, o que justifica a referência a esse animal no processo de nomeação da “menstruação” apenas em capitais dessa região.” (BENKE, 2012, p. 92).

Outra colocação mencionada por Benke (2012) e com a qual se concorda na tese é que *Boi* é um animal forte, arredio, ao lembrar das touradas na Espanha, percebe-se o sentido de arredio, mesmo sendo com touros. Podendo, assim, assimilar-se ao comportamento da mulher em alguns momentos de angústia, nervoso, inquietação pelos sintomas que causam o ciclo menstrual, com, também, a conhecida TPM. Dessa forma, Benke (2012) faz a seguinte definição:

[...] o comportamento arredio, ousa-se inferir que a referência a esse animal bovino para designar a “menstruação” reporta aos sintomas sentidos pela mulher durante esse período, dentre eles o nervosismo, a agitação e a irritabilidade que caracterizam a TPM (tensão pré-menstrual). Com base nesse raciocínio, o uso da unidade lexical boi para designar “o sangue que a mulher perde todos os meses” indica um processo metafórico representado pelo sema “comportamento” (do boi), ao qual se pode acrescentar “bravo.” (BENKE, 2012, p.92)

Já com *Bode*, a linha de pensamento segue o mesmo caminho, sobre a escolha da utilização de animais para caracterizar “o sangue que as mulheres perdem todos os meses. Como se chama isso?”, que se trata da menstruação, se dá, porém, pelo odor que o animal passa, ou seja, conciliando, assim, com o líquido que a mulher elimina todos os meses, o sangue. Benke (2012) define mais uma vez com o direcionamento que a tese dá afirmando que

A referência a esse animal para designar “o sangue que a mulher perde todos os meses”, possivelmente, resulte da analogia estabelecida entre o cheiro exalado pelo animal e o cheiro característico do sangue eliminado pela mulher, associação que parece justificar o uso do item lexical *bode* para designar esse referente. Logo, o uso dessa unidade lexical metafórica reporta ao sema “odor”. (BENKE, 2012, p. 90)

Vale ressaltar o estudo com os dicionários da pesquisa, principalmente Houaiss (2009) que aborda o regionalismo nas estruturas monolexicais *boi* e *bode*. O fraseologismo *estar de bode* como uma das unidades produtivas do trabalho, segue a mesma perspectiva da estrutura monolexical *bode*. Na fala dos informantes da Região Nordeste é comprovado com o *corpus* do Projeto ALiB, principalmente, na seção análise de dados, estando em oito localidades com 11,6% de percentual dentro das cidades do interior e das capitais nordestinas. A saber, o informante de Turiaçu – MA, homem, faixa 1, fundamental.

(121)
 INQ. – Como se chama o sangue que as mulheres perdem todos os meses?
 INF. – *Bode, tá de bode.*
 (025/01) Turiaçu – MA - homem-faixa1- fundamental.

Assim, como *estar de boi* que se encontra em 21 localidades na Região Nordeste com 27% de percentual. Neste contexto, percebem-se as unidades lexicais mais produtivas do *corpus* com a informante de Itapetinga - BA, mulher, faixa 2, fundamental.

(121)
 INF. – É...menstruação.
 INQ. – Tem outro jeito de chamar? Como é que chama o pessoal aqui?
 INF. – O pessoal fala tanto nome.
 INQ. – Lembra aí de algum vá? As vezes que o pessoal as vezes o povo mais antigo o pessoal da roça.
 INF. – Pergunta a pessoa você tem o que aí diz ah eu tô... to...tô...de ...de boi. Aí to de boi, to menstruada. Tem outros nome aí mas uns nome estranho.
 INQ. – É né. esses nomes são mais que o povo mais...
 INF. – É mais o pessoal mais... eh...eh... sem estudo né.
 INQ. – Mais sem estudo é.
 INF. – Que mora na roça não sabe aí ... eu to de boi to menstruada.
 (100/04) Itapetinga-BA- mulher, faixa 2, fundamental.

A estrutura monolexical *menstruação* sendo relacionada com algo mais moderno, a forma *estar de boi, boi* na fala do informante de Cabrobó, homem, faixa 2, fundamental. Segue, assim, com o fraseologismo *estar menstruada*, sendo produtivo

na pesquisa encontrado em 22 localidades e 28% de percentual, como outra forma para denotar *menstruação*.

(121)

INF. – É fulana tu é hoje tu tá com dor de cólica né!

INQ. – Que nome tem pra isso quando a mulher perde sangue?

INF. – Ah tu tá de menstruada hoje isso tá com menstruada.

INQ. – Só chama assim ?

INF. – É!

INQ. – Mesmo quando o senhor morava na roça?

INF. – Não naquele tempo é a pessoa, eu via eu menino aqueles cabra mais velho dizer ê fulano, fulana está de boi (risos) mas hoje como a palavra tá mais moderna aí diz a menstruação e realmente é isso mesmo né, mas antigamente era tudo bruto. (risos)

INQ. – Diferente, né?!

INF. – Diferente fulano tá de boi eu digo é um problema.

(067/01) Cabrobó – PE - homem-faixa2- fundamental.

Outras estruturas monolexicais e fraseologismos pesquisados para responder a questão 121, são já os mencionados *doente e estar doente; regra; estar naqueles dias*. Neste momento, tem-se a ideia não mais de formas pejorativas para menstruação, mas aparenta uma forma eufêmica, forma amenizada para fomentar as estruturas, assim como também, a questão das unidades lexicais mais antigas, observadas no decorrer do tempo.

Doente, estar doente, como já visto na análise dos dicionários - *Aulete (2014)*, *Houaiss (2009)* e *Moraes Silva (1789)* - não têm referência para *menstruação*. Com isso, tem-se a noção que a unidade lexical, pode ser usada, possivelmente, em relação das diversas cólicas que a mulher tem durante o período menstrual, proporcionando, assim, a intenção de dores. Observa-se de acordo com o estudo da tese que *Doente e Estar Doente* são usadas como sinônimas de *menstruação*. A seguir, transcrição com a fala dos informantes:

(121)

INF. – Doente. Menstruação.

(092/04) Santana – BA INF.- mulher, faixa 2, fundamental.

(121)

INF. – Menstruação.

INQ. – Tem outros nomes que chamava antigamente? Quando a senhora teve a primeira, né, as colegas, assim, como é que falava antigamente?

INF. – Foi moça, fulana é moça. Não tinha esses nomes não. Num falava menstruação não.

INQ. – Falava como?

INF. – Fulana tá moça, é moça. Só dizia assim e todo mundo entendia.

AUX. – E todo mês dizia que tava como?

INF. – Todo mês dizia que tava doente. Adoeceu. Tá doente, tá doente. Não dizia não. Aí depois foi aprendendo foi falano isso eu mesmo num entendi o que era menstruação, ninguém falava.
(083/04) Euclides da Cunha – BA. INF.- mulher, faixa 2, fundamental.

Regra é utilizada, porventura, como *menstruação* pela estrutura monolexical demonstrar o sentido de regular, de ordem. Ou seja, todo mês ocorre a menstruação na mulher, sendo regular como é o ciclo menstrual. Observando, ainda, com Houaiss (2009), *regra*, define-se como uma marca antiga, utilizada em outras épocas, como mencionado na subseção da pesquisa nos dicionários da tese. Entende-se, assim, que a estrutura monolexical *regra* ocorre como forma eufêmica que substitui a forma *tabu* como é *menstruação*. A seguir, *regra* sendo utilizada como sinônimo da estrutura monolexical *menstruação*.

(121)
INF. – Menstruação.
INQ. – E aqui costumam chamar de outro jeito?
INF. – Regras.
(079/08) Aracaju - SE. INF.- mulher, faixa 2, nível universitário.

Costa (2016) retrata a contribuição sobre as substituições sendo referentes aos eufemismos e disfemismos:

O eufemismo é uma das principais estratégias utilizadas pelos indivíduos para amenizar a carga pejorativa, a ideia negativa ou a desaprovação social com relação a alguns vocábulos tidos como inconvenientes ou imorais. A superstição ou o medo que algumas palavras produzem nos indivíduos também podem levar a substituições eufêmicas, o que atenuaria o impacto produzido pela lexia temida. Sendo assim, os tabus linguísticos são fortes condicionadores do uso de eufemismos, já que, para evitar o uso da palavra-tabu, muitos falantes apropriam-se de eufemismos, como dar à luz ao invés de parir, anjo do mal para diabo, etc. (COSTA, 2016, p. 86)

Para a autora disfemismos é “uma das provas mais convincentes de que a interdição vocabular de algumas palavras não tem relação direta com seu significado é o fato de que, muitas vezes, essas palavras são substituídas por outras cujo teor é ainda mais agressivo”. (COSTA, 2016, p. 86)

Diante o exposto, a pesquisa segue com as contribuições acerca dos eufemismos para definir as diversas unidades lexicais. *Estar Naqueles dias* é um fraseologismo que reflete a mesma acepção de forma eufêmica, seguindo o pensamento de Guérios (1956) e Costa (2016), e não mais como formas pejorativas

ao pronunciar a estrutura monolexical *menstruação* e suas variantes. *Estar naqueles dias*, possivelmente, expressa a noção de “chegou aqueles dias ruins, difíceis, de dores”. A seguir, informante mulher, faixa 2, nível universitário, da localidade de Maceió-AL, mencionando o fraseologismo:

(121)

INF. – A gente aqui, olhe, aqui tem vários nomes, né, a gen... a gente pode chamar: *menstruação*, muita gente chama *boi*, muita gente chama *regra*, muita gente diz assim: *tá naqueles dias*, *tá entendendo*?

INQ. – Agora, essa muita gente, assim, vamos dizer, é mais o que, o pessoal mais jovem, o pessoal mais velho, o pessoal como?

INF. – Nem qual, chamando qual?

INQ. – Chamando, por exemplo, *boi*.

INF. – *Boi* geralmente é aquelas pessoas ignorantes, antiga... né?

INQ. – Hum, o pessoal mais antigo.

INF. – Agora, a gente não, a gente já diz *menstruação*, né?

(077/08) Maceió - AL. INF. – mulher, faixa 2, nível universitário.

No momento do trabalho de audição dos inquéritos do *corpus* do Projeto ALiB, percebe-se o sentimento de vergonha, bastante evidente no decorrer das buscas. O informante homem, faixa 1, fundamental, da localidade de Barreiras-BA, ao responder *menstruação*, sente-se bastante envergonhado. Assim, acontece com a informante mulher, faixa 1, fundamental da localidade de Jacobina – BA, que não responde a questão 121 ao inquiridor por vergonha. O terceiro informante, homem, faixa 2, fundamental, da localidade de Santana-BA, responde *menstruação*, porém, também, com vergonha.

A seguir, como demonstração, o quarto informante que se sente envergonhado é homem, faixa 2, fundamental, da localidade de Jeremoabo – BA. A seguir, a transcrição:

(121)

INF.– *Menstruada. Menstruada.*

INQ.– Quais são os outros nomes assim que o conhece?

INF.– A mulher *tá de boi*, *tá menstruada*, a mulher *tá de pacote*, esses nomes que o povo chama.

INQ.– Quando o senhor era pequeno deve ter ouvido falar, né?

INF.– *Ouvi, ouvi.*

INQ.– Sua mãe, teve irmãs também, né?

INF.– *Filha. Mas eu não falo essas coisa não, eu não falo, tô falando esclarecendo, mas eu não falo, minha irmã tá *deregra*, tá no tempo das regras eu conheço desse jeito, né?*

(082/03) Jeremoabo-BA INF. – homem, faixa 2, fundamental.

O quinto informante a demonstrar vergonha expressada pelo riso é da localidade de Afrânio, mulher, faixa 2, fundamental. No decorrer da conversa, a informante sente-se envergonhada, responde apenas *menstruação*, se expressa com riso e enfatiza “sei não, é sério, não sei não”, demonstrando não querer falar outras unidades lexicais.

(121)

INF. – Menstruação.

INQ. – Os outros nomes pra menstruação? Nem antigamente a senhora não acha que chamava outro nome diferente, que hoje não chama mais?

INF. – (risos) sei não.

INQ. – Lembre ai que a senhora sabe, a senhora já ouviu falar nesse nome. Eu também conheço uns aqui, depois eu te digo.

INF. – (risos) sei não.

INQ. – Parecia com os animais, não era?

INF. – Senhora?

INF. – Parecia com os nomes dos animais, né?

INF. – Pois é!

INQ. – Então, veja aí e diga pra gente. É porque eu estou vendo a senhora rindo é porque a senhora sabe.

INF. – (risos) sei não é sério, não sei não.

(066/04) Afrânio- PE- INF.- mulher, faixa 2, fundamental.

Existem as situações do informante não saber ou não querer mencionar respostas, relatando que a mãe não falava sobre essas coisas em determinada época. Acredita-se demonstrar, o *tabu* das palavras em uma época que, por vezes, as mulheres eram proibidas de falar sobre o assunto, como é bem mencionado no livro *Menstruação, sangria inútil* de Coutinho (1996). A seguir, a transcrição, mostrando a fala do informante.

(121)

INF. – Menstruação.

INQ. – Só chama assim?

INF. – É.

INQ. – Ah, ela está...

INF. – Menstruada.

INQ. – Só chama assim mesmo, menstruação? Você nunca.

AUX. – Você não acha que sua mãe dizia outra coisa, ou suas irmãs?

INF. – Eu não tenho irmã. Deixa ver, é... Que assim, quando é do meu tempo assim, a mãe tinha vergonha, né, de falar essas coisa pra nós.

INQ. – (risos)...

INF. – Aí eu conheci quando eu casei, né, essas coisa assim (inint.).

INQ.- Aí sua esposa só fala assim, menstruação.

INF. - É.

(063/01) Salgueiro - PE. INF.- homem, faixa 1, fundamental.

Estabelecer o reconhecimento sobre o tema *tabu linguístico* é de extremo valor, principalmente pelo fenômeno ser recorrente nas línguas. Estudar, mencionar, responder sobre menstruação, ainda, em diversos lugares, e com diversas pessoas podem ser e são *tabus*. As unidades lexicais analisadas nas falas dos informantes, seguindo a audição dos inquiridos, são considerados *tabus ou palavras-tabus*, assim como também, formas eufêmicas. Ullmann (1987) menciona que ao abordar o fenômeno do tabuísmo linguístico, também se evidencia que o *tabu* se manifesta através de eufemismos, permitindo, assim, a substituição da palavra *tabu* por uma alternativa inofensiva a fim de preencher essa lacuna.

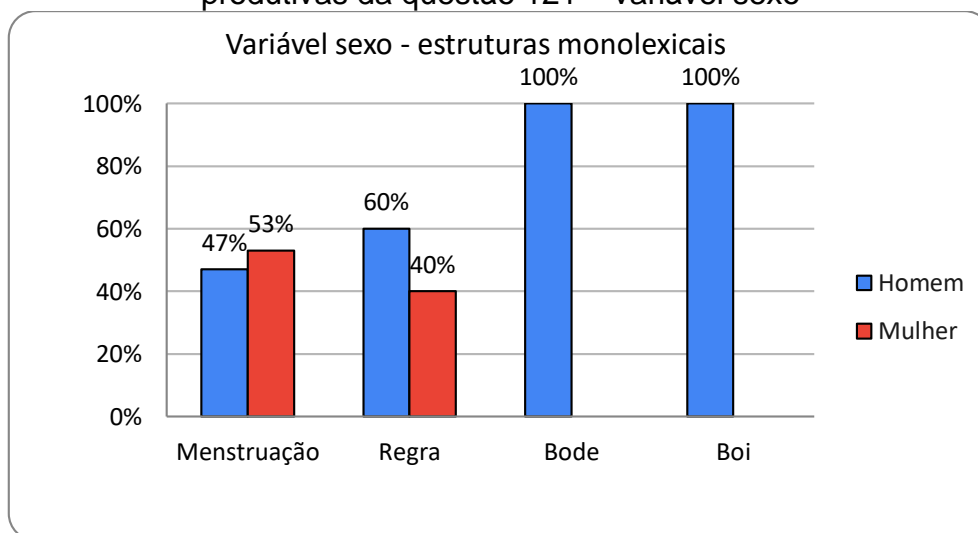
É importante estabelecer que a relevância histórica está dentro dos *tabus*. A tese, com isso, traz esta motivação para futuros trabalhos acadêmicos, fazendo com que o assunto cresça cada vez mais no ramo dos estudos linguísticos.

4.1.5 Variáveis sociais questão 121

Variável social sexo

Com o estudo da variável sexo, nos dados das respostas dos informantes das localidades da Região Nordeste do Brasil, percebe-se, que os resultados demonstram e o Gráfico 3 revela para o sexo masculino, de acordo com as unidades lexicais da questão 121: *menstruação, regra, bode, boi*.

Gráfico 3 - Distribuição percentual das estruturas monolexicais mais produtivas da questão 121 – variável sexo



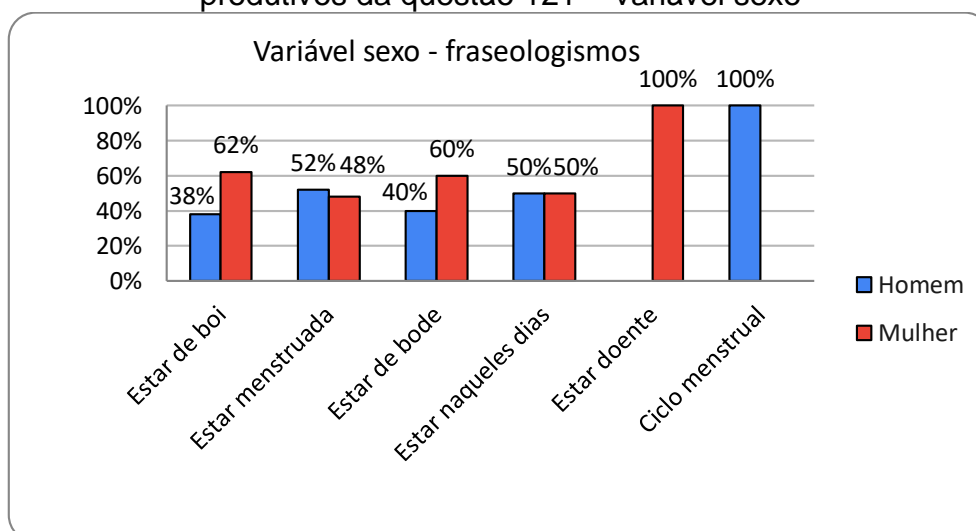
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

O Gráfico 3 mostra que a estrutura monolexical *menstruação* apresenta produtividade de 53% na fala das mulheres e 47% na fala dos homens. *Boi* com produtividade de 100% na fala dos homens. *Regra* com 40% na fala das mulheres e 60% com produtividade na fala dos homens.

Bode apresenta 100% de produtividade na fala dos informantes homens. Percebe-se que os homens tendem a empregar com maior frequência as estruturas monolexicais na sua comunicação. Além disso, é possível identificar que a utilização das variantes linguísticas pode, muitas vezes, ser uma maneira mais sutil e delicada de abordar um tema do que referir-se diretamente à palavra "menstruação", a qual carrega consigo uma considerável carga de *tabu*.

O Gráfico 4 revela os percentuais da variável sexo, de acordo com os fraseologismos obtidos por meio das respostas à questão 121, da Região Nordeste do Brasil. Percebe-se que as mulheres fazem mais uso dos fraseologismos.

Gráfico 4 - Distribuição percentual dos fraseologismos mais produtivos da questão 121 - variável sexo



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

De acordo com o Gráfico 4, o fraseologismo *estar de boi* tem 62% de produtividade na fala das mulheres e 38% de produtividade na fala dos homens. *Estar menstruada* tem produtividade de 48% nas mulheres e 52% nos homens. O mesmo acontece com *estar de bode* com 60% na fala das informantes mulheres e 40% na fala dos informantes homens. *Estar naqueles dias* com 50% na fala da informante mulher e 50% na fala do informante homem.

Estar doente tem 100% de produtividade na fala das mulheres. *Ciclo menstrual* 100% na fala dos homens. Com as respostas únicas: *Estar incomodada* com 100%

de produtividade nas mulheres. Assim, também, com *quebrar o pote* com 100% cada, na produtividade nas mulheres. E, *tinta vermelha e bandeira vermelha* com 100% cada na produtividade da fala das mulheres. Em análise geral, tem-se que as mulheres usam mais fraseologismos.

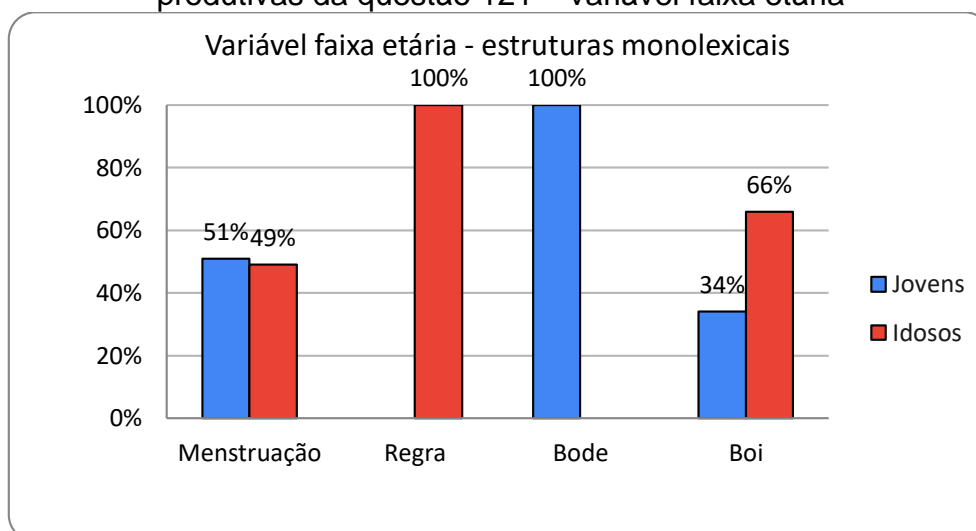
Variável social de faixa etária

Ao analisar os dados referentes à variação social: sexo, faixa etária e escolaridade, considerando o total do *corpus* do Projeto ALiB estudado, percebe-se que o Gráfico 5 demonstra uma variação percentual quanto ao uso das denominações no que diz respeito ao caráter diageracional.

A estrutura monolexical *menstruação* tem 51% de ocorrência na fala dos informantes jovens e 49% na fala dos informantes idosos. *Boi* teve 66% de ocorrência entre os idosos e 34% entre os jovens. *Regras* tem 100% de ocorrências na fala de informantes idosos.

Já a estrutura monolexical *bode* com 100% de ocorrências na fala dos mais jovens das cidades de Turiaçu – Maranhão, Canindé e Russas – Ceará e Exu – Pernambuco. No que se refere ao Gráfico 5, fica evidente um traço diageracional no uso das estruturas monolexicais, sugerindo que os indivíduos mais jovens e mais idosos tendem a empregar mais frequentemente essas variantes linguísticas. No entanto, é interessante observar que a estrutura monolexical *menstruação* é mais presente na fala dos informantes mais jovens. Uma possível explicação para isso é a associação dessa variante com o *tabu*, o que poderia levar a um aumento de sua presença entre os informantes mais jovens.

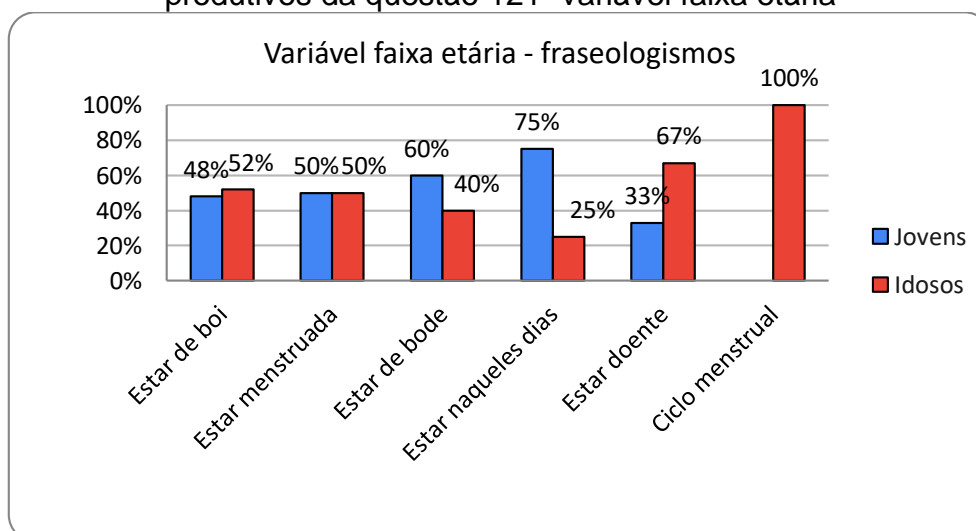
Gráfico 5 - Distribuição percentual das estruturas monolexicais mais produtivas da questão 121 – variável faixa etária



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Segundo, o Gráfico 6 evidencia os percentuais de ocorrências dos fraseologismos mais produtivos de acordo com a variável faixa etária, a saber: *estar de boi*, *estar menstruada*, *estar de bode*, *estar naqueles dias*, *estar doente* e *ciclo menstrual*.

Gráfico 6 - Distribuição percentual dos fraseologismos mais produtivos da questão 121- variável faixa etária



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Com a análise do Gráfico 6 tem-se, portanto, percentual de *estar de boi* com 52% na fala dos informantes idosos e 48% na fala dos informantes jovens. *Estar menstruada* com 50% entre jovens e idosos. *Estar de bode* com 60% na fala dos mais jovens e 40% na fala dos idosos. *Estar doente* com 33% na fala dos informantes

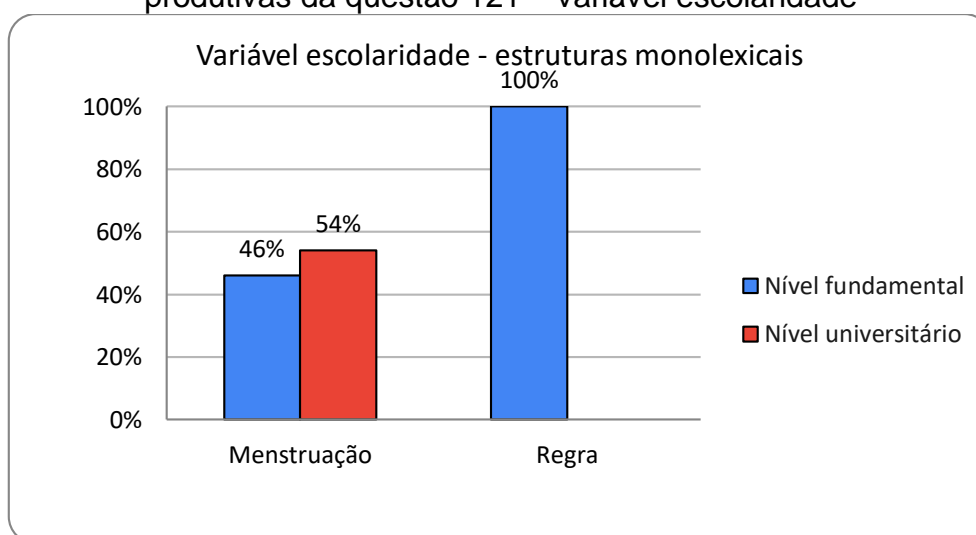
jovens e 67% na fala dos informantes idosos. *Estar naqueles dias* com 75% na fala dos mais jovens e 25% na fala dos idosos. *Ciclo menstrual* com 100% na fala dos informantes mais idosos.

Constata-se um traço diageracional, conforme indicado pela análise dos gráficos. Observa-se que indivíduos mais idosos utilizam os fraseologismos de maneira mais frequente.

Variável social de escolaridade

De acordo com a variável social escolaridade, os informantes das cidades do interior são todos com nível fundamental. Com isso, a análise é feita com os dados das capitais do Estados do Nordeste do Brasil – *Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa, Natal, Fortaleza, Teresina e São Luís* – tendo informantes de nível fundamental e universitário.

Gráfico 7 - Distribuição percentual das estruturas monolexicais mais produtivas da questão 121 – variável escolaridade



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

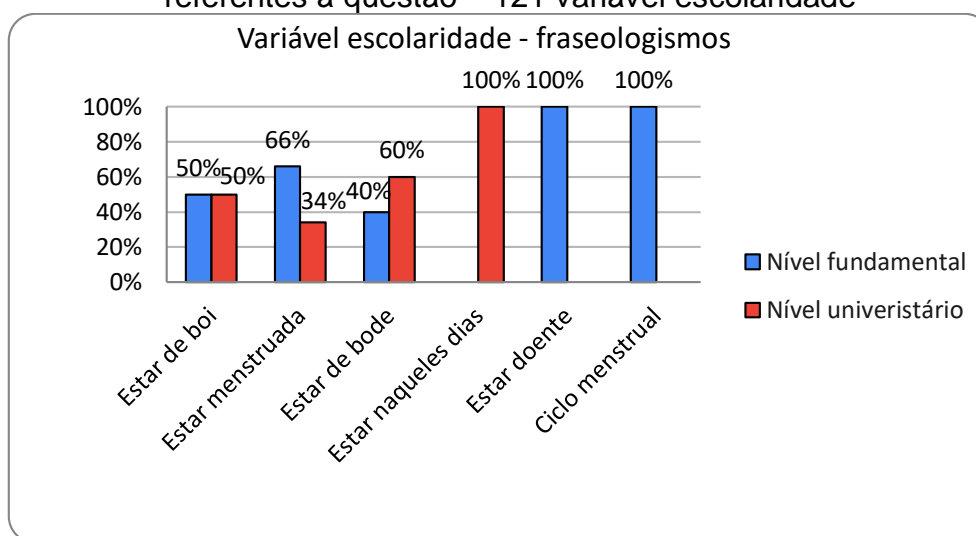
Observa-se, com os dados do Gráfico 7, *menstruação* com 54% nos falantes de nível universitário e 46% com falantes do nível fundamental. *Regra* segue o mesmo equilíbrio com 100% na fala dos informantes de nível fundamental. *Boi* alcançou 100% com falantes do nível fundamental nas cidades do interior (Mossoró – Rio Grande do Norte, Santa Cruz Cabralia – Bahia e União dos Palmares-AL).

Já *Bode* obteve 100% na fala dos informantes de nível fundamental nas cidades do interior (Turiaçu - Maranhão, Canindé e Russas - Ceará e Exu - Pernambuco). Em

análise geral, torna-se evidente que os informantes de nível fundamental frequentemente recorrem às estruturas monolexicais convencionais. Isso pode ser atribuído, possivelmente, à busca por um eufemismo presente ao se referirem à estrutura monolexical relacionada à menstruação, a qual carrega consigo um marcado *tabu linguístico*. Esse fenômeno contrasta com a utilização observada entre os informantes de nível universitário.

A seguir, o Gráfico 8 revela os percentuais da variável escolaridade de acordo com os fraseologismos obtidos referentes à questão 121 das capitais da Região Nordeste do Brasil.

Gráfico 8 - Distribuição percentual dos fraseologismos mais produtivos referentes à questão – 121 variável escolaridade



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Os dados do Gráfico 9 revela que *estar de boi* alcança produtividade nas falas dos informantes de nível fundamental com 50% e 50% com nível universitário. *Estar menstruada* segue o mesmo, com 66% de produtividade na fala de nível fundamental e 33% na fala de nível universitário.

Estar de bode tem 40% na fala de nível fundamental e 60 % de nível universitário. *Estar doente* obteve 100% cada de produtividade na fala dos informantes de nível fundamental. *Estar naqueles dias* 100% na fala de informantes de nível universitário. E, *ciclo menstrual* 100% na fala dos informantes de nível fundamental.

Para constatações das respostas válidas com uma ocorrência: *Bandeira vermelha* sem registro nas capitais, e sim, no interior de pau dos ferros – RN e *Tinta vermelha* 100% na fala dos informantes universitários. *Estar incomodada* com 100% de produtividade na fala dos informantes de nível universitário. *Quebrar o pote* sem

registro nas capitais, presente no interior de Itaporanga – PB. Nota-se uma maior presença de fraseologismos na linguagem empregada pelos informantes de nível fundamental. Isso sugere, mais uma vez, a possibilidade de os fraseologismos serem adotados como eufemismos pelos participantes, o que pode explicar a maior ocorrência dessas expressões entre esses informantes de nível fundamental.

4.1.6 Cartografia dos dados questão 121

QSL 121 – Menstruação

A estrutura monolexical *menstruação* apresenta um índice total de ocorrências entre as localidades estudadas. Tendo um registro de 77 das 78 localidades estudadas na Região Nordeste do Brasil, com percentual de 99% (77). *Regra* com cinco registros das 78 localidades, com percentual de 6,5% como: BA – Alagoinhas e Caravelas. SE – Aracaju. AL – Maceió. PE – Caruaru.

Bode em quatro localidades, com 5,1%: PE – Exu, CE – Russas e Canindé. MA – Turiaçu. *Boi* com registro de três das 78 localidades, com 2,5%, estudadas do interior do Nordeste, a saber: BA – Santa Cruz de Cabralia, RN – Mossoró e AL – União dos Palmares.

Com as respostas obtidas, de acordo com a pergunta da questão 121 do *corpus* Projeto ALiB, foram produzidas duas cartas linguísticas, uma carta com as monolexicais mais produtivas por localidades na Região Nordeste do Brasil e uma carta com os fraseologismos mais produtivos por localidades.

Na Tabela 3, os índices encontrados são feitos com base na presença das localidades, que são calculados de acordo com a frequência por número de ocorrências.

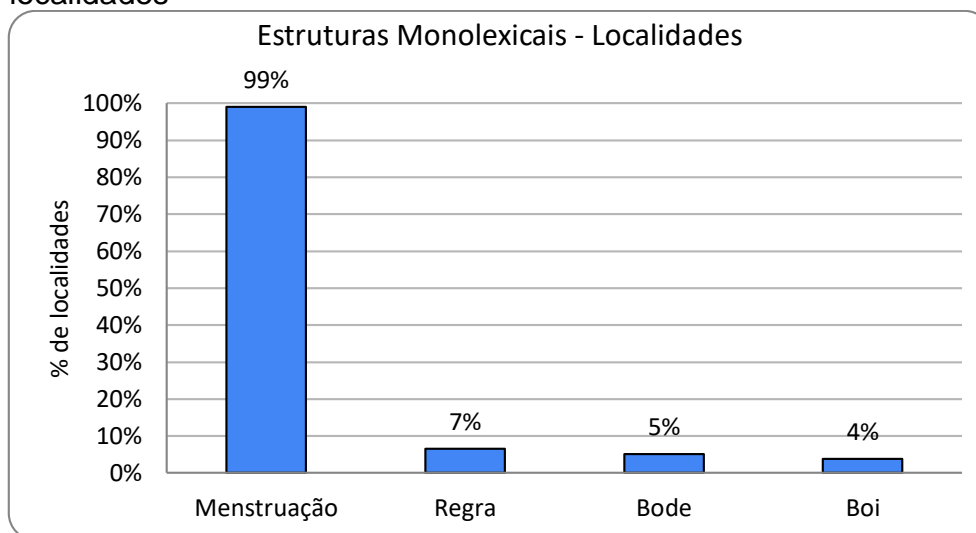
Tabela 3 - Percentual das estruturas monolexicais para o evento da perda de *sangue que as mulheres perdem todos os meses* - as localidades

| Estruturas monolexicais | Total absoluto | Total relativo |
|--------------------------------|-----------------------|-----------------------|
| <i>Menstruação</i> | 77 | 99% |
| <i>Regra</i> | 5 | 6,5% |
| <i>Bode</i> | 4 | 5,1% |
| <i>Boi</i> | 3 | 3,8% |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

A seguir, o Gráfico 9 representa os dados de acordo com a Tabela 3, como forma de melhor demonstração. Na Carta I, percebe-se que existe mais de uma unidade lexical por Estado na Região Nordeste do Brasil. A elaboração da Carta é feita a partir das unidades lexicais mais produtivas e acima de 4% de percentual.

Gráfico 9 – Ocorrências das estruturas monolexicais para o evento da perda de *sangue que as mulheres perdem todos os meses* - as localidades



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

É perceptível que *menstruação* tem um índice muito maior do que as outras unidades lexicais. *Menstruação* é falada por todo o Nordeste. É uma estrutura conhecida, mesmo sendo pronunciada, por vezes, de outras formas fônicas. *Boi* é uma estrutura monolexical. Também é encontrada, assim como *Regra* e *Bode*.

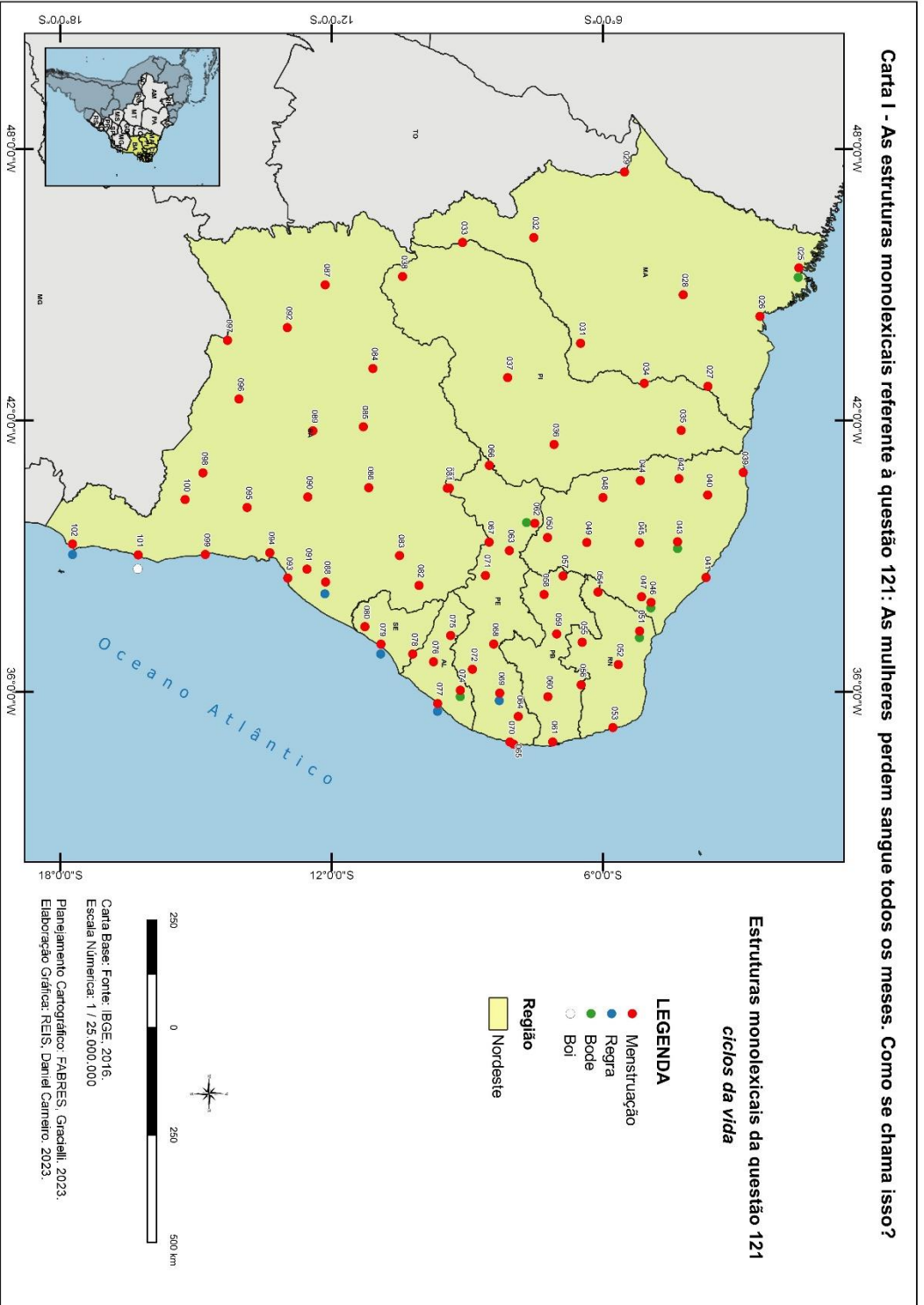
Dessa forma, de acordo com a distribuição geográfica das unidades documentadas para menstruação, é possível a construção de uma carta que evidencia a variação lexical de *menstruação* na Região do Nordeste, mais especificamente no interior e na capital.

A seguir, os resultados das unidades lexicais cartografadas e o entendimento sobre o que mostram as cartas linguísticas. Na Carta I – As Mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

A Carta I apresenta:

- (i) *Menstruação* é a estrutura monolexical presente em toda área geográfica analisada – Região Nordeste do Brasil – está em todos os nove Estados da região.
- (ii) *Regra* é a segunda estrutura monolexical de maior amplitude geográfica, mesmo não tendo a maior frequência. Está presente em quatro Estados – Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco.
- (iii) *Bode* é mais encontrado na parte norte da Região Nordeste do Brasil. Está presente no Estados do Maranhão e Ceará. E, na parte central, como em Pernambuco.
- (iv) *Boi* é a estrutura monolexical que está presente em três Estados – Bahia, Alagoas e Rio Grande do Norte.

Carta I - As estruturas monolexicais referente à questão 121: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?



A seguir, os Quadros 28 ao 36 com a descrição das unidades lexicais, de primeira resposta, da fala dos informantes de cada cidade dentro dos Estados da Região Nordeste.

Quadro 28 – Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades da Bahia

| Ponto | Nome da localidade (BA) | Estruturas monolexicais |
|--------------|--------------------------------|--------------------------------|
| 081 | Juazeiro | <i>Menstruação</i> |
| 082 | Jeremoabo | <i>Menstruação</i> |
| 083 | Euclides da Cunha | <i>Menstruação</i> |
| 084 | Barra | <i>Menstruação</i> |
| 085 | Irece | <i>Menstruação</i> |
| 086 | Jacobina | <i>Menstruação</i> |
| 087 | Barreiras | <i>Menstruação</i> |
| 088 | Alagoinhas | <i>Menstruação, regra</i> |
| 089 | Seabra | <i>Menstruação</i> |
| 090 | Itaberaba | <i>Menstruação</i> |
| 091 | Santo Amaro | <i>Menstruação</i> |
| 092 | Santana | <i>Menstruação</i> |
| 093 | Salvador | <i>Menstruação</i> |
| 094 | Valença | <i>Menstruação</i> |
| 095 | Jequié | <i>Menstruação</i> |
| 096 | Caetité | <i>Menstruação</i> |
| 097 | Carinhanha | <i>Menstruação</i> |
| 098 | Vitoria da Conquista | <i>Menstruação</i> |
| 099 | Ilhéus | <i>Menstruação</i> |
| 100 | Itapetinga | <i>Menstruação</i> |
| 101 | Santa Cruz Cabralia | <i>Menstruação, boi</i> |
| 102 | Caravelas | <i>Menstruação, regra</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 29 – Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades do Sergipe

| Ponto | Nome da localidade (SE) | Estruturas monolexicais |
|--------------|--------------------------------|--------------------------------|
| 078 | Propriá | <i>Menstruação</i> |
| 079 | Aracaju | <i>Menstruação, regra</i> |
| 080 | Estância | <i>Menstruação</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 30 – Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades de Alagoas

| Ponto | Nome da localidade (AL) | Estruturas monolexicais |
|--------------|--------------------------------|--------------------------------|
| 074 | União dos Palmares | <i>Menstruação, boi</i> |
| 075 | Santana de Ipanema | <i>Menstruação</i> |
| 076 | Arapiraca | <i>Menstruação</i> |
| 077 | Maceió | <i>Menstruação, regra</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 31 – Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades do Pernambuco

| Ponto | Nome da localidade (PE) | Estruturas monolexicais |
|--------------|--------------------------------|--------------------------------|
|--------------|--------------------------------|--------------------------------|

| | | |
|-----|-----------|---------------------------|
| 062 | Exu | <i>Menstruação, bode</i> |
| 063 | Salgueiro | <i>Menstruação</i> |
| 064 | Limoeiro | <i>Menstruação</i> |
| 065 | Olinda | <i>Menstruação</i> |
| 066 | Afrânio | <i>Menstruação</i> |
| 067 | Cabrobó | <i>Menstruação</i> |
| 068 | Arcoverde | <i>Menstruação</i> |
| 069 | Caruaru | <i>Menstruação, regra</i> |
| 070 | Recife | <i>Menstruação</i> |
| 071 | Floresta | <i>Menstruação</i> |
| 072 | Garanhuns | <i>Menstruação</i> |
| 073 | Petrolina | <i>Menstruação</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 32 – Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades da Paraíba

| Ponto | Nome da localidade (PB) | Estruturas monolexicais |
|-------|-------------------------|----------------------------|
| 056 | Cuité | <i>Menstruação</i> |
| 057 | Cajazeiras | <i>Menstruação</i> |
| 058 | Itaporanga | <i>Menstruação</i> |
| 059 | Patos | <i>Menstruação, pacote</i> |
| 060 | Campina Grande | <i>Menstruação</i> |
| 061 | João Pessoa | <i>Menstruação</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 33 – Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades do Rio Grande do Norte

| Ponto | Nome da localidade (RN) | Estruturas monolexicais |
|-------|-------------------------|-------------------------|
| 051 | Mossoró | <i>Menstruação, boi</i> |
| 052 | Angicos | <i>Menstruação</i> |
| 053 | Natal | <i>Menstruação</i> |
| 054 | Pau dos Ferros | <i>Menstruação</i> |
| 055 | Caicó | <i>Menstruação</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 34 – Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades do Ceará

| Ponto | Nome da localidade (CE) | Estruturas monolexicais |
|-------|-------------------------|--------------------------|
| 039 | Camocim | <i>Menstruação</i> |
| 040 | Sobral | <i>Menstruação</i> |
| 041 | Fortaleza | <i>Menstruação</i> |
| 042 | Ipu | <i>Menstruação</i> |
| 043 | Canindé | <i>Menstruação, bode</i> |
| 044 | Cratús | <i>Menstruação</i> |
| 045 | Quixeramobim | <i>Menstruação</i> |
| 046 | Russas | <i>Menstruação, bode</i> |
| 047 | Limoeiro do Norte | <i>Menstruação</i> |
| 048 | Tauá | <i>Menstruação</i> |
| 049 | Iguatu | <i>Menstruação</i> |
| 050 | Crato | <i>Menstruação</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 35 – Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades do Piauí

| Ponto | Nome da localidade (PI) | Estruturas monolexicais |
|-------|-------------------------|-------------------------|
| 034 | Teresina | Menstruação |
| 035 | Piripiri | <i>Menstruação</i> |
| 036 | Picos | <i>Menstruação</i> |
| 037 | Canto Buriti | <i>Menstruação</i> |
| 038 | Corrente | <i>Menstruação</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 36 – Estruturas monolexicais questão 121 nas cidades do Maranhão

| Ponto | Nome da localidade (MA) | Estruturas monolexicais |
|-------|-------------------------|--------------------------|
| 025 | Turiaçu | <i>Menstruação, bode</i> |
| 026 | São Luís | <i>Menstruação</i> |
| 027 | Brejo | <i>Menstruação</i> |
| 028 | Bacabal | <i>Menstruação</i> |
| 029 | Imperatriz | <i>Menstruação</i> |
| 030 | Tuntum | ----- |
| 031 | São João dos Patos | <i>Menstruação</i> |
| 032 | Balsas | <i>Menstruação</i> |
| 033 | Alto Parnaíba | <i>Menstruação</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

A seguir, a Tabela 4 demonstra o percentual das unidades lexicais (fraseologismos) para o evento de perder o sangue que as mulheres perdem todos os meses – as localidades.

Tabela 4 – Percentual dos fraseologismos) para o evento de perder o sangue que as mulheres perdem todos os meses - as localidades

| Fraseologismos | Total absoluto | Total relativo |
|----------------------------|-----------------------|-----------------------|
| <i>Estar menstruada</i> | 22 | 28% |
| <i>Estar de boi</i> | 21 | 27% |
| <i>Estar de bode</i> | 8 | 10% |
| <i>Estar naqueles dias</i> | 4 | 5% |
| <i>Estar doente</i> | 3 | 4% |
| <i>Ciclo menstrual</i> | 2 | 2,5% |
| <i>Estar incomodada</i> | 1 | 1,2% |
| <i>Quebrar o pote</i> | 1 | 1,2% |
| <i>Estar de vermelho</i> | 1 | 1,2% |
| <i>Bandeira vermelha</i> | 1 | 1,2% |
| <i>Barco furado</i> | 1 | 1,2% |
| <i>Estar no dia hoje</i> | 1 | 1,2% |
| <i>Tinta vermelha</i> | 1 | 1,2% |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

A partir da Tabela 4, percebe-se que *Estar menstruada* é o fraseologismo que mais se encontra nas localidades estudadas no Estado da Bahia, mais especificadamente nas cidades do interior de *Juazeiro*, *Jeremoabo*, *Euclides da*

Cunha, Barra, Irecê, Itaberaba, Santo Amaro, Santana, Salvador, Valença, Jequié e Santa Cruz de Cabralia. No Estado de Pernambuco: *Afrânio, Cabrobó, Floresta e Petrolina.* Na Paraíba: *Patos, João Pessoa.* No Piauí: *Picos.* No Rio Grande do Norte: *Mossoró.* No Ceará: *Tauá* e no Maranhão: *São Luís.*

Já com Estar de boi é o fraseologismo que tem mais concentração no Estado da Bahia, mais especificadamente, das 78 localidades encontra-se, em 21 localidades com percentual de 27% na Região Nordeste do Brasil, no Estado da Bahia nas cidades: *Barra, Irecê, Alagoinhas, Itaberaba, Carinhanha, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itapetinga e Santa Cruz Cabralia.* Em Sergipe nas cidades: *Propriá, Aracaju, Estância.* *Estar de boi* no Estado de Alagoas, na cidade de *Maceió.* Na Paraíba, nas cidades de *Cuité e Patos.* Em seguida, *estar de boi* em Pernambuco, a saber: *Cabrobó, Arcoverde, Caruaru, Floresta e Petrolina* e no Rio Grande do Norte: *Natal.*

Estar de bode tem maior concentração no Estado do Maranhão. Em Pernambuco-Exu. No Estado do Piauí: *Canto do Buriti, Teresina.* No Ceará: *Fortaleza.* No Maranhão: *São Luís, Bacabal, Imperatriz, São João dos Patos*

Estar naqueles dias está presente em três Estados e suas cidades: na Bahia: *Euclides da Cunha,* em Alagoas: *Santana de Ipanema e Maceió,* e no Rio Grande do Norte: *Pau dos Ferros.* *Estar doente* no Estado da Bahia, na cidade: *Euclides da Cunha.* E, em Alagoas – *Maceió* e no Maranhão: *Imperatriz.* *Ciclo Menstrual em duas localidades:* *Vitória da Conquista* na Bahia e *Natal* no Rio Grande do Norte.

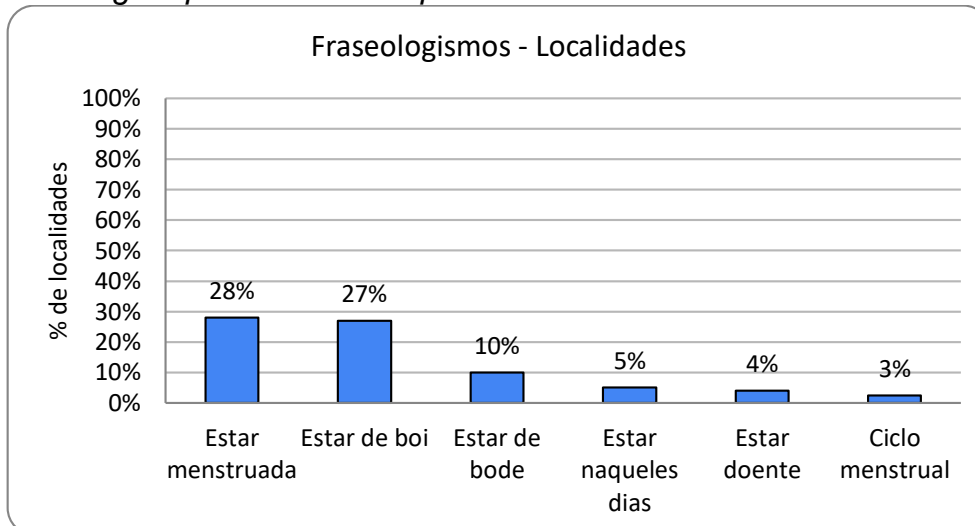
A partir dos próximos fraseologismos, cada um só houve ocorrência em uma localidade. *Estar incomodada* no Estado de Pernambuco: *Recife.* *Quebrar o pote* está presente apenas na Paraíba: *Itaporanga.* *Estar de vermelho:* Caetité – Bahia. *Bandeira Vermelha:* Pau dos Ferros no Rio Grande do Norte. *Barco Furado:* Turiaçu-Maranhão. *Estar no dia hoje:* Bacabal - Maranhão. *Tinta vermelha:* São Luís-Maranhão.

Com isso, entende-se que a Bahia é o Estado que mais houve fraseologismos. É possível pensar, sim, pela grande extensão territorial e maior quantidade de informantes e de localidades.

O Gráfico 10 apresenta o percentual em diversas localidades. Das 78 localidades analisadas, pode-se observar que as situações mais frequentes foram *estar menstruada e estar de boi,* com uma incidência de 28% em 22 localidades e 27% em 21 das 78 localidades pesquisadas.

Na Carta II, percebe-se que existe mais de uma unidade lexical por localidade na Região Nordeste do Brasil. A elaboração da Carta é feita a partir dos fraseologismos mais produtivos e acima de 2% de percentual.

Gráfico 10 - Percentual dos fraseologismos para o evento da perda de sangue que as mulheres perdem todos os meses – as localidades



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

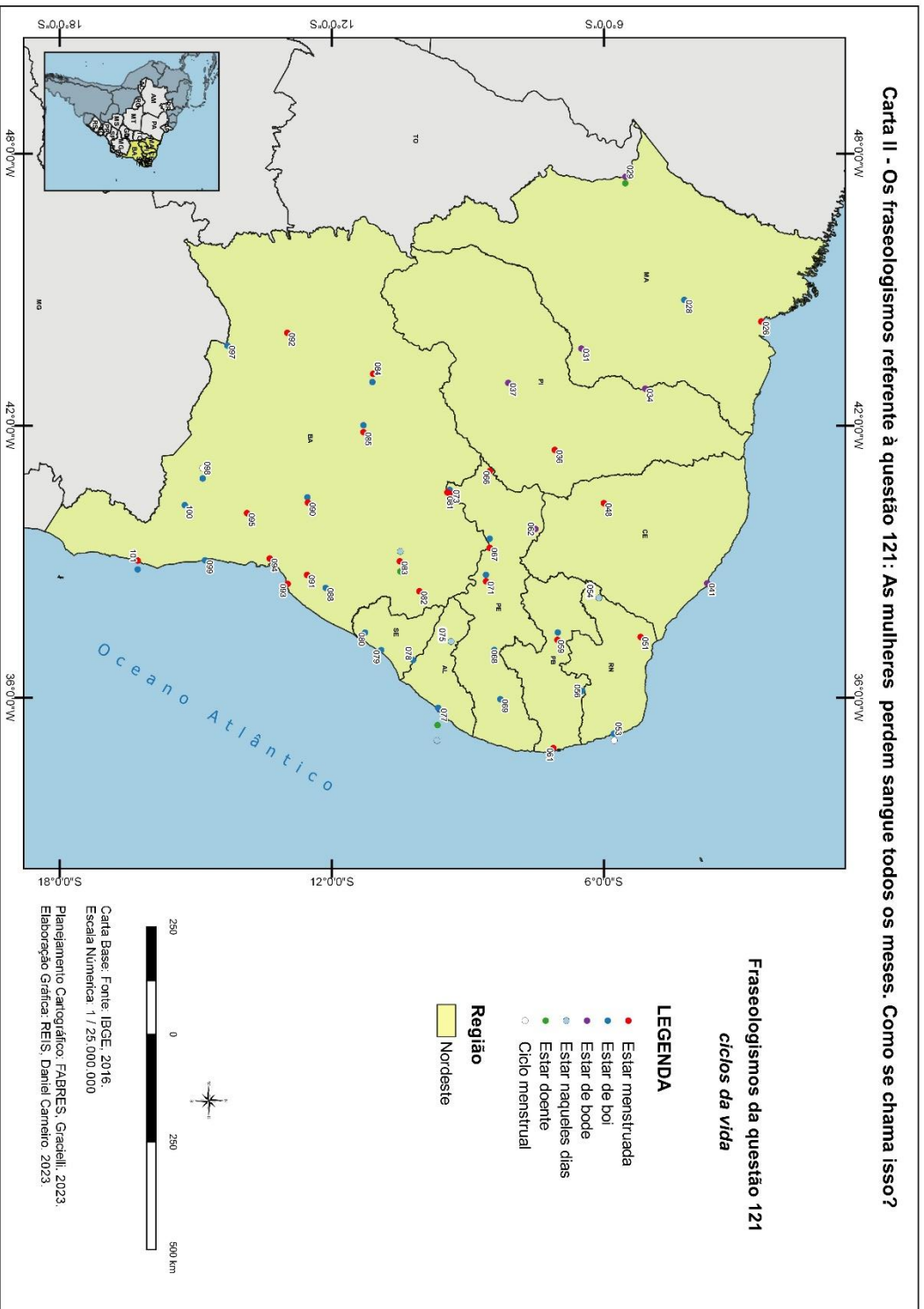
A seguir, os resultados dos fraseologismos cartografados e o entendimento sobre o que mostram as cartas linguísticas. Na Carta II – Fraseologismos: “As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?”

A Carta II apresenta:

- (i) *Estar menstruada* é o fraseologismo de maior amplitude geográfica, mesmo tendo menor frequência. Está presente em sete Estados da Região Nordeste – Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão.
- (ii) *Estar de Boi* é o fraseologismo com boa amplitude geográfica. Está presente em seis Estados da parte litorânea ao Leste do Nordeste – Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Apenas não se encontra em três Estados, a saber: Ceará, Piauí e Maranhão.
- (iii) *Estar naqueles dias* é um fraseologismo que se encontra na parte Leste na Região Nordeste do Brasil. Está presente em quatro Estados – Bahia, Alagoas e Rio Grande Norte. Segue sem amplitude geográfica nos Estados Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco e Sergipe.

- (iv) *Estar de Bode* é um fraseologismo mais encontrado na parte Norte da Região Nordeste – Maranhão, Piauí e Ceará . Sendo encontrada, também, na parte central como no Estado do Pernambuco.
- (v) *Estar Doente* se encontra em três Estados da Região Nordeste como: Bahia, Alagoas, e Maranhão.
- (vi) *Ciclo menstrual* é um fraseologismo que se encontra apenas em dois Estados na parte Leste da Região Nordeste do Brasil, a saber: Bahia e Rio Grande do Norte.

Carta II - Os fraseologismos referente à questão 121: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?



A seguir, os Quadros 37 ao 45 apresentam os fraseologismos, de primeira resposta, presentes na fala dos informantes de cada cidade dos Estados da Região Nordeste.

Quadro 37 – Fraseologismos questão 121 nas cidades da Bahia

| Ponto | Nome da localidade (BA) | Fraseologismos |
|--------------|--------------------------------|--|
| 081 | Juazeiro | <i>Estar menstruada</i> |
| 082 | Jeremoabo | <i>Estar menstruada</i> |
| 083 | Euclides da Cunha | <i>Estar menstruada, Estar doente, Estar naqueles dias</i> |
| 084 | Barra | Estar de boi, <i>Estar menstruada</i> |
| 085 | Irecê | Estar de boi, <i>Estar menstruada</i> |
| 086 | Jacobina | ----- |
| 087 | Barreiras | ----- |
| 088 | Alagoinhas | Estar de boi |
| 089 | Seabra | ----- |
| 090 | Itaberaba | Estar de boi, <i>Estar menstruada</i> |
| 091 | Santo Amaro | <i>Estar menstruada</i> |
| 092 | Santana | <i>Estar menstruada</i> |
| 09 | Salvador | <i>Estar menstruada</i> |
| 094 | Valença | <i>Estar menstruada</i> |
| 095 | Jequié | <i>Estar menstruada</i> |
| 096 | Caetité | <i>Estar de vermelho</i> |
| 097 | Carinhanha | Estar de boi |
| 098 | Vitoria da Conquista | Estar de boi, ciclo menstrual |
| 099 | Ilhéus | Estar de boi |
| 100 | Itapetinga | Estar de boi |
| 101 | Santa Cruz Cabrália | <i>Estar de boi, Estar menstruada</i> |
| 102 | Caravelas | ----- |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 38 – Fraseologismos questão 121 nas cidades de Sergipe

| Ponto | Nome da localidade (SE) | Fraseologismos |
|--------------|--------------------------------|-----------------------|
| 078 | Propriá | Estar de boi |
| 079 | Aracaju | Estar de boi |
| 080 | Estância | Estar de boi |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 39 – Fraseologismos questão 121 nas cidades de Alagoas

| Ponto | Nome da localidade (AL) | Fraseologismos |
|--------------|--------------------------------|---|
| 074 | União dos Palmares | ----- |
| 075 | Santana de Ipanema | Estar naqueles dias |
| 076 | Arapiraca | ----- |
| 077 | Maceió | Estar doente, estar de boi, estar naqueles dias |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 40 – Fraseologismos questão 121 nas cidades de Pernambuco

| Ponto | Nome da localidade (PE) | Fraseologismos |
|--------------|--------------------------------|-----------------------|
|--------------|--------------------------------|-----------------------|

| | | |
|-----|-----------|---------------------------------------|
| 062 | Exu | <i>Estar de bode</i> |
| 063 | Salgueiro | ----- |
| 064 | Limoeiro | ----- |
| 065 | Olinda | ----- |
| 066 | Afrânio | <i>Estar menstruada</i> |
| 067 | Cabrobó | Estar de boi, <i>Estar menstruada</i> |
| 068 | Arcoverde | Estar de boi |
| 069 | Caruaru | Estar de boi |
| 070 | Recife | Estar incomadada |
| 071 | Floresta | <i>Estar de boi, Estar menstruada</i> |
| 072 | Garanhuns | ----- |
| 073 | Petrolina | <i>Estar de boi, Estar menstruada</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 41 – Fraseologismos questão 121 nas cidades da Paraíba

| Ponto | Nome da localidade (PB) | Fraseologismos |
|-------|-------------------------|---------------------------------------|
| 056 | Cuité | Estar de boi |
| 057 | Cajazeiras | ----- |
| 058 | Itaporanga | <i>Quebrar o pote</i> |
| 059 | Patos | Estar de boi, <i>Estar menstruada</i> |
| 060 | Campina Grande | ----- |
| 061 | João Pessoa | Estar menstruada |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 42– Fraseologismos questão 121 nas cidades do Rio Grande do Norte

| Ponto | Nome da localidade (RN) | Fraseologismos |
|-------|-------------------------|---|
| 051 | Mossoró | <i>Estar menstruada</i> |
| 052 | Angicos | ----- |
| 053 | Natal | Ciclo menstrual, estar de boi |
| 054 | Pau dos Ferros | <i>Estar naqueles dias, Bandeira vermelha</i> |
| 055 | Caicó | ----- |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 43 – Fraseologismos questão 121 nas cidades do Ceará

| Ponto | Nome da localidade (CE) | Fraseologismos |
|-------|-------------------------|-------------------------------|
| 039 | Camocim | ----- |
| 040 | Sobral | ----- |
| 041 | Fortaleza | Estar de bode, sinal vermelho |
| 042 | Ipu | ----- |
| 043 | Canindé | ----- |
| 044 | Cratéus | ----- |
| 045 | Quixeramobim | ----- |
| 046 | Russas | ----- |
| 047 | Limoeiro do Norte | ----- |
| 048 | Tauá | <i>Estar menstruada</i> |
| 049 | Iguatu | ----- |
| 050 | Crato | ----- |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 44 – Fraseologismos questão 121 nas cidades do Piauí

| Ponto | Nome da localidade (PI) | Fraseologismos |
|-------|-------------------------|-------------------------|
| 034 | Teresina | Estar de bode |
| 035 | Piripiri | ----- |
| 036 | Picos | <i>Estar menstruada</i> |
| 037 | Canto Buriti | <i>Estar de bode</i> |
| 038 | Corrente | ----- |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 45 – Fraseologismos questão 121 nas cidades do Maranhão

| Ponto | Nome da localidade (MA) | Fraseologismos |
|-------|-------------------------|--|
| 025 | Turiaçu | <i>barco furado</i> |
| 026 | São Luís | <i>Estar menstruada, estar de bode, tinta vermelha</i> |
| 027 | Brejo | ----- |
| 028 | Bacabal | <i>Estar de bode, estar no dia hoje</i> |
| 029 | Imperatriz | <i>Estar de bode, Estar doente</i> |
| 030 | Tuntum | ----- |
| 031 | São João dos Patos | <i>Estar de bode</i> |
| 032 | Balsas | ----- |
| 033 | Alto Parnaíba | ----- |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Na próxima etapa, são estudados os pontos que formam a parte da questão 122 para a tese, com a pesquisa lexicográfica de acordo com as estruturas monolexicais e estruturas polilexicais, a descrição dos dados, a discussão acerca dos fraseologismos, o *tabu linguístico* envolvido, as variáveis sociais, como também a análise diatópica dos dados.

4.1.7 A pesquisa lexicográfica questão 122

O Quadro 46 demonstra as variações da estrutura monolexical *menopausa* em Moraes Silva (1789), Houaiss (2009) e Aulete (2014).

Quadro 46 – Variações da estrutura monolexical para o conceito de menopausa em Aulete (2014), Houaiss (2009) e Moraes Silva (1789)

| QSL 122 - MENOPAUSA | | | |
|-----------------------|---------------|----------------|---------------------|
| Estrutura monolexical | Aulete - 2014 | Houaiss – 2009 | Moraes Silva – 1789 |
| Menopausa | = | = | ○ |

Legenda: (=) igual aceção; (○) não dicionarizada.

Fonte: produção feita pela autora

Em Moraes Silva (1789), não é encontrada a estrutura monolexical *menopausa*. Mas por curiosidade, para complementação da pesquisa, no momento da busca, observa-se a unidade *Menorrhagia* – definida como um fluxo excessivo do menstruo das mulheres.

Menopausa está dicionarizada em Houaiss (2009), com uma acepção de substantivo feminino, sendo definida como uma interrupção fisiológica dos ciclos menstruais, e tendo cessação da secreção hormonal dos ovários. O dicionário traz uma definição simples de acordo com o significado que envolve a saúde da mulher.

Em Aulete (2014), a informação sobre a classe gramatical é mesma que Houaiss (2009), sendo um substantivo feminino. Definição de supressão de menstruação, sendo vista no período da vida da mulher, que ocorre esse fenômeno, chamado de climatério.

4.1.8 A descrição dos dados questão 122

Com base nas informações obtidas dos participantes da pesquisa e da pergunta QSL 122, que aborda a entrada na menopausa e o término da menstruação em uma determinada fase da vida, pode-se caracterizar o período conhecido como menopausa. Esse marco ocorre quando a menstruação cessa. Nota-se que a estrutura monolexical *menopausa* apresenta uniformidade em sua estrutura lexical, contudo, quando se analisa os fraseologismos, identifica-se uma gama significativa de variações.

Observando a descrição dos dados tem-se 173 ocorrências - tanto estruturas monolexicais como estruturas polilexicais -, obtidas nas respostas válidas dos informantes de acordo com a pergunta 122 - *entrar na menopausa*. Vale descrever que, no momento da resposta, alguns informantes apenas pronunciam *menopausa* e outros, *tá de menopausa*. A variação fônica é percebida, e fornece relevância para análise. Informantes usam *manopausa*. E, até mesmo, vários não responderam, pois não sabiam o nome, ou, por vezes, a vergonha não deixou o informante mencionar a unidade lexical.

Em Jacobina, cidade do interior da Bahia, por exemplo, o informante homem, faixa 2 responde com *manopasma*, percebe-se, que o mesmo não consegue pronunciar *menopausa*. Em Arapiraca – AL, nota-se o uso de *menopausa*, assim como

tá de menopausa. Em Camocim, constata-se a variação fônica *manopausa* na fala do informante mulher, faixa 2.

- (122)
INF. – É... como é.. *mano... manopasma, manopasma*.
(Inq. 086/03 (Jacobina- BA) / Inf.: homem, faixa etária 2, fundamental.
(122)
INF.– *Menopausa ... tá na menopausa*.
(Inq. 076/04 (Arapiraca- AL) / Inf.: mulher, faixa etária 2, fundamental.
(122)
INF.– *Manopausa*.
(Inq. 039/04 (Camocim- CE) / Inf.: mulher, faixa etária 2, fundamental.

No decorrer do levantamento de dados, constata-se que os informantes não se lembram de - *menopausa* -, têm vergonha ao falar e mencionam muito a questão de “antigamente se falava assim...”. A partir da lembrança de parentes, principalmente na fala da mãe.

Os dados revelam um total de 135 ocorrências da estrutura monolexical *menopausa*. A seguir, na Tabela 5, estão listadas as frequências das unidades lexicais para *numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher _____*.

Tabela 5 – Ocorrências da estrutura monolexical para designar a fase que se caracteriza pelo final da menstruação *numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher _____*

| Estrutura | Total de ocorrências | Percentual |
|--------------------|-----------------------------|-------------------|
| monolexical | | |
| Menopausa | 135 | 100% |
| Total | 135 | |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Interessante analisar que a estrutura monolexical referida, não tem variação como unidade (existe quando se estuda pronuncia; na tese, não é falado sobre fonética e fonologia), porém, com fraseologismos, a pesquisa demonstra a diversidade. Entende-se, assim, que *menopausa* tem mais variações como forma de fraseologismos, que é estudado na próxima subseção. A seguir, a listagem dos fraseologismos em ordem alfabética.

4.1.9 Listagem dos fraseologismos questão 122

O estudo dos fraseologismos na tese segue a Metodologia utilizada por Paim, Sfar, Mejri (2018), no livro *Nas trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística*. Na obra cada fraseologismo mostra sua categoria gramatical, o significado como forma de denominação da unidade lexical. Logo após, segue com as localidades em que cada fraseologismo se encontra no *corpus* do Projeto ALiB e, por fim, as transcrições como exemplificação de cada fraseologismos na fala dos informantes.

A pesquisa apresenta as contribuições lexicográficas de acordo com Costa (2018) para explicar as escolhas relacionadas ao lema, classificação gramatical, definição, legenda digital, abonação e bibliografia registradas em cada fraseologismo. Dessa forma, segue a mesma linha de discussão abordada nos fraseologismos questão 121 da subseção 4.1.3.

Os fraseologismos estudados como resposta à questão 122 demonstram que são um conjunto de palavras que se formam pela estabilidade e fixidez, a saber: *Acabar o fogo, amarrar a cintura, amarrar a chuteira, amarrar o cordão, amarrar o facão, estar maninha, ficar macho fêmea, pendurar bezerro, pendurar as botas, virar homem, virar macho*. A seguir, a listagem dos fraseologismos:

Acabar o fogo. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + artigo + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: Mossoró/Rio Grande do Norte. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 122/área semântica: ciclos da vida: “Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?”*. Contexto: INQ.: Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?. INF.: Menopausa. INQ.: Tem mais jeito de dizer? INF.: *Acabou o fogo*. (Mossoró, homem, faixa etária 1, fundamental)

Amarrar a cintura. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + artigo + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Barreiras/Bahia*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 122/área semântica: ciclos da vida: “Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?”*. Contexto: INQ.: Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?. INF.: Ela se amarrou o facão, outro dizia assim *amarrou a cintura, amarrou o cordão*. (Barreiras, homem, faixa etária 2, fundamental)

Amarrar a chuteira. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + artigo + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Euclides da Cunha/Bahia*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 122/área semântica: ciclos da vida: “Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?”*. Contexto: INQ.: Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?. INF.: Antigamente, o pessoal dizia assim amarrou o facão, (risos), amarrou o facão, *amarrou a chuteira*, amarrou o facão, o pessoal falava assim que amarrou o facão e até hoje acho que ainda é isso mesmo que fala. (Euclides da Cunha, homem, faixa etária 2, fundamental).

Amarrar o cordão. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + artigo + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Barreiras/Bahia*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 122/área semântica: ciclos da vida: “Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?”*. Contexto: INQ.: Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?. INF.: Ela se amarrou o facão, outro dizia assim amarrou a cintura, *amarrou o cordão*. (Barreiras, homem, faixa etária 2, fundamental).

Amarrar o facão. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + artigo + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidades: *Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Jacobina, Barreiras, Itaberaba, Santana, Caetité, Carinhanha, Ilhéus, Itapetinga, Caravelas, Salvador/Bahial; Estância/Sergipe; Afrânio, Petrolina/Pernambuco; Canto do Buriti, Corrente/ Piauí; Imperatriz, São João dos Patos, Alto da Parnaíba/Maranhão*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 122/área semântica: ciclos da vida: “Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?”*. Contexto: INQ.: Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?. INF.: *Amarrou facão. Amarrou facão*. (Itaberaba, mulher, faixa etária 2, fundamental). INF.: Não menstrua mais. *“Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?”*. INQ.: E aí, às vezes... diz alguns nomes... fulana... como é que a gente diz? Não menstrua mais, ou então... tem até um nome engraçado, né? Em alguns lugares (inint) um nome engraçado. INF.: chama *amarrou o facão*. Cada um diz uma coisa (risos) Fulana já *amarrou o facão*. INQ.: E esse *amarrou o facã*... sabe por que é que chama *amarrou o facão*? INF.: O facão? Porque, eh, suspendeu, num tem mais menstruação. INQ.: Ah. INF.: Quer dizer *amarrou o facão*

num engravida mais... (risos). (Salvador, Bahia, mulher, faixa etária 1, fundamental). “*Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?*”. INF.: Aqui na nossa região da Estância a gente considera isso como *amarrou o facão*, parou de ter menstruação, parou de ter filho então *amarrou o facão*. (Estância, homem, faixa etária 1, fundamental). “*Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?*”. INF.: *Amarrou o facão* (risos). (Afrânio, mulher, faixa etária 2, fundamental). “*Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?*”. INF.: Aqui diz a mulher... A mulher de fulano *amarrou o facão* agora, já não desce mais a menstruação, *amarrou o facão*, sabe? Eu não sei que facão é esse que amarra lá... (risos). Não, é porque outros já dizem parou de menstruar. (Canto do Buriti, homem, faixa etária 2, fundamental). “*Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?*” INF.: *amarrou o facão*. (Imperatriz, mulher, faixa etária 2, fundamental).

Estar maninha. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + adjetivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Alagoinhas/Bahia*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 122/área semântica: ciclos da vida: “Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?”*. Contexto: INQ.: *Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?*. INF.: Fia, é quando a mulher ficou, virou homem. INQ.: é? INF.: É. INQ.: Aqui fala assim é? INF.: Fala. INQ.: Chama de outro jeito? INF.: Não. Fulana agora é homem. Fulana agora *tá...maninha*, que eles falam mais. Ficou maninha. INQ.: Quando acaba a menstruação? INF.: É, quando vai embora, ou *maninha*, ou então virou homem. (Alagoinhas, mulher, faixa etária 2, fundamental).

Ficar macho fêmea. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + adjetivo + adjetivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *União dos Palmares/Alagoas*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 122/área semântica: ciclos da vida: “Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?”*. Contexto: INQ.: *Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?*. INF.: Aqui no interior fala que *ficou macho fêmea*. A mulher *ficou macho fêmea*. (União dos Palmares, homem, faixa etária 2, fundamental).

Pendurar bezerro. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Propriá/Sergipe*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão*

122/área semântica: ciclos da vida: “Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?”. Contexto: INQ.: Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?. INF.: A mulher mais velha é assim: *Pendurei o bezerro*, não, pendurei as botas. (Propriá, homem, faixa etária 1, fundamental).

Pendurar as botas. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + artigo + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidade: *Propriá/Sergipe*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 122/área semântica: ciclos da vida: “Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?”*. Contexto: INQ.: Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?. INF.: A mulher mais velha é assim: Pendurei o bezerro, não, *pendurei as botas*. (Propriá, homem, faixa etária 1, fundamental).

Virar homem. Categoria gramatical: sintagma verbal. (verbo + substantivo). Forma de denominar o período em que a mulher está menstruada. Localidades: *Alagoinhas/Bahia; Picos/Piauí; Angicos/Caicó/Rio Grande do Norte; Canindé/Limoeiro do Norte, Tauá/Ceará; Imperatriz/Maranhão*. Fonte de referência: *questionário semântico-lexical/ALiB/questão 122/área semântica: ciclos da vida: “Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?”*. Contexto: INQ.: Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?. INF.: Fia, é quando a mulher ficou, *virou homem*. INQ.: é? INF.: É. INQ.: Aqui fala assim é? INF.: Fala. INQ.: Chama de outro jeito? INF.: Não. Fulana agora é homem. Fulana agora tá...maninha, que eles falam mais. Ficou maninha. INQ.: Quando acaba a menstruação? INF.: É, quando vai embora, ou maninha, ou então *virou homem*. (Alagoinhas, mulher, faixa etária 2, fundamental). “Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?”. INF.: *Virou homem*. (Caicó, mulher, faixa etária 2, fundamental). “Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?”. INF.: *Virou homem*. (Limoeiro do Norte, mulher, faixa etária 2, fundamental). “Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?”. INF.: *Virou homem*. *Virou homem*, tá na menopausa. (Picos, mulher, faixa etária 2, fundamental). “Numa certa idade acaba a/o. Quando isso acontece se diz que a mulher?”. INF.: *virou homem*. (Imperatriz, mulher, faixa etária 2, fundamental).

Percebe-se a grande importância e relevância que, os estudos fraseológicos têm, a partir das análises feitas na tese. Portanto, abre portas para futuros trabalhos,

até mesmo, de cunho histórico. A pesquisa com agrupamento linguístico, realiza-se neste momento com a análise estatística, dando ênfase da ocorrência com maior percentual para de menor percentual. A seguir, a Tabela 6 – ocorrências das unidades lexicais (fraseologismos) *entrar na menopausa*

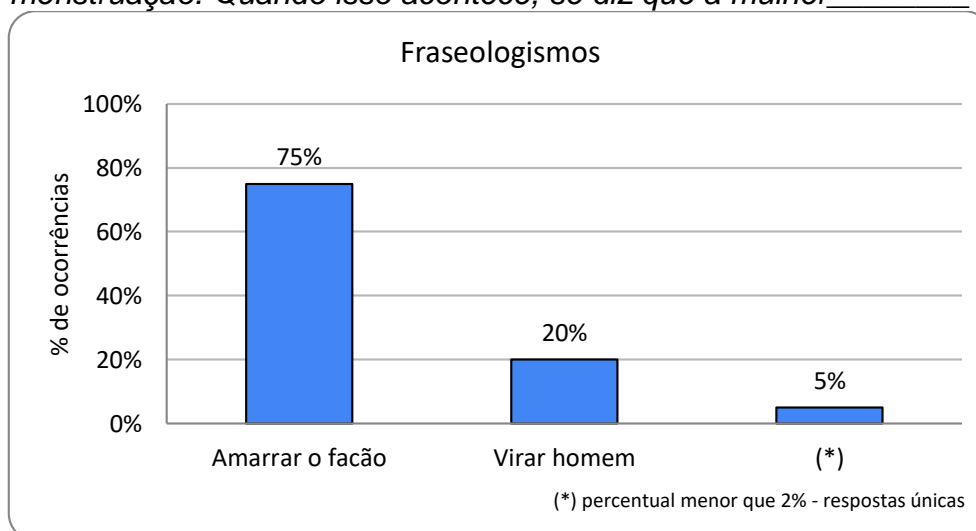
Tabela 6 – Ocorrências dos fraseologismos para designar a fase que se caracteriza pelo final da menstruação *numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher* _____

| Fraseologismos | Total absoluto | Total relativo |
|-------------------------|-----------------------|-----------------------|
| <i>Amarrar o facão</i> | 28 | 75% |
| <i>Virar homem</i> | 7 | 20% |
| <i>Respostas únicas</i> | 3 | 5% |
| Total | 38 | 100% |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Foram registrados, para tese, dois fraseologismos de acordo com a questão 122 do *corpus*, do Projeto ALiB na Região Nordeste do Brasil. A Tabela - 6 mostra as ocorrências, a saber: *Amarrar o facão* com 75%, *Virar homem* com 20%. *Ficar macho fêmea, acabar o fogo e pendurar bezerro* com 5% estão como respostas únicas. Tendo um total de 38 ocorrências de fraseologismos, de primeira resposta, tanto nas cidades do interior como nas capitais da Região Nordeste do Brasil, de acordo com a *questão 122*. A seguir, o Gráfico 11, demonstrando o percentual de cada fraseologismo.

Gráfico 11 – Percentual dos fraseologismos para designar a fase que se caracteriza pelo final da menstruação *numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher* _____



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

A pesquisa segue com a abordagem sobre os *tabus* referentes à questão 122.

4.1.10 Tabus linguísticos - questão 122

Com a mesma perspectiva do *tabu linguístico* mostrado na tese para os resultados com a questão 121, os dados da questão 122 encontram-se na mesma linha de pensamento. *Menopausa* é uma estrutura monolexical que remete às respostas com algumas colocações repetidas na fala dos informantes da Região Nordeste do Brasil, como: “eu não sei dizer direito”.

Em algumas situações, é possível que o informante opte por não responder ao questionamento por falta de conhecimento da resposta. Contudo, a falta não necessariamente, demonstra o desconhecer por parte do informante. No decorrer da entrevista, é nítido, perceber que os falantes têm dificuldades ao mencionar sobre o assunto proposto pela pesquisa.

Com isso, às vezes, retém respostas; outras vezes, respondem com *manopasma*, *menopasma* etc. São percepções adquiridas no trabalho de audição feito com o *corpus* do Projeto ALiB – QSL Semântico Lexical, questão 122. Estruturas monolexicais e fraseologismos são percebidas, juntamente, com a carga do *tabu linguístico*, a saber: *menopausa*, *amarrar o facão*, *virar homem*, sendo determinadas as unidades para análise. Vale ressaltar, neste momento, que algumas estruturas polilexicais são de segunda resposta como *terminar o período*, *terminar o boi*, *acabar o fogo* e saíram da análise para pesquisa. Porém, pelas unidades terem uma alta carga de tabuísmo, resolve-se deixar para análise como forma de enriquecimento sobre o assunto.

Menopausa traz percepções acerca da vergonha, sempre com muitos risos ao responder o inquiridor. Diante da conversa sobre o assunto, o informante mostra-se não saber responder, fala muito baixo, mencionando que “eu não sei bem”. A seguir, a transcrição de informantes com a estrutura monolexical *menopausa*, sendo mostrada, também, com as variações fônicas. Vale ressaltar que o *tabu* é percebido pelas sensações e sentimentos demonstrados pelos informantes.

(122)

INQ. – Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher _____

INF. – (risos) *antigamente, não num sei não.*

(091/01) Santo Amaro – BA (homem, faixa 1, fundamental)

(122)
 INQ. - Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher _____
 INF. - *É...mino, minopausa, menopausa* ((sussurrando), não sei bem.
 (091/03) Santo Amaro – BA (homem, faixa 2, fundamental)

(122)
 INQ. - Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher _____
 INF. - *É...como é...mano. Manopasma, manopasma.*
 (086/03) Jacobina – BA (homem, faixa 2, fundamental)

(122)
 INQ.- Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher _____
 INF.- *Num.. não conheço não. (risos ao responder).*
 (052/03) Angicos – RN (homem, faixa 2, fundamental)

No contexto analisado, o fraseologismo *amarrar o facão*, conforme identificado através das respostas nos questionários, emerge como uma estrutura que carrega consigo uma carga de *tabu linguístico*. Esse fraseologismo evoca uma gama de emoções e reações dos indivíduos entrevistados. Além de suscitar sentimentos de constrangimento ao abordar a unidade em questão, observam-se reações que variam desde risos em abundância, menções à antiguidade, expressões de incerteza sobre a necessidade de responder, como o questionamento "posso falar mesmo?", até a percepção da unidade como sendo de natureza "grosseira".

Existe a possibilidade de que o fraseologismo *amarrar o facão* seja uma forma eufêmica, funcionando como um sinônimo, em vez de ser interpretada estritamente como uma expressão pejorativa, como discutido por Guérios (1956). Transcrições que demonstram as percepções na audição para tese:

(122)
 INQ.- Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher _____
 INF. - *Amarrou o facão, fala assim (risos).*
 INQ. - Só fala assim?
 INF. - *É, fala aquela já amarrou o facão, já é velha. (rindo)*
 (083/01) Euclides da Cunha – BA (homem, faixa 1, fundamental)

(122)
 INQ.- Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher _____
 INF. - *Menopausa. Amarrou o facão, era assim que dizia. (risos)*
 INQ. - Antigamente falava outro nome? A senhora já ouviu?
 INF. *Amarrou o facão, até que eu ficava assim... "fulano de tal já amarrou o facão, amarrou o facão? Amarrou o facão pra que? Era assim, adepois tá tudo mudado.*
 (083/04) Euclides da Cunha – BA (mulher, faixa 2, fundamental)

(122)

INQ.- Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher_____

INF.- *Amarrou o facão (muitos risos). Amarrou o facão.*

(081/02) Juazeiro – BA (mulher, faixa 1, fundamental)

(122)

INQ.- Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher_____

INF.- Posso falar mesmo? Amarrou o facão. E uma palavra grosseira (risos).

(031/03) São João dos Patos – MA (homem, faixa 2, fundamental)

O fraseologismo *terminar o boi*, possivelmente, demonstra mais o *tabu linguístico* do que *terminar o período*, com o informante homem, faixa 2, fundamental de Santana - BA, de acordo com os registros do *corpus* do Projeto ALiB. Pode-se considerar a hipótese de que a ação de *terminar o boi* esteja relacionada à mesma lógica, uma vez que a palavra *boi* carrega uma conotação pejorativa, como discutido anteriormente na questão 121. A partir desse contexto, é plausível supor que o fraseologismo compartilhe da mesma carga, influenciado por fatores culturais e comportamentais.

E, com *terminar o período*, porventura, pode-se tratar de uma forma eufêmica, seguindo as definições de Guérios (1956). A *menopausa* é um período que a mulher passa no decorrer do ciclo menstrual.

(122)

INQ.- Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher_____

INF. - *Terminou o período, né?*

INQ.- Tem outro jeito de dizer? O senhor lembra assim que o pessoal fale.

INF.- *((risos)) tem um jeito que eu nem sei nem o porquê isso.*

INQ.- Diga aí...

INF.- *A mulherada da roça, aquelas que num têm noção nenhuma, fala que mulher tava de boi, né? Aí terminou o boi.*

(092/03) Santana – BA (homem, faixa 2, fundamental)

No decorrer da pesquisa, das análises e da audição do *corpus* do Projeto ALiB, percebe-se, neste momento, o machismo em determinado fraseologismo. *Acabar o fogo* traz carga de *tabu linguístico* envolvendo, porém, a diminuição por outro indivíduo.

Emerge a percepção de que a mulher não está mais envolvida em atividades sexuais, o que sugere a ideia de um estado de inatividade, quase como se a vida tivesse cessado. Esse conceito é retratado utilizando uma expressão que carrega uma conotação áspera e depreciativa, ao mencionar *acabar o fogo*. Certamente, essa abordagem pode ser compreendida como uma representação linguística mais

grosseira, sendo frequentemente utilizada de maneira pejorativa. Além disso, é possível conjecturar que tal expressão seja mais comumente empregada através da fala de indivíduos do sexo masculino.

Pode não aparentar a situação; contudo, normalmente, é habitual sentir o peso da unidade fogo, como “acabar o fogo, estar de fogo”. De acordo com a transcrição da fala do informante, tem-se o fraseologismo.

(122)
 INQ.- Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher _____
 INF.- Menopausa
 INQ.- Tem mais jeito de dizer?
 INF.- Acabou o fogo. (risos)
 (051/01) Mossoró – RN (homem, faixa 1, fundamental)

Virar homem é um fraseologismo que sempre remete aos risos, de acordo com a percepção feita com a audição dos inquéritos do *corpus* do Projeto ALiB. A partir do momento que o sangue das mulheres termina, a mesma “não estaria sendo uma mulher com o aparelho reprodutor ativo”. Pode ser sinal de machismo, porém na transcrição e na audição, a informante menciona que a mãe dizia a estrutura antigamente.

Com isso, pode-se pensar em um arcaísmo centralizado e uma forma de como a informante aprendeu com sua mãe, sendo que na atualidade ela repete o padrão linguístico. O fraseologismo não revela vergonha ao mencioná-lo; contudo, os risos sempre estão presentes. A seguir, a transcrição como forma de demonstração:

(122)
 INQ.- Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher _____
 INF.- *Virou homem. É a mãe dizia assim... ((muitos risos))*
 (052/04) Angicos – RN (mulher, faixa 2, fundamental)

Com base na análise dos fraseologismos e nas respostas dos questionários, pode-se afirmar que a tese segue a perspectiva que envolve tanto as *palavras-tabus* quanto as formas eufêmicas, conforme delineado por Guérios (1956). Nesse sentido, a pesquisa aprofunda a exploração dessas unidades lexicais, abordando também os *tabus linguísticos*, em consonância com a definição fornecida por Correia (1927).

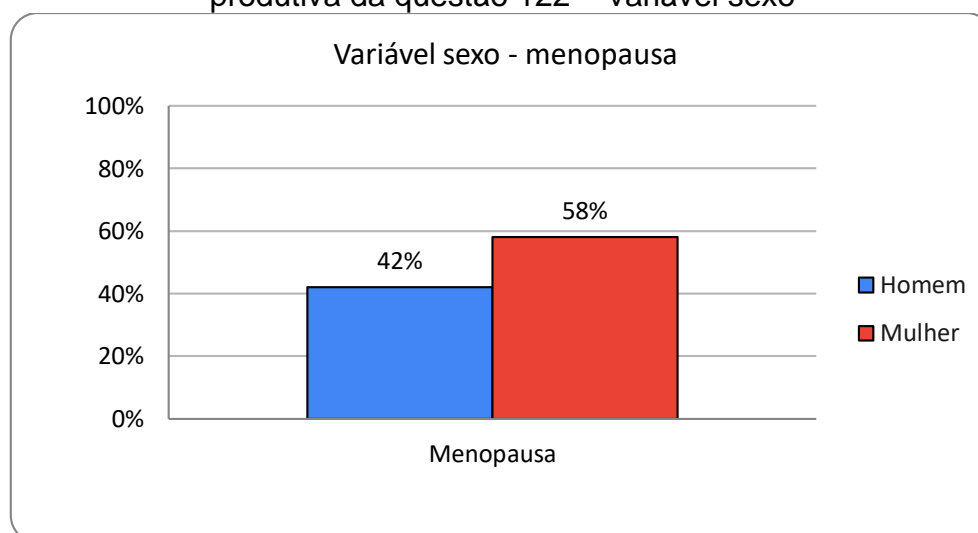
A tese prioriza a análise nas questões relacionadas com os sentidos, definições a partir das manifestações que os informantes mostram para o inquiridor. Portanto, novamente, frisam-se as possibilidades de futuros estudos acerca da formação histórica das diversas unidades lexicais da Língua Portuguesa que se manifestam como *tabu linguístico*.

4.1.11 Variáveis sociais questão 122

Variável sexo

O estudo das variações sociais está de acordo com a análise do *corpus* do Projeto ALiB, mais especificadamente, o *corpus* da Região Nordeste. A estrutura monolexical *menopausa* é mencionada na fala dos informantes da Região Nordeste do Brasil, tendo 58% na fala de mulheres e 42% na fala de homens. A seguir, o Gráfico 12, demonstra em percentual.

Gráfico 12 - Distribuição percentual da estrutura monolexical mais produtiva da questão 122 - variável sexo

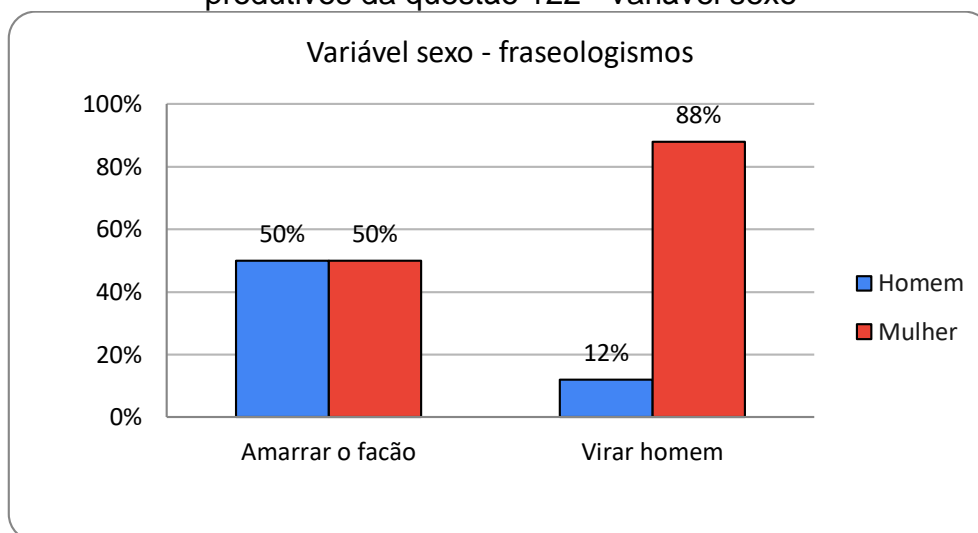


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

A partir dos fraseologismos mais produtivos, acima de 9% de percentual, já analisados é feita a variação sexo dos fraseologismos, a saber: *amarrar o facão*, *virar homem*. Com isso, observa-se, no Gráfico 13, *amarrar o facão* na fala do informantes homens com 50% e na fala das mulheres, também, com 50% de acordo com a análise feita no *corpus* do Projeto ALiB.

Virar homem teve um percentual de 12% na fala dos homens e na fala de mulheres percentual de 88%. A seguir, o Gráfico 13:

Gráfico 13 - Distribuição percentual dos fraseologismos mais produtivos da questão 122 - variável sexo



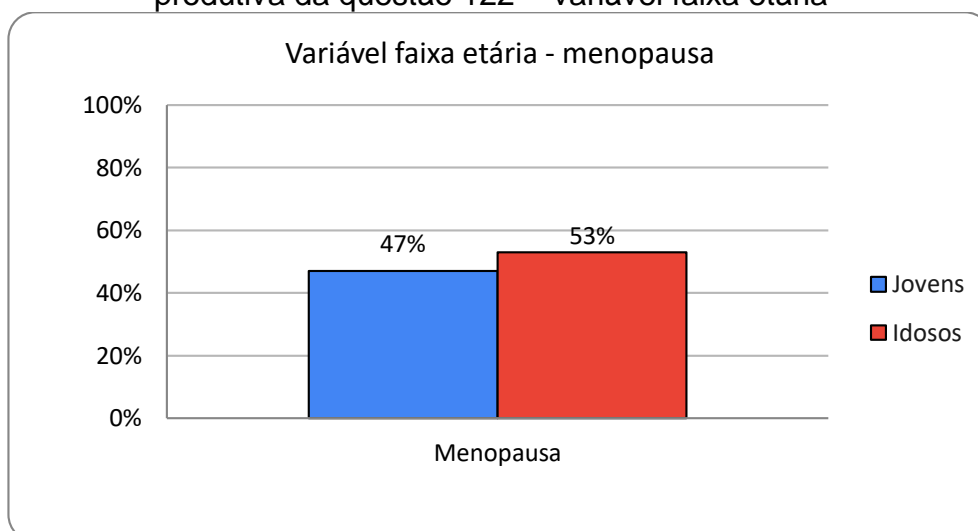
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Dessa forma, o estudo segue com a variável faixa etária de *menopausa* e dos fraseologismos escolhidos de acordo com a *questão 122*.

Variável faixa etária

O Gráfico 14 demonstra o percentual da estrutura monolexical *menopausa*, registrada na fala de informantes da faixa I 18 – 30 jovens e da faixa II 50 a 65 anos - idosos.

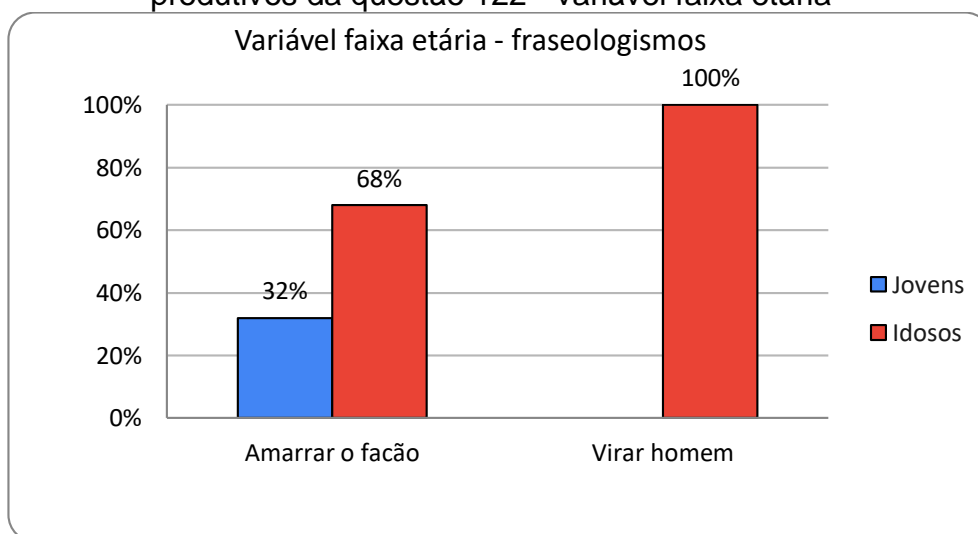
Gráfico 14 - Distribuição percentual da estrutura monolexical mais produtiva da questão 122 - variável faixa etária



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

De acordo com o Gráfico 14, percebe-se que 53% de idosos faixa II falam a estrutura monolexical *menopausa* para 47% de jovens faixa I, que responderam *menopausa* no momento da entrevista. A seguir, o Gráfico 15, com o demonstrativo de percentual dos fraseologismos, acerca da variável faixa etária.

Gráfico 15 - Distribuição percentual dos fraseologismos mais produtivos da questão 122 - variável faixa etária



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Constata-se que *amarrar o facão* teve 68% de idosos e 32% de jovens que falam o fraseologismos. *Virar homem* teve 100% na fala dos informantes idosos. Todos os percentuais e quantidades são sinalizados, sempre, de acordo com a análise

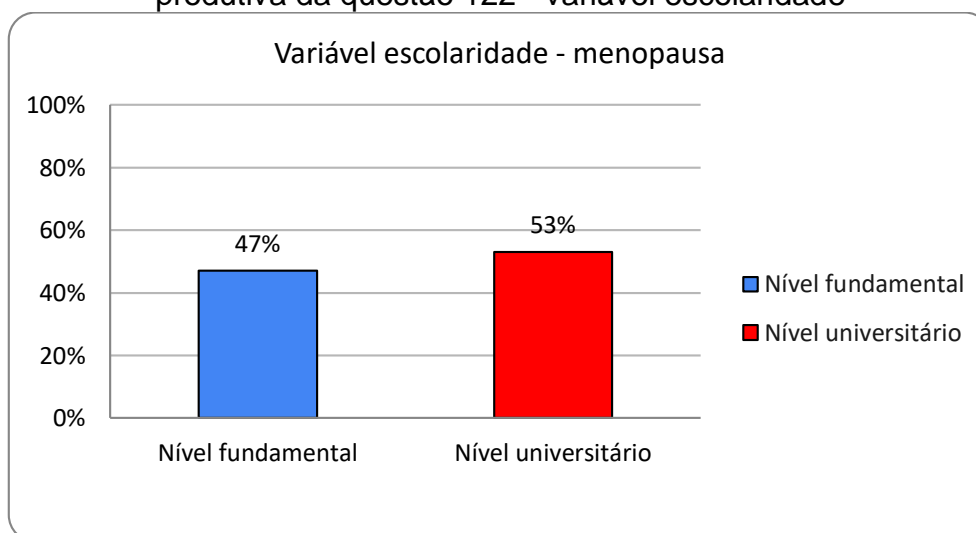
feita a partir do *corpus* do Projeto ALiB. Assim, o estudo segue com a variável escolaridade da estrutura *menopausa* e dos fraseologismos escolhidos, de acordo com a questão 122.

Vale ressaltar que, nas cidades do interior, todos os informantes são de 100% de nível fundamental. Dessa forma, a análise centra-se nas capitais no seguimento escolaridade, por ser formado de quatro informantes com nível fundamental e quatro informantes de nível universitário.

Variável escolaridade

O Gráfico 16 aponta que a estrutura monolexical *menopausa* é pronunciada 53% por falantes do ensino universitário e 47% por falantes do ensino fundamental. Pode ser que exista, possivelmente, dificuldade ao falar *menopausa*, sendo um traço a observar, como já mencionado nas análises de acordo com a transcrição dos falantes ao trocar por *manopasma*, *minopasma*, por exemplo. Podendo, assim, demonstrar um traço sobre a justificativa com o nível de escolaridade.

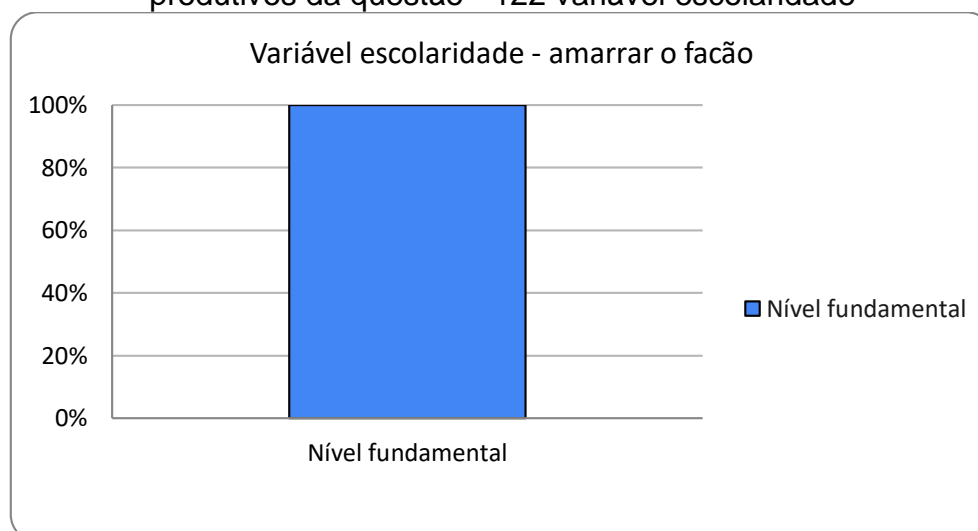
Gráfico 16 - Distribuição percentual da estrutura monolexical mais produtiva da questão 122 - variável escolaridade



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Já com os fraseologismos, percebe-se a produtividade de *amarrar o facão com* presença na capital de *Salvador* de acordo com o *corpus*. *Amarrar o facão* se dá na fala dos informantes de nível fundamental com 100%. Observa-se, no Gráfico 17, o fraseologismo com falantes de nível fundamental.

Gráfico 17 - Distribuição percentual dos fraseologismos mais produtivos da questão - 122 variável escolaridade



Virar homem está presente, no interior de *Alagoinhas – Bahia, Picos – Piauí, Imperatriz – Maranhão, Patos – Paraíba, Angicos e Caicó – Rio Grande do Norte e Canindé, Limoeiro do Norte e Tauá – Ceará* da Região Nordeste. Não houve registro fraseológico nas capitais da Região Nordeste do Brasil, de acordo com a busca dos dados para tese.

4.1.12 Cartografia dos dados questão 122

Na subseção, encontra-se, a Cartografia dos dados, de acordo com o QSL 122 – *Entrar na menopausa, do corpus* do Projeto ALiB, da Região Nordeste do Brasil.

A estrutura monolexical *menopausa* apresenta um índice total de 135 ocorrências entre as localidades estudadas, tendo um registro de 64 das 78 localidades estudadas no interior e nas capitais do Nordeste, de acordo com o *corpus* do Projeto ALiB. Na *Bahia*, *menopausa* está presente em 19 cidades: *Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Barra, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas, Seabra, Santo Amaro, Santana, Salvador, Valença, Jequié, Caetité, Carinhanha, Vitoria da Conquista, Itapetinga, Santa Cruz Cabrália e Caravelas*. Não sendo pronunciada em algumas cidades do interior da Bahia, a saber: *Irecê, Itaberaba e Ilhéus*.

Em *Sergipe*, nas cidades de *Propriá, Aracaju e Estância*. Em *Alagoas*, nas cidades de *Arapiraca, Maceió e Santana de Ipanema*, não sendo pronunciada em *União dos Palmares*.

Em *Pernambuco*, *menopausa* é pronunciada em todas cidades da rede de pontos do Projeto ALiB: *Exu, Salgueiro, Limoeiro, Olinda, Afrânio, Cabrobó, Arcoverde, Caruaru, Floresta, Garanhuns, Petrolina e Recife*.

Na *Paraíba*, nas cidades: *Cuité, Itaporanga, Patos, Campina Grande e João Pessoa*. Em, *Cajazeiras*, não houve a estrutura monolexical *menopausa* na fala dos informantes. No *Rio Grande do Norte*, nas cidades: *Mossoró, Angicos, Pau dos Ferros, Caicó e Natal*.

No *Ceará*, nas cidades: *Camocim, Sobral, Fortaleza, Canindé, Russas, Iguatu, Crato*. *Menopausa* não é pronunciada em *Ipu, Crateús, Quixeramobim, Limoeiro do Norte e Tauá*.

No *Piauí*, nas cidades: *Picos, Corrente e Teresina*. Não pronunciada em *Piripiri e Canto do Buriti*. E, por fim, no *Maranhão*, nas cidades: *Turialva, São Luís, Brejo, Bacabal, Imperatriz, Balsas e Alto da Parnaíba*. Não sendo pronunciada *menopausa* em *São João dos Patos e Tuntum (áudio ruim)*. A seguir, a Tabela 7, com o percentual das estruturas lexicais com para *numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher _____ as – localidades*:

Tabela 7 – Percentual da estrutura monolexical para designar a fase que se caracteriza pelo final da menstruação *numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher _____ as - localidades*

| Estrutura monolexical | Total de localidades | Percentual |
|------------------------------|-----------------------------|-------------------|
| <i>Menopausa</i> | 64 | 82% |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

No decorrer da análise, é perceptível que *menopausa* é uma estrutura monolexical conhecida pelos informantes. Quando não falada, percebem-se os pontos já mencionados, que, por vezes, podem ser os principais: a dificuldade na pronúncia de *menopausa*, como se entende com a variação fônica *manopausa, manopasma*. Como também, o verbo *estar – tá* que traz o elemento *menopausa* logo como entendimento, formando, assim, o fraseologismo. Ponto, este, que não é discutido na tese, apenas base de observação a partir da audição dos inquiridos do *corpus*.

Nesse contexto, seguem os Quadros 47 ao 55 com as unidades lexicais, de primeira resposta, presentes nas falas dos informantes das cidades dos Estados da Região Nordeste.

Quadro 47 – Estrutura monolexical questão 122 nas cidades da Bahia

| Ponto | Nome da localidade (BA) | Estrutura monolexical |
|--------------|--------------------------------|------------------------------|
| 081 | Juazeiro | <i>Menopausa</i> |
| 082 | Jeremoabo | <i>Menopausa</i> |
| 083 | Euclides da Cunha | <i>Menopausa</i> |
| 084 | Barra | <i>Menopausa</i> |
| 085 | Irece | <i>Sem registro</i> |
| 086 | Jacobina | <i>Menopausa</i> |
| 087 | Barreiras | <i>Menopausa</i> |
| 088 | Alagoinhas | <i>Menopausa</i> |
| 089 | Seabra | <i>Menopausa</i> |
| 090 | Itaberaba | <i>Sem registro</i> |
| 091 | Santo Amaro | <i>Menopausa</i> |
| 092 | Santana | <i>Menopausa</i> |
| 093 | Salvador | <i>Menopausa</i> |
| 094 | Valença | <i>Menopausa</i> |
| 095 | Jequié | <i>Menopausa</i> |
| 096 | Caetité | <i>Menopausa</i> |
| 097 | Carinhanha | <i>Menopausa</i> |
| 098 | Vitoria da Conquista | <i>Menopausa</i> |
| 099 | Ilhéus | <i>Sem registro</i> |
| 100 | Itapetinga | <i>Menopausa</i> |
| 101 | Santa Cruz Cabrália | <i>Menopausa</i> |
| 102 | Caravelas | <i>Menopausa</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 48 - Estrutura monolexical questão 122 nas cidades do Sergipe

| Ponto | Nome da localidade (SE) | Estrutura monolexical |
|--------------|--------------------------------|------------------------------|
| 078 | Propriá | <i>Menopausa</i> |
| 079 | Aracaju | <i>Menopausa</i> |
| 080 | Estância | <i>Menopausa</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 49 – Estrutura monolexical questão 122 nas cidades de Alagoas

| Ponto | Nome da localidade (AL) | Estrutura monolexical |
|--------------|--------------------------------|------------------------------|
| 074 | União dos Palmares | <i>Sem registro</i> |
| 075 | Santana de Ipanema | <i>Menopausa</i> |
| 076 | Arapiraca | <i>Menopausa</i> |
| 077 | Maceió | <i>Menopausa</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 50 - Estrutura monolexical questão 122 nas cidades de Pernambuco

| Ponto | Nome da localidade (PE) | Estrutura monolexical |
|--------------|--------------------------------|------------------------------|
| 062 | Exu | <i>Menopausa</i> |
| 063 | Salgueiro | <i>Menopausa</i> |
| 064 | Limoeiro | <i>Menopausa</i> |
| 065 | Olinda | <i>Menopausa</i> |
| 066 | Afrânio | <i>Menopausa</i> |
| 067 | Cabrobó | <i>Menopausa</i> |
| 068 | Arcoverde | <i>Menopausa</i> |

| | | |
|------------|------------------|------------------|
| 069 | Caruaru | <i>Menopausa</i> |
| 070 | Recife | <i>Menopausa</i> |
| 071 | Floresta | <i>Menopausa</i> |
| 072 | Garanhuns | <i>Menopausa</i> |
| 073 | Petrolina | <i>Menopausa</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 51 – Estrutura monolexical questão 122 nas cidades da Paraíba

| Ponto | Nome da localidade (PB) | Estrutura monolexical |
|--------------|--------------------------------|------------------------------|
| 056 | Cuité | <i>Menopausa</i> |
| 057 | Cajazeiras | <i>Sem registro</i> |
| 058 | Itaporanga | <i>Menopausa</i> |
| 059 | Patos | <i>Menopausa</i> |
| 060 | Campina Grande | <i>Menopausa</i> |
| 061 | Joao Pessoa | <i>Menopausa</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 52 - Estrutura monolexical questão 122 nas cidades do Rio Grande do Norte

| Ponto | Nome da localidade (RN) | Estrutura monolexical |
|--------------|--------------------------------|------------------------------|
| 051 | Mossoró | <i>Menopausa</i> |
| 052 | Angicos | <i>Menopausa</i> |
| 053 | Natal | <i>Menopausa</i> |
| 054 | Pau dos Ferros | <i>Menopausa</i> |
| 055 | Caicó | <i>Menopausa</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 53 - Estrutura monolexical questão 122 nas cidades do Ceará

| Ponto | Nome da localidade (CE) | Estrutura monolexical |
|--------------|--------------------------------|------------------------------|
| 039 | Camocim | <i>Menopausa</i> |
| 040 | Sobral | <i>Menopausa</i> |
| 041 | Fortaleza | <i>Menopausa</i> |
| 042 | Ipu | <i>Sem registro</i> |
| 043 | Canindé | <i>Menopausa</i> |
| 044 | Cratús | <i>Sem registro</i> |
| 045 | Quixeramobim | <i>Sem registro</i> |
| 046 | Russas | <i>Menopausa</i> |
| 047 | Limoeiro do Norte | <i>Sem registro</i> |
| 048 | Tauá | <i>Sem registro</i> |
| 049 | Iguatu | <i>Menopausa</i> |
| 050 | Crato | <i>Menopausa</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 54 - Estrutura monolexical questão 122 nas cidades do Piauí

| Ponto | Nome da localidade (PI) | Estrutura monolexical |
|--------------|--------------------------------|------------------------------|
| 034 | Teresina | <i>Menopausa</i> |
| 035 | Piripiri | <i>Sem registro</i> |
| 036 | Picos | <i>Menopausa</i> |
| 037 | Canto Buriti | <i>Sem registro</i> |
| 038 | Corrente | <i>Menopausa</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 55 - Estrutura monolexical questão 122 nas cidades do Maranhão

| Ponto | Nome da localidade (MA) | Estrutura monolexical |
|-------|-------------------------|-----------------------|
| 025 | Turiaçu | <i>Menopausa</i> |
| 026 | São Luís | <i>Menopausa</i> |
| 027 | Brejo | <i>Menopausa</i> |
| 028 | Bacabal | <i>Menopausa</i> |
| 029 | Imperatriz | <i>Menopausa</i> |
| 030 | Tuntum | <i>Sem registro</i> |
| 031 | São João dos Patos | <i>Sem registro</i> |
| 032 | Balsas | <i>Menopausa</i> |
| 033 | Alto Parnaíba | <i>Menopausa</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

O estudo segue com o QSL 122 – *entrar na menopausa* como fraseologismos. A Tabela 8 segue com o percentual das unidades lexicais (fraseologismos) para *numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher _____ as* – localidades.

Tabela 8 – Percentual dos fraseologismos) para designar a fase que se caracteriza pelo final da menstruação *numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher _____ as* - localidades

| Fraseologismos | Total de localidades | Percentual |
|--------------------------|-----------------------------|-------------------|
| <i>Amarrar o facão</i> | 20 | 26% |
| <i>Virar homem</i> | 7 | 9% |
| <i>Ficar macho fêmea</i> | 1 | 1,2% |
| <i>Acabar o fogo</i> | 1 | 1,2% |
| <i>Pendurar bezerro</i> | 1 | 1,2% |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

De acordo com a análise, percebe-se que *amarrar o facão* é o fraseologismo mais falado na região, seguindo o QSL 122 - *entrar na menopausa*. *Amarrar o facão* é encontrado na fala de informantes da Bahia, mais especificadamente nas cidades: *Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Jacobina, Barreiras, Itaberaba, Santana, Salvador, Caetité, Carinhanha, Ilhéus, Caravelas*.

Em *Amarrar o facão*, também, é encontrado em Sergipe, na cidade do interior: *Estância*. Pernambuco, nas cidades de *Afrânio e Petrolina*. No Piauí, nas cidades do interior: *Canto do Buriti e Corrente*. E, no Maranhão, nas cidades: *Imperatriz, São João dos Patos e Alto Parnaíba*. *Amarrar o facão* não esteve presente na fala dos informantes dos Estados de Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

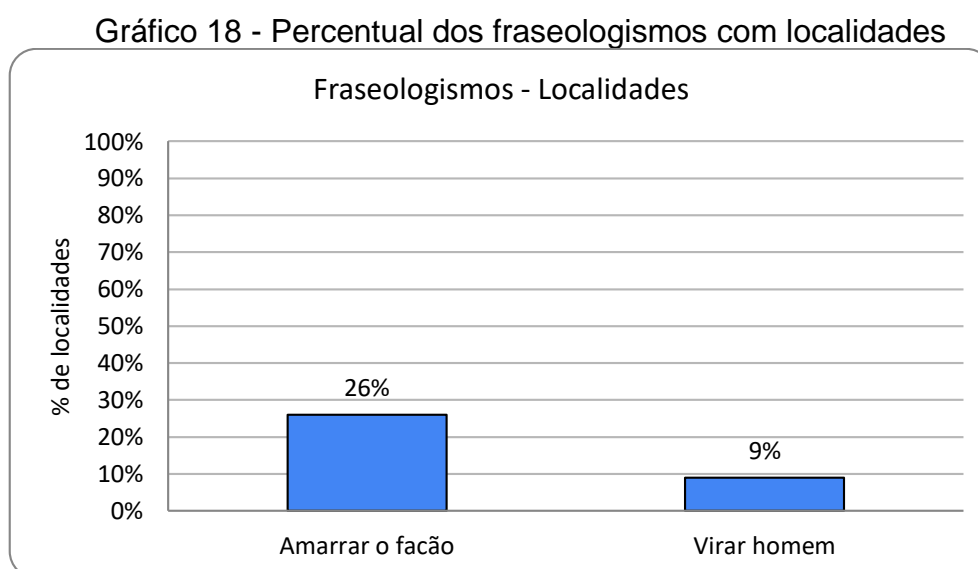
O fraseologismo *virar homem* está na Bahia encontrado em Alagoinhas. Na Paraíba, encontrado em *Patos*. No Rio Grande do Norte, nas cidades do interior de *Angicos e Caicó*. *Virar homem* é encontrado no Ceará, nas cidades do interior de *Canindé, Limoeiro do Norte e Tauá*.

E os fraseologismos como respostas únicas: *Ficar macho fêmea* (*União dos Palmares – AL*), *acabar o fogo* (*Mossoró – RN*), *pendurar bezerro* (*Propriá – SE*).

Para a pesquisa, os fraseologismos que acontecem apenas em um Estado dentro das cidades do interior, têm grande valia para a análise, pois demonstram a realidade linguística, por vezes, juntamente com a cultura de cada povo ao falar uma estrutura polilexical. A carga cultural é percebida e destacada pela riqueza de fraseologismos encontrados em diferentes cidades.

O Gráfico 18 demonstra o percentual das localidades com análise do QSL 122 – *entrar na menopausa*. De 78 localidades, percebe-se que o de maior ocorrência é: *amarrar o facão* com 26% em 20 localidades das 78 estudadas. *Virar homem* com 9% em sete localidades.

Com as respostas obtidas, de acordo com a pergunta da questão 122 do *corpus* Projeto ALiB, é produzida uma carta linguística com os fraseologismos da *questão 122* mais produtivos por localidades na Região Nordeste do Brasil. Na Carta III, percebe-se que existe mais de uma unidade lexical por localidade na Região Nordeste do Brasil. A elaboração da Carta é feita a partir dos fraseologismos mais produtivos e acima de 9% de percentual.



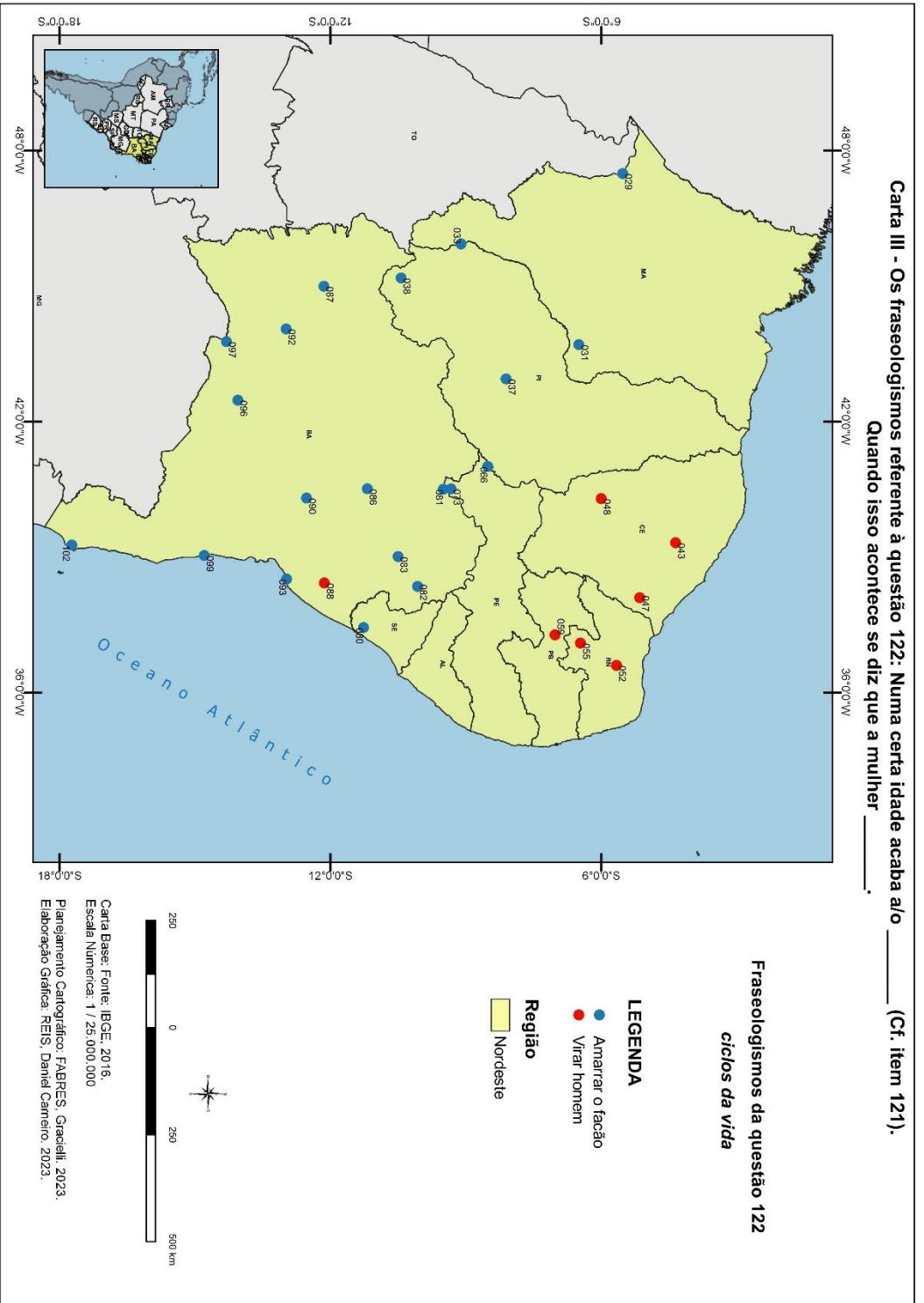
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

A seguir, os resultados dos fraseologismos cartografados e o entendimento sobre o que mostram as cartas linguísticas. Na Carta III – Numa certa idade acaba a/o _____. (cf. item 121). Quando isso acontece, se diz que a mulher _____.

A Carta III apresenta:

- (i) *Amarrar o facão* tem maior frequência de percentual, como também, maior amplitude geográfica ao se relacionar com o fraseologismo *virar homem*. Está presente em cinco Estados da Região Nordeste do Brasil – Bahia, Sergipe, Pernambuco, Piauí, e Maranhão.
- (ii) *Virar homem* tem menor frequência no percentual e tem menor amplitude geográfica na Região Nordeste do Brasil. Está presente em quatro Estados, a saber: Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará.

Carta III - Os fraseologismos referente à questão 122: Numa certa idade acaba a/o _____ (Cf. item 121).
Quando isso acontece se diz que a mulher _____.



A seguir, os Quadros 56 ao 64, para maior conhecimento apresentam-se os fraseologismos, de primeira resposta, encontrados na fala dos informantes das cidades – de acordo com a rede de pontos do Projeto ALiB - da Região Nordeste do Brasil.

Quadro 56 – Fraseologismos questão 122 nas cidades da Bahia

| Ponto | Nome da localidade (BA) | Fraseologismos |
|--------------|--------------------------------|-------------------------|
| 081 | Juazeiro | <i>Amarrar o facão</i> |
| 082 | Jeremoabo | <i>Amarrar o facão</i> |
| 083 | Euclides da Cunha | <i>Amarrar o facão</i> |
| 084 | Barra | ----- |
| 085 | Irece | ----- |
| 086 | Jacobina | <i>Amarrar o facão,</i> |
| 087 | Barreiras | <i>Amarrar o facão</i> |
| 088 | Alagoinhas | <i>Virar homem</i> |
| 089 | Seabra | ----- |
| 090 | Itaberaba | <i>Amarrar o facão</i> |
| 091 | Santo Amaro | ----- |
| 092 | Santana | <i>Amarrar o facão</i> |
| 093 | Salvador | <i>Amarrar o facão</i> |
| 094 | Valença | ----- |
| 095 | Jequié | ----- |
| 096 | Caetité | <i>Amarrar o facão</i> |
| 097 | Carinhanha | <i>Amarrar o facão</i> |
| 098 | Vitoria da Conquista | ----- |
| 099 | Ilhéus | <i>Amarrar o facão</i> |
| 100 | Itapetinga | ----- |
| 101 | Santa Cruz Cabrália | ----- |
| 102 | Caravelas | <i>Amarrar o facão</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 57 - Fraseologismos questão 122 nas cidades de Sergipe

| Ponto | Nome da localidade (SE) | Fraseologismos |
|--------------|--------------------------------|-------------------------|
| 078 | Propriá | <i>Pendurar bezerro</i> |
| 079 | Aracaju | ----- |
| 080 | Estância | <i>Amarrar o facão</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 58 - Fraseologismos questão 122 nas cidades de Alagoas

| Ponto | Nome da localidade (AL) | Fraseologismos |
|--------------|--------------------------------|--------------------------|
| 074 | União dos Palmares | <i>Ficar macho fêmea</i> |
| 075 | Santana de Ipanema | ----- |
| 076 | Arapiraca | ----- |
| 077 | Maceió | ----- |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 59 - Fraseologismos questão 122 nas cidades de Pernambuco

| Ponto | Nome da localidade (PE) | Fraseologismos |
|-------|-------------------------|------------------------|
| 062 | Exu | ----- |
| 063 | Salgueiro | ----- |
| 064 | Limoeiro | ----- |
| 065 | Olinda | ----- |
| 066 | Afrânio | <i>Amarrar o facão</i> |
| 067 | Cabrobó | ----- |
| 068 | Arcoverde | ----- |
| 069 | Caruaru | ----- |
| 070 | Recife | ----- |
| 071 | Floresta | ----- |
| 072 | Garanhuns | ----- |
| 073 | Petrolina | <i>Amarrar o facão</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 60 - Fraseologismos questão 122 nas cidades da Paraíba

| Ponto | Nome da localidade (PB) | Fraseologismos |
|-------|-------------------------|--------------------|
| 056 | Cuité | ----- |
| 057 | Cajazeiras | ----- |
| 058 | Itaporanga | ----- |
| 059 | Patos | <i>Virar homem</i> |
| 060 | Campina Grande | ----- |
| 061 | João Pessoa | ----- |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 61 - Fraseologismos questão 122 nas cidades do Rio Grande do Norte

| Ponto | Nome da localidade (RN) | Fraseologismos |
|-------|-------------------------|----------------------|
| 051 | Mossoró | <i>Acabar o fogo</i> |
| 052 | Angicos | <i>Virar homem</i> |
| 053 | Natal | ----- |
| 054 | Pau dos Ferros | ----- |
| 055 | Caicó | <i>Virar homem</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 62 - Fraseologismos questão 122 nas cidades do Ceará

| Ponto | Nome da localidade (CE) | Fraseologismos |
|-------|-------------------------|--------------------|
| 039 | Camocim | ----- |
| 040 | Sobral | ----- |
| 041 | Fortaleza | ----- |
| 042 | Ipu | ----- |
| 043 | Canindé | <i>Virar homem</i> |
| 044 | Cratéis | ----- |
| 045 | Quixeramobim | ----- |
| 046 | Russas | ----- |
| 047 | Limoeiro do Norte | <i>Virar homem</i> |
| 048 | Tauá | <i>Virar homem</i> |
| 049 | Iguatu | ----- |
| 050 | Crato | ----- |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 63 - Fraseologismos questão 122 nas cidades do Piauí

| Ponto | Nome da localidade (PI) | Fraseologismos |
|--------------|--------------------------------|------------------------|
| 034 | Teresina | ----- |
| 035 | Piripiri | ----- |
| 036 | Picos | ----- |
| 037 | Canto Buriti | <i>Amarrar o facão</i> |
| 038 | Corrente | <i>Amarrar o facão</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria

Quadro 64 - Fraseologismos questão 122 nas cidades do Maranhão

| Ponto | Nome da localidade (MA) | Fraseologismos |
|--------------|--------------------------------|------------------------|
| 025 | Turiaçu | ----- |
| 026 | São Luís | ----- |
| 027 | Brejo | ----- |
| 028 | Bacabal | ----- |
| 029 | Imperatriz | <i>Amarrar o facão</i> |
| 030 | Tuntum | ----- |
| 031 | São João dos Patos | <i>Amarrar o facão</i> |
| 032 | Balsas | ----- |
| 033 | Alto Parnaíba | <i>Amarrar o facão</i> |

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB. Autoria própria



Agradeça mais! Suba as escadas. Honre você.
Respeite você. Não reclame! Ultrapasse os
desafios. Isso se chama: viver!

Gracielli Fabres

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar a tese teve como objetivo investigar, sob a perspectiva da variação diatópica, a realidade linguística nas 78 localidades da Região Nordeste do Brasil, de acordo com os dados delimitados pelo Projeto ALiB, referentes à área temática *ciclos da vida*. A pesquisa seguiu a metodologia da Geolinguística Pluridimensional Contemporânea, com o intuito de contribuir para um melhor reconhecimento da realidade linguística. Foram levantados os dados da área semântica *ciclos da vida*, pertencente ao Questionário Semântico Lexical do Projeto ALiB.

A partir de todo estudo acerca do *corpus*, foram analisadas as ocorrências das falas de 348 informantes nascidos nas 78 cidades referentes ao *corpus* do Projeto ALiB, da Região Nordeste do Brasil. De acordo com as análises realizadas, percebeu-se que as estruturas monolexicais e as estruturas polilexicais estiveram presentes na fala dos informantes com frequências diferentes, conforme o sexo, faixa etária, escolaridade dos falantes, e que existiu a interferência do *tabu linguístico* nas respostas adquiridas.

Observando as dificuldades encontradas acerca dos fenômenos linguísticos dentro do tema *as mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? e numa certa idade acaba a/o _____*. (cf. item 121). *Quando isso acontece se diz que a mulher....*, em grande parte pelo envolvimento dos sentimentos de vergonha e timidez, percebeu-se, assim, a importância de seguir com as escolhas, apresentar e afirmar os segmentos teórico e metodológico que proporcionaram as interpretações que foram alcançadas.

A hipótese inicial foi concluída de forma positiva, pois, sim, existiu a fixidez com os fraseologismos que formaram um conjunto de expressões peculiares de uma língua, grupo, época, atividade ou indivíduo. A pesquisa buscou analisar se a fixidez em estruturas polilexicais, como *amarrar o facão*, *estar de boi* existiriam dentro do contexto de estudo. Sendo os fraseologismos mais produtivos da questão 121: *estar de boi*, *estar menstruada*, *estar de bode*, *estar doente*, *estar naqueles dias e ciclo menstrual*.

Também abordou-se o ponto desafiador da pesquisa em meio à pandemia do coronavírus, que afetou a disponibilidade de recursos e espaços acadêmicos. Ao mesmo tempo, destacou-se como o laboratório de audição foi adaptado em casa, assim como as bibliotecas virtuais. Na etapa de audição, constatou-se o grau de

importância, em verdade, que tiveram os áudios dos inquiridos do Projeto ALiB. Foi possível perceber todo o contexto que contribuiu extremamente para diagnosticar a visão dos informantes sobre os temas, com os *tabus linguísticos* sendo reconhecidos pelas *palavras-tabus* e eufemismos.

Um outro ponto a mencionar, como um “certo obstáculo”, configurou-se nas buscas pelos conhecimentos científicos acerca da *menstruação e menopausa* diante da visão teórica da medicina. Neste ponto, a tese objetivou estimular reflexões sobre a incorporação de disciplinas linguísticas em várias áreas, como é o caso da medicina. Dessa maneira, ao introduzir disciplinas de Linguística no currículo dos cursos na área de saúde, seria viável promover o reconhecimento das unidades lexicais tanto pelo profissional quanto pelo paciente.

Na pesquisa, o léxico se mostrou como “uma testemunha” dos conhecimentos que, cada indivíduo carregou consigo, com sua história de vida. As unidades lexicais encontradas se portaram, realmente, como um resultado dos conhecimentos adquiridos com o tempo por cada pessoa. As contribuições do léxico para a pesquisa foram múltiplas e abrangentes, revelaram-se através dos conjuntos de vocábulos que atuam como representações do patrimônio sociocultural de cada comunidade.

Nesse contexto, a Lexicologia assumiu um papel crucial. Ao investigar os elementos lexicais de uma língua, desvendou-se não apenas o significado superficial das palavras, mas também as matizes culturais, históricas e sociais que estiveram intrinsecamente entrelaçados com o léxico. A Fraseologia, sendo também objeto de estudo linguístico, conseguiu tornar-se uma realidade que despertou cada vez mais interesse em vários âmbitos da ciência da linguagem, como se demonstrou na tese, com os fraseologismos encontrados ao longo da investigação.

Foram observados que, nem sempre, se conseguiu mostrar soluções totalmente claras; porém, ao trabalhar e investigar com língua e cultura, foi praticamente impossível mencionar a palavra “exatidão” em contextos linguísticos, pois a ciência trouxe um grau de extensão de entendimentos. Ou seja, lidou-se com uma ciência humana e não com a ciência exata.

De acordo com a questão proposta pela pesquisa, percebeu-se que, sim, existiu uma diversidade de unidades lexicais nas áreas específicas, tanto monolexicais quanto polilexicais, como defendido nesta tese. O ponto que esteve em evidência foi, sem dúvida, perceber que existiram variantes da questão 121 e 122 do QSL – Semântico Lexical *ciclos da vida*, mesmo dando entendimento sobre as

questões que envolveram os *tabus*, sendo distribuídas por toda Região Nordeste do Brasil.

As estruturas monolexicais obtidas como respostas à questão 121 mais produtivos foram: *menstruação, boi, regra, bode*. As estruturas polilexicais mais produtivos foram: *estar de boi, estar menstruada, estar de bode, estar doente, estar naqueles dias e ciclo menstrual*. A única estrutura monolexical obtida como resposta à questão 122 foi: *menopausa*. Já com as estruturas polilexicais houve as mais produtivas que foram: *amarrar o facão e virar homem*. Outra questão que possibilitou indagações referiu-se ao *tabu linguístico*.

De acordo com os dados coletados e, principalmente, com o trabalho de audição dos inquiridos do Projeto ALiB, referente ao QSL *ciclos da vida*, ficou claro que, sim, existiu a interferência do *tabu* no uso e seleção lexical. Percebeu-se o não se permitir pronunciar palavras que deduziriam alguns constrangimentos.

Foi possível perceber que algumas unidades lexicais foram marcantes, identificando a influência do *tabu*, como: *boi, estar de boi, bode e estar de bode*. As unidades lexicais *boi* e *estar de boi* referiram-se ao comportamento do animal ao contexto, relacionando-o à mulher no período menstrual, que modificou seu comportamento, tornando-a mais inquieta no processo. Mantendo o foco nas unidades *bode e estar de bode*, abordou-se também as questões relacionadas ao cheiro do animal e ao cheiro que foi exalado durante o período menstrual, considerando o contexto de pejoratividade presente na pesquisa.

E, com isso, a observação e a análise que trouxeram as formas eufêmicas que fizeram parte das respostas às questões 121 e 122 da pesquisa. Deixando clara a importância de observar a variação diagenérica com as unidades lexicais e a prevalência ou não do uso das estruturas monolexicais e as estruturas polilexicais ao longo do tempo.

A etapa da pesquisa lexicográfica nos dicionários de Língua Portuguesa - *Moraes Silva (1789), Houaiss (2009) e Aulete (2014)* - permitiu reconhecer as contribuições que as obras trouxeram para o estudo. Por vezes, em uma análise geral, os dicionários permitiram reconhecer unidades lexicais dicionarizadas. Na tese, perpassou com nitidez os fraseologismos que fizeram parte totalmente do cunho cultural, sem a intenção da decodificação regionalista. Com esse percurso, surgiu a necessidade de, cada vez mais, ter produções lexicográficas que contemplam os fraseologismos, podendo ser um primeiro passo com essa tese para uma construção

futura de Dicionários Fraseológicos Regionais do Brasil, contendo a relevante contribuição da Dialetologia.

No âmbito da Sociolinguística, houve a contribuição na análise das variáveis sociais, mostrando conclusões acerca das análises estatísticas. Nas análises das unidades lexicais obtidas como resposta à questão 121, configuraram-se informantes da faixa I e faixa II que usaram as estruturas monolexicais: *menstruação*, *boi*, *regras* e *bode*. Já na análise acerca dos fraseologismos (polilexicais), os informantes da faixa II usaram mais: *estar de boi*, *estar menstruada*, *estar de bode*, *estar doente*, *estar naqueles dias* e *ciclo menstrual*.

Ainda na perspectiva das respostas obtidas à questão 121, os informantes homens fizeram mais uso das estruturas monolexicais, enquanto as mulheres fizeram mais uso dos fraseologismos. Com relação à variável escolaridade, apenas nas capitais, percebeu-se que os informantes de nível fundamental usaram mais as estruturas monolexicais, assim como os fraseologismos.

Alguns pontos foram observados para as respostas à questão 121 e, com isso, verificou-se a ideia de que a estrutura monolexical *menstruação* demonstrou ser uma estrutura “mais moderna”. Até por vezes, foi definida pelos próprios informantes do *corpus*, sendo utilizada mais na contemporaneidade. E com a estrutura monolexical - *regra* – foi mais utilizada pelos mais idosos, demonstrando o arcaísmo e, talvez, o desuso com o passar do tempo.

Com as unidades lexicais referentes às respostas obtidas à questão 122, constatou-se que os informantes da faixa II fizeram mais uso tanto da estrutura monolexical quanto dos fraseologismos. Com relação à variação de sexo, percebeu-se que as mulheres fizeram mais uso da estrutura monolexical - *menopausa*, como também fizeram mais uso dos fraseologismos. Esses resultados sugeriram que os fraseologismos poderiam servir como escolhas linguísticas eufêmicas para as mulheres ao abordarem assuntos associados à menopausa, provavelmente devido à carga de *tabu* que esteve associada a essa fase da vida.

E, quanto à variação escolaridade vista apenas com as capitais, compreendeu-se que os informantes de nível universitário fizeram mais uso da estrutura monolexical *menopausa*, enquanto com os fraseologismos, percebeu-se mais uso entre os de nível fundamental.

Alguns pontos também foram observados respostas à questão 122, ao perceber que as mulheres fizeram mais o uso das estruturas monolexicais e dos

fraseologismos. Pode-se pensar na ideia de que os homens não fizeram uso dos fraseologismos – *amarrar o facão, virar homem*, – nem da estrutura monolexical – *menopausa* – devido à falta do reconhecimento da unidade lexical. Ou, até mesmo, teve-se a ideia de que os homens não conhecem sobre o ciclo da *menopausa* e também a ideia de que não se lembram como pronunciar o nome.

De acordo com o entendimento das cartas linguísticas, afirmou-se que foi possível perceber a diversidade linguística com as variantes registradas e , também, compreender com as áreas dialetais. Na Região Nordeste do Brasil, pôde-se entender que em cada Estado existiu a prevalência de unidades lexicais diferentes ou iguais, mostrando uma riqueza linguística.

Com isso, concluiu-se que, a partir da análise, da descrição, da interpretação e também do mapeamento das unidades lexicais de acordo com os *ciclos da vida*, entendeu-se que foi possível estudar os dados, observando, assim, a diversidade de estruturas monolexicais e fraseologismos existentes na Região Nordeste.

A interação entre Dialetologia, Lexicologia e Fraseologia desempenhou um papel de suma significância no desenvolvimento desta pesquisa. Como resultado, obteve-se uma perspectiva mais ampla e aprofundada sobre a realidade sociocultural da Região Nordeste do Brasil. A pesquisa dialetológica mostrou dados sobre as variações linguísticas, trazendo reconhecimento ao espaço geográfico brasileiro e sua diversidade linguística.

Em síntese, a sinergia entre Dialetologia, Lexicologia e Fraseologia fortaleceu a base de conhecimento desta pesquisa, permitindo uma análise mais rica e abrangente das nuances linguísticas presentes na Região Nordeste do Brasil. Esse estudo não apenas acrescentou informações ao campo acadêmico, mas também enriqueceu nossa compreensão da diversidade linguística do país.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A Lexicologia e a Teoria dos Campos Lexicais. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro, v.15, n. 5, t. 2, CiFEFiL, p. 1332-1343, 2011.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Linguístico do Paraná – ALPR*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Projeto ALib: uma análise das respostas e das não-respostas de informantes de capitais*. 2008. <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3040/2583>. Acesso em 15 jul 2023.
- ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Z. N. Coleção *Amostras da Língua Falada no Semi-árido Baiano*. Feira de Santana: UEFS/FAPESB, 2008.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: HUCITEC. Secretaria de Ciência e Tecnologia, 1976.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; BEZERRA DE MENEZES, Cleusa P. *Atlas Linguístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq - Coordenação Editorial, 1984.
- ARAGÃO, Maria do Socorro. A fraseologia como marca do léxico regional-popular. In: COSTA, Daniele de Souza Silva; BENÇAL, Dayne Rosane (org.). *Nos Caminhos do Léxico*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2016.
- AULETE, Caldas. Dicionário Aulete digital. 2014. https://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital. Acesso em 08 mar 2019.
- AZEVEDO, Thales de. *Os brasileiros: estudos de “caráter nacional”*. Salvador: Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1981.
- BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. 2 ed. Paris: Klincksieck, 1909.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade*. São Paulo: Global, 1981.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia: Objetos, Métodos, Campos de Atuação e de Cooperação. *Anais XXXIX Seminário do GEL*, Franca, p. 182-189, 1991.
- BARBOSA, M. A. A fraseologia no percurso gerativo de enunciação de codificação: no sistema, nas normas, no falar concreto. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (org.) *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- BENKE, Vanessa Cristina Martins. *Tabus Linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos*. 2012. Dissertação (Mestrado em estudos de linguagens) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

BERENSTEIN, Eliezer. *A inteligência hormonal da mulher: como o ciclo menstrual pode ser aliado, e não inimigo, do equilíbrio feminino*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BESSA, José Rogério Fontenele. (org.). *Atlas linguístico do Estado do Ceará*. Fortaleza: UFC, 2010.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria Linguística (teoria lexical e linguística computacional)*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIZZOCCHI, Aldo Luiz. O papel da tensão entre evolução linguística e nivelamento analógico e suas implicações na estrutura gramatical do português moderno. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v.9, n.1, p. 59-71, 1997.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

BORBA, Francisco da Silva. *Pequeno vocabulário de lingüística moderna*. 2 ed. São Paulo : Nacional, 1978.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Língua e Gramática: referente a língua portuguesa*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CAMBRAIA, César. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. *Revista. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 157-188, jan./jun. 2013.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. 2002. Atlas Linguístico de Sergipe II. Rio de Janeiro: UFRJ. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? *Revista do GELNE - Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*, Fortaleza, ano 4, n. 2, p. 1-16, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Para uma Nova Divisão dos Estudos Dialetais Brasileiros. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. *Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador: quarteto, 2006.

CARDOSO, Suzana Aline Marcelino. Geolingüística e Medicina. In: DA HORA, Dermeval; ALVES, Eliane Ferraz; CRISTIANO, Maria Elizabeth Afonso; ESPÍNHOLA, Lucienne (org.). *Língua(s) e povos: unidade e diversidade*. João Pessoa: Ideia, v. 1, 2006. p. 290-294.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Ed. Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Um Passeio pelo Léxico Rural da Bahia. *In*: COSTA, Daniela de Souza Silva; BENÇAL, Dayane Rosane. *Nos Caminhos do Léxico*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2016.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio Atual. n 56. *Revista Alfa*, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a06v56n3.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2020.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. DIALETOLOGIA. *In*: MOLLICA, M.C; FERRAREZI, Celso (org.) . *Sociolinguística. Sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Ed. Contexto, 2016.

CASARES, Julio. *Introduccion a la lexicografia moderna*. Madrid: RAYCAR, 1992.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *La Dialectologia*. Madrid: Visor Libros SL, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. Disponível em: <https://alib.ufba.br>. Acesso em: 07 jul 2023.

CORREIA, Margarita. Produtividade lexical e ensino da língua. *In*: VALENTE, André C.; PEREIRA, Maria Teresa G. (org). *Língua Portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo: Ed. Parábola, 2011.

CORPAS PASTOR, Gloria. *Manual de fraseologia española*. Madrid: Gredos, 1996.

CORPAS PASTOR, G.; ORTIZ ALVAREZ, M. L. Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Gloria Corpas Pastor. vol.15, n.29. *ReVEL*: 2017. Tradução de Ana Carolina Spinelli. Revisão técnica de Gabriel de Ávila Othero. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 05 jun. 2020.

COSERIU, Eugênio. *La geografía lingüística*. Cuadernos del Instituto Lingüístico Latinoamericano, Montevideo, n. 11, 1965.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. São Paulo: Editora Presença da USP, 1979.

COSERIU, E. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COSTA, Daniela de Souza Silva. Vocabulário dialetal do Centro-Oeste: interfaces entre a Lexicografia e a Dialectologia. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da

Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Londrina, Paraná.

COSTA, Geisa Borges da. *Denominações para “diabo” nas capitais brasileiras: um estudo geossociolinguístico com base no Atlas Linguístico do Brasil*. 2016. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, Bahia.

COUTINHO, Elsimar. *Menstruação, a sangria inútil: uma análise da contribuição da menstruação para as dores e os sofrimentos da mulher*. São Paulo: Gente, 1996.

DIÉGUES, Manuel, Jr. *Regiões Culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: inep mec rj, 1960
Diccionario de la Lengua Española. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Disponível em: <https://dle.rae.es/>. Acesso em: 09 dez. 2020.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário; PASSINI, José; GAIO, Antônio. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais – EALMG*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

FAFINA, Danilo Mussa. *Tabu linguístico no português falado no Maranhão, na Bahia e em Guiné-Bissau*. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, Bahia.

FARIAS, Katriana Jacaúna. Sociolinguística e dialetologia amazônica/amazônida: considerações sobre linguagem, cultura, sociedade e educação. *Revista Eletrônica Língua Viva*. v. 1. n. 1. 2011.

FAULSTICH, Enilde. *Lexicologia a Linguagem do Noticiário Policial*. São Paulo: 1980.

FAULSTICH, Enilde. Variação em terminologia. Aspectos da socioterminologia. In: RAMOS, Gloria Guerrero; LAGOS, Manuel Fernando Pérez (org.). *Panorama actual de la terminologia*. Granada: Ed. Comares, 2002.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Candida Trindade Costa de. (org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e lexicon informática, 1999, CD-ROM, Versão 3.0.

FERREIRA, Carlota; FREITAS Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia - Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *A Dialetologia no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota. A geografia lingüística no Brasil. In: D.E.L.T.A *Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo, v. 11, n 2, 1995. p. 255-277

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Tradução: Claudia Fonseca. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONZÁLEZ REY, M^a. De la didáctica de la fraseología a la fraseodidáctica.2012. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4434556&orden=418245&info=link>. Acesso em: 06 jul.2023.

GROSS, M. *Les bases empiriques de la notion de prédicat sémantique*. Langages. Paris: Larousse, 1982.

GROSS, G. *Les expressions figées en français. Noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys, 1986.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Tabus Linguísticos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1956.

GURILLO, Ruiz L. *Aspectos da fraseologia teórica española*. Valencia: Valencia Universitat, 1997.

HENRIQUES, Claudio Cezar. Lexicologia Aplicada: algumas contribuições didáticas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lidia Almeida. (org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades. Disponível em: < <http://www.cidades.ibge.gov.br> >. Acesso em: 03 out. 2020.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Atlas regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A geolingüística no Brasil – trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Uduel, 2005.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Projetos ALMS e ALiMAT: rede de pontos e história social de Mato Grosso. In: ISQUERDO, A. N. (org.). *Estudos geolingüísticos e dialetais sobre o português: Brasil - Portugal*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

JAEGER, Ana Cristina. O léxico em perspectiva – uma agenda de trajetórias a percorrer. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lidia Almeida. (org.). *O léxico em foco: múltiplos olhares*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LIBBEN, G. Disorders of lexis. In: STEMMER, B.; WHITAKER, H. A. (Ed.). *Handbook of the Neuropsychology of Language*. New York: Elsevier, 2008.

LYONS, J. *Semantics*. 2 ed. Nova York: Cambridge University Press, 1977.

LYONS, John. *Introdução a Linguística Teórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário S.; ALTENHOFEN, Cléo V. *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil - ALERS*. Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba: UFRGS/ UFSC/UFPR, 2002.

MARENGO, Sandro Marcio Drumond Alves. *Variações terminológicas e diacronia [manuscrito]: estudo léxico-social de documentos manuscritos militares dos séculos XVIII e XIX*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais.

MARROQUIM, Mario. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1945 [1934].

MATORÉ, G. *La méthode en lexicologie: domaine français*. 2 ed. Paris: Didier, 1953. [1973].

MATORÉ, G. *La lexicologie sociale. L'Information Littéraire*. Paris: 1949.

MEJRI, Salah. *Le figement lexical. Descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Tunísia: Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.

MEJRI, Salah. Phraséologie et traduction des textes spécialisés. In: MEJRI, Salah (org.). *Fraseología constrativa, lexicografía, traducción y análisis de corpus*. España: Universidad de Alicante, 2011.

MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. (org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. São Paulo: Pontes, 2012.

MORAES SILVA, Antonio de. Dicionário da Língua Portuguesa. Composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, 1789. Disponível em: [http:// digital.bbm.usp.br](http://digital.bbm.usp.br). Acesso em: 08 mar. 2019.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma Nova Divisão dos Estudos Dialetais Brasileiros. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino MOTA; Jacyra Andrade (org.). *Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil*. Salvador: quarteto, 2006.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. *Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna (volume I)*. E-book. Fortaleza: Imprensa Universitária,

2014. 309 p. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10310>. Acesso em: 06 jul. 2023.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2.ed. Completamente refundida Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de (org.). *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UFMS, 2007.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de.; ISQUERDO, Aparecida Negri. (org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campos Grande: Ed. UFMS, 1998.

OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de.; ISQUERDO, Aparecida N. (org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luiza. Uma reunião da teoria e da pesquisa fraseológicas. In: ORTIZ - ALVAREZ, Maria Luiza; UNTERBAUMEN, Huelva Enrique. *Uma reunião da teoria e da pesquisa fraseológicas*. São Paulo: Ed. Pontes, 2011.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e Paremiologia*. Campinas: Pontes, 2012.

PAIM, Marcela Moura Torres. Identidade social e variação em Salvador. In: LOPES, Norma da Silva; BULHÕES, Ligia Pellon de Lima; PARCERO, Lucia Maria de Jesus. (org.). *Salvador, sob o olhar da Sociolinguística*. Feira de Santana: UEFS, 2013.

PAIM, Marcela Moura Torres. *Nas Trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística*. Salvador: Quarteto, 2018.

PAIM, Marcela Moura Torres. *Tudo é diverso no universo*. Salvador: Quarteto, 2019.

PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO Silvana Soares Costa. *Contribuições do Projeto Atlas Linguístico do Brasil para a metodologia da pesquisa geolinguística: o papel do inquiridor*. 2018. <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/29789/23647>. Acesso em: 22 ago. 2023.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e a semântica lexical: noções fundamentais*. Tradutora: Abreu, Pereira de. São Paulo: Contexto, 2018.

POTTIER, Bernard. *Linguistique Générale*. Paris: Editions Klincksieck, 1974.

POP, Sever. *La Dialectologie. Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistique*. Louvain: Chez l'Auteur, Gembloux, Duculot, 1950.

RAZKY, Abdelhak. (org.) *Atlas linguístico sonoro do Pará*. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CD ROOM.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. R.; SANCHES, R. D. *Atlas linguístico do Amapá*. São Paulo: Labrador, 2017.

REY-DEBOVE, Josette. Lexique et dictionnaire. In: POTTIER, Bernard (org.). *Le Langage*. Paris: Retz, 1977.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: A formação e o sentido de Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *Brinquedos e Brincadeiras Infantis na Área do Falar Baiano*. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, Bahia.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário; PASSINI, José; GAIO, Antônio. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais – EALMG*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROSSI, Nelson; ISENSEE, Dinah; FERREIRA, Carlota. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

ROSSI, Nelson. *A Dialectologia*. Marília: ALFA, 1967.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SFAR, Inès. *Le Défigement: Procédés et Classements*. Paris: Slides, 2015. 49 slides, colorido.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística. Teoría y análisis*. Madri: Alhambra, 1988.

SILVA, Greize Alves de.; ROMANO, Valter Pereira. *O Atlas Linguístico do Brasil e os atlas de pequeno domínio: complementações e propósitos*. 2022. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/tendencias-da-geolinguistica-brasileira-e-a-nova-geracao-de-atlas-linguisticos/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

TELES, Ana Regina Ferreira. 2018. *Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes*. 2018. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Bahia, Salvador.

THUN, Harald. Introduction a la table ronde. In: *Congres International de Linguistique et de Philologie Romanes*, 22, 1998, Bruxelas. Actes, vol 3. *Vivacité et diversité de la variation linguistique*. Tubingen: Niemeyer, 2000, p. 407 – 409.

THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. (org.) *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

ZULUAGA, A. *La fijación fraseológica*. Thesaurus: 1975.

ZULUAGA, A. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt: Peter D. Lang, 1980.

ANEXO A – MANUAL DE ORIENTAÇÃO À SAÚDE DA MULHER

Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM, da Universidade Federal da Bahia. Disponível em:

<http://www.neim.ufba.br/wp/wpcontent/uploads/2013/11/sausedamulher.pdf>

MANUAL DE ORIENTAÇÃO À SAÚDE DA MULHER

Edição:

Programa de Assessoria em Gênero
NEIM/REDOR

Elaboração do texto:

Ana Alice Costa

Colaboração:

Elizete Passos

Ilustração:

Mario Brito (Marú)

Fotolito e Impressão:

Envelope & Cia

Layout:

Fast Desing (Ricardo Tosta Júnior
e João Silva Almeida)

Esta cartilha é parte do trabalho desenvolvido com o enfoque de gênero pelo Projeto de Desenvolvimento Comunitário do Rio Gavião – **Pró-Gavião**, sob a responsabilidade da equipe do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM, **da Universidade Federal da Bahia**, em convênio com a Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero - REDOR

**Se tiver alguma dúvida sobre o conteúdo desta cartilha,
entre em contato com o Pró-Gavião nos endereços:**

- Jânio Quadros, Mactinga e Guajerú
Av. Ladyslau Klener, nº 146
Presidente Jânio Quadros
- Tremedal e Belo Campo
Av. Joaquim Gonçalves, nº 108
Tremedal
- Anagé e Caraíbas
- Licínio de Almeida, Mortugaba e Jacaraci
Av. Antônio Carlos Magalhães, s/n
EFA Licínio de Almeida
- Condeúba, Cordeiros Pirapá
Praça Jovino Acênio, s/n Secretaria de
Comunicação Municipal - Condeúba

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| Apresentação | 05 |
| A mulher e os ciclos reprodutivos | 07 |
| A menstruação..... | 08 |
| O aparelho reprodutor..... | 10 |
| Planejamento familiar | 10 |
| Os métodos anticoncepcionais | 11 |
| A camisinha masculina..... | 11 |
| Dispositivo intra-uterino..... | 12 |
| Pílula anticoncepcional..... | 13 |
| Laqueadura..... | 14 |
| Vasectomia..... | 15 |
| Anticoncepcional injetável..... | 15 |
| Pílula do dia seguinte..... | 16 |
| Diafragma..... | 16 |
| Tabelinha..... | 17 |
| Geléias espermicidas..... | 18 |
| Gravidez | 19 |
| Gravidez na adolescência | 20 |
| O parto | 21 |
| A internação..... | 23 |
| A chegada do momento do parto..... | 24 |
| Menopausa | 26 |
| Menopausa não é doença..... | 26 |
| Menopausa é tempo de mudanças..... | 29 |

| | |
|---|-----------|
| Principais doenças femininas..... | 32 |
| O câncer de útero..... | 32 |
| O câncer de mama..... | 35 |
| As doenças sexualmente transmissíveis..... | 37 |
| Candidíase..... | 38 |
| Tricomoníase..... | 38 |
| Gonorréia..... | 38 |
| Sífilis..... | 39 |
| A mais perigosa é a AIDS..... | 40 |
| Corrimento..... | 40 |
| Cistites..... | 41 |
| Medidas de higiene e prevenção..... | 41 |
| Aids: a doença mais perigosa..... | 42 |

APRESENTAÇÃO

Aprender sobre nosso corpo e seu funcionamento é muito importante para que possamos controlar as doenças e mantê-lo sadio.

Nessa cartilha apresentamos algumas informações básicas sobre o corpo da mulher e sua saúde.

Quando falamos das partes do corpo e das doenças usamos sempre o nome científico, isto é, a forma como os médicos falam, porque sabemos que as mulheres necessitam conhecer esta linguagem para poder entender, ter mais confiança e principalmente ter o conhecimento do que esta acontecendo com seu corpo.

Esta cartilha representa mais uma etapa do trabalho que o Pró-Gavião vem desenvolvendo junto às mulheres da região no sentido de melhorar a sua condição de vida e da sua família.

A MULHER E OS CICLOS REPRODUTIVOS

Na infância nosso corpo ainda não está totalmente formado. Durante a puberdade, quando a menina está se tornando uma moça, passamos da infância para a fase adulta.

Na mulher a puberdade se caracteriza:

- pela diminuição no crescimento dos ossos,
- pelo surgimento dos seios (peitos),
- pelo surgimento de pêlos no ventre e nas axilas
- pelo chegada da menstruação (menarca) e ovulação,
- pelo aumento do desejo sexual, e
- por mudanças emocionais.



A mulher tem um terceiro ciclo, que é o climatério (menopausa), quando a menstruação e a ovulação terminam. Veremos sobre a **menopausa** mais adiante.

A MENSTRUÇÃO

A menstruação começa na metade da puberdade, geralmente entre 11 e 12 anos, ainda que dos 10 até os 18 anos a menina pode ficar menstruada. A menstruação continua até os 49 ou 50 anos, podendo estender-se até os 55 anos. **A menstruação não é doença**; é algo totalmente normal na vida da mulher e pode ser encarada sem restrições: pode (e deve) tomar **banho, lavar a cabeça, comer o que quiser, agir normalmente**.

O ciclo menstrual varia de 20 a 36 dias, sendo que a maioria das mulheres tem um ciclo de 28 dias. Geralmente dura de 4 a 6 dias, podendo em algumas mulheres variar de 2 a 8 dias.

Cada mulher reage de forma distinta quando está menstruada, podendo ocorrer alguns destes sintomas:

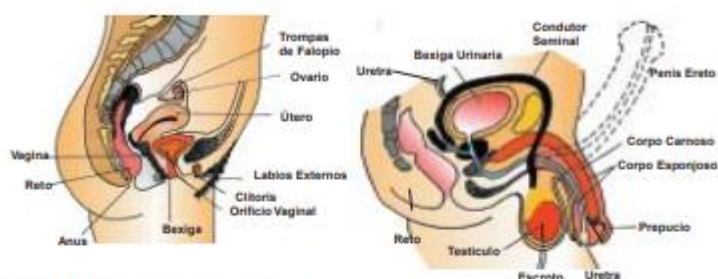
- aumento do desejo sexual;
- dores no abdome (cólicas);
- dores nas pernas;
- dores de cabeça (enxaqueca);
- mal humor/ irritação/depressão;
- dores nos seios.

Esses sintomas são chamados de "síndrome pré-menstrual".

Importante:

Se você tem filhas mulheres, perto da puberdade, procure prepará-las para a chegada da menstruação. Explique que é algo normal na vida das mulheres: que não é doença. Fale da importância da higiene pessoal nesse período. E, caso você ou suas filhas apresentarem todos (ou quase todos) dos sintomas listados acima, procure um médico, para se certificar que você ou elas não tenham algum problema maior, como por exemplo, a chamada 'síndrome pré-menstrual'. Lembre-se que esse problema, bem como outros problemas menstruais, podem ser tratados e a mulher viver a menstruação normalmente.

O APARELHO REPRODUTOR



PLANEJAMENTO FAMILIAR

O que significa?

- É uma forma que o casal encontra para organizar o crescimento da sua família.
- Fazendo isto o casal terá condições de ter apenas o número de filhos que poderá criar, sendo possível dar a eles melhores condições de vida.

A responsabilidade do planejamento familiar é do casal, para isto ele precisa conhecer os vários métodos que podem ser utilizados para evitar a gravidez indesejada. Existem vários métodos de evitar a gravidez, todos eles voltados para o planejamento familiar, de maneira que o casal possa ter seus filhos no período que desejar. Cada método de contracepção (evitar a gravidez) tem suas vantagens e desvantagens. **Um método é mais seguro quando usado corretamente;** em caso de dúvidas, procure o posto de saúde de seu município.

Os MÉTODOS ANTICONCEPTIVOS

Relacionamos a seguir os métodos mais utilizados, com suas propriedades, vantagens e desvantagens.

■ Métodos considerados muito seguros são:

- Camisinha do Homem;
- Dispositivo Intra-ute-rino (Diu);
- Pílula Anticoncepcional;
- Pílula do dia seguinte;
- Anticoncepcional injetável;
- Camisinha da mulher;
- Vasectomia;
- Ligadura de Trompas.



■ Métodos considerados pouco seguros:

- Tabela;
 - Diafragma;
 - Geléias Espermecidas.

A CAMISINHA MASCULINA

A camisinha é um método para ser utilizado pelo homem no momento da relação sexual. É uma capinha de borracha fina, porém resistente, que se coloca sobre o pênis. Ela evita a gravi-



dez, impedindo que os espermatozoides penetrem na vagina da mulher. Use a camisinha apenas uma vez. Jogue fora depois de usada.

Vantagens: não faz mal a saúde; oferece segurança quando usada corretamente e, principalmente, quando combinada com o uso de espermicida; protege contra as doenças venéreas; faz com que o homem divida com a mulher a responsabilidade com o planejamento familiar; contribui para a prevenção de doenças venéreas, tais como a AIDS.

Desvantagem: alguns homens reclamam de desconforto na relação sexual.

DISPOSITIVO INTRA-UTERINO (DIU)

É uma pequena peça de plástico flexível com cobre que, colocada por um médico, dentro do útero, impede a gravidez.



Vantagens: é um método seguro que, com acompanhamento médico, pode ser usado até oito anos. Não interfere no ato sexual, é um método reversível, isto é, pode ser retirado a qualquer momento. É um método altamente eficaz.

Desvantagens: é raro, mas pode haver rejeição por parte do organismo, pode ocasionar efeitos secundários como: maior sangramento e cólicas.

PÍLULA ANTICONCEPCIONAL

As pílulas anticoncepcionais são comprimidos feitos com substâncias químicas semelhantes aos hormônios da mulher, que impedem a ovulação, evitando a gravidez. Deve-se tomar um comprimido por dia, na mesma hora, durante um período de 21 dias.

A pílula só deve ser tomada com prescrição médica. Só o médico pode avaliar qual o tipo adequado. Uma marca pode servir para uma mulher e não servir para a outra.

A pílula **não deve ser tomada por mulheres:** grávidas ou

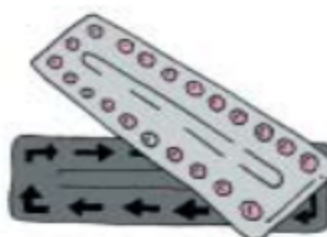
com suspeita de gravidez; fumantes; com menos de 16 e mais de 35 anos; que estejam amamentando (pode secar o leite). Também não deve ser

usada por mulheres com pressão alta e outras doenças do coração; que tenham sangramento fora do período menstrual; que possuam varizes; que tenham fortes enxaquecas; convulsões; diabetes; glaucoma; que estão operadas ou vão se operar.

Deve-se evitar tomá-la por mais de 5 anos (mesmo não contínuos).

Vantagens: Segurança, quando tomada corretamente.

Desvantagens: Como é um produto químico, só funciona se a mulher seguir exatamente as instruções do médico, isto é, não pode esquecer de tomá-la durante o período prescrito,



caso contrário, corre-se o risco de engravidar. Também, nem todas as mulheres sentem-se bem com o seu uso.

LAQUEADURA

A laqueadura é uma operação de esterelização que se realiza na mulher, com a finalidade de evitar definitivamente a possibilidade da gravidez.



A laqueadura é a amarração ou ligadura de trompas.

Essa operação é irreversível e só deve ser feita em casos de indicação médica, em que haja risco de vida para a mãe ou para a criança.

RECOMENDAÇÕES IMPORTANTES

A esterilização deve ser indicada pelo médico para mulheres que tiveram grandes riscos na gravidez e nas seguintes condições:

- que fizeram mais de três cesarianas;
- com doenças graves no coração;
- com diabetes grave;
- com problema de RH negativo e gestações anteriores sem os devidos cuidados;
- com pressão muito alta;
- com problemas renais;
- com problemas pulmonares.

Em qualquer destes casos, a decisão final caberá sempre a mulher. O médico deve ajudar dando informações sobre os riscos e as conseqüências, discutindo a possibilidade de usar outros métodos.

VASECTOMIA

A vasectomia é uma operação que se realiza no homem com a finalidade de evitar a gravidez. É uma operação feita nos órgãos genitais do homem que fecha a passagem da saída dos espermatozoides.

Fechando a sua saída, o homem continua expelindo um líquido, o sêmem, que não conterá os espermatozoides e, portanto, não fecundará a mulher.

Após a vasectomia o homem continua, normalmente, a ter desejo sexual, ereção e ejaculação.

Recomendações importantes

Deve-se pensar muito antes de realizar a operação de vasectomia, pois a mesma é irreversível. Após a operação é recomendável o uso da camisinha por 2 meses, pois leva algum tempo para que os espermatozoides que estão no canal do pênis sejam eliminados.

ANTICONCEPCIONAL INJETÁVEL

É considerado um método simples e seguro. Consiste em uma injeção de hormônios, aplicada na mulher que



pode ser tomada uma vez por mês ou de três em três meses, a mulher escolhendo com o seu médico o que achar melhor.

Esse é um método que pode ser usado por mulheres que não se dão bem com o uso da pílula.

Alguns médicos não gostam de recomendar este método porque há suspeitas de que ele diminui o desejo sexual nas mulheres.

PÍLULA DO DIA SEGUINTE

Esse é considerado um método para casos de emergência. É indicado para mulheres que foram vítimas de estupro ou fizeram sexo sem usar nenhum tipo de método anticoncepcional. A pílula do dia seguinte deve ser usada até 72 horas após o ato sexual. Procure o médico no posto de saúde o mais rápido possível.

Se a mulher não tiver acesso a esta pílula, ela pode tomar dois comprimidos de qualquer anticoncepcional nas primeiras 24 horas após o ato sexual e depois tomar mais dois comprimidos com intervalos de 12 horas entre cada um, que faz o mesmo efeito.

DIAFRAGMA

O diafragma é uma capinha de borracha bem fina, que a mulher coloca, ela mesma, no fundo da vagina, antes da relação sexual, tapando assim o colo do útero. Ele impede que os espermatozóides do homem penetrem no útero da mulher.



Deve ser usado junto com um espermicida, para garantir maior segurança.

É recomendável que o início do uso do diafragma seja orientado por "um profissional da saúde".

Após o uso, o diafragma deve ser lavado com água fria e sabão neutro, secado com um pano macio, polvilhado com maizena, em seguida, deve ser guardado na caixinha longe do calor e da luz.

Nos casos da borracha enrugar ou quando estiver fora do prazo recomendado, o mesmo deve ser trocado imediatamente.

Vantagens: Não faz mal a saúde e ajuda a mulher a conhecer melhor o seu próprio corpo.

Desvantagens: Não é totalmente seguro e exige disciplina.

TABELINHA

É um método que exige que a mulher conheça seu ciclo menstrual. Só assim ela terá condições de saber o período fértil ou seja, aquele em que poderá ficar grávida.

Tabelas prontas não são seguras. A tabela de uma mulher não serve para outra, pois cada uma tem o seu ciclo menstrual.

Como proceder: Utilize um calendário para marcar todo o mês o início do seu ciclo menstrual.

Não confunda o dia do ciclo menstrual com o dia do mês. Para melhor esclarecimento, marque no calendário o

primeiro dia da sua menstruação durante seis meses e depois mostre ao seu médico.

Vantagens: Não prejudica a saúde, ensina a mulher a conhecer o comportamento do corpo.

Desvantagens: Requer um período longo para começar a ser usado; exige disciplina e responsabilidade da mulher e do homem; não serve para as mulheres com ciclo menstrual irregular.

Não é um método seguro.

GELÉIAS ESPERMICIDAS

É um produto para ser usado na vagina antes da relação sexual. As geléias espermicidas contêm produtos que matam os espermatozoides, evitando assim a gravidez.



Os espermicidas podem ser usados sozinhos, mas são mais seguros quando usados com outros métodos (camisinha, diafragma, tabela).

Ao utilizar o espermicida, não se deve fazer lavagem vaginal pelo menos até 8 horas após a relação sexual.

Vantagens: É um método simples e pode ser associado a outros métodos.

Desvantagens: É considerado pouco seguro.



GRAVIDEZ

Ao descobrir que está grávida a mulher tem que tomar certos cuidados com sua saúde e com o bem estar do bebê. **A primeira coisa a fazer é procurar um posto de saúde ou hospital para começar a fazer o pré-natal.** A maioria dos municípios da região do Pró-Gavião tem programas de atendimentos a gestante.

O pré-natal é muito importante para a saúde da mulher e do seu filho, pois é através do acompanhamento médico que ela poderá evitar qualquer tipo de complicação.

Outro cuidado é com a alimentação. Se possível coma muitas frutas, verduras (em especial as de folhas verdes), leite, queijo, carnes (em especial fígado), peixes, ovos, cereais (aveia, germe de trigo, levedura de cerveja, milho) e **muita água**. Beba de 6 a 8 copos de água diariamente.

Evite doces e massas (pão, macarrão e produtos feitos com farinha) para não engordar muito. Nunca tome qualquer tipo de remédio sem recomendação médica pois é muito perigoso para você e seu bebê.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Todos sabemos que cada vez mais, cresce o número de meninas que ficam grávidas muito cedo, mas poucos sabem as consequências dessa gravidez para as mulheres com menos de 19 anos. No Brasil, milhares de meninas adolescentes morrem em consequência de aborto, gravidez, parto e pós-parto. Isso acontece, em grande parte, porque elas demoram para começar o pré-natal e porque esse atendimento é muito ruim nos postos de saúde e hospitais da rede pública.

A gravidez prejudica o corpo imaturo das meninas e ainda atrapalha seu crescimento. Isso tudo sem contar que muitas são obrigadas a deixar a escola ou o trabalho para cuidar do filho.

O que fazer para evitar a gravidez na adolescência:

- orientar os jovens sobre os riscos da gravidez;
- alertar, esclarecer, orientar sobre a educação sexual;
- entender o direito dos jovens a uma vida sexual ativa e orientá-los a exercer esse direito com responsabilidade;
- assegurar aos jovens (mulheres e homens) informações e acesso aos métodos anticoncepcionais;
- conversar sempre sobre os prejuízos de uma gravidez na vida dos jovens.
- Informar sobre a necessidade do uso da camisinha nas relações sexuais.

- O que fazer em caso de gravidez na adolescência:
- Oferecer todo o apoio necessário para que a jovem não abandone os estudos;
- Procurar imediatamente um médico;
- Garantir o acesso ao pré-natal;
- Ficar atento para qualquer sintomas de doença (inchaço, pressão alta, mudanças de cor e quantidade na urina);
- Garantir uma alimentação com carnes, ovos, fígado e beterraba para evitar a anemia;

O PARTO

O parto é um fato natural para a maioria das mulheres. É um processo de saúde. Não deve ser tratado como doença, nem como uma cirurgia, ou internação.

Alguns dias antes do parto, o bebê desce na barriga. Você percebe que a barriga fica mais baixa, você respira melhor, sente vontade de urinar com mais frequência e pode sentir um certo peso na região baixa do ventre.

Com maior frequência, sua barriga fica mais tensa e endurecida. São as contrações que, com a aproximação do parto, vão ficando mais fortes, mais duradouras, mais frequentes e regulares. Você está entrando em trabalho de parto.

O problema das vagas em maternidades

Durante o pré-natal é bom conversar sobre este assunto com o pessoal do serviço de saúde. É importante saber qual a maternidade ou maternidades a que você tem direito, onde ficam, se existe algum tipo de acerto entre o serviço de pré-natal e o hospital para que você seja encaminhada, qual a qualidade do atendimento etc. Se puder faça uma visita para conhecer o local, informar-se sobre as exigências, as vagas, como chegar lá, etc.



Quando ir ao Hospital (ou Maternidade)?

- Se durante 12 horas seguidas você não sentir a criança se mexer.
- Se tiver sangramentos
- Se tiver perda de líquido pela vagina, que pode ser devido ao rompimento da bolsa das águas.
- Quando as contrações se repetirem com a mesma frequência (o mesmo intervalo de tempo), no mínimo a cada dez minutos.
- Se for seu primeiro parto, você terá bastante tempo até que as contrações aumentem e ocorra a dilatação

(abertura) do colo do útero. Não sendo o primeiro parto, a dilatação ocorre mais rapidamente e o parto, provavelmente, acontecerá em algumas horas.

- Para Evitar Pressa E Nervosismo Nesta Hora, É Importante Ter Suas Coisas Preparadas Para Levar À Maternidade. Evite Levar Coisas Inúteis.
- Não Esqueça De Levar Seus Documentos Para Internação, Carteira De Gestante E Todos Os Documentos Que Possam Ser Importantes Para O Atendimento No Hospital, Como Exames e encaminhamento do pré-natal.

A INTERNAÇÃO

No hospital (ou maternidade), a decisão sobre se é ou não a hora de internar, se você está em trabalho de parto avançado ou não, é um dos problemas mais frequentes e responsável por grande parte das complicações para a gestante e o bebê.

Se a data prevista para o nascimento estiver certa, se você estiver com contrações fortes e frequentes (menos de 10 minutos entre uma e outra), ou se você estiver com algum problema, não saia do hospital!

Mesmo que seu parto não aconteça dentro das próximas horas, voltar para casa e vir novamente ao hospital no dia seguinte, ou até no meio da noite, às pressas, pode ser impossível ou até arriscado. Os serviços de saúde nem sempre se preocupam com isto. O período de trabalho de parto é um período delicado que se complica facilmente em situações de nervosismo, grande

agitação, correria. Estando no hospital e atendida a tempo, esses problemas não terão maiores conseqüências. Sem assistência adequada, eles podem se tornar graves ou mesmo fatais.

Importante

Não coma nesse período, apenas tome líquidos, se for necessário.

Com o problema da falta de vagas, as maternidades não aceitam mulheres que podem permanecer até um dia inteiro ocupando um leito, esperando os bebês nascerem e só aceitam interná-las em casos extremos, além de muitas vezes não fazerem uma avaliação adequada sobre suas condições e a dos bebês. Exija atenção, um exame minucioso, explique exaustivamente os sinais que você está notando sobre a chegada do momento do parto, avise quando vier uma contração para que a parteira ou profissional que a atende coloque a mão em sua barriga e sinta. Você pode errar, pois não é sua obrigação saber o que está acontecendo. Quem deve fazer o possível para não errar e agir corretamente são os profissionais que a atendem. Não tenha vergonha de manifestar suas sensações, seus receios, dúvidas e, principalmente, as certezas.

A CHEGADA DO MOMENTO DO PARTO

O momento do parto deve ser tranquilo, aconchegante, cercado das pessoas queridas, mas infelizmente, a parturiente (a mulher que está dando luz) é muitas vezes tratada como doente, sem direito a acompanhantes, à liberdade, à sua privacidade. Enquanto essa maneira de

organizar as maternidades não mudar, você terá de se submeter aos procedimentos de uma rotina que são:

No pré parto

- Tricotomia (depilação da região genital) para facilitar a higiene.
- Enema, ou "lavagem intestinal": esvaziamento do intestino para evitar contaminação no momento do parto.
- Retirar suas roupas e acessórios e colocar a camisola do hospital.
- Jejuar (não se alimentar) para evitar náuseas e vômitos
- Administração de soro por veia, para o caso de ser necessária alguma medicação endovenosa.
- Repouso no leito, na enfermaria de pré-natal. Até que o trabalho de parto evolua para a fase final, (para a maioria das mulheres, quando se iniciam as contrações mais fortes e a "vontade de fazer força").
- Exames de toque para acompanhar a evolução do parto.



No momento do parto

- Ficar deitada na mesa ginecológica com as pernas e braços semi imobilizados
- Anestesia - nem todos os serviços contam com anestesia para parto normal. As formas existentes são: anestesia local, no caso de ser feito um pequeno corte na vulva para facilitar a saída do bebê, raqui ou peridural, que são anestésias dadas na medula (nas costas), que “adormecem” o corpo da cintura para baixo; usadas no caso de cesárea e em partos normais muito dolorosos.

Submeter-se à rotina do hospital, embora nem sempre seja confortável, pode significar segurança e melhor atendimento a você e ao bebê, mas não deve significar submissão e maus tratos, muito menos descaso com sua saúde. Não se entregue passivamente. O parto é um momento ativo e participante em que você deve ajudar, manifestar-se, ser tratada com cuidado e carinho, ser informada, receber atenção. Não é você que serve aos profissionais, mas eles a você, embora sua colaboração, calma e compreensão sejam fundamentais para o trabalho deles.

MENOPAUSA**Menopausa não é doença.**

É uma situação normal na vida da mulher, que se caracteriza pelo término da menstruação, ocorrendo, normalmente, por volta dos 50 anos.

Nesse momento aparecem, na maioria das mulheres, alguns incômodos passageiros ou mais fortes, tais como: *ondas de calor*, *nervosismo* e *pele seca*.

Ondas de calor:

É o sintoma mais freqüente. Quase todas as mulheres, nesse período, sentem ondas de calor, porém, em proporção diferente. Variam de pessoa para pessoa e até de época para época. Pode-se ter mais calor em um período e menos em outros.

Como é o calor?

Ele começa de uma hora para a outra, iniciando pelo rosto e pescoço, espalhando-se para cima e para baixo. Muitas vezes, provoca bastante suor, no rosto, no pescoço, na cabeça e no peito. Dura de dois a três minutos e vai embora de repente, assim como chegou, embora algumas situações e hábitos alimentares podem contribuir para o seu surgimento. Entre elas, uso de alimentos quentes, de bebidas, de café, assim como lugares quentes e abafados.

Também situações emocionais como a raiva e a vergonha fazem aparecer as ondas de calor.

Quando ocorrem à noite, e por várias vezes, prejudicam o sono e fazem com que a mulher acorde cansada e impaciente.



O que fazer para diminuir seus efeitos?

- A mulher deve tomar bastante água (no mínimo oito copos por dia);
- usar roupas de algodão (elas são menos quentes);
- evitar café, chá preto, bebidas quentes, comidas picantes e diminuir o consumo do sal e do açúcar;
- evitar ficar debaixo do sol ou sair nos horários mais quentes do dia.
- Também é importante o consumo de frutas ricas em vitamina C, tais como laranjas, tangerina, limão, goiaba e acerola, carambola, abacaxi, mamão, manga, assim como o consumo de salsinha, pimentão verde, couve, agrião e outras folhas verdes.

Exercícios físicos:

São de grande ajuda nessa fase da vida da mulher. Como se sabe, eles são importantes para qualquer ser humano, em qualquer época, pois, ajudam a controlar o colesterol, fortalecem os músculos e o coração e deixam as articulações mais ágeis.

Na menopausa a mulher deve fazer exercícios regularmente, principalmente caminhadas. Caminhar é o melhor exercício para essa fase da vida, mas são também recomendados outros exercícios leves, como os de alongamento (esticar o corpo, se "espreguiçar") e todo tipo de massagem, inclusive nas mãos, dedos, juntas, pescoço, entre outros.

Também é preciso manter uma alimentação saudável e regular (na hora certa). Tomar um bom café da manhã,

almoçar bem, porém, sem excessos e à noite evitar alimentos pesados e encher muito o estômago. (contente-se com uma sopa ou outros alimentos leves).

A mulher deve se cuidar, gostar de si, e procurar ser feliz, isto ajudará bastante.

MENOPAUSA É TEMPO DE MUDANÇAS

Longe está o tempo em que a menopausa era tratada como o fim da vida sexual da mulher, ou profissional. Como velhice. Hoje, quando as pessoas vivem bem mais tempo e com mais condições, ela representa apenas mais uma fase, que deve ser encarada como outra qualquer, mas que pode representar mudanças para melhor.

Ela acontece, de forma normal, por volta dos 45 aos 50 anos, quando a mulher, quase sempre já está com os filhos maiores, às vezes até independentes e por isso, a mulher pode ter uma vida mais calma e feliz.

Para isto, ela precisa, como vimos anteriormente, querer mudar. Seguindo uma vida saudável, procurando se irritar menos, usar alimentos mais naturais (frutas, verduras, pouco sal, pouco açúcar), evitando álcool, cigarros, tomando bastante água e fazendo exercícios.

Ela não precisa, certamente, deixar de trabalhar, apenas evitar trabalhos em locais quentes, muito ensolarado, pouco ventilados e que a deixe nervosa e irritada.

Eis algumas "dicas" preciosas, para uma vida melhor nessa fase da vida da mulher.

Primeiro:

- Não se preocupar com o que as pessoas falam sobre a beleza física. Você mulher, pode já não ter o rostinho de antes ou o corpinho perfeito mas terá muito mais experiência, coragem, determinação e certamente estará muito mais bonita, basta você acreditar nisto e deixar de dar ouvidos aos outros.
- Procure participar de grupos de mulheres, onde o assunto poderá ser discutido e você aprenderá muito mais sobre ele e também terá a oportunidade de ensinar o que aprendeu.
- Faça exercícios. Caminhe regularmente e siga alguns exercícios como: fique de pé, com os pés paralelos e um pouco afastados e rode o ombro algumas vezes para a frente e trás. Repita para o outro lado. Esse movimento ajudará a diminuir a tensão, a relaxar o pescoço e os ombros.

Para ajudar na respiração, um bom exercício é o de girar os braços para a frente e para trás, algumas vezes. Faça primeiro em um braço, depois no outro. Também é bom rodar um braço para a frente e o outro para trás.

Para diminuir a tensão e ajudar a desabafar, experimente chutar o ar para todos os lados. Não se esqueça de massagear o rosto, as orelhas e os pés. Amasse o chão, apertando os pés, na ponta dos dedos, nos calcanhares, depois para os lados de dentro e de fora.

Mesmo você que trabalha em casa, no quintal alimentando os animais, na roça e em outras atividades, já faz bastante

exercício, mas mesmo assim é muito importante fazer estes exercícios especiais.

Aqui vai, também, uma receita de suco para ser tomado pela manhã. Ele vai ajudá-la a sentir-se mais disposta e servirá para os minerais que o seu organismo necessita.

Bata no liquidificador (ou rale) uma maçã ou laranja, um pedaço de cenoura ou de beterraba (ou os dois), folhas verdes como: agrião, salsa, couve.

Que outras frutas e verduras você tem geralmente em casa?

Invente algumas receitas que você pode fazer com o que tem em casa, para sentir-se mais disposta.

- Outra coisa importante é evitar o uso do café.
- Substitua o café por suco de frutas ou chás como o de camomila ou erva doce;
- O café além de provocar as ondas de calor (comuns na menopausa), enfraquece os ossos e, se tomado com o estômago vazio, prejudica o fígado e a vesícula;

Cuidado com a gula

Esta é uma fase em que o apetite aumenta, assim como a ansiedade, cuidado para não embarcar nesta e comer demais. Tente comer menos e com mais frequência. Também os exercícios ajudarão a diminuir a ansiedade.

Evite os alimentos muito quentes ou muito frios, eles dificultam a digestão. Beba muita água mas não durante as refeições, esse hábito também prejudica a boa digestão.

As PRINCIPAIS DOENÇAS FEMININAS

O câncer de útero

O câncer de útero atinge milhares de mulheres. É uma doença que se desenvolve devagar e silenciosamente. O período de desenvolvimento pode ir de 10 a 20 anos.

Começa com pequenas lesões que vão aumentando e se aprofundando quando não são tratadas.

Fatores que favorecem o câncer de útero:

1. Início da atividade sexual muito cedo;
2. Ter tido muitas infecções sexualmente transmissíveis;
3. Falta de higiene
4. Ser fumante
5. Desnutrição
6. Falta de vitamina A (encontrada em requeijão, leite, manteiga, peixe, ovos, fígado, cenoura, batata doce, espinafre, couve, alface, salsa)

O câncer do colo do útero é fácil prevenir

Nenhuma mulher deveria morrer de câncer do colo do útero, porque esse é um câncer fácil de prevenir e de curar.

Se o câncer for percebido bem no começo, a mulher tem 100% de chance de cura.

Muito antes dele aparecer, o exame Papanicolaou (ou 'preventivo') revela se o colo da mulher tem certas condições que podem levar ao câncer. Se essas condições precancerígenas forem tratadas, a doença pode ser evitada.

O câncer do colo do útero é um tumor que cresce devagar e pode ser percebido bem no começo, muito antes de aparecerem sinais ou sintomas. Da ferida ou inflamação inicial até o câncer localizado, podem decorrer de dois a dez anos. Enquanto está somente no colo o câncer é curável em 85% dos casos.



Esse é o tipo de câncer que mais aparece no aparelho genital das mulheres. Os cânceres de ovário, trompas, endométrio (parede interna do útero) e vagina são mais raros.

Como prevenir o câncer do colo do útero?

- Fazer todo ano uma consulta ginecológica e o exame Papanicolaou (o 'preventivo'). Esses exames descobrem cedo qualquer problema
- Tratar feridas e infecções do colo produzidas por situações de aborto, parto e doenças sexualmente transmissíveis

Manual de Orientação à Saúde da Mulher

- Fazer consulta se perceber qualquer problema ginecológico
 - Usar camisinha para se proteger de doenças sexualmente transmissíveis.
 - Sinais do câncer de colo do útero
 - Corrimento parecido com água de lavagem de carne;
 - Sangramento fora do normal, principalmente depois da menopausa;
 - Dor e sangramento nas relações sexuais;
 - Dor na parte mais baixa da barriga;
 - Mau cheiro.
- ❖ **Não espere aparecer os sintomas. Procure sempre um médico. Faça seus exames anualmente.**
 - ❖ **Procure o posto de saúde da sua cidade ou de outra mais próxima que tenha serviço de ginecologia.**
 - ❖ **Não deixe para amanhã**

O CÂNCER DE MAMA

O câncer de mama tem matado e continua matando muitas mulheres no Brasil. A maioria dessas mortes poderia e pode ser evitada se a doença for descoberta no início, quando o tratamento tem mais chances de cura.

É uma doença que aparece nos seios, como um caroço, em alguns casos, cresce rapidamente e precisa ser retirado o mais rápido possível.

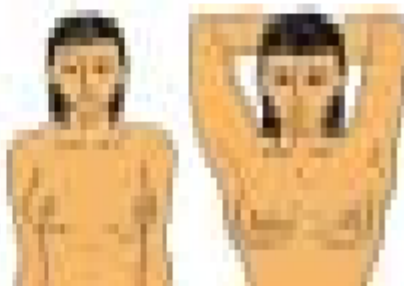
As formas de descobrir a doença são:

- Através do exame dos seios feito em uma consulta ginecológica, no mínimo uma vez por ano;
- através do "auto exame"; ou seja, o exame feito pelas próprias mulheres.

Como fazer o "auto - exame".

1- Em frente ao espelho, sem roupa da cintura para cima:

- observe os seios e repare o seu tamanho
- veja se existe algum ponto inchado, fundo ou avermelhado.
- repare se os bicos dos seios apresentam alguma alteração, com os braços caídos ao longo do corpo, e com os braços levantados acima da cabeça.



2- Sentado ou em pé (de preferência no banho):

- apalpando levemente um seio de cada vez, com os dedos fazendo movimentos circulares na parte de baixo do seio até o mamilo, dando a volta completa.



- examine também debaixo dos braços.

3- Repita deitada, o exame feito durante o banho:

- para examinar o seio direito, coloque um travesseiro ou pano dobrado embaixo do ombro direito e levante a braço direito acima da cabeça, para o seio ficar mais esticado. Com a outra mão faça o apalpamento.



- agora faça com o seio esquerdo mudando de lado o travesseiro. Levante o outro braço e repita o exame no outro seio.

4- Por fim, esprema suavemente os mamilos para ver se sai algum líquido. É normal sair um pouco de líquido, sem cor e sem cheiro. Caso diferente, consulte um médico.

Grande parte das vezes, algum caroço é detectado no auto exame porém não é câncer, nestes casos é preciso de um esclarecimento médico.

Época ideal para fazer o “auto - exame”.

O período ideal para se fazer o auto exame é quando os seios não estão sofrendo alterações (ocorrem estas alterações no período de menstruação e durante a gravidez). Normalmente, devemos examiná-los após cada menstruação.

Como se vê, o auto-exame dos seios é rápido, não levando mais de cinco minutos. Conseguindo fazer dele um hábito, a mulher fica preparada para perceber qualquer alteração no seio e tomar providências a tempo.

As DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

São chamadas doenças sexualmente transmissíveis aquelas que geralmente são transmitidas pelo ato sexual. No caso do seu aparecimento é o casal que deve ser tratado. Durante o tratamento deve-se evitar a relação sexual ou fazê-la com o uso de preservativo.

As infecções mais comuns são :

- Candidíase
- Tricomoníase
- Gonorréia
- Sífilis
- A mais perigosa é a AIDS

CANDIDIASE

É causada por um fungo que está presente nas pessoas, animais domésticos, água, ar e solo. A mulher sente coceira na vagina e irritação, sente ardência ao urinar e dor nas relações sexuais. O corrimento é branco ou amarelado, tem cheiro azedo e aparência de leite talhado, podendo aparecer inchaço e vermelhidão. O homem não sente nenhum sintoma.

O aparecimento da candidíase é favorecido por uso de muito antibiótico, corticóides, alergias, gravidez, obesidade e falta de higiene.

Para prevenir a Candidíase, é importante evitar o uso de antibiótico sem receita médica, fazer higiene da vagina antes e depois da relação sexual, lavando da frente para trás, usar calcinha de algodão.

O tratamento é simples e eficaz. O medicamento receitado por um médico, é tomado por via oral em dose única.

TRICOMONÍASE

A mulher sente muita coceira, apresenta corrimento fino, cinzento amarelado e com mau cheiro, dificuldade de urinar, dor na relação, menstruação muito forte.

No homem os sintomas quase não aparecem, quando aparecem são: ligeira coceira no pênis, secreção clara no pênis, dificuldade de urinar.

GONORRÉIA

Também chamada de pingadeira ou escorrimento. É uma doença que muitas vezes não tem sintomas no seu início.

Na mulher os sintomas podem ser:

- Corrimento amarelado com cheiro fétido
- Dor ao urinar;
- Desconforto retal

Muitas vezes esta infecção está localizada no colo do útero, nas trompas e no ânus.

No homem o primeiro sintoma é a dificuldade de urinar pela ardência e coceira. Do pênis sai secreção amarelada (pus) com mau cheiro. A ereção do pênis fica dolorida. A infecção pode ir para a próstata, para a vesícula, causando ínguas na virilha e febre.

Tanto na mulher quanto no homem, a gonorréia pode levar à esterilidade (não ter mais filhos).

As bactérias da gonorréia podem entrar no sangue e causar doenças nas juntas e no coração. Podem também causar conjuntivite nos recém nascidos.

Não se deve esperar para tratar a doença. É preciso procurar o médico. Durante o tratamento até a cura da doença não se deve manter relação sexual.

SÍFILIS

Esta doença apresenta três fases:

1º fase. Surge nas primeiras semanas após o contágio. Aparece uma ferida vermelha, brilhante, dura, sem dor, com mais ou menos 1 cm de tamanho no local onde o agente causador entrou. Geralmente, aparece perto dos órgãos genitais da mulher e do homem, na boca ou nos

seios. Nesta fase é muito fácil passar a doença de uma pessoa para outra.

2º fase. Situa-se entre os 45 e 180 dias após o contágio. Nesta fase o corpo todo está afetado. Os sinais da infecção são diversos. Os mais comuns são: feridas na pele que variam de local, número e tamanho. Podem aparecer manchas esbranquiçadas na boca e na garganta e queda de cabelos. Muitas vezes também surgem febres, ínguas e dores nas juntas. Nesta fase a doença continua sendo contagiosa.

3º fase. Mesmo sem tratar, as feridas desaparecem e a doença entra para a fase silenciosa (latente). Os sintomas finais desta doença se apresentam somente entre dez e trinta anos após o contágio. Eles são: doenças cardíacas, doenças cerebrais que levam à paralisia, cegueira e morte.

Pelas consequências graves, a sífilis deve ser tratada logo no início da doença com muita seriedade. Para descobrir se a pessoa foi contagiada é preciso fazer exame de sangue. A mulher grávida que tiver sífilis, transmite ao bebê e ele nasce com malformações causadas pela doença.

CORRIMENTO

O corrimento vaginal pode ser caracterizado como a presença de muco de cor clara ou esbranquiçada na vagina, acima da quantidade habitual.

O aumento do corrimento vaginal isolado ou associado com a mudança na cor ou no cheiro do corrimento ou com

coceira vaginal pode, por outro lado, ser o primeiro sinal de uma doença específica. Estas doenças, além de causarem problemas e complicações para as próprias mulheres, são usualmente transmissíveis sexualmente, podendo ser transmitidas para seus companheiros. É importante consultar um médico.

CISTITES

A cistite é um tipo de infecção urinária na bexiga. Embora, em alguns casos, a cistite pode desaparecer em alguns dias, é recomendado procurar um médico para o tratamento com remédios antimicrobianos em períodos de 3 a 14 dias, dependendo do grau da infecção e da medicação usada. A falta de tratamento pode levar a repetições da enfermidade.

Prevenção da cistite:

- Urinar frequentemente;
- Beber muito líquido, o ideal são 2 litros de água por dia
- Higiene pessoal constante, com cuidado especial nas partes íntimas
- Evitar o uso de roupas justas por longos períodos, de calcinhas de nylon ou material sintético. Usar de preferência calcinhas de algodão.

MEDIDAS DE HIGIENE E PREVENÇÃO

- A prevenção através da correta higiene das partes íntimas é muito importante para a mulher.
- No banho procure usar sabonete neutro na região da vagina e evite esfregar forte, pois pode provocar irritações;

- Use sempre papel higiênico macio para retirar secreções na vagina;
- Evite o uso de roupas justas ou de tecidos sintéticos;
- Dê preferência a dormir sem calcinhas;
- Fique atenta para os corrimentos;
- Use sempre camisinha em suas relações sexuais.



Não tenha vergonha de procurar um médico para tratar estas doenças.

AIDS: a doença mais perigosa

É uma doença provocada por um vírus, o HIV, que ataca a defesa do corpo contra as doenças. Por isso a pessoa que tem AIDS chega a morte por doenças comuns.

A transmissão do vírus se dá por meio de líquidos corporais como secreção vaginal, sêmen e sangue. Fora dos líquidos corporais o vírus não dura mais do que dois minutos.

A transmissão se dá por:

- Relação sexual, anal ou oral se houver ferida na boca;
- Uso comum de agulhas contaminadas;
- Transfusão de sangue contaminado;
- De mãe para filho durante a gestação.

Sintomas:

- Cansaço persistente com duração de mais de três meses;
- Grande perda de peso sem motivo aparente;
- Febres persistentes, acompanhadas por calafrios e suores noturnos;
- Diarréia freqüente;
- Únguas por todo o corpo;
- Tosse seca, com longa duração;
- Manchas (lesões) esbranquiçadas na boca, em grande quantidade;
- Diminuição do fôlego durante o esforço físico;
- Facilidade de sangramento em qualquer ferimento;
- Dores de cabeça, fortes e persistentes, acompanhadas de problemas de visão.

Estes sintomas aparecem quando a doença encontra-se em estágio avançado. O vírus pode permanecer durante muito tempo de forma latente.

Como prevenir:

- Use sempre camisinha em suas relações sexuais;
- Faça o teste de HIV sempre que você esteve exposta a uma situação de risco;
- Esteja atento para as formas de contágio.